

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

Ano 4.º

DIRECTOR — Zacharias da Fonseca Guerreiro
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 1 de Abril de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
EDITOR E ADMINISTRADOR — SILVA RAPOSO

N.º 71

PROFETA DA LIBERDADE

A guerra, posto que alguns espíritos de grande fama e valor, a tenham exaltado à virtude, considerando-a um processo benéfico da vigoriscação social, da tempera das energias, não passa duma chaga dolorosa, um vestígio tradicional do homem animalizado, ambicioso e feroz. Victor Hugo, por exemplo, afirma nos recordos agora em qual das suas obras que assim como as colheitas se iniciam pelo arado, assim a guerra precede as grandes etapas da civilização — Eu sei que a luta é a vida: mas, no meu espírito, não cabe, de modo algum, o capcioso conceito do grande poeta. Em que poderá contribuir para o meu progresso moral e material jogar o sóco ou os tiros com tal indivíduo? Vaidades da victoria muscular sobre o semelhante tem-nas, por exemplo, o bipede emplumado da capoeira. E' uma vaidade muito irracional e acrobatica.

Ninguém poderá negar que a luta é a vida: luta-se pela sciencia, pela arte, pela instauração, em suma, dum novo meio social, melhorando a condição de todos os homens; luta-se no sentido moral, intelectual e social. Compreende-se a luta em favor do homem e não contra o homem. Em que é que uma batalha poderá contribuir, em si, para o progresso da civilização? Quiz, por ventura, a Alemanha, beneficiar a humanidade com esta guerra? Tal opinião combate-se com mil argumentos e cada qual o mais irresponsável. Poderíamos, até, fundados em leis historicas, demonstrar que uma guerra, acarreta sempre retrocesso da civilização em todo o sentido da palavra, retardando-a por milhares de seculos, atrofiando as raças, polarizando a liberdade, perturbando profundamente as mentalidades. No poeta ha sempre um aventureiro; e é possível que o poeta amasse a guerra por uma paixão de artista.

Perante o raciocínio, a guerra é uma calamidade e uma sobrevivencia lamentavel da nossa condição animal.

Ha, porem, a distinguir, na guerra, como em todos os crimes: se foi premeditada e provocada; se foi em legitima defeza.

Só a guerra premeditada pode discutir-se. A legitima defeza é uma resposta: tal guerra é sagrada. A lei e a consciencia confundem-se ante o instincto de conservação. Só o avestruz esconde a cabeça debaixo da aza, ante o perigo. A defeza nobilita.

Ha meio seculo que a Alema-

nia, instigada pela Prussia, e pelo sangue alucinado dos Hoenzolerne vinha premeditando o seu atentado infinito, educando sistematicamente o seu povo no odio ao estrangeiro, á França, principalmente, a nação inteira convertida numa caserna superiormente dirigida por um monstro simultaneamente Kaiser e Deus.

O Kaiser concedia premios avultados aos melhores livros que no seu país se escrevessem sobre o desarmamento e sobre a paz. Que fazia porem o Kaiser a esses livros?

— Exactamente como os jesuitas: tirava grandes edições em francês, e exportava para França, esse imenso laboratorio de experiencias sociais a que o mundo deve o patrimonio das suas liberdades. E a França ressentiu-se dessa propaganda perniciosas.

A caingalha teutonica é propensa á tirania por predisposição psicologica e por educação.

Na Belgica, onde uma dualidade de raças, a latina e a germanica, ou seja a *Walon* e a *Flamand* constituia uma unica nacionalidade, nos foi permitido analisar, a toda a luz, a psicologia germanica.

O *flamingatismo* chegou a constituir um partido retrogrado, opondo-se, pela propria violencia, á francisação nacional, á invasão da propria lingua, por ser falada pelos gigantes de 89, 48 e 73. Nada conseguiram, porem. Abdul-Hamid proibiu, um dia, na Turquia, o uso da electricidade, mas teve de constatar que não ha vontades mais poderosas que a da sciencia... De tal psicologia fala-nos ainda a atitude dos partidos avançados perante a guerra. Da sua educação ha provas edificantissimas nos seus processos de guerra, no seu furor militarista, absorvendo todas as actividades. Só a provocação pode discutir-se e condenar-se. A victoria desse povo, o que está provado ser completamente impossivel, acarretaria não só a perda doutros povos, mas a dissolução temporaria da Liberdade indispensavel á existencia dos povos latinos. Profeta da Liberdade foi, ha dois mil anos, um Jesus de Nazare; foram ontem, Rosseau, Mirabeau, Tolstoi, isto é: o sentimento e o raciocínio. Hoje, profeta da Liberdade, só ha um: é o **Canhão!** Oicamos religiosamente o seu canticos sagrado de fogo, ribombo e sangue. E... *A' Carga!*

FERNANDO D'ARAÚJO

Factos e comentarios

As nossas condições

Das informações do *Dia* acerca da amnistia reclamada pela situação nacional:

«O ex-ministro da justiça do Gabinete Pimenta de Castro regressará no cargo de professor da Universidade, sendo, porem, jubilado.»

D'accordo, mas sob condições, para defender-se a dignidade da Justiça: — devem abrir-se todas as prisões, libertando todos os assassinos e salteadores.

Seria mais util e menos dispendioso e mais justo.

Demais, o tal sr. Ministro, parece que já não está na idade de manejar uma escopeta.

Por bem fazer...

Mão amiga veio escrever a grandes letras na porta da nossa redacção:

Morra a Revolta! Morra!
A letra é a giz, a mão é de vaca, e a alma de vinagre.

E nós tão amigos de todas as pessoas! Não foi o proprio Rabi crucificado pelo seu amor ao mundo?

Na "Revolta"

Recebemos a visita do bem redigido mensario hespanhol *La Voz del Corunnes* e seus similares em Espanha.

Ao ilustre colega d'alem fronteiras agradece a *Revolta* tamanha gentileza, estabelecendo desde já a permuta e cumprimentando atectuosamente.

— Ao *Catorze de Maio* agradecemos reconhecidamente a transição da local *O Bispo de Coimbra*, original do nosso companheiro Fernando d'Aranjo.

— Ao *Combate da Guarda*, e ao *Independente do Funchal*, agradecemos as palavras amigas e os incitamentos carinhosos que nos dirigem.

Conferencias patrioticas

Promovida por bons patriotas e republicanos desta localidade, deverá realisar-se no proximo domingo, no Teatro Avenida, a anunciada conferencia patriotica em que usará da palavra o nosso colaborador principal, estimado amigo, o ilustre deputado Carvalho Araujo, 1.º tenente da Armada e um deputado evolucionista, cujo nome ainda ignoramos. Ha grande entusiasmo.

Lentes em greve

Chamamos a atenção do Ex.º Ministro da Instrução para o condenável acto de indisciplina que estão praticando os professores da Escola Normal Superior, recusando-se a comparecer nas suas aulas.

Em anteriores números do nosso jornal deixámos demonstrado que o único intuito dos lentes é prejudicar os alunos e, porventura, alijar o compromisso da regência das cadeiras, por se julgarem mal remunerados.

Parece que saíram melindrados, com os estudantes, da última greve académica, querendo agora armar em intrasgentes: mas que fossem, ao menos, lógicos exonerando-se tambem das melhor remuneradas cadeiras que nas outras Faculdades regem!

Ora o agravo de que S. Ex.ª se queixam, — podemos affirmar bem

alto e sob nossa honra o garantimos — não passa de pura invenção, porque não existe — como ha dias demonstrámos. Fique, pois, sabendo-se que o pretexto alegado pelos Lentes, para justificar a sua attitude, não passa de uma falsidade. Trata-se dum acto de indisciplina, cometido para mais num momento grave, e o sr. Ministro da Instrução não pode deixar de reprimi-lo severamente.

Dr. Darnoco e Souza

O sr. dr. Silvio Pellico, presidente da Comissão Executiva do Municipio, pede-nos a publicação do seguinte:

«A Câmara Municipal de Coimbra vem com o máximo reconhecimento agradecer todas as homenagens prestadas durante os funerais do Doutor José Ferreira Marnoco e Sousa (dias 17 e 18 Março corrente).

Foi extraordinária e indescriível a concorrência do público tanto da Cidade e do Municipio de Coimbra, como de Lisboa e de outras terras; desfilaram deante do féretro, exposto no grande salão dos Paços Municipais, muitos milhares de pessoas; receberam-se inúmeros telegramas, toda a Imprensa do País foi unânime e vibrante nas suas manifestações de dor e de sentimento; fez-se representar pelo Senhor Ministro da Instrução, Doutor Venerando Presidente da Republica e o Governo; fez-se representar o Ministro do Fomento, Doutor Fernandes Costa; a Câmara municipal do Porto e muitas outras entidades; assistiram numerosos professores, politicos e publicistas de Lisboa e de varias localidades, por exemplo, Anselmo d'Andrade, Oliveira Fratel, Emidio da Silva, Vieira da Rocha, Barbosa de Magalhães, Alberto Saraiva, Teixeira de Sousa, etc.; não computando ainda milhares de cidadãos das classes populares que compareceram.

E' por certo impossivel, sob pena de graves omissões, que a Câmara Municipal de Coimbra agradeça individualmente.

Dirige-se portanto á imprensa, esperando que lhe seja relevada esta falta.

O abalizado e inolvidavel Professor e Publicista, notabilissimo Presidente que foi do Municipio de Coimbra (1905-1910), Doutor José Ferreira Marnoco e Sousa, e que a morte arrebatou desapidadamente aos 46 anos, teve a mais plena consagração. Não foram esquecidas as suas preclarissimas qualidades.

O assinalado cumprimento deste dever civico é uma glória para o Municipio de Coimbra e para a sua Universidade.

Silvio Pellico Lopes Ferreira Neto
Francisco Vilaça da Fonseca.»

Afonso de Carvalho Batista

Um profundo golpe acaba de ferir em pleno peito este nosso amigo, arrebatando a vida a um seu filhinho. A *Revolta* envia ao coração magoado do seu amigo a expressão do seu sentir por tão doloroso acontecimento.

GRALHA

A revisão deixou passar no folehim do passado numero uma de grosso calibre, que nos apressamos a rectificar: saiu *pinto* em lugar de *plinto*.

::: VOLUPIARIA :::

Fala uma mulher

A minha boca é o vulcão da minha raça por onde as lavas do seu sangue saem em desejos de eternidade.

Tenho o meu corpo de almoeida á vida. Arde no meu ventre uma ancía de domínio.

Ultimo rebento da minha geração — estatua do desejo insatisfeito — recolhido em mim as forças ascendentes; e a minha carne, em volupias de criação, espera a florescencia duma nova vida.

O vicio dos homens fanou a minha força creadora, prendeu-me a uma tiranica virgindade. Saisse ao menos da esterilidade seca do meu ventre a forma aborticia da minha vidu exterior e eu insuflar-lhe-ia na carne o borbotear do meu sangue profetico, augurando a futura beleza das formas. Seria uma promessa e um esforço e dentro desse monstro formar-se-ia a percepção da Arte.

O meu sangue escalda-me numa ancía de eternidade.

A minha carne, seca como a secura das pedras, esteril como as areias dum deserto, oculta-me a Perfeição espirital. Nunca ela se revelará. C que os homens, em mim, chamam atraencia do pecado, é o desejo de mil vidas a quererem encarnar.

A iris dos meus olhos, espargue os hieroglifos do sentido da vida. Haja augur que o decifre e logo a Deus se igualará.

Sou uma fandeira do pecado porque sou uma sibylla da sensualidade, a religião ingenua da vida, a origem da futura perfeição que faz da mulher um idolo, estatua do eterno.

A castidade heretica, inhumana, de Cristo, foi a queda da sua doutrina. Já na Cruz, erguida na grimpada do Calvario, quando ergueu ao ceu os olhos piedosos num desejo de mais vida, foi por ela iniciado do seu sentido. E o seu ultimo pensamento levou-o ao jardim de Lazaro, onde, sob os sycamoras, Magdalena lhe ofereceu as nupcias dos seus corpos sob o manto doivo dos seus cabelos loiros.

A loba de Roma que amamentou os dois gêmeos teria talvez a percepção da força e do dominio que o seu sangue irradiou. Sentiu o amor da vida como eu o sinto. Pudessem as pedras viver do meu sangue que eu amamentaria as proprias pedras...

ROQUE MARTINS

EXPEDIENTE

Nesta data enviamos para o correio recibos correspondentes ao segundo trimestre de assinatura do nosso jornal.

Para evitar novas despesas e novo trabalho de cobrança, pedimos aos nossos presados assinantes o favor de nos atenderem sem necessidade de segunda investida, o que viria abalar o nosso modesto cofre de reservas monetarias.

Aplaudindo um espectro

Está em Coimbra, há já alguns dias, a Companhia de acrobatismo e variedades *Alba e Tiberio*.

Alba, uma rapariga seductora, exhibe-se com alguma felicidade na musica, dança, tiro ao alvo, acrobatismo, jogos, transformismo e caricatura. Quarta-feira passada, deu á estampa as rugas tortuosas dum monstro: Guilherme Moreira.

Um bandido comete um crime; a justiça pune: desde essa hora ele fica abandonado dos homens. Justicar não é vingar. A pena tem um fim: regenerar pela expiação. A consciencia é um grande verdugo e o mais justo dos tribunais. A transfiguração do criminoso num homem de bem representa o triunfo da consciencia e o renascimento dum novo coração na âniea de resgatar pelo sacrificio e pelo sofrimento, elevados á heroicidade, a nodosa do passado.

Crimes não são, porem, unicamente, os factos regulamentados num código retrogrado, quasi sempre distando quatro seculos das necessidades sociais do momento. Ha crimes maiores que o roubo e o assassinio que a lei escrita deixa passar como se fossem innocencias.

Lei não é, porem, somente aquilo de que se utilizam as *mangas d'alpacá* pagos a tanto por hora.

Por carcere não se entende exclusivamente a muralha de granito e ferro onde a sociedade martirisa as victimas da sua iniquidade.

Não! Ha outros crimes, outra Lei, outros carceres muito maiores.

Por roubar um pão Jean Valgean vai ás galés; Morgan e Rotschild são uma divindade. Adquirir é roubar; roubar é uma virtude; di-lo a mesma lei; di-lo a mediocridade da maioria erguendo os punhos e fechando as portas a um faminto, e prostrando-se ante o *Deus Milhão*, quando uma alma bem orientada nos diz que matar a fome é recuperar, e enriquecer é extorquir.

A imprensa estampa a fotografia de quem roubou um pão e grita:

louro, psalmodiando: — *Adorai!* A esta hipocrisia chama-se politica da vida, habilidade, tacto. Onde está porem o crime? Manikoff e Orcini arremecendo bombas sobre dois tiranos, cometem, perante os codigos, um crime.

Os tiranos que escravizam um povo, que esmagam a civilização, que despejam ondas de famintos na vastidão gelada da *Siberia*, que matam os cristãos novos, que fuzilam Ferrer, que apunhalam Coligny, Ramus, que provocam guerras sangrentas, esses são a sentinela avançada do Direito: chama-se-lhes loucos, maus homens, mas... *irresponsaveis*.

A um ditador como Guilherme Moreira, espectro sinistro da Republica, estrangulador dum Patria, a esse, os codigos, em lugar de o levarem á cadeia, dão-lhe liberdade; com uma suspensão temporaria de car-

gos publicos para dar satisfações á sociedade.

Onde está porem a lei? E, contudo, para esses grandes crimes ha uma grande lei e um carcere: a consciencia publica, e o remorso. Eu respeito esses condenados.

A dôr de Maria Madalena e Margarida Gautier é mais profunda que a do presidiario. O coração ergueu-as do charco. O amor dignificou-as. No peito de meretrizes ha semente de anjos.

O proprio José do Telhado tinha coração. Respeito essa dôr. Guilherme Moreira afrontou uma nação inteira, abrindo-lhe o sangue num combate fratricida.

Ha quedas tão formidaveis que arrebatam as victimas ao julgamento dos homens: o julgamento faz-se então piedade e respeito. Napoleão em Waterloo e Santa Helena comove os maiores adversarios.

E humano! é grande!

Ontem dizia-se: Miseravel! — hoje diz-se: Infeliz! — Aos infelizes dá-se-lhes paz e solidão. Ha porem, homens, que, ou por estupidez, ou por indole, aproveitam essa piedade para reincidir no atentado, fazendo do crime uma gala. A França comovera-se de Napoleão III; da Torre de Ham, eleva-o a presidente da Camara de 1848. O 2 de Dezembro é o reaparecimento do bandido.

Portugal apiedou-se de Guilherme Moreira. Vive ainda. Ha dias a seductora Alba caricaturou-o no *Sousa Bastos*, imprimindo-lhe o tom sinistro e carregado dum sicario politico.

Esse homem era uma celebridade portuguesa: como o Remexido e João Brandão, como Pina Manique ou Miguel de Vasconcelos. Na inspiração da artista havia nojo: ia expor um sicario politico. Os rapadinhos da plateia, porem, tomaram a abjeção por homenagem. Romperam numa saudação atrabiliária de cuspo a escorrer das beijas. Guilherme Moreira estava presente. Imbecilmente, seduzido e tremulo de goso, o espectro ergue-se na plateia — ó Deus!

— para agradecer!!!

E a artista, admirada de tanta estupidez, olhava o cardume de meninos de côro e o espectro a bamboar nos pincares da gloria, e, num sorriso desdenhoso, ia recitando:

Oh! quanta bestia!

Capitão Nota

Este distincto official do nosso Exercito, realçou, segunda-feira passada, uma brilhante conferencia patriótica, na sede da Instrução Militar Preparatória.

S. Ex.^a que é um ardoroso combatente da Republica e um official muito ilustre, foi entusiasticamente aplaudido.

Carvalho Araujo

O proximo artigo de fundo é firmado por este ilustre deputado, nosso estimado e principal colaborador:

como que envolta na atonia da morte, gessada, sem desejos, despertou sob a madrugada alta, numa frescura de neblina a cristalizar.

Sarah vivia com a mãe e dois irmãos. O pai mal o conhecia, vicioso incorrigivel, alcoolico, esbanjando a fôrta, perquirindo os tascos, bebericando copinhos de aguardente. Com a sua morte começaram-lhe de usar as taras os seus dois filhos, dois brigões alarves, beltuinos, musculos herculeos e cerebro embotado.

Ela esquivava-se ás suas vistas. A sua delicadeza doentia, confrangia-se, amarfanhada pelas burburundagens de alforja, dos seus dialogos impudicos. Eram dois bonifratos pesados, repellido, dum descaço lireino. Mas no seu intimo sordido, de arestas aggressivas, guardavam um mimmo leve, instinctivo, uma delicadeza de nuvem pela sua irmã, não fossem as suas palavras gentilicas ferir á pobrosinha. Ela temia as suas palavras, os seus gestos ferindo-lhe, os seus olhos limpados. A tudo lhes obedecia satisfazendo-lhes os caprichos mais pequenos e ficava enleivada num orgulho de autolatria ao ver o enternecimento dos barbaços babando adoração.

As noites de sabado traziam perturbações pecadoras ao espirito de Sarah. Noite adante entravam os irmãos, bebidos, matraqueando a porta, repostando um ao outro falas lobregas, sordidas, de viela escensa. As suas bocas de vicio estavam, rubras do colorido da escumalha, humidas de impurezas, onde a carne anémica se mostrava nua, maquiada de sexo e a alma se coloria da gangrena viscosa do cálio.

Escavando a história

Carlos Magno, Herder e o Kaiser

Na sua *Filosofia da História*, o suggestivo Herder (1744-1803) remata o cap. III do livro XVIII, depois de tracejar, em palavras de maravilha, o perfil gigante de Carlos Magno:

— «Descança, pois, em paz, grande rei, demasiado grande para os teus successores. Mil anos sã já passados sem que o Reno e o Danúbio se unissem ainda, por potentes que tenham sido os esforços do teu génio empreendedor... Tu amavas a lingua alemã, a lingua de nossos pais, e tu a impulsionaste tanto quanto podias fazê-lo... Talvez tu reapareças, sobre a terra, em comêços do século XIX, para transformares esta máquina que há mil anos puseste em movimento».

Em 1874, o tradutor francês comentava assim, em nota, esta passagem: «Il est à remarquer qu'il y a près d'un siècle que Herder écrivait ces lignes!»

Será o Kaiser a imagem do Grande Franco que, com o erro de um século, o filósofo alemão profeticamente sonhou para a sua pátria?

Ah! mas o século XIX passou sem que a profecia se completasse, e o século XX passará também. O Danúbio e Reno não foram ainda metidos adentro da Germânia, não se uniram, nem jámais se uniram, não obstante o desastre de Sedan havê-lo aproximado um pouco.

De facto, o Kaiser conseguiu agitar os velhos alcorces do Império Carolingio. Essa agitação, porem, que raivosamente ha-de fazer morder o pó á águia teutonica e precipitá-la nas vascas da agonia, passará á História como um gesto de loucura que apenas teve o mérito de lançar o grito de alarme que acordou a França, e com ela todos os povos irmãos pelo sangue e pela crença, para a hora sagrada da *Révanche!*

Os povos da Raça Latina, vibrando no mesmo ideal, conscios da missão civilizadora que no mundaes remota antiguidade, vigorizados por essa tradição milenária, esforçam-se por continuála, reivindicando o direito aos seus territórios e ás suas Nacionalidades.

A aventura do Kaiser dará apenas ensejo a que esses povos, com a gloriosa França na vanguarda, lhe dêem uma imponente lição de história que sirva de exemplo aos Bárbaros governantes do futuro.

Tenhamos esperança, e sandemos já a memória de Musset, o grande torturado, a cuja lira patriótica só longos anos depois da morte vai caber a glória póstuma da derrota de Becker.

Heróica gente da França: não virá longe o dia em que refeitas as vossas almas, após as lágrimas convulsas arrancadas pela emoção de mil batalhas gloriosas, — não virá longe o dia em que eu vos veja, numa piedosa romagem, cobrir de

bênçãos as cinzas do vosso Poeta e queimar-lhe religiosamente, sobre a tumba, a sua mordaz canção *Le Rhin allemand*, para que os vates de hoje vos possam cantar amanhã, livremente e sem evocar torturas idas, a ansiada posse do saudoso *Rheno francês*...

CARLOS MARTINZ

Dr. Emilio Martins

O proximo numero da *Revolta* publicará um esplendido trabalho deste nosso brilhante colaborador artistico.

A' garrócha

Logica...

Da patúsca Ordem:

«O cristianismo, fenomeno puramente humano, seria uma contradição, um absurdo».

Está mimo de conceito basta para aquilatarmos da altura intelectual dos dirigentes e dirigidos da Igreja.

Está demonstrado por quatro seculos de critica e sciencia a inexistencia do sobrenatural. Não quer, porem, o Dr. Pereira dos Reis que o cristianismo seja um fenomeno humano, de caracter nitidamente social. O sobrenatural, porem, não existe. Logo, se a logica não é uma batata, deve o cristianismo ser um fenomeno animal.

Olhe lá, sr. Pereira dos Reis: isso de doutor foi nome que lhe pozeram?

Esperteza

Mais um bocadinho da conferencia jesuitica do sr. Pereira dos Reis:

«Jesus Cristo fundou uma religião para todos os povos, e para todas as raças e para todos os tempos».

Dois mil anos vão dobados após o aparecimento do cristianismo:

gões: Mahomet, Budha e Confucios; imperam ainda na terra. O cristianismo impunha-se aos pretos e aos peles vermelhas pela fogueira e pelo chicote.

Do cristianismo nasceu o protestantismo, o catolicismo, o anglicanismo, livre-pensamento, a Liberdade, adentro da propria raça. Os proprios judeus foram os proprios a matar Jesus.

Para todos os tempos, virgula! O que é o Jesuitismo, o Catolicismo, a Democracia Cristã, senão uma adaptação ás épocas, mostrando a sua inferioridade.

Pobre cristianismo!

O sr. Pereira: — isso de doutor sempre foi nome que lhe pozeram?

Não sei ler...

Chegou-nos ás mãos uma estampilha catolica, denominada *Boletim*

com as palavras visões monstruosas. As paredes negras, setinosas, do seu quarto eram chapas impressionaveis que o seu organismo fazia animar.

Mussitavam, num rumor, algaravias de badajo onde uma adolescente franzininha, olhos vivos de innocente, brilhantes de ternura, uns labios frescos, rosados de vida e de pureza tinham sido beijados, habados pelos seus labios soffregos, diosos, numa raiva senil, proctrando o goso estuante da carne já caçada.

E Sarah via uma creança, um corpinho quasi a partir-se, debater-se em ritmos de officio, aos gemidos, cortados por compressões de peito, sob um corpo inflexo, monstruoso; e um corpo bestializado de alcool.

Ficava-se té de manhã, sonolenta, entre a modorra electrica dos seus nervos. Manhã a romper, dia de descanço, domingo, erguia-se, nevrálgica, olbeiras arroxeadas, mãos transparentes, fuzeladas, toda abandonada numa abstração.

Esse dia de domingo era de festa. O povo acordava, jubilos, em preparativos de romaria. Pelas estradas, pará lá do rio, mordidas da sol, carros partiam envoltos de poeira, num ruído de canções nomades e do chocallar das guelceiras.

Erguiam-se em nuvens de som, léneos cantares, litânicas pagas á Senhora, da Nazaré. E de romaria á capela da Senhora, na Ribeira, ia o povo irrorar o seu altar de doestos de arraial, de orações orgiacas e ladridos infleis.

O aroma da verdura incensava as estradas. Solavancavam os carros nas vestidas abertas do macadame e nas imperiais apinhadas deromeiros, de rostos

Paroquial, «sub tutela Michaelis» Sob o titulo ostenta a seguinte legenda: *este jornal deve ser lido por todos e explicado aos que não sabem ler.*

Dá cá a tesoura:

«Egreja, cuja cabeça é o divino Salvador, e cujos membros são os que na terra formam a Egreja militante, os que no purgatorio constituem a Egreja padecente e no céu a Egreja triunfante».

Que extranho bicharoco é este! O tronco é a Igreja, tronco esquinudo, gretado, com varios *brifícios*: (nunca vi assim um tronco!). Poderia esse tronco terminar, por uma cabeça de burro, de boi, como um centauro; mas, não; a cabeça desse tronco é um homem inteiro! (A posição não é nada para desejar!) poderia esse tronco ter, por exemplo, quatro ou cinco membros, mas... qual o quê? — dão-lhes tantos membros quantos individuos ha neste mundo e no outro a... coser no caldeirão do Pedro Botelho!

Querê dizer: — *Membro elevado á potencia infinito positivo*. Nem o monstro apocalitico, ó *Michelia!* Não sei ler... Se soubesse diria que esta bicheza era um *curro!*

Velha mania

Da *Revista Catolica* de Vizeu:

«Eis o que significa a recusa dos republicanos em não admitirem catolicos nem monarchicos na formação dum governo nacional».

Pensavamos que a Igreja não tinha foros de partido politico, contentando-se com o poder espiritual, ela que tanto apregoa a renuncia pelas coisas terrenas.

Ora consultemos agora *Celso Ferraris*, um *emerito* tratadista da sciencia politica:

«De igual sorte nada tem que ver com partidos politicos, as *ceitas*, ou sejam aquelas agremiações não mais adaptadas á natureza e finalidade proprias do Estado moderno, nas quais se constata apenas um anormal aspecto de egoismo partidario, elemento insaciavel e rapace, estranho á sociedade em cujo seio vive, por interesses occultos ou inconscientes odios, mas sempre pronto a apoderar-se dela quando a onda

ins.»

Basta. Desde Constantino Magno que a Igreja ficou sempre com a mania de introduzir a pena no sitio em que agora a queria meter.

Bem capturado

Ha dias, um estudante, armou, ali, no meio da praça, uma grande algazarra. Surge um policia; os seus gatasos calosos e cejudos olham como uma ventosa sobre o delinquente, que consegue esvadir-se, deixando a capa, que, nessa noite e nas mais que se lhe seguiram ficou domiciliada no *starim*. Bem capturado, sr. policia! O estudante levava, tambem, o seu *pau-simbo de gavatica*.

Olha que espiga! se o policia lhe agarrasse nele?! Leve o diabo tal dentista!

Folhetim de A REVOLTA

OS BARBAROS

Roque Martins

A gente aranta da *Insultana Revolta*.

Naquelle dia sentia-se caçada. Toda a noite, durante o sereno, os seus nervos magneticos haviam delirado num cruzar de sensações témosas, inescuquidias, que a sua mente se obstinava a ver em visões iconicas, silhuetando-se nos recantos esbarrados do seu quarto. Eram retralhos de vida passada sem ela dar por isso e que agora relembra num lubrico prazer, num travo volutivoso, saboreando-os como um vinho antigo.

Beijos que á sua adolescencia tinha emurrochido, esmagado, numa innocencia de virgem e esboçados por labios de vielo babando clo. E caricias de adolescentes, infimos paternais á sua carne ainda adormecida, que a sua imaginação exacerbava num travo de pecado, sugando-lhes a pureza e distilando-as num fel impudico. A sua historia tomava-a num ropelo de posse e enrodilhava-a, a arquejar, sob um pesadelo de pecado e dôr, numa fraqueza de inoesto. Sufocava. A modorra da sua carne,

ruivos, atogoados de poeira, por entre o gargallar do chiste, corriam as borraças curtidas de vinho saltando á todas as mãos ávidas, num pesser heretico, umedecendo labios sensuais maquiados do negro da bebida.

La o sol a meio. Chegados, os carros despejavam os forasteiros junto ao adro. Estalavam no ar cantidos pregões de fogaças, de folares babando mel por quecriculas loiras. Postilhões ruivos da longada, lenço fimbreado de vermelho á volta do pescoço suado; tiravam as cabeçadas ao gado, sob telheiros sombrios, espalhando nas mangedouras a aveia perfumada.

Diziam cantadeiras versos do ultimo S. João e por cada canto onde uma banza esboçasse um redopio de dança, entre os dedos nodosos dalgum mancoço gamenho, logo umas saias tufando, bejudas em baixo, num borbulhar de gorovinhas, compassavam um fado alacre que uma vozita colorida dum timbre galgax, hilariante, burliava nuns versos agrotados.

E iam de gangão, as moças bailadeiras, ritmando a musica e os cantares, num arzeiro de movimentos, braços ao alto, estalejando os dedos, os olhos vivos de alegria.

Saltavam, pulavam roubando-se os pares na roda. Emervava os sentidos dum anestesia sonolenta aquele ritmo toxico de can-can revoltando saias policromas erguidas numa roda, copulando as côres no redopio e fimbreadas pelas saias brancas dum olor lineo.

Continua

SECÇÃO LITERÁRIA

Ao levantar da hostia

Do Ex.^{mo} Sr. Capitão Rodrigues Brusco

*Na noite do luar cerúleo, algente,
Ao calmo pendurar do coração,
A alma lusitana vibra, sente...
E foge da Magia, da Ilusão.*

*São horas matinais na nossa esp'rança;
Poetas d'ouro e luz em «tarantella»...
— O doce imaginar, que semelhança:
A nossa terra linda! A Itália bela! —*

*E' madrugada em flôr. Abriu o sol
Nas ondas da sua côrte ascensional.
No campanário trina um rouxinol!
O sino diz ás auras: — Portugal!*

*O' alma tão amada, reza, chora...
Chora p'ra seres alegre, repetida;
O' alma de bom filho, onde é que mora
O sacrificio enorme que dá vida?*

*Onde é que a nossa força — a Mocidade,
Ha de servir de perto o que medita?
Onde é que os nossos olhos d'anciedade
Hão de ir beber a luz que ressuscita?*

*A's campas dos Avós? Á louza fria?
A' treva noturnal do que se olvidou?
O' sim! O' meu falar! Eu onde iria,
Senão á Morte, á Vida doutra Vida!*

*A' morte onde reside em nada, o Tudo,
Num páramo distante, aureolado.
Não fala! Não se entende o ser que é mudo?
O' como é grande a voz que diz: — Passado!*

*Vamos ao fresco eterno, á paz do Alem,
Ao luso Ticiano, ó portugueses!
E' forte o seu exemplo. Ó Patria-mãe,
Dá-nos a tua história para arnezes!*

*Iremos para a frente contra o mal,
A' gloria rutilante que se aneia;
O fogo a iluminar não é fatal;
O' Raça, ó Sentinela de Pompeia!*
*Velinhos catebrais, salai aos ceus,
E' o levantar da hostia do Bom Povo;
O incenso vai subindo para Deus
No dia ajoelhado, sempre novo.*

*Soldados caminheros! Não sabeis
O que na Patria Santa a luz encerra?
Olhai a vossa casa: — tanto a quereis!
Os vossos lares! A Alma! A nossa Terra!*

Coimbra, 3/916.

SIMEÃO VITÓRIA

GUARDANDO CABRAS

Ha quasi um mez que no nosso passeio quotidiano após o jantar, depáramos, na mesma rua, com o impedido dum oficial de Infantaria 23, conduzindo uma cabra, ainda magra do inverno, e com os uberos fartos a pejar-lhe o andar.
Ao primeiro dia olhei só para a cabra, e lembrei-me da lenda popular que simbolisa nesse animal a figura do demónio. Achei poetico. Depois lembrei-me do fantastico Mistral, acompanhado por todos os rebanhos de Provença, os chocinhos alijando tristezas no pacifico bando em marcha, trescalando lubricidades, a caminho do cemiterio. Capricho tocante dum grande artista! Lembrei-me da *Chèvre de Mr. Seguin*, do extraordinario Daudet, a cabra feita aguiá, trepando a ravina, audaciosa, encorajada, e acorrapitando a escarpa, aquilibrada nas cristas marcessíveis da rocha, retouçando os orecuchos tenros dos arbustos. Era poetico. Evocava o pastoril, a vida antiga da montanha, cheia de rudeza e encanto. Mas... depois olhei o conjunto: a cabra e o soldado, quadro alegorico da resignação humana e animal. O

soldado transportava um sacco ás costas, como a taleiga dum mendigo.

A Patria está em guerra: os soldados guardam cabras.

Quem é o oficial que tão delicadamente comprae a vida militar? Ter um numero na testa e passear os leites da cabra, é realmente, uma primorosa instrução!

Só por um desprezo! Lá para os meus sitios, quando se quer ridicularisar alguem, diz-se-lhe: «*Vai guardar a mica!*» Prometo não voltar pela mesma rua. Magoa-me o patriotismo da cabra e a disciplina do sr. oficial do Exercito duma Patria em guerra.

DINO.

Atitude patriótica

Os estudantes da Universidade de Coimbra, primeiros sargentos cadetes, srs. Mario Norberto Nunes, Antonio Miguel Monteiro Liborio, Olegario José Antunes, Emigdio José Crujeira de Carvalho, de artilharia n.º 1; Almiro Maia Loureiro, Cesar Maria de Serpa Rosa, de lanceiros n.º 2; Ricardo Alves Porto, Jaime Francisco Leote do Rego;

José Vaz Correia Saabra de Lacerda, de cavalaria n.º 4; Celestino Pais Ramos, de cavalaria n.º 5; Augusto de Melo Coelho Carmona Barreto, de cavalaria n.º 6; Arnaldo Conceição Ruivo Domingues, Augusto Dantas Faria Pereira, de cavalaria n.º 8; Daniel Rodolfo Carvalho Braga, de cavalaria n.º 11; e Eduardo Augusto de Mascarenhas Mimoso Serra, de infantaria n.º 23, ofereceram-se individualmente ao comando da divisao a que estão adidos, afim de participarem na expedição portuguesa aos campos de batalha, quer a mobilisação seja total ou parcial.
A exemplar attitude dos briosos estudantes, nossos colegas, fica registada nas columnas do nosso jornal que lhes apresenta as mais calorosas saudações.

Dr. Artur Leitão

E' na proxima segunda feira que pelas 20 horas se realiza no edificio da Associação dos Artistas, a annunciada conferencia por este illustre Deputado, sob o tema *Interesses locais e o mandato politico*. Presidirá á sessão a Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

Orfeon

O Orfeon de Coimbra acaba de officiar á Capital pondo a sua actividade o os seus esforços ao dispor da Cruz Vermelha.
A patriótica resolução dos simpatizantes colegas do Orfeon, e cuja attitude afirmaram, já, dsassombadamente, num officio, que, a propósito do Bando Precatorio a realizar nesta cidade, publicámos na *Revolta*, é digna dos maiores aplausos. E' assim mesmo que se nobilitam os homens!

Escola Normal Superior

Os alunos da Escola Normal Superior enviaram ao sr. Ministro da Instrução o officio seguinte:

«Os alunos da Escola Normal Superior de Coimbra, reunidos em assembleia geral, sentindo que uma falsa interpretação tenha sido dada á sua declaração de 3 de março de 1916, referente ao conflicto com o Ex.^{mo} Sr. Director da mesma Escola, afirmam que a fizeram sem quaisquer intuitos reservados e na melhor boa-fé; nestes termos, julgando que uma nova declaração iria lançar uma nota de má fé que não presidiu á redacção da primeira, entregam a questão nas mãos de V. Ex.^a convencidos de que a resolverá como for de Justiça».

A manifestação patriótica do dia 19

O sr. presidente da comissão executiva do municipio pede-nos a publicação do seguinte, o que fazemos com todo o prazer:

«As manifestações patrióticas, effectuadas no dia 19 de Março corrente, tanto na sessão solene dos Paços do Municipio, como durante o cortejo que percorreu toda a Cidade nas visitas officiais ao Governo Civil e aos quartéis, revestiram um tal brilho e patentearam um tal entusiasmo, e tão vibrante e tão apaixonado, que bem demonstrado ficou não ter decaído dos seus tempos gloriosos a heroica, a nobilissima alma do Povo Coimbricense.
Desfilaram muitos milhares de pessoas no mesmo ideal ardente dos nossos antepassados bravos, honrados e valentes, e em toda essa multidão que se abraçava, que se confundia, nem o mais feroz inimigo era capaz de distinguir, de separar facções, crenças, politicas e partidos.

A Camara Municipal de Coimbra, que tomou a iniciativa de harmonia com todos os partidos, e que difundiu os convites, apresenta os seus muito sinceros e sentidos protestos de gratidão, lamentando não lhe ser possivel agradecer individualmente.

Silvio Péllico Lopes Ferreira Neto
Francisco Vilaça da Fonseca.

Augusto Antunes Garcia

Este illustre cidadão, cuja benevolencia e esplendido caracter o veem impondo, de ha muito, á estima e admiração de todo o povo de Coimbra, acaba de oferecer á Delegação da Cruz Vermelha nesta cidade a quantia de 200\$000 que esta humanitaria instituição destinará a melhoramentos de material para uma intervenção na proxima guerra. A attitude imponente de patriotismo e humanidade do grande benemerito, devia servir de exemplo a todos os portugueses que dispõem de capitais.

E' nas situações dificeis que se revelam as almas. A *Revolta*, que vive pela Patria e pela Republica, regista nas suas paginas o nome do respeitavel cidadão, apresentando-lhe as suas saudações.

Cruz Vermelha

A Delegação de Coimbra desta importante e benemerita instituição, inaugurou no passado domingo a sua nova sede, situada na Avenida Sá da Bandeira a fazer a apresentação do seu pessoal ao ex.^{mo} General da 5.^a Divisao e Inspector da Companhia de Saude.

Teatro Avenida

Estreia-se, amanhã, nesta esplendida casa de espectaculos, o melhor e mais distincto dueto lirico que tem visitado Portugal, *Cenami-Vizami*. No proximo dia 5 exhibir-se-ha, tambem, a companhia de variedades, *El grand Raymond*, de grande successo em todo o paiz e no estrangeiro.

ANUNCIOS

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.
Creme dentifrico.
Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.
Instrumentos cirurgicos, etc.

IMPORTADORA TELEFONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.^a

Importação directa
De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso domestico.
Rua Ferreira Borges, 52
COIMBRA

AUGUSTO BAPTISTA e JOAQUIM DE CAMPOS
ADVOGADOS
Rua da Sofia, 15-1.

Relojoaria Comercial

DE
Adolfo Pinto de Sousa
Praça do Comércio, 60
COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE
Tabacaria -- Papelaria -- Loterias -- Perfumarias
CENTRO DE PUBLICAÇÕES
Jornais -- Ilustrações
Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional
Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS
Lindas colleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinaes
Aguas ao copo
Depósito da Cevada do Cairo
Carimbos -- Cartões de visita
COIMBRA
Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17
Telefone n.º 559

Encadernador

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço. Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade; em LISBOA, Tabacaria Monaco; no PORTO, Tabacaria Rodrigues (Passeio das Cardosas.)

Muraline

Tintas inglesas a água. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a água. Appropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as côres, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 - Rua Ferreira Borges - 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Tipografia Literária

— Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA —

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, imprimindo pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.

EXECUÇÃO RAPIDA

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149
Coimbra

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do país

Perfumarias nacionais e estrangeiras

ESCRUPULOSO ACEIO

Desinfecção rigorosa de todos os utensílios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinária comodidade

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no país como no estrangeiro não pôde encontrar-se uma casa congénere, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, aceio e conforto. * * * * *

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA.

Pianos Gaveau * * *

Bicicletas B. S. A. e Peugeot

Maquinas de costura

Instrumentos musicas, e seus accesorios, musicas, etc.

Alugueis e vendas a prestações

Descontos a revendedores

— Economia — Garantia —
— Seriedade —

Correspondente da Companhia de Seguros

Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? * * *

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 * Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12

GUARDA — Rua Alves Roçadas

COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19

CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44

FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8

SOURE — Rua do Relogio

LOUZÃ — Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros

Bilhetes de visita

Revistas e jornais nacionais e estrangeiros

Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * *

* Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, pingas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas

COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... \$35

Estrangeiro..... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso..... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria.

Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.

Responsabilidade efectiva

pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUZITANA

As mais completas officinas de marceneiro, polidor, entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro

MAGNÍFICO SORTIDO

de moveis de ferro e madeira, estofos colchoaria, oleados, tapetes, brise-bises, jutas, panos de mesa, etc.

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 e 11 — COIMBRA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

Director — Zacharias da Fonseca Guerreiro
Redacção e administração
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 8 de Abril de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
EDITOR E ADMINISTRADOR — SILVA RAPOSO N.º 72

Perante a Guerra

O indecoroso e degradante espectáculo a que estamos assistindo neste país de tão glorioso passado e de tão nobres e honrosas tradições, é de molde a produzir arrepios nos mais corajosos e resolutos e a causar sérias apreensões aos que nunca deixaram de confiar nos destinos da sua raça, visionando uma patria engrandecida e immortalizada pelo trabalho e pelo sacrificio. A esmagadora evidencia dos factos arrefece o mais quente entusiasmo e subjugam a fé de todos aqueles que, num pesado tributo para o triunfo dos aliados, divisam a suprema garantia duma livre e desafogada existencia.

Que antes do monstruoso crime do Kuangar e do vilissimo atentado de Naulila, afrontas sangrentas á honra da nação portuguesa, uma corrente de opinião se manifestasse contra a beligerancia e adversaria de uma directa interferencia no conflito europeu, não seria natural, nem logico, nem estaria de harmonia com os nossos interesses e sentimentos, mas era admissivel e podia tolerar-se. De uma larga e intelligente discussão, sem nocivas propagandas de cobardia e sem incitamentos á indisciplina, pesando apenas vantagens e medindo inconvenientes, poderia e deveria resultar um mais perfeito conhecimento de todos os aspectos do problema, que em si contém a vida ou a morte de uma nacionalidade. Do choque de ideias diferentes e do embate de diversas opiniões poderia brotar a luz orientadora de todos aqueles sobre quem recai a tremenda responsabilidade de guiar e conduzir o povo português através do actual labirinto politico, tão cheio de abismos perigosos e traiçoeiros. Uma livre discussão, conduzida com nobresa e lealdade, tendo como norma o despertar energias adormecidas e afinar sentimentos de patriotismo, não era apenas toleravel, representava tambem um precioso meio de elucidar a nação, preparando-a para todos os acontecimentos. Seria uma forma habil de preparar o país, indicando-lhe o melhor caminho e levando-o a enveredar por ele, sem cobardias que rebaixam, mas antes com aquela serenidade, aquela intrepidez e aquele espirito de sacrificio, que tanto contribuem para nobilitar e engrandecer os povos e as nacionalidades.

Após a invasão de Angola por soldados alemães, com a subsequente chacina de officiaes e soldados portugueses, discutir a nossa attitudo era já transgredir com a deshonra, mas defender ainda os imperios centrais entrava pelos limites da infamia e do crime. Nessa altura um só ponto era susceptivel de ponderado estudo: — a oportunidade da intervenção ao lado dos aliados, oportunidade só dependente da nossa preparação militar. Ultrajada a honra nacional, a desafronta impunha-se. Este devia ser o pensamento dominante, a grande aspiração de todas as almas, o unico sentimento a encher e a subjugar todos os corações. Narcotisar a justa e sagrada indignação de todos os portugueses, rebuscando atenuantes para o crime dos alemães e pintando a guerra e as suas consequências a cores carregadas e sombrias, seria de provocar vomitos nauseantes ou justiceiras represalias.

Defender calorosamente os que pretendiam macular de baba peçonhenta a dignidade e o brio de uma raça, atingiria as proporções da mais ignobil e abjecta das torpêsas. E, comtudo, isso fez-se em Portugal. O odio politico venceu o amor á terra portu-

guesa. O mesquinho e esteril partidario levou de vencida a todos os sentimentos de patriotismo. A cornea sensibilidade de milhares de portugueses fingiu não dar pelo publico e premeditado ultraje do imperialismo alemão.

Limpas o escarço, sorrir, agradecer e, ainda por cima, pedir desculpa, tal foi o indecoroso proposito publicamente manifestado nas gazetas de altas personalidades com aspirações a dirigir e a orientar a politica de um país. E o aplauso dos pusillanimes e o aprovativo silencio dos videirinhos sublinhou o seu procedimento e aprovou tão extranha e miseravel conducta. Pela boca dos proprios portugueses era proclamada a nossa miseria moral, a nossa profunda degradação. E a pustula hedionda surgiria aos olhares horrorizados de todo o mundo se o povo republicano a não encobrisse com a sua energica attitudo, manifestando a firme resolução de vingar a afronta de Naulila e de lutar ao lado dos aliados pelo triunfo da Liberdade e do Progresso.

Ao grito de morte ingloria e de eterna escravidão, soldado pelos gatos-pingados de certas correntes politicas, respondeu um clamor de anatema daquela multidão, que vem afirmando a vitalidade deste país e lutando pelo seu engrandecimento. Clamor que abafou o gresnar dos corvos, o pio agourento de quantos faziam a propaganda do aviltamento e da cobardia. Mas elles lá continuavam a sua obra dissolvente e anarchica, fazendo a apologia da Alemanha, desculpando-a dos atentados contra Angola, cantando em longas jereemiadas os horrores da guerra, garantindo o triunfo do Kaiser e proclamando as vantagens da nossa neutralidade. Ao apodo de traidores que lhes lançava o partido da guerra, encolhiam os hombros, sorriam com soberano desprezo, apelavam para o seu direito de livre critica e declaravam que traidores não podia haver num país que ainda não estava em guerra, nem jamais estaria, porque assim convinha ao proprio interesse da Inglaterra.

Surge finalmente a declaração de guerra da Alemanha, em termos tão violentos, tão grosseiros e tão insolitos, que só epidermes de hipopotamo ficariam insensíveis á rancorosa chicotada. Ninguem, que tivesse consideração pela sua patria, poderia então imaginar as scenas deprimentes a que estamos assistindo. Perante a brutal realidade dos factos, parecia que toda a nação se devia levantar como um só homem, pronta a todos os sacrificios e disposta a todas as audacias. Pois tal não succedeu! Olhando em roda, quasi se chega a supor que a guerra é uma fantasia, qua a patria não carece do amparo de todos, que tudo marcha no melhor dos mundos! Ha monarchicos e muitos, que escolhem o momento para as suas arremetidas, fazendo exigencias, impondo condições, pretendendo levar a Republica a uma vergonhosa capitulação, em troca do seu concurso e do seu auxilio. O limite das imposições não o definem com claresa, mas adivinha-se através da sua imprensa, das suas conversas e das suas manobras.

Não pretendem uma conciliação de momento, em nome dos altos interesses da patria; exigem uma abdicção de sempre em nome dos baixos interesses da monarchia. E a par deles ha tambem republicanos, que continuam fazendo a sua politiquice, intrigando sempre e semeando a discordia, procurando fortalecer partide-

lhos, quando só deviam tratar de fortalecer a Republica. Antes da guerra combatiam a guerra; tornada esta um facto continuam a combatela, criando toda a especie de dificuldades e provocando toda a sorte de cobardias e desfalecimentos. Não se atinge o que querem, o que pretendem, qual o seu plano, quais as suas ideias! Tudo é enigmatico, misterioso, sibillino! Jogam com um pau de dois bicos, pensando, não no futuro da Republica, mas no triunfo eleitoral do seu intellectualismo.

E, a par de tudo isto e como sua directa consequencia, faz-se surdamente a mais dissolvente campanha contra a ida para os campos da batalha, distribuem-se manifestos antimilitaristas e prega-se a indisciplina na caserna, canta-se a Internacional nos cafés e faz-se a apologia do valor e da coragem das tropas alemãs e da superioridade da civilização teutonica. Mal se tinha apagado o eco da bofetada, que foi a declaração de guerra, e portugueses houve que entregaram flores ao ministro alemão e que festejaram os alemães, que abandonaram o país, depois de lhe ter escarrado. Os jornais germanofilos de Espanha continuaram tendo em Portugal milhares de leitores e portugueses apparecem, que não occultam a sua alegria a cada novo avanço das tropas do Kaiser no ataque a Verdun.

Este é o tristissimo espectáculo a que estamos assistindo em Portugal e que representaria um lento e vergonhoso suicidio se, ao mesmo tempo, não se manifestasse uma corrente contraria a toda essa fraudulagem de cavaleiros da triste figura, corrente que ha-de triunfar, porque representa a aspiração immortel do espirito português e é o laço que vincula um passado altivo e grande a um futuro radiante e luminoso. Sente-se um profundo desgosto com o gesto miseravel desses maus portugueses, mas não tardará a ouvir-se a fanfarras guerreira e triunfante de todos os tempos, fazendo calar as vozes dos profetas de sarjeta e deixando apenas ouvir os canticos arrebatadores dos que marcham para o dever e para a gloria.

Ha razão para sofrer? Existem causas e motivos de desalento? Pois lutemos cada vez com mais energia e vigor pelo glorioso futuro da Patria e da Republica.

Cornalho Araújo

Factos e comentarios

Para o que?

Ano passado, appareceu ali no bestudo dos reformadores da Universidade, a ideia luminosa e coquette de obrigarem todos os estudantes a munirem-se de duas fotografias para a manipulação de certo bilhete de identidade. Como ainda ninguém nos perguntasse *que raio disto era aquilo* ou nenhum bedel de luva branca e espadim nos inquirisse acerca do feito do semblante, ficamos a scismar: *Para o que?* E cá de dentro, do fundo, donde saiam os bons e os maus pensamentos, grita uma voz: *Foi cambalacho com os fotografos!*

Para o que? Dentro de cada reformador português anda a alma dum jesuita: e quanto mais doutor é esse reformador mais perigoso é esse jesuita. *Para o que?*

Dizem-nos tambem que foi um estratagemma para o artista da *Charte...* Mestra observar e surpreender no grafico a curva estatistica do pecego coimbrão. *Para o que?* Digam: — *para o que foi?*

:: Sedução da Vaga ::

Não vimos padre nem preta antes de almoço; vimos um rapaz ao jantar, o tipografo mais novito cá da casa.
Comiamos uma posta de sável com batatas fritas, e discutiamos o interessante problema das espinhas, corroborando a nossa creddita que já se vira afflita com uma, no verão passado e que era bem certo não haver rosa sem espinhos.
O rapaz subiu ao Kova's arriando de cançasso. Trazia cara de enterro e agouros.
— A maquina... paron! O sr. Alves que viessem num instante! venham!
E lá ficaram as laranjas e o café e nós por aí acima, a rebotar de curiosidade.
Foi um grande desastre! O nosso jornal vinha um primor, um bjeu! Se não vimos um padre, decerto ele passou a péssima porta. A fotografia rebentou, ficou num trapo, amassando num figo trez quilos de tipo. Prejuizo e disabor. Dizias bem, Marta: Não ha rosa sem espinhos!

Naiade — *Quadro do Salon de Paris que inspirou o autor da magnifica poesia a que hoje damos publicidade. A' direita, no medallão, a fotografia do esplendido poeta Celestino Pinto da Cunha.*

Penhoradissimos!

Temos recebido na nossa redacção algumas cartas anonimas, bilhetinhos anonimos, coisas anonimas, recheadas de ausencias muito elogiosas e de votos ardentissimos pelas nossas felicidades. No anonimo ha sempre uma pessoa que deseja ver nos muito felizes e cercados de comodidades, com a barriguinha muito consolada e os pesinhos muito quentes.

A todos os nossos inteligentes benefectores, a todos esses anjos tutelares: — penhoradissimos!

Belo artigo!

Sim senhor! O sr. João do Minho, correspondente indignadissimo do honrado *Dia*, chama-se João. E' do Minho e escreve os Ecos do Porto para Lisboa. A censura vindimou-lhe com razoavel limpeza o artigo inteiro, transformado num gigantesco palmo em branco, firmado por S. Ex.ª. E' um belo artigo, sim senhor! que se a palavra é de prata o silencio é de ouro. E' a primeira vez que concordamos com as judiciosas afirmações dum tal Jassa! Bravo, sr. João! E' um belo artigo! Venha de lá o bacalhau e continue que vai muito bem!

Na "Revolta,"

Recebemos a visita da *Revindicação*, bem redigido semanario anarchista, de Barcelona, publicando escolhidos trechos de literatura de regeneração social.

Fomos visitados tambem pelo esplendido semanario mexicano a *Regeneracion*, outro paladino da revolução social.

Visitou-nos tambem o *Cupido*, semanario independente, humoristico, noticioso e literario, que, sob a direção do Ex.º Sr. Antonio Valença se publica em Viana do Castelo.

E' um semanariosinho caprichosamente elaborado tanto no que respeita á parte literaria como á composição tipografica.

A todos os colegas a *Revolta* patenteia o seu profundo reconhecimento, desejando muitas felicidades e estabelecendo com muito agrado, a respectiva premuta.

"A' Sirga"

Sairam o 3.º e 4.º numero desta revista literaria, n'um só volume de 30 esplendidas paginas de boa prosa. Apetece-mos-lhe um grande successo de venda a que tem direito.

SEM MALICIA...

O T6-T6

Namoravam-se todas as noites, á porta da quinta. E' certo que havia cão para guardar a propriedade, mas os muitos carinhos que a menina lhe fazia e os doces que lhe dava eram o bastante para que o T6-T6 não desse o sinal de alarme.

E assim corria, sem novidade, o amor, ás ocultas dos papás, que dormiam a sono solto, a sonharem talvez num casamento de interesse para a pobre rupariga, a quem não concediam a liberdade de coracção.

Uma noite o pobre Romeu, com o coração a pular, não pôde resistir mais e, sem pedir licença ao cão, sempre atento, avansa para a sua Julieta, tão cego... que o fiel amigo desata a ladrar, evitando assim um assalto á fazenda da patria.

ALCINDO

José Macedo Leite Ribeiro

Na flor da mocidade, e apesar de todas as carinhosas sollicitudes da medicina, de todos os cuidados de sua estremecida familia, succumbiu pelas 10 horas de quarta-feira passada, este nosso querido e saudoso colega, distinto aluno do quarto ano da Faculdade de Medicina. E' a morte d'um colega, d'um jovem, e d'um patriota ardente, tres espinhos dolorosos a enfeitar a coroa das amargas flores que se chamam saudades.

A' maguada familia, a *Revolta* envia um estreito abraço de communhão sentimentalista, desfolhando goivos e lirios sobre o tumulto do seu estimado filho, arrancando do fundo da nossa dôr, esse alívio pungente que se chama resignação para depormos sobre seus peitos dilacerados.

Correia d'Araujo

De Coimbra, onde veio fazer um acto, no que foi muito venturoso, já ratriou para o Porto, este nosso estimado amigo e ineterato republicano. A *Revolta* envia mil parabens.

Os Integralistas

Recebemos pelo correio um manifesto do *Integralismo Lusitano*, dirigido aos portugueses, com uma admiração charlatanesca, e traz ao cimo, em distâncias de caligrafia esmerada, umas palavras muito cortezes em que se pede a nossas Ex.^{as} a reprodução nas colunas do nosso jornal. Pois não! O nosso desejo seria transcrever na íntegra o chorrilho de bestialidades, sofismas e imbecilidades que ali se mostram ao publico.

E' lamentavel o nosso jornal não dispor de muito espaço. E' pena! Para derrotar as afirmações dos plagiarios curtinhos de Ch. Maurras, não haveria, certamente, um meio mais proficuo que dar-lhes toda a publicidade. Prescindia-se mesmo do comentario.

Transcrevemos apenas alguns pedacinhos mais interessantes:

«E' indispensavel que no fim desta guerra, caso mercê de Deus não vença o estrangeiro do exterior, o estrangeiro do interior não possa tambem vencer».

Não comentamos. Ha uma comissão de censura, e ha um decr. recentissimo da Republica que estabelece penalidades para todos os atentados contra a segurança do Estado e contra a ordem publica. A tipografia tem a firma Sousa & Gonçalves, instalada na R. de S. Julião, 105, 107.

Que faz a comissão de censura?

Diz mais abaixo:

«queiram ouvir-nos os portugueses de boa vontade e a Patria não morrerá».

Que imbecilidade e que miseria! *Portugueses de boa vontade* são para essa matulagem que a Republica aquece em seu seio, os que ontem se armaram em terra estrangeira para invadir o solo da nossa Patria, todos os jesuitas de saias e de calças que mais tem contribuido para reprimir a marcha da civilização, queimando na fogueira os apóstolos da ciencia e da Liberdade; são os que, ontem, ainda, assaltando os cofres publicos e lambendo as botas a um reísete de carnaval, fugiram como covardolas do ultimo furo da cobardia e da pelintração.

Não tendes o direito de falar em Patria, miseraveis! O Jesuita não tem patria! O talassa não tem patria! — o jesuita porque as tem esmagado por toda a parte, e a Patria que lhes resiste, cria uma espinha inteiriça para os abominar e esmagar como se esmagam as viboras! — o talassa, por que ontem preferia Afonso XIII a Afonso Costa, porque hoje, amanhã e sempre, persistirá no seu odio de vencião indigno, — o talassa, sim! — porque aproveita uma hora de dificuldade nacional para perturbar, especular, tomando a clemencia do governo por uma fraqueza, e desejando a vitoria dum bandoleiro soberano, que tem o proposito de incendiar todos os povos, estrangulando todas as patrias!

Mais adiante vomitam essas cloacas outros fedores de pensamento falso e torpe:

«A sensata diplomacia dos monar-

cas portugueses que nunca esqueceram, por acto algum, de publica governança, que o coração da patria lhes betia dentro do peito».

Quem sabe historia, lembrar-se há certamente de que o Cardeal Reivendeu a Patria aos castelhanos; que D. João III introduziu em Portugal a Santa Inquisição, que a D. Amélia era a geral dos Jesuitas, que D. João VI entregou a Patria aos Ingleses fugindo cobardemente para o Brazil; que D. Manuel deixou na Praia da Ericeira um pessimo fedor a coragem, instigando os bandos espanhóis a invadir uma patria que quer progredir; que D. João IV pretendeu entregar a patria aos espanhóis, etc., etc.

Que patria era a dos Filipes, miseraveis?! Mas, mais abaixo proseguem os imbecis e vergonhosos representantes da nossa raça:

«E o principio basililar da Monarquia, da verdadeira Monarquia, tal como deve ser compreendida, é o respeito dogmatico em materia de diplomacia e negocios externos á vontade infalivel do soberano».

Isto só cabe numa cabeça de frango recém-nascido! Fede. E' a miseria junta á estupidez, á insolencia e á hipocrisia. Compreende-se esta mistura repugnante. E' o principio da monarquia absoluta e theocratica, preconizado por Ch. Maurras. Desappareceu com a idade media. Não vale a pena discutir o encanto da infalibilidade. Apecebe-se nos nobis integralistas, moderno aspecto do jesuitismo, a pretensão de fazer irritar. Porém é conveniente, saber (posto que tais afirmações só colheriam ante uma criada de cosinha de aldeia) se os jesuitas ou integralistas, reportados á era pombalina aceitariam a infalibilidade de D. José e a sua diplomacia. Mas, continua o pastel:

«D. Manuel (o Corajoso!) que é hoje, na tela da tumultuosa vida contemporanea, como que a projecção da alma historica da Raça...»

E' uma projecção com certeza pelo fundo das costas... assim como... um rabo a cheirar mal!...

Fraco representante! triste apendice! Agora, como chave da porcaria irrisoria e pelintra ai vai este precioso bocadinho:

«O Integralismo Lusitano, por tudo quanto fica exposto, fiel aos seus principios de disciplina politica e absoluto respeito pela suprema dignidade da função regia sem a qual não ha vida social possivel, nem ordem publica que dure, resolve acatar inteiramente as instruções do A. Mais Alto Representante da Nação. Entretanto, espera que o governo da Republica (sic) atendendo á reclamações instantes da consciencia nacional abra as fronteiras da Patria a todos os exilados por motivos politicos ou religiosos, que tem, como os outros portugueses o indiscutivel direito de servir o seu pais».

Meditem os bons republicanos no vil proposito que resalta destas palavras! no insulto e no achincalho com que maltrapilhadamente se dirigem á Republica!

Meditem no perigo duma amnistia a conceder, ou duma amnistia conce-

didada sem que imediatamente seja decretada a pena de morte contra todos os traidores! O jesuita não tem patria! O talassa não tem patria! Sem um rei, dizem os jesuitas: « não ha vida social possivel.»

«Tem, como os outros portugueses, o indiscutivel direito de defender o seu pais». Defender a Patria nunca constituiu um direito, porque se o fosse esse direito daria margem á traição e á cobardia. Defender a Patria é um Dever. Mas...

Ô França Grandiosa! Ô França Heroica! deixa-me esconder a fronte no teu seio arquetante! As tuas guilhotinas de 93 e os teus heróis d'Agora, as tuas barricadas, as marchas de archotes fumegantes ao som da Marselhesa estoada de mil peitos em revolta, as tuas lagrimas e o teu sangue rutilo e fumegante na defesa da Liberdade, como se foras a sipse da indignação universal! Oh! deixa-me confortar no manto acariciador da tua grandesa divina a minha repugnancia por monstros de certa laia, e o meu desgosto por um governo que parece começar fraquejando na decisão das horas graves, adormecido pelo canto da sereia chamado a *União Sagrada!*

A clemencia tem um limite, a partir do qual é um crime!

FERNANDO D'ARAÚJO

A férias

Em goso de férias partiram hoje os nossos estimados amigos e companheiros de luta pela Republica, Armando Malheiro, da Faculdade de Medicina; José Batista de Lacerda, quintanista de Direito; e Antonio Magalhães, quintanista da Faculdade de Sciencias. Desejamos feliz viagem e umas férias muito agradaveis.

Um golpe na Universidade!

Foi encerrada a Escola Normal Superior de Coimbra. Este facto revoltante veio mostrar-nos que o sr. ministro da Instrução deu aplauso á patifaria dos Lentes, quando ele devia tê-los castigado severamente pelo acto de indisciplina que vinham cometendo.

Entende o sr. dr. Pedro Martins que a instrução se ha-de fomentar encerrando escolas. Não vai por bom caminho Sua Ex.^a, visto que logo um dos primeiros actos da sua pasta nos está revelando a sua inabilidade e falta de tino. E, contudo, a questão era bem facil de liquidar, sem que fosse preciso ferir a Universidade, a cidade de Coimbra e os legitimos interesses dos estudantes.

Há longas semanas que aqui vimos clamando a nossa indignação em face do desavergonhado abuso dos Lentes.

Deixámos acentuado e demonstrámos bem claramente que não era a questão do chamado brio profissional que os movia a traçar a sua inqualificavel attitude, mas sim a questão do interesse, do mesquinho

e vil metal que tanta gente seduz, por vezes levando-a ao mais ignobil acanhamento.

Não podiamos ocultar o nosso protesto. Foi inutil. Clamámos no deserto. Fiquemos, ao menos, a tranquilidade do dever cumprido.

Hoje, tão somente queremos chamar a atenção da cidade de Coimbra, para que ela se coloque de sobrevivo em face do golpe que acaba de ser vibrado na velha Universidade.

Oxalá que nos enganemos — mas afigura-se-nos que o encerramento da Escola Normal Superior será o começo do fim.

Estamos inteirados do que se vem passando: ninguém se iluda com um encerramento *provisorio* que vá apenas até ao fim do corrente ano lectivo.

O verdadeiro motivo por que os professores se queriam demittir, subsistirá ainda, e eles continuarão esquivando-se á regencia das cadeiras.

Faltando a Escola, as Faculdades de Sciencias e Letras, na Universidade de Coimbra, irão ficando ás moscas, até desaparecerem de vez, porque todos os alunos, tendo de frequentar a Escola de Lisboa, hão-de preferir cursarem ali tambem as Faculdades, para se irem familiarizando com os métodos dos professores de lá.

Que a *Sociedade de Defesa e Propaganda*, que Coimbra inteira atente no facto gravissimo que vimos apontando, porque está-se pondo em jogo o seu mais alto padrão de gloria — a Universidade.

Que a imprensa local não descure o problema.

A encantadora Lusa-Atenas, com a sua paz e os seus retiros, a sua tradição e a sua lenda, tem todo o direito de ser mantida como a cidade universitaria por excelencia.

A' garrócha

Cobrição

Da patusca *Ordem*, artigo do imortal *Camossa*:

«E' absolutamente preciso que V. Ex.^a dirijam uma petição ao governo português para que ele permita em cada um dos hospitais que V. Ex.^{as} hão-de dirigir, a permanencia dum Padre catolico, com todas as honras dum capelão militar.»

Ora esta! Os cavalheiros admiram-se? Nós não, porque é muito natural que a medicina utilize o sacerdote com todas as honras dum capelão militar e as respectivas beatas a cobrirem os doentes, para evitar a aragem... Essa função sacerdotal de massarros e beatas, denomina-se em linguagem tecnica: *cobrição*; isto é: de cobrir, tapar, resguardar etc. Estes senhores jesuitas de saias e de calças, sempre são muito bem gramados!...

Casmurro

A impagavel *Ordem* continua a irritar os homens de senso:

«Não demorem os cuidados religiosos aos doentes e recorde-

mos que nas horas de amargura e dor vale tanto uma palavra de reconforto cristão, que nada a pode substituir.»

São muito bem caçados estes pontos!

Sinto aqui na *suam* uma dôr de mil demônios. O *Camossa*: reconforta-me de lá com uma palavrinha do teu cristianismo!

Aqui do lado está o amigo *Pires* a rabiar duma unha encurvada.

O *Camossa*: ministra-lhe lá duas pirulas da tal água. Ora bolas, sr. *Camossa*! Se isso não é vigarismo, estava em dizer que me parece muito *casmurro*.

Mais relativo

Arrinca-me de lá esse naco!

E' especial! Com que então o Alfredo Pi. se afirma

«que tudo se deve ler»

faz uma afirmação absoluta não é verdade? Ali o ti *Jaquim Zé* aprendeu as primeiras letras, e dessa vasta erudição conserva a reminiscencia de rabiscar um *Jaquim Zé* que parece mesmo um *Chimpanzé*.

Meta-lhe lá nas unhas os *Anais de Tacito* ou o *Mahabharata*. Vá, sr. *Pimenta*. O sr. *Alfredo* não terá em casa uma irmãsita, ou uma mamã? Porque não as delectará com as poesias de *Bocage*, com as obras de *Paulo de Kock*, com o proprio *Dia*? Com certeza o sr. *Pi* saboreia a literatura de lupanar! E' coisa que muito o honra!

Mais relativo, sr. *Pi* *Pó Pi*!

Faça chô á água!

LUIZ VALOURA

Para o proximo numero publicaremos um soneto entitulado *Guerra de Trincheiras*, original deste novo colaborador da *Revolta*. Do valor artistico de tão precioso elemento, para não ferirmos a modestia de ninguém, nem sermos alucinados de lissojeiros, darão prova os seus trabalhos, aos quais continuaremos dando publicidade. Ao nosso querido amigo *Luiz Valoura* um grande abraço pela generosidade com que atendeu o nosso pedido e pelas palavras carinhosas que dispensou ao nosso seminario. Em Coimbra como em Vila Rial, como em toda a parte, ha viboras e lacras, torpes ambições e minimas vaidades a envenenar a vida, e estomagos a gritar por linguas, com cheiro concentrado a gorilas. Ha, porem, em toda a parte verdadeiros momentos de felicidade. A felicidade não está lá fora! Sentimo-la nós, neste momento; sentea a *Revolta*. E' mais um soldado, — mais um companheiro que sabe marchar para o ideal, de facto incendiado e lança em riste. Ha luz no nosso coração!

Somos felizes. Revoltados e poetas são irmãos. Bemvindo sejas! e que cada investida do adversario transvase em nossas veias o elixir da fé que demove montanhas, e o filtro da tenacidade que eleva os seres á esfera humana.

DINO.

3 Folhetim de A REVOLTA

OS BARBAROS

POR

Roque Martins

A gente arauta da lusitana *Revolta*.

O autor

Chiamam as torneiras das pipas vasando o vinho da alegria. Sob as trepadeiras dos quintais em mesas toscas, improvisadas de lenhos nodosos, abriam-se os alforges e vinham as rubras almofas viradas fumegantes de carne assada, entre o molho aromático do vinho, dilatando as narinas sofregas, gulosas.

Retornando á hora esmucida, anemias, em que o poente é uma aurora fulva, duma tristeza cançada, surgindo de entre cinzas violetas a friarem nuances, veem os carros a caminho da cidade, numa modorra de bicanel, num corropio de precisão. E num dentre eles ergue-se a bandeira da Senhora que o mordomo empunha, calgado de luva branca, levando-a de visita a uma igreja da cidade.

Vem de entrar a ponte a romaria. Esfusiam pelo ar morno, iriado de letargio, os garganteios esgrouviados do gaiteiro e pelo rio, sobre o areal fulvo do poente, desde Vila Franca ao Choupal, ha litanias baquicas, rubras de vinho, entre pares loucos de ritmo circundando á musica das violas.

Tendas de verdura, rio abaixo, formam fila junto aos salgueirais da margem. Lembra um bivaque nomado onde não falta a alacridade iconica dos vestidos e o fumo branco coleando em espirais.

O Poente desmaia os vivos da alegria e sobre o areal vai adensando-se uma loucura de movimento, de ritmos barbaros, de gritos fundos ecoando longe. Os olhos das raparigas, mais negros, immedidos de encanto, vão criando um ar de fatalismo, rezas a Allah num levantar de tendas na steppe escura, á hora em que a caravana parte para novos horizontes.

As faces tismadas, olhos abertos, escuros espelhos de raça, vão silhuando perfis arabes despertando o sangue antigo num acordar hereditario; e pelo ar a colorir, á beira d'agua, vem uma alegria profunda, num ressurgir de mortos, de azas abertas, nacias, pousar nos corpos agitados numa loucura de sangue e de desgraça. E' toda uma descendencia, sacudida na melancolia hereditaria, rezando nos estribilhos dos seus cantares o momento do responsorio aos vencidos pela eternidade e usando os ritos barbaros das danças do deserto no simbolismo dos seus baillados.

A agua cõr de jaldé, crua, dum amarelo de pintura, diz o começo do poente. O lado do mar a colorir vai abrindo ao largo vessadas ignivomas, manchas rubras a desmaiaem em nuances meladas, fundindo-se numa cinza azul-violeta, entristecendo os longes. Os estreitos cadoços d'agua, coleantes, fendendo a areia, tomam cromatismos vagos do horizonte. São dum azul vivo de cromo, as aguas,

com grimpas prateadas, lampejantes, nas ondas miniaturas da corrente.

Do mar, agora, onde o sol se esconde em nuvens cendradas com nuances de fogo, veem tons fantasticos irizando os longes dum circulo de magia em fimbrias de côres, sobrepostas, como os tons espectrais. E' mais escuro o ar. Como num leque, abrindo do mar sobre o ceu, vem uma mancha infra-vermelha copular o tom violeta, em que todos os tons se dissolveram, e esmaecem num espasmo, fundindo-se num negrume fundo e baço de melancolia.

Rescaldam os ultimos tçoões do lume do jantar e pelo ar macio passam vozes trementes, lampejando fatalismos em cantares saudosistas.

O sangue escalda. Os olhos das moças tem o brilho fundo do naukim. Vão começar as grandes saturnais.

Ao cair da tarde, Sarah com a familia, na costumada tradição do jantar no rio, juntou-se no areal a uma gente visinha instalada numa barraca de salgueiros.

O Antunes, caixeiro ali ao Cais e amigo dos irmãos de Sarah a quem olhava com uma pontinha de gula nos olhos babosos, logo na manhã desse domingo convidara os amigos a passarem um bocadinho da noite no rio. — Que vinho não faltaria c'os diabos e que mandara mesmo arranjar um cabrito assado, entre batatas alouradas ao fogo lento do forno. E a num alegria ruidosa, lembrando o programa da pandega, recordaram as moças conhecidas com quem dançariam no areal.

Já depois de se separarem, o caixeiro, numa recordação carinhosa, enternecendo a voz:

— Ouçam lá, não deixem a Sarah em casa. Insistam para que vá, não se esqueçam.

Os dois prometeram. Havia de ir, pois então, para se distrair. E concordaram todos precisarem ela de respirar, tomar o ar em pleno rio.

O Antunes, rapaz de vinte e trez anos, tinha vindo da serra para Coimbra. Muito moço, umas calças de saragoça cheirando ao fartum saudavel dos gados, uns olhos expertos espelhando de sob a grenha loura e suja, por lá dormia entre o feno das colheitas, velando gado no redil. Crestado dos ventos secos do sul, sob a agua penetrante das nortadas, ia de abalada pelos morros com as suas cabras de olhos amorosos, que fazem das almas dos pastores almas enternecidas, sentindo num amor virgem e viril, numa beleza panteista, a rudeza fecunda das terras. Mal o escuro da madrugada começava a colorir, espreguiçava o corpo num acordar de musculos, sorvendo ao largo, boca aberta, narinas contractis, os haustos perfumados da verdura; e todo o seu corpinho rubro, dum esboço masculino de atleta, empertigado, se sacudia naquilo despertar humido e electrico da terra orvalhada filtrando-lhe na carne uma exuberancia de vida. E lá ia de abalada pelos desmontes, procurando o pasto, até se perder entre os pendores torcidos perfumados pela alacridade resinosa dos pinheiros e pelos madronhos melados, babando de amadurecidos olores quentes, alccolicos.

Na hora da sesta, á sombra duma arvore, migava as sópas dentro duma almofia de côco e ordenhando os uberes

tumidos da *Malhada*, sob os seus dedos que lhe traziam ao corpo uma queutura voluptuosa, acordando-lhe a sensualidade num cerrar brando de olhos morticos, para ela esguichava o leite, frufruando em espuma lavrada, em caprichos de filigrana numa transparencia rendada de guipurra.

A *Malhada* era a sua cabra favorita. De largas manchas brancas sobre o naukim do seu pelo luscido de brillos duros. Numa agilidade plastica de cabrito bravo, o pastorinho levava-se ás grimpas mais altas dos rochedos e ela, atraz, em correias, seguia-o sempre num enlevo vivo de maternidade.

Era a sua amiga. A' hora da merenda ela lá estava junto a ele, de tétas fartas, quasi arrastando, e era um alivio para ela a caricia gulosa dos dedos do pastor apremando-lhe os bicos macios num esguichar fecundo. Tinha arripios no pelo luscante, imovil, num alivio de força e os seus olhos negros dum sentimento tão carinhoso e materno cercavam-se satisfeitos numa lubricidade cançada.

O Antunes não tinha familia. Era um bastardo que uma gente pobre acolheu na sua humidade. Um dia, á descida da serra, ao cerrar duma tarde triste, gelada e pluviosa, depois de acomodar o gado de seu amo e de passar a mão no pelo da *Malhada* numa caricia mais sentida, correu para o lume do seu lar.

A' roda da lareira onde o fogo crepitava sentiu uma tristeza gelada nos olhos das suas irmãs de criação.

Continua.

SEÇÃO LITERÁRIA

A sedução da Vaga

(Do livro *Osiris* em preparação)

O Sol abraza a Terra! e a Vaga rumorosa
 Encurva o manto azul, rolando espreguiçada!...
 A Vaga, que o Sol beija, estende caprichosa,
 No leito do oceano, a carne apouquentada!
 E erguendo-se a bailar, nos longes do Ocidente,
 O colo alvoroçado, os seios ofegantes,
 Rendilhados de espuma alvejam vagamente
 E o seu corpo alteroso em convulsões fluctua!...
 — As algas, a boiar, são tranças ondeantes
 E a Vaga é a Vizinha duma Neraide nua!

Extáticos e silente em vigilância ao mar,
 A Rocha imóvel, muda...
 Parcia meditar,
 Na beleza gentil daquela Vaga nua!
 Que a Rocha é um Atlante!

Esfinge do infinito,
 Dentro dela ha, talvez, mais alma que granito!

E, ao ver a Vaga linda, a rebolar-se, ardente,
 Mostrando o corpo nu, voluptuosamente...
 — A Rocha concentrada em sonho imenso e máguas,
 Bradou-lhe, num rumor, que estrondeou nas aguas:

— « Formosa Tentação! ó Vaga branca e pura,
 « Que passas, junto a mim, nessa desenvoltura!...
 « Repara quanto eu sofro, aqui manietado!
 « — Qual sentinela alerta, ao solo acorrentado,
 « Sentindo o peito oprimido e a força reprimida,
 « Na armadura da pedra, em conchas guarnecida,
 « Como se eu fora eunuco, eu guardo o mar ignoto!
 « Mas, dentro do meu craneo, ha o sonho do Remoto...
 « Que eu sou o hostil Gigante, imerso em funda dor,
 « E, em mim, ha um coração, que se perdeu d'amor,
 « Ao ver-te cabriolando e indo até á praia,
 « Esbelta e rendilhada em franjas de cambraia,
 « Mostrando os niveos pés e a perna, que estonteia,
 « Tu caías cançada, a escorregar, na areia!...
 « — No socego do mar, quando dormias mansa,
 « Eu velava o teu sono e amei-te sem esperança!
 « Amei-te doidamente, ao ver teu corpo ao leo,
 « A curva do teu ventre a provocar o ceu!...
 « Oh! Deus! como eu a amei! Suzana profanada
 « Não tinha essa nudez, olimpica, em seu torso!...
 « E ao ver-te luminosa e linda

« E sexuada!

« Eu tinha uma nevrose, a electrizar meu dorso!

« E neste harem do mar, ardendo em appetites,
 « Entregam-se a Neptuno, as lindas Anfítrites!
 « Quando brilha o luar, as Bruxas enluaradas,
 « Veem bailar ao redor das Fragas encantadas!
 « — Só eu, Rochado vil, não tenho o amor dum seio!
 « Minha alma é um vulcão a crepitar no abismo!...
 « — Vem ó Ninfa insofrida, em furias de histerismo,
 « Sacia a excitação do meu eterno anseio!... »

E a Vaga enovelada, inquieta e bailarina,
 Alçando os membros nus, num redopio louco,
 Contorce-se, mostrando, ao vigoroso Glauco,
 Recantos do seu corpo e, rindo, era divina
 Como a escrava a dançar na orgia dum sultão!...

E a Rocha continuou: — « Formosa Tentação!
 « O' Vaga que eu amei, o coração desfeito,
 « Naquele rude embate, em que estalou meu peito,
 « Quando tu, contra mim, vinhas cair, gritando,
 « Turbilhonando erguida e pressurosa, arfando!...
 « Perseguida do Vento, em furias de procela,
 « Na desordem do mar, encapelada e bela!...
 « Tu vinhas spadanando, em fuga, atropelada,
 « Mas o Vento agarrou-te e, O' Virgem derrubada!
 « Eu vi os teus quadris rolarem pelo chão!...
 « Num bramido cruel de gritos e soluços,
 « Contorcias os rins, voltavas-te de bruços,
 « Torcida, como a hidra, ás garras dum dragão...
 « As pernas a luctar, brancas irritadas,
 « No turvo esfervilhar das saias agitadas...
 « — A Noite era cruel, devassa a Ventania!
 « A solidão bramava! a tua voz rugia!
 « E eu tinha grilhões! O' raiva estrangulada!
 « Ao ver-te assim tratada,

« Presa pelos cabelos,...

« Eu era um coração cheio de horribéis zelos!...
 « E num ciúme hostil, num odio esguio,
 « Eu tinha a tempestade em mim petrificada!
 « Eu era um desafio!...
 « E eis que o Aquilão, rugindo nos espaços,
 « Morreu, a ulular, na aresta dos meus braços!
 « Depois, como eu te amei, vendo-te, emfim illesa,
 « Dos braços bestiaes em que estiveste presa!...
 « Mas, como recompensa, ao meu forçado auxilio,
 « Não tive um grato olhar, na dor do meu exilio!
 « Oh! como foste má! Que duro o teu desdem!
 « — Mas, hoje, vens ser minha! O' Ninfa arisca... Vem!... »

E a Vaga coleando as espirais de cio,
 Já tentada ao amor, a espernear fremente,
 Alarga os seus quadris, luxuriosamente,
 E roça pelo Escolho o corpo nu, macio!...
 A oferecer seu ventre, em ignia meiguice!

E a Rocha suplicante e desvairada disse:

— « O' meu imenso Amor! se ingrata me não amas,
 « Porque roças, por mim, teu dorso esquivo e nu?
 « En vivo acorrentado e devorado em chamas,
 « Sou Tantalo, ó Vaga, e o meu supplicio és tu!
 « — Olha o Sol como ri, abrazadoramente,
 « Cayand'o-se na Terra, em ancia delirante!... »

« Vamos gosar, Mulher, que, á luz deste Sol quente,
 « E' mais rubra a fusão dum beijo luxuriante!...
 « — Se o fogo, em que me abraço, eu vejo a consumir-te,
 « Encosta-te ao meu peito, eu quero possuir-te;
 « A tua carne exala um cheiro a maresia,
 « Mais forte que o do nardo!...
 « Excita-me esse cheiro e o Sol asfixia!...
 « Eu soffro tanto, eu morro! abraça-me, que eu ardo!...
 « — Mas, se juraste ser, eternamente, casta,
 « Não me provoques mais, terrível Ninfa!... Basta!... »

E a Vaga, sacudindo as tranças de sargaços,
 Rolando num soluço, erguendo-se num ai,
 Respira atordoada, estende os niveos braços...
 E verga e cambaleia e grita e rugo e cai!...
 — Seu corpo bruxoleia e rola-se de flanco,
 Frenetico, lascivo, irresistivel, branco!...
 E ei-la que, perdida, insaciavel, louca,
 Levanta-se de novo e ofertando a bôca,
 Já o niveo colo erguen!

Na Rocha impenetravel,

Havia uma alma grande, uma alma formidavel,
 Que ardia esbaziada, em lubricos desejos!...
 — O Sol é uma Volupia a flamejar no ceu!
 A Onda estende o colo, em ancias de beijos!...
 — E, como a Força, ao longe, a fundar a B'leza,
 Eu vejo, Rocha e Vaga,

Num beijo, a bôca presa...

Que o amor tambem medrou, no coração da Fraga!
 — E o taciturno Escolho era um Tritão na bruma!...
 O busto dum Titan, moreno e musculoso!...
 — E, erguendo o seio nu da rendilhada espuma,
 Qual Narside em câmbia, a Onda desgrenhada,
 Seduzindo o Recife, abraça-o com nervoso!...
 Nos rins, grita-lhe um ai de virgem penetrada!...
 E a bramir... a bramir...

Já verga desflorada...

E roja-se-lhe, aos pés, numa explosão de gozo!...

No Ceu azul o Amor é um Astro em luz abrindo
 Na Terra, ou é uma Flor, ou um Anjo loiro e lindo!

E do beijo ideal, da Espuma e do Granito,
 Do fremebundo amor, da nivea Onda cerula,
 Como se, em si, coubesse o brilho do infinito,
 Rolou, cristalizando, a gota d'agua, — a Perola!

CELESTINO DA CUNHA.

Carta de Vila Rial

3-IV-916.

Sr. Director de *A Revolta*:

E' suprema ousadia pretender
 arrancar um éco destas serras d'a-
 quem e d'alem Douro e faze-lo che-
 gar á velha e nobre cidade que ha
 seculos se espelha garridamente nas
 aguas cantantes do Mondego.

Porem, como para o pensamento
 não ha marcos geograficos nem geo-
 desicos e como diz V. Hugo — « *Il est permis même au plus faible avoir une bonne intention et de la dire* » —
 eu, um serrano de Traz-os-Montes
 onde « *castaneas molles habemus* »
 (como diz Virgilio na Eclogas pela
 bôca de Titiro) e talvez mal silvestre,
 entre fragancias de esteyas e
 rosmãos, atrevo-me, mesmo sem
 ter a gravidade patriarcal dum vel-
 lho aborigene destas terras, onde
 não ha mouros, mas já aparecem
 maus... cristãos, a por-me, espiri-
 tualmente, em contacto com cere-
 bros iluminados e corações onde ha
 fremitos de vida e Amor.

Jovens entusiastas que sustentais
A Revolta; á terra em que nasci
 não chegam os periodicos mais em
 voga: nunca lá se viram o *Times*, o
Heraldo e raro se vê o *Seculo* ou os
 jornais da nossa capital.

A Revolta tambem ainda se não
 viu por lá; mas, ver-se-ha em bre-
 ve, retumbante, como a voz de
 Paulo a troar nos templos hebreus
 e pagãos, falando dum novo *Ignoto*
Deo...

M.^{me} de Sévigné ao ler *O Solitario*
 de Port Royal numa pleiade de
 literatos, disse: — *Avez-vous lu le*
livre? Esta frase concisa exprime
 bem o conceito que a elegante lite-
 rata nutria pelo privilegiado au-
 tor...

Moços que sustentais a *Revolta*:
 não tenho a honra de conhecer-vos
 a todos; mas basta saber que tendes
 a vossa lado Fernando d'Araujo
 para conhecer a fina tempera de
 lutadores que afina os vossos cora-
 ções.

Não quero roubar-vos mais espa-
 ço, melhor aproveitado na expansão
 dos vossos ideais; faço ponto, com-
 prometendo-me a roubar-vos uma
 vez por outra um cantinho do vosso
 apreciado jornal para, tendo *une*
bonne intention, la dire. Não vos es-
 queçais de mandar-me sempre o de-
 nodado campeão da Liberdade.

J. BARROS COUTINHO

ANUNCIOS

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de productos foto-
 gráficos da Casa Foto-Bazar do
 Porto.
 Creme dentrónico.
 Especialidades farmaceuticas
 nacionais e estrangeiras.
 Instrumentos cirurgicos, etc.

A IMPORTADORA

TELEPHONE
N.º 350

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, arma-
 mentos, munições de caça e bom assim
 uma infinidade de artigos indispensaveis
 ao uso domestico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

Muraline

Tintas inglesas a água. As mais higiênicas e resistentes ás
 intempéries e as que maior consumo teem em Portugal, para
 interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a água. Appropriada para encobrir as manchas
 das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as côres, as mais finas e garan-
 tidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 — Rua Ferreira Borges — 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

AUGUSTO BAPTISTA e
 JOAQUIM DE CAMPOS
 ADVOGADOS
 Rua da Sofia, 15-1.ª

Relojoaria Comercial
 DE
 Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 80

COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre
 para vender um completo sortido em
 relógios de bolso, mesa, parede e des-
 pertadores.

Encarrega-se de todos os concertos
 de relojoaria
 garantindo os relógios vendidos
 ou concertados.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE

Tabacaria — Papelaria — Loterias — Perfumarias
 CENTRO DE PUBLICAÇÕES
 Jornais — Illustrações
 Revistas nacionais
 e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional

Para venda das publicações e impressos
 do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia
 e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minerio-Medicinais

Aguas ao copo

Depósito da Cevada do Cairo

Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

Encadernador

Precisa-se com bastante
 pratica e que saiba dourar.
 Garante-se sempre serviço.

Carta a esta redacção com
 as iniciais A. M.

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta,
 na Casa Feliz; na Baixa, nas Taba-
 carias Crespo e Tomás Trindade;
 em LISBOA, Tabacaria Monaco;
 no PORTO, Tabacaria Rodrigues
 (Passeio das Cardosas.)

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.

EXECUÇÃO RAPIDA

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149

Coimbra

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do paiz

Perfumarias nacionais e estrangeiras

ESCRUPULOSO ACEIO

Desinfectação rigorosa de todos os utensílios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinária comodidade

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no paiz como no estrangeiro não pôde encontrar-se uma casa congénere, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, aceio e conforto. * * * * *

Casa I. DA FONSECA

Praca 8 do Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA.

Pianos Gaveau

Bicicletas B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Instrumentos musicos, e seus accessorios, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

Economia — Garantia — Seriedade

Correspondente da Companhia de Seguros
Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? * * *

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador

que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praca 8 de Maio, 43 * Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

- COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
- GUARDA — Rua Alves Rôçadas
- COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19
- CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

- LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
- FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
- SOURE — Rua do Relogio
- LOUZÃ — Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacoos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritorio

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * * *

* Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvãs, gravatas, piugas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre... \$35

Estrangeiro... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso... \$02

Anúncios

Preços convencionais: Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arro d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFEADOR

Grande sortido de móveis de ferro e colchoaria.
Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
Responsabilidade efectiva pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUZITANA

As mais completas officinas de marceneiro, polidor, entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro

MAGNIFICO SORTIDO

de moveis de ferro e madeira, estofos colchoaria, oleados, tapetes, brise-bises, jutas, panos de mesa, etc.

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanetas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

ANO 4.º DIRECTOR — Zacharias da Fonseca Guerreiro
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua das Covas, 15

COIMBRA — 15 de Abril de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis N.º 73
EDITOR E ADMINISTRADOR — SILVA RAPOSO

QUIONGA!

Desde terça-feira que um vigoroso frémito de entusiasmo vem animando o povo português pela reconquista de Quionga. A data do glorioso feito passará à História, para ser eternamente memorada com o mais subido preito. Moura Mendes e os seus bravos soldados não se glorificaram, por ventura, numa dessas pejejas gigantes que, pelo horror e pela carnificina, fazem estremecer o mundo. Até esta circunstância veio aumentar a grandiosidade da mais recente vitória portuguesa, fazendo dela apenas um acto de justíssima reivindicação, tão cheio de arrojo como de humanidade.

Não foi uma vulgar ambição de conquista que atraiu à foz do Rovuma as tropas da República; foi uma questão de brio nacional. Os territórios africanos, como padrões imorredouros da missão civilizadora e valor bélico da nossa raça, são para nós três vezes sagrados.

A Alemanha não podia continuar a locupletar-se com a infame espoliação que nos fizera. Também para nós começou já a hora solene da liquidação; e, sob tão festivos auspícios, o exercito português ha-de continuar a mostrar ao mundo de quanto sacrificios é capaz pela defesa sagrada da Pátria.

VIVA PORTUGAL!

PARA ONDE VAMOS?

Assistimos nos ultimos tempos da monarchia ás mais estereis e mesquinhas luctas entre os varios agrupamentos politicos, cujos chefes foram muitas vezes forçados a disputar o poder pelos mais indecorosos processos, não movidos pelas suas proprias ambições, mas cedendo á imposição de clientelas esfaimadas, prontas a mudar de côr, se a sacôla das benesses por largo tempo se conservava em mãos de adversarios. Os ministerios sucediam-se nas cadeiras do poder, aparecendo e sumindo-se pelo misterioso alcapão das ante-camaras do paço real, sem que a nação comprehendese tão rapidas e inesperadas substituições. A politica não era uma sciencia, era apenas uma arte de prestidigitação e o parlamento a camara escura onde os grandes artistas apresentavam ao publico os trabalhos, que tinham ensaiado com o chefe do Estado. Não faltavam talento e saber a muitos dos que orientaram a politica da monarchia, mas essas brilhantes qualidades de nada lhes serviriam para ascender aos altos cargos, se ao mesmo tempo não possuissem a flexibilidade de espinhaço de um Soveral ou a moral hipocrita de um Morny. Toda a vida politica rodopiava á volta da confiança régia, que o mesmo é dizer á volta das manobras e das intrigas dos palacianos, que eram os arbitros unicos de todas as situações. A nação era alheia ás constantes transformações ministeriais e a propria cidade de Lisboa só dava pelo caso, quando as tropas formavam pelas ruas para prestar honras ao rei que, perante os nossos deputados, ia soletrar um discurso sem ideias e, muitas vezes, sem gramatica. Este descalabro politico, verdadeira e degradante mistificação, fez o descrédito dos

partidos e lavrou a condenação do regimen. Tanto habituaram o país a alhear-se das substituições de ministros e ministerios, que ele resolveu não dar sinal de si com a substituição do regimen. Desceñte e desiludido do passado, aceitou a nova ordem de coisas, esperando uma profunda transformação de processos politicos e uma nova era de ordem e moralidade na publica administração. Tem o regimen republicano correspondido por completo a essa aspiração, tão eloquentemente formulada, a esse desejo colectivo manifestado tão ostensiva e inequivocamente? Que se calem os homens já que os factos nos esmagam com a sua brutal realidade. As influencias palacianas desapareceram, mas o poder pessoal de um rei não existe, mas a sorte dos ministerios e dos ministros continuou a ser talhada pela fantasia e pelo capricho de uma minoria de ambiciosos, de discólos ou de lunaticos. O poder oculto, que manobrava os cordelinhos dos politicos monarchicos, foi substituído por outro poder, cujos efeitos se tem patenteado a cada momento. Surgem ministerios que ninguém conhece e ministerios que são verdadeiras surpresas. Já tivemos um governo que, não tendo a confiança dos partidos, vivia do seu apoio parlamentar. O congresso pensava duma forma, mas votava doutra. Governos houve, que deixaram as cadeiras do poder, tendo uma maioria parlamentar a apoiar-las, para cederem o logar a outros, que em todo o país não alcançariam duas duzias de votos. E' dentro da Republica a reprise do espectáculo que deu a monarchia, evidenciando apenas uma mudança de rótulo na zurrapa governativa. E o país sente profundamente o mal de toda esta

contradança ministerial e com razão lhe atribue uma das causas do seu lamentavel atraso. Como realizar um programa de governo, sem o tempo preciso para o pôr em execução e sempre com o receio da traiçoeira casca de laranja?

Mas se as crises ministeriais da Republica tem quasi todas derivado de artificios e de habilidades, que o país não compreende e tem visto com desgosto e com desanimo, nenhuma mais absurda e mais ilogica do que essa que de ha dias vinha preocupando todos os verdadeiros patriotas e republicanos. Não conseguiu realizar-se a «União Sagrada» de toda a familia portuguesa, porque as vaidades e as ambições toldaram o sentimento patriótico de certos politicos, mas a gravidade extrema da hora presente fez com que os dois mais fortes partidos da Republica esquecessem agravos e sacrificassem interesses, perdoassem injurias e abafassem despeitos, para conjugarem os seus esforços e unirem as suas forças na defesa da patria ameaçada. A nação inteira aplaudiu calorosamente esse gesto tão cheio de nobre grandesa e, parte de um tal exemplo de patriotismo e confiante nos seus destinos, apromptou-se para lhe corresponder dignamente com o seu proprio e grande sacrificio. A hora era difficil mas a união sagrada resolveria todas as difficuldades. Eis senão quando o espectro de uma crise ministerial vem ameaçar de novo a paz da familia portuguesa e lançar no desespero os que tudo esperavam da união republicana!! Para muitos a crise tomava aspectos de um crime monstruoso. Pois haveria em Portugal quem, num momento de tanta gravidade para a vida nacional, quizesse dar ao mundo o espectáculo de mais se preocupar com o mesquinho partidario do que com o futuro da Pátria e da Republica? Qual o motivo de uma tão infeliz resolução que prejudicaria uma nação inteira? A ba-

:: Sedução da Vaga ::



nal e ridicula questiuncula de conceder uma amnistia completa a meia duzia de ditadores, que ultrajaram o regimen e que inauguraram uma epoca de perseguições, de violencias e de crimes? Mas essa amnistia apenas seria logica se estivessemos em guerra com a Inglaterra e combatendo ao lado da Alemanha. Pois não foram esses ditadores os que travaram a nossa preparação para a guerra, os que por todas as formas procuraram disfarçar a afronta de Naulila, os que se conservaram reverentes e atenciosos ante o representante da Alemanha, dias depois dos acontecimentos do Sul de Angola, os que sempre manifestaram a sua admiração pelos alemães e pelo seu imperador, nos seus livros e nos seus discursos? E por causa de uma reintegração de tais farçantes no exercito e na armada, o país teria de perder as suas esperanças em melhores dias e de regressar á duvida e á incerteza, que hontem o traziam subjugado? Seria absurdo, seria ridiculo e seria um golpe profundo nas crenças de todos os verdadeiros republicanos. A vontade do país não é essa e aos politicos apenas

cabe obedecer. O capricho dos homens nada vale perante o querer de uma nação inteira e os mesquinhos interesses partidarios não podem sobrepor-se aos altos e sagrados interesses da Patria. Isso fazia-se nos ultimos tempos da nefanda monarchia e remediou-se por meio de uma revolução, que levou um rei ao exílio. Se o mal continuar, que resolução indicam os que dirigem e orientam a politica republicana? E' isto que o povo português deseja saber e é nisto que devem pensar os politicos, antes de levantarem questiunculas, que nada valem perante a delicada e melindrosa questão internacional.

Carmello Araújo

Dr. João de Deus Ramos

De passagem para Lisboa esteve nesta cidade, na passada quinta-feira, o illustre ex governador civil deste distrito e deputado da nação, ex.º sr. Dr. João de Deus Ramos. A *Revolta* apresenta a s. ex.ª os seus respeitosos cumprimentos.

Stretch Ribeiro

Partiu para férias, no comboio das 3 horas de quarta-feira, este nosso estimado amigo e companheiro de luta republicana.

VOLUPIARIA

II Uma estatua

Sou marmore de cemiterio. Moldou-me o genio da morte. Minha mãe foi um modelo adolescente feito em abraços de serrallo. No marmore do meu corpo deixou-me o estatuário, pelo seu ritmo creador, a voluptua da Arte. Quizera ainda sentir a caricia gestiva do cinzel a morder-me os peitos e as mãos imans do creador afagando o meu ventre esteril.

Os meus olhos não tem brilho, sempre abertos em pupilas de pedra. Eternisaram-se na verdade da morte e recebi por eles a harmonia da existencia e o ritmo da criação. Sou uma estatua viva pelo desejo das virgens que perpetuo. Aos meus labios vem dizer todas as mulheres nubladas que nunca fecundaram, mil segredos pudicos da sua morte.

Folhetim de A REVOLTA

OS BARBAROS

ROQUE MARTINS

Seus pais adoptivos, emudecidos, dobrados a queadoura dos tições fumegantes, olhavam-no á chegada com um brilho extranho, um carinho a querer romper em lagrimas pelas suas faces queimadas. E por largo tempo, junto ao fogo, entre um silencio de partida, o pastor presentiu um salto na sua vida tranquila e leve e viu-se longe do perfume da terra a dos fenos, longe da sua adoração panteista da rudeza. Sentiu na inconsciencia que o envolvia, sonolento, o primeiro trazo das saudades. Um enternecimento fúndo emudeceu-lhe os olhos; e foi numa abstracção de dor, atordado da quele silencio a tirá-lo para um desterro extranho, que deu fô das ultimas ordens do seu pai adoptivo, descrevendo-lhe uma nova fase de vida e repetindo-lhe as maximas dos seus avós que áquela hora da lareira os seus pais repetiram tanta vez.

gas creadoras o segredo da vida pela voluptua de criar. Quizera ainda a caricia gestiva do cinzel a morder-me os peitos e as mãos imans do estatuário afagando o meu ventre esteril. O vento, sopra nos meus labios algum perdido beijo fecundante!... O sol, agazalha os meus peitos de pedra numa incubação de vida!... Dessedentai a secura do meu ventre ó aguas do outono!...

ROQUE MARTINS

TOCANTE

Enche o coração: é simples e é enorme: simples como o sorriso de um anjo, enorme como o cantico de uma Patria. E' simultaneamente flor e arranco, perfume e dor: flor e perfume dum jardim encantado; arranco e dor de filhos amantes duma Patria a redimir pelo sacrificio extremo. Esses filhos amantes e esse jardim encantado, ei-los: — a mulher portuguesa. E' simples: di-lo uma frase: — As alunas da Universidade oferecem uma bandeira a um Regimento que marcha para os campos de batalha. E' enorme. O amor da Patria num coração de mulher transfigura-a em divindade, confundindo-a em outro numa elevada idealização que nos força a venerar. A mulher é sentimento. Não tem a agilidade nem o vigor, nem a decisão dá a vitória nos combates brutais.

A mulher é um ser fraco — diz-se. E' um dito vulgar, sem filosofia, sem observação, sem verdade, a transpirar basofias de egoismo grosseiro. Uma lagrima de mulher decide conflitos; e um seu sorriso abate os maiores guerreiros. Animado por um brado de mulher o homem faz-se heroe. «Quando a mulher bate palmas o ideal triunfa». As mulheres portuguesas aplaudem a Patria: A' Guerra Clarins á carga; baionetas ao sol; fumo e sangue; troar da metralha! Mãos de mulher bordaram a tua bandeira, soldado! Firme! O sangue vertido na defesa duma Patria é innocente, e aquela bandeira é a voz da Patria a seguir-te como a sombra da tua alma, e na qual se reflectirá o teu valor como um titulo de gloria a transmitir ás novas gerações dum Portugal sempre Livre e Honrado!

DINO.

Carlos Martins

Em goso de férias partiu na passada quinta-feira para Forcalhos, concelho de Sabugal, este nosso estimado companheiro de luta pela Republica, quartanista das Faculdades de Direito e Letras. Ao nosso querido amigo apetecemos umas férias muito agradaveis.

lá tinha, por quem ele o havia recolhido; e que os seus esforços de trabalho seriam rezas á sua memoria. Olhavam-no as irmãs por entre lagrimas de saudade e foi sempre num cansasso de percepção que o Antunes ouviu a voz evocativa do velho dizendo-lhe o seu passado. Um petisinho loiro, um fructo de pecado que a moça mais linda da aldeia apertava ao seio a desabrochar. Uma tristeza que a consumia, marmorea a transparecer entre o seu luto de abandonada pelo satiro de fugida pelas terras do Brazil. Por fim a morte ceifando num sadismo louco o seu corpo lindo, uma vez só florescido. Uma tragedia romantica roubando á maternidade foros duma virgem de amor um bambino loiro, de olhos vivos como no espanto do seu abandono. Nessa madrugada acenderam-se lanternas e pela aldeia passou um rumor de vozes sentidas, num adeus, e o matraquear aliatado de socos esmagando os seixos. A luz sanguinolenta das lanternas pingava na langem macia e fria da madrugada e o João tropeçando, batendo os socos, as mãos e as calças, ia entre as irmãs frementes de saudade, chorando baixinho, encapotadas em saias de burel caído-lhes do pescoço, como duas beatas indo calçar á missa da manhã. O velho parou á beira da estrada esmagando na mão churra e ruiva uma lagrima teimosa. Distinguiu-se na nevoa o cadarço da estrada, clareando entre as manchas escuras e rendilhadas das arvo-

Factos e comentarios

Por Vila Rial

A todos os amigos que de Vila Rial tem dirigido palavras de amizade á nossa Revolta, enviando-nos imensos pedidos de assinatura, aqui patenteamos o nosso intimo e inapagavel reconhecimento, pondo á disposição de todos o nosso modesto valor e as colunas deste jornal.

Tipo de barbas

Testemunha de ouvido e boa vista, garante-nos que um estudante de barbas assim falou á porta ferrea: «Se vencesse a Alemanha vinha para cá um príncipe alemão; preferia-o a D. Manuel: tanto melhor para mim».

Eis o diapasão porque afinam todos os talassas! Estão mesmo a reclamar uma anistia! A coragem das incuráveis e das conspirações, arocida deste mimo de moralidade é absolutamente indispensavel á União Sagrada. Bela aquisição! mas estamos em dizer que mais vale só que mal acompanhado. Oiga lá o nosso informador: não teve um bocadinho de onspo para sustar o homem das barbas? Eu sempre ouvi dizer que quem se... é o das barbas. Que lhe parece?

Dr. Alves dos Santos

Tomou posse do lugar de Director da Biblioteca da Universidade este illustre professor da Faculdade de Letras, venerando republicano e um dos mais distintos psicólogos do nosso país. A escolha foi muito acertada e são de prever os grandes serviços que este respeitavel cidadão prestará no desempenho de este alto cargo.

Presumindo

Em grande parangona a Ordem grita aos anjos da seita: Catolicos! ajudai a «Ordem»! E' a presumir, com certeza, que por lá ha muita massa e principalmente ideias e solidariedade de geração espontanea.

Uma piada

Refere-se a Ordem do dia 12 ao assucar cristalizado pilé. Aquilo é pela certa uma piada ao Moreira dos assucares...

1.º Sargento Cardoso

Tivemos o prazer de abraçar nesta cidade este nosso amigo, ha pouco colocado no regimento de infantaria 23. Ao intrepido republicano, cujo valor revolucionario se vem manifestando desde os tempos da propaganda, os nossos cumprimentos.

ros, irtas, sem um acordar de seiva nessa manhá hieratica. Ao longo, businando num ritmo luctuoso de partida, chamando os ecos dos vales distantes a espalhar-se pelos logarejos pobretões, o postilhão da diligencia chamava os seus frequentes. Viaha ainda longe num rumor sumido das guisalhairs e dos ferrolhos, das rodas torcicando a estrada. Manchados pelos focos das lanternas diziam os ultimos adeuses. A diligencia parou num refrear de guias segurando as pilecas zainas, pachorrentas. O cocheiro embriulado num tabardo de saragoca encapuchando-lhe a cabeça, a braza dum cigarro a espelhar-lhe a cara angulosa dum negro terroso, aciganada, repuchando as rodéas entre as luvas vermelhas, duma langem encrespada, gritou ao velho a salvação. O velho recomendou-lhe o petiz. Qué o deixasse em Coimbra, ao Cais, na loja do senhor Vilaça para onde o pequeno ia arrumado. O postilhão socego o velho; — que tomaria reparo no pequeno — e enquanto acomodava a saca, de retalhos de chita, no tombadillo da diligencia, as mocinhas beijavam o irmão, lagrimejando, apertando-o nos bracinhos tenros. Então o cocheiro ergueu-o pelos sevocos, entre as manoplas enluvadas, e içou-o té á imperial, encolhido de frio, engasgado de soluços. Estalou o chabuco nos hombros escanzelados das bestas e dando com a lingua um sinal de partida o cocheiro sacudiu as guias. As pilecas arrancaram, batendo os cascos. Rangeram os eixos do carro e o João, aturdido, levado da sua

João d'Assumpção

Por absoluta falta de espaço só publicaremos no proximo numero um mimoso trecho impressionista «Poeira da Vida» que nos revela em João d'Assumpção um fino sentimento artistico e de cujas facultades muito ha a esperar.

E' uma pequenina tela de pintura, a rescender perfumes e coloridos de uma sensibilidade joven.

No meio dos combates diz bem a musica. A «Poeira da Vida» é um madrigal. Nem só metralha! Para amenisar ignoramos uma surpresa mais delicada, que, como certos licôres de fina essencia nos deixam no paladar a misteriosa vontade de repetir eternamente.

A' garrócha

Um armario

Diz o Alfredo Pimenta que: «a questão é ler, armazenando bem, dispondo as coisas por ordem e categorias. Um cerebro bem arrumado, com as gavetas bem dispostas é tudo.»

Parece mesmo um descarregamento de bacalhau ou carvão de pedra, — com mil diabos! Bem arrumado e com as gavetas bem dispostas só um armario! E' tudo... claro, se tiver dentro umas batatinhas e um bacalhausinho para uma fresquista!

Lá isso tem!

O Alfredo Pimenta abraça ali no Dia:

«Continuamos no jogo das habilidades tão certo é que o português seja creatura que não se emenda».

Está cada vez mais Alfredo o raio do pimentão! Prestigio e auctoridade, lá isso tem, não ha duvida! O que lhe falta é talvez um cido de erudição, pois na filosofia popular ha uma passagem que diz que as vozes de burro não chegam ao ceu, Nosso Senhor que virou o focinho do gado gericil para o chão, por alguma coisa foi...

Beijo de amor

Da patusca e especialissima Liberdade:

«A politica do governo está sendo meramente republicana; de nacional só o nome».

A Revolta reputa de toda a necessidade e urgencia que o governo da Republica atenda o judicioso argumento da Liberdade e comece de fazer uma politica raspadamente nacional e monarchica. De resto, nem é outra coisa o que prescrever os arcanos da sciencia politica! Na pratica e na hipotesis nunca se viu um governo duma Republica que não fosse raspadamente monarchico, retinta e chagadamente clerical, — ouviram? Dizia ha tempos um francez illus-

tre que em Portugal « tout est apparence et mensonge ».

Certamente que este francez não viu os olhinhos da Liberdade; se os visse, por mais francez que fosse, como desmentiria ele o amor e a abnegação que lhes bailam nas meninas?

Venha de lá um beijinho!

Coerencia

Dos Ecos & Comentarios da Liberdade:

«Continuam a realizar-se em muitas terras, algumas da importancia de Guimarães, as proclamações de Passos, no meio do respeito de todos».

Ora agora viremos a tesoura ali para o artigo de fundo, logo ao lado, no mesmo numero da Liberdade. Diz assim:

«Persistem os odios contra os religiosos etc. etc.»

Fazem perder a cabeça a um santo estes aldrabões! Não se percebe um odio que assiste respeitavelmente á procissão dos Passos, havendo até a acreditação que no mesmo eco se afirma que «o povo portuguez vai afirmando assim a sua indestructivel fidelidade á religião etc.»

Irra! São capazes de afirmar que o Senhor da Casa Verde assobiou a Maria Cochuche em Guimarães!

E?

Do órgão do serafico Pinheiro Torres:

«Traçou um belo quadro das obras sociais devidas á Igreja, as suas consequencias na sociedade, a beleza enfim de toda a Obra do catolicismo».

«Sic Labor est» «Obra».

Obra... obra...

Não acho. Virá de cobra, de manobra, de abobra? Eureka: é um verbo! vem de obrar, e... nesse caso; presente do indicativo, primeira pessoa do singular para a tal beleza de hortaliça.

Burro é o menino!

A pandega Nação assim pontifica no seu fundo de dia 12:

«A humanidade aguenta como burro, de carga toda a especie de tragedias etc. etc.»

Vá insultar ao raio que o parta, sr. João! Burro é o menino, que o seu artigo cheira a casco que é um fedor quasi insuportavel!

Sport Club Conimbriense

A comissão administrativa do S. C. C. convida os seus associados a assistir a uma assembleia geral que se realiza no proximo dia dezesseis do corrente pelas doze horas.

Pede-se insistentemente a comparencia de todos os associados.

Ordem do dia: — aprovação de contas e eleição dos novos corpos gerentes.

A assembleia funcionará com qualquer numero.

das, caídas em gorvinhas, desnalgando-se no corripio da marcha, ritmando os bustos flexiveis, miudos, apertados nos coletes a estalarem. Chivavam os carros, puxados por vacas de uberes vastos, chuchados, rugosos, com carga de hortaliça viciosa, humida, salpicada de gotas d'agua. Era tudo um abastecimento de mercado vindo das fazendas circunvisinhas. Despertava a cidade. Passavam os trolhas, sacola ao hombro, cesto de farnel e vinham as moças das fabricas, anemicas, uma tristeza nos olhos vivos, a pele maquiada dum calor doente, historico, desmaiando-lhes a polpa sanguinolenta dos seus labios virgens. O rio espelhava numa brancura de neve e os muros das barcaças negras, imóveis, adormecidas, acendiam foguetims, cossinhando o almoco. As pilecas estacaram ao cais, á porta da Palhinha. Desceram os homens no corripio da bebida enquanto o João, sobraçando a saca, esperava o cocheiro para que o orientasse naquelas ruas largas onde ele se julgava perder. Dentro, pela meia abertura da porta, soprava um halito puchornal de tabaco e aguardente, que o entontecia, o intoxicava numa nuvem envolvente, anestésica; e pra li ficou levando o sentido á sua aldeia, pastoreando o gado, urdindo a Malhada, aquecendo-se á lareira de tijolos vermelhos, junto com as irmãs. O cocheiro surgiu por fim, tronchudo, nariz rumbó, vermelho, ressaltando-lhe da cara tisanada; a barba negra traçandolhe uma goliha do frontal ao queixo.

Continua

SECÇÃO LITERÁRIA

A LABAREDA

(Ao Santos Costa)

O' Labareda rubra d'almas revoltadas
A flamejar no Mundo incendios d'Alvoradas!

Que importa que morresse o livido Jesus,
Se a Idéa não morreu, não se apagou a luz

Que em nome de Jehovah, Giordano Bruno seja
Lançado vivo ao fogo ás ordens dessa Igreja!

O' monstros de cinismo! o fogo a que lançais
O corpo dos Heróis, inda incendia mais

Coimbra, 1916.

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

A guerra de trincheiras

Quanto mais belo era o tempo de heroísmo
De outr'ora! Em campo raso, á espada combatendo,

Comparai entre si, ponde em paralelismo:
A homérica epopeia antiga, de estupendo,

D'antes, o braço forte os prélhos decidia:
Metais luzindo ao sol, flutuantes as bandeiras,

Hoje, cobardemente... assim é que a vitória
Se disputa, de longe, ao furo de trincheiras,

LUÍS VALOURA.

A título de registo

Para a comissão de censura no distrito de Vila Rial foi nomeado o ex.mo sr. Capitão Firmião, administrador do concelho ao tempo da Ditadura.

Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 10

Aos Portuguezes

A Pátria está em perigo!

E' nosso dever de portuguezes sacrificarmo-nos para a salvar, dignificando-a. E nunca um apêlo da Pátria aos seus filhos ficou sem o holecanto de muitas vidas para que o nome vibrante e esplendoroso de Portugal subisse mais alto, ascendesse ás culminancias em que a Historia coloca os povos que mais contribuíram para a civilização, para a defesa dos sublimes ideais e para o bem da humanidade.

Portugal, cujo passado brilhante enche de paginas gloriosas a Historia; Portugal, berço de guerreiros, de navegadores e de poetas; Portugal, nacionalidade firmada pela vontade heróica de um guerreiro e assegurada pelo sacrificio de um povo cioso da sua independencia, reconquista-a pela abnegação desse mesmo povo que em Aljubarrota consolidara com o seu

sangue a sua Pátria; Portugal, evocação gloriosa dum passado esplendoroso, povo heroico e bom, de tradições guerreiras, de dedicações sublimes e de galantaria mata, foi enxovalhado pela nação de barbaros que intenta subjugar o mundo: a Alemanha.

Portugal que ativamente se mostrou ante as ofensas brutais desse povo arrogante e mau, levanta a luva do desafio e apresta-se a combater a tirania, dispõe-se a enfileirar ao lado das nações que enfrentam a selvageria teutonica e entre as quais sobressaem aureoladas pelo sacrificio a nossa secular aliada: a Inglaterra, a nossa guia espiritual: a França e a devastada mas imorredoura Belgica.

Compenetremo-nos todos de que para a nossa vida como nação livre é necessario combater o inimigo comum seja onde for. E' forçoso aniquila-lo e para esse fim todos os sacrificios se exigem.

E' o exercito a guarda suprema da dignidade de um povo, e a quem compete desagrar pelas armas as afrontas recebidas. Para que esse exercito cumpria nobremente o seu dever é necessario tanto como a coragem e a abnegação, que todos os soldados — que seremos todos nós — tenhamos a preparação militar, a resistencia fisica e a educação moral que nos torne bons cidadãos e ótimos soldados.

E' neste patriótico intuito que a Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 10 vem apelar para todos os portuguezes, que isen-

tos do serviço militar ou fazendo parte das reservas, não tenham tido a respectiva instrução e a queiram receber para se tornarem aptos a empunhar as armas em defesa da Patria quando a Patria o reclame, se inscrevam nos registos da mesma Sociedade, podendo começar frequentando imediatamente os cursos de instrução que se realisam todos os domingos.

A hora é de perigo mas tambem de serena confiança e firmeza inabalavel. Do prelio tremendo em que se jogam os destinos do mundo, Portugal ha-de sair nobilitado e engrandecido, indo ocupar entre as nações o logar a que lhe dá direito os seus inestimaveis serviços á civilização e á humanidade.

Portuguezes correi ás fileiras:

A Pátria está em perigo! Coimbra, Abril de 1916.

A Direcção da Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 10.

"Sedução da Vaça,"

A fotografura que devia acompanhar a bela poesia de Celestino da Cunha, inserta em nosso numero passado, saiu apenas num cento de exemplares, devido a um lamentavel desastre, em cujo dissabor já tivemos oportunidade de falar.

Pela muita consideração que nos merecem os nossos leitores, o attendendo aos muitos pedidos que nos tem sido dirigidos, obtivemos uma nova reprodução para ser publicada neste numero.

Oxalá que sejamos mais felizes.

Gralha

Ao noticiarmos, em nosso passado numero, a partida para férias, do nosso valioso companheiro Antonio Augusto Macedo Malheiro, cometemos o lapso desgraciadissimo de registar um nome que, de modo algum se parece com o do nosso estimado amigo.

Quem conhece, ainda que ligeiramente, o ingrato mister do jornalismo, supõe o dissabor motivado por tais contingencias e o quanto é ardua a sua rectificação.

Ao nosso estimado amigo pedimos nos seja relevoado tamanho descuido.

Desastre

Na terça-feira de manhã um barquito que seguia rio abaixo transportando uma enorme carga de lenha e nove passageiros, voltou-se proximo da Insua dos Bentos, ocasionando a morte a tres mulheres e salvando-se tres e desaparecendo os restantes.

A Cruz Vermelha e os populares prestaram relevantes serviços. A cidade ficou profundamente consternada afluindo durante todo o dia grande quantidade de povo ao local do sinistro.

SOCIEDADE PORTUGUESA DA CRUZ VERMELHA

Delegação de Coimbra

Assembleia Geral

AVISO

Em conformidade com o art. 17.º dos estatutos, é convocada a Assembleia Geral ordinaria, para sabado 15 do corrente, pelas 19 horas em ponto, reunir na Sala da Inspeção dos Incendios, Avenida Sá da Bandeira.

Caso não compareça numero legal de socios, a assembleia ficará transferida para domingo, 16, pelas 13 horas.

Ordem da noite

Discutir e apreciar o relatório e contas da gerencia do ano findo.

Eleição da Direcção.

O Presidente da Direcção,

Guilherme Teles de Menezes.

Aviso

Nos termos do Decreto n.º 2308, publicado no Diario do Governo de 31 de março findo, faz-se publico que a Comissão de censura preventiva a que tem de ser submetidos todos os jornais e quaisquer impressos nacionais e estrangeiros, folhetos, revistas, manifestos, papeis avulsos, placards ou desenhos para de qualquer modo serem publicados e que tenham sido compostos e impressos nesta cidade, reune no edificio do Governo Civil deste distrito nos dias e ás horas seguintes:

Table with 2 columns: Day and Time. Segunda feira 14 horas e 17 horas, Terça feira 14 e 17, Quarta feira 11 e 16,30, Quinta feira 12 e 19, Sexta feira 13 e 17, Sabado 11 e 16,30.

A comissão previne os interessados de que os jornais e mais impressos acima mencionados lhes deverão ser mandados apresentar ali ás mencionadas horas em prova de pagina e em triplicado, como dispõe o mencionado Decreto.

Coimbra, 13 de Abril de 1916.

Pela Comissão,

João de Moraes Zamilh.

ANUNCIOS

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentrificio. Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras. Instrumentos cirurgicos, etc.

AUGUSTO BAPTISTA e TORQUIM DE CAMPOS

ADVOGADOS

Rua da Sofia, 15-1.

IMPORTADORA

TELEPHONE n.º 350

Cipriano Leão & Comp.

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensaveis ao uso doméstico.

Rua Ferreira Borges, 52 COIMBRA

Relojoaria Comercial

Adolfo Pinto de Sousa Praça do Comercio, 60 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE

Tabacaria -- Papelaria -- Loterias -- Perfumarias CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais -- Ilustrações e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Mineral-Medicinais

Aguas ao copo

Depósito da Cevada do Cairo

Carimbos -- Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17 Telefone n.º 559

Encadernador

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço.

Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade; em LISBOA, Tabacaria Monacó; no PORTO, Tabacaria Rodrigues (Passeio das Cardosas.)

Muraline

Tintas inglesas a água. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a água. Appropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 - Rua Ferreira Borges - 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros
Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.
EXECUÇÃO RAPIDA

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149

Coimbra

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do país

Perfumarías nacionais e estrangeiras

ESCRUPULOSO AÇEIO

Desinfecção rigorosa de todos os utensílios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinária comodidade

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no paiz como no estrangeiro não pôde encontrar-se uma casa congénere, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, acieio e conforto. * * * * *

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA

Pianos Gaveau * * * * *
Bicicletas B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Instrumentos musicos, e seus accessorios, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

— Economia — Garantia —
— Seriedade —

Correspondente da Companhia de Seguros
Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? * * *

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 * Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECEMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
GUARDA — Rua Alves Roçadas
COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19
CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LERIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
SOURE — Rua do Relogio
LOUZÃ — Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * *

* Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, pingas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas

COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33
Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação
Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... \$85

Estrangeiro..... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso..... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compandios, adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria.
Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
Responsabilidade efectiva
pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUZITANA

As mais completas officinas de marceneiro, polidor, entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro

MAGNÍFICO SORTIDO

de moveis de ferro e madeira, estofos colchoaria, oleados, tapetes, brises-bises, jutas, panos de mesa, etc.

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

Director — Zacharias da Fonseca Guerreiro
Redacção e Administração
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 22 de Abril de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
Editor e Administrador — SILVA RAPOSO

DE FEIÇÃO

desacreditado catolicismo, vicioso e moribundo, manhoso e repugnante, dispense nesta hora de delírio universal, a soma total das suas energias, pretendendo restaurar o seu arco-boiço combalido e sentenciado a um próximo aniquilamento.

O jesuíta, o católico militante, não tem, nesta hora, uma predilecção por uma pátria. A vitória deste ou daquele povo é coisa de pouco interesse para si. O jesuíta fala da guerra sem entusiasmo por qualquer vitória: não se arrebatava, não arde, não se apaixonava. Tem o coração galvanizado; é frio; calcula. A vitória dos bandoleiros da Austria e da Prussia, ou a vitória dos aliados, tudo lhes é indiferente. A sorte das armas de qualquer país em nada os viria beneficiar, não só por estarmos longe daquelas épocas em que a Igreja disfructava a soberania patrimonial sobre determinado território e participava do espólio da conquista, mas também porque o simples domínio dum povo sobre outro em nada viria afectar a marcha da evolução social para o triunfo inevitável, ainda que remoto, da Liberdade.

O jesuíta vê a guerra por um outro aspecto: ele conhece, pela penetração do seu instinto de ave de rapina, a existencia duma lei infalível que manda ao vencedor imitar as instituições do vencido quando guerras graves e longas demonstraram a força, a riqueza e o poder do povo debelado; ele adivinha na atmosfera moral de angustia e desolação que esmaga a terra, de lado a lado, um momento propicio e afeiçoado à propagação das suas doutrinas fatalistas e narcoticas; ele sabe que não é debalde que um Exército se enche de prestigio, e que não é sem consequências de certa importancia no condicionamento nomológico, que a força, quer defendendo a Liberdade e a Justiça, ou defendendo e apoiando a Ignominia e o Assalto, triunfa, embora que momentaneamente, da intelligencia.

O campo é imenso e propicio á sementeira da iniquidade. Primeiro entre os ateus, e logo dirigindo aos campos de batalha os seus terribes exercitos da Companhia, jesuitas de calças e saias. O estado moral dos feridos, a sua debilidade, o aparecimento duma enfermeira habilmente industriada nos principios da seita; o espectacular e suggestivo aparato do seu ritualismo, explorando

a lenda do herói do Golgotha, da-lhes um prestigio extraordinario e facultalhes um esplendido meio de conversão. Uma guerra faz-se com um general, provisões de metralha, substancias, soldados e enfermeiros.

Mas... as almas? Eis a questão antiga, o alicerce dessa parva landaina dos exploradores da Igreja, que á sombra da união sagrada imposta pela situação a todos os países, dá pasto ás anémicas raizes do carunchoso roble, espectro da consciencia, seu inimigo fidal. As almas!

Na cabeça de defunctos, nada mais ha que ossos, musculos, nervos e fosforo. Nunca ninguém viu a alma; mas permite-se a guerra de padre-nossos e confissões. Depois, não é só a grande propaganda dos campos de batalha! Os corações consternados dos que ficam, em virtude da pernicioso seleção da guerra que arrebatava os mais fortes e os melhor formados—os velhos, os doentes, as mulheres e as creanças, estão psicologicamente predispostas a tomar como virtuosa e divina a missão capciosa e calculada da Igreja.

Nunca a sua imprensa se viu empenhada em mais acesa campanha. O jesuíta mexe-se com toda a actividade e tenacidade de que é capaz. A sua imprensa multiplica-se vertiginosamente; as suas fileiras cerram-se para o combate ás teorias da Liberdade e ás correntes da Democracia. Requiriram audacia. A maré é-lhes propicia. Mas, ali!—de que lhes vale? se Jesus está de agnosco, se a sciencia é herenje, se os Deuses morrem, se o germen da Liberdade brotou das proprias fogueiras, da torpeza do confissionario, da propria treva dum templo que Jesus nunca esteve?!

Jesus está comnosco, agora e sempre, jornalistas, poetas e liberaes do meu país! Urge combater! E que nem uma gota de seiva insufe um alento ao bando de mistificadores e vigaristas, timonados pelo successor infalível dum purpurado que anatematizava quem dissesse que ele era compatível com a Liberdade e com o Progresso.

E' esta uma situação historica que reclama o decidido esforço de toda a nossa actividade, ou a flor que ha de brotar de tanto sangue não será aquecida por um beijo de sol e aspirará sobre a terra o bafo da fatalidade e do abatimento.

FERNANDO D'ARAÚJO

SEM MALICIA...

O Toneco

O Toneco era um sonso. Passava o seu tempo a rezar pelas igrejas em companhia da mamã e ainda há poucos meses deixava de dormir com a ama não fosse o papão aparecer-lhe.

Contudo era já um homem dos seus dezannos e, por conselhos da mãezinha, já namorava a D. Beatriz, gentil menina que passava a vida pelos braços de fidalgotes arruinados nos salões de bailes.

Namoravam-se. Ela falava por si e por ele. Ele a custo dizia sim e não.

A D. Beatriz um dia, mal humorada, não pôde suportar por mais tempo o silencio do ingénuo Toneco e não recieia confessar-lhe esta verdade:

— Estou a ver que, assim tão santinho como és, sem matares uma mosca ou quebrares um prato, és tu quem leva o ramo de laranja.

ALCINDO

CARTA DE LISBOA

18-IV-916.

Nos homens como nas nacionalidades ha caminhos que podem levar á desgraça ou á victoria. A desgraça é a fonte de todas as rebeldias. A rebelião é um sintoma de vitalidade, e tão sagrada, que encerra o misterio de toda a evolução humana. A rebeldia é uma afirmação de vigor, de mocidade, de aspiração.

O leão que não uiva ao picar dum lança é um organismo adormecido pela morfina. Por melhor urdida que seja a psicologia duma instituição, procurando a base da sua existencia na imobilidade da alma, na obediencia passiva, representando todas as fulgurações da vida, ella enerra o germen da propria destruição. As religiões sucedem-se; o despotismo transforma-se; os deuses vão-se.

E' que a revolta é a sensibilidade, a propria vida e a cabeça que imaginasse um brilhante sem brilho não teria mais valor mental que a de Santo Inacio.

Da criança que baila, canta, e corre, e salta, a psicologia espera o cidadão; da que não baila, nem canta e corre, nem salta, espera o imbecil.

A criança faz-se homem; os homens agrupam-se e formam os povos; e esses homens e esses povos, esmagados por mil velhos preconceitos, ameaçados por mil arcaicas instituições, esganados pelo tradicionalismo, esse veneravel manipão, jamais poderão, sem abdicar da sua dignidade, deixar de ser iluminados e aquecidos pela revolta, sempre juvenis e esperanças, que a revolta nada mais é que a fé racionalista, a verdadeira fé.

A desgraça é a fonte de todas as rebeldias. Em cada homem ha um desgraçado. O que para si se diz «ser um homem ditoso» deve ler-se: «ser um estomago alegre». O apertamento da intelligencia avoluma a aspiração e consequentemente a desgraça e a revolta. Quando a desgraça provoca ao homem ou a um povo um encolher de hombros, um sorriso, ou um assobio melancolico, aí tendes um vencido,

tornado miseravel pelo alcool ou pela imbecilidade. Que ha a esperar dum boi resignado ante as bandalhas de fogo? Ainda ontem, o vampiro alemão incendiou o Deposito de Fardamentos do nosso Exército; ontem, mesmo, arremessamos á frente uma ultrajante declaração de guerra; hoje, incendiou a nossa Escola Naval, o nosso Arsenal; afunda, dentro do proprio Tejo, um navio carregado de trigo; corta as amarras dos nossos navios de guerra, intentando a sua perda. E, ali, no meio dos grévistas, ao Terreiro do Paço, eu ouvi com estes dois que a terra ha-de comer: «que era muito bem feito!», ao mesmo tempo que os Ministros se exibem pelos escombros, dizendo coisas e prometendo inqueritos, aproveitando os jornalistas mais um filão para o cosinhado de rendosos suplementos, com muita facundia na estileira patriótica, mas sem ninguém se lembrar de que urge a pena de morte como condição indispensavel a uma Patria em guerra, de que se torna necessario um governo de força que não desgaste a sua energia em caganças de opereta, concedendo anistias prejudiciais a autenticos inimigos da Patria e da Republica.

«En Portugal tout est apparence e mensonge» — dizia, ha tempos, um francez illustre.

E' real o fado e o papagaio. Não admira nada que os alemães incendeiem, amanhã, a cabeleira do Sr. Antonio José d'Almeida e a pera veneranda do Sr. Presidente da Republica! Os jornais escusam mesmo de fazer grandes alterações na narrativa: mudem só o dia, o local, e o objecto incendiado.

E' occasião até de parafrasear certo dialogo entre um pai e um certo filho:

— O meu pai: muito Deposito de Fardamentos e muito Arsenal se incendia em Lisboa!

— Livre Deus os nossos navios, meu filho!

— Muito navio se mete a pique!

— Livre Deus as nossas espingardas, meu filho!

— Muita espingarda se incendeia!

— Livre Deus os nossos chanfalhos, meu filho!

— O meu pai: muito chantalho...

— Livre-nos Deus a nós, meu filho!

— Muito nós se incendeia!

— Então... livre Deus o diabo, meu filho e oxalá que não apareça por aí algum zepelin para me não ver na necessidade de o correr a caçete!

Este país posto em musica de Offenbach devia ser uma coisa primorosa!

DIXO.

Carta do Porto

O aspecto que a politica monarchica nos está oferecendo é tudo quanto ha de mais degradante para essa quadrilha que arrastando esta Patria á beira do abismo ainda tenta levantar a garupa... Eu não acredito nas boas intenções dos monarchicos nem no seu patriotismo. Eles, acima de tudo, são monarchicos. A Patria para eles é uma questão secundaria. Não nos deixemos embalar na doce ilusão da — União Sagrada — porque eles proprios se desmascararam já. Haja tréguas, haja mesmo esquecimento para os seus crimes, mas vigiem os seus manejos e os seus movimentos. Acima de tudo a defesa da Patria e da Republica, sem tibiezas e sem esmorecimentos.

Os monarchicos que tão irritados ficaram ante a União do Partido

Democratico com o Partido Evolucionista, deitaram foguetes quando lhe constou que o governo... estava em crise. Felizmente para a Nação o governo ficou e ficou disposto a trabalhar na sacrosanta defeza da Patria. A ira dos monarchicos cresce então. E á mingua de argumentos sérios, lança mão de boatos torpes e insidiosos, proprios da sua alma sinistra. A Liberdade que acima de tudo é catolica e que depois é apostolica e finalmente é romana publicava ha dias o seguinte:

«O ministerio não caiu porque o ministro inglês em Lisboa fez saber ao governo que seria de desastroso efeito no exterior uma mudança ministerial nestas alturas».

Se não vissemos isto escrito na dita Liberdade ficaríamos convencidos de que esta infamia tinha sido forjada na agencia Wolf ou na sucursal de Badajoz. Mas... afinal saiu do porto da Galicia... de Paris!

O Dia, o orgão do maior patife de Portugal, daquele hipocrita que traiu o José Luciano, e que segundo um jornal catolico ainda tem os cabelos salpicados de sangue do rei D. Carlos, referindo-se ha dias ao projecto de amnistia dizia que «tambem seriam amnistiados os assaltantes das mercearias...». Quando se deram os lamentaveis acontecimentos de Janeiro, O Dia afirmava em grosso normando que quem assaltava as mercearias era o povo que tinha fome, e que queria comer. Agora já lhe chama salteadores. E' bruto e é patife. Porque podia ser só bruto. Mas é bruto e ao mesmo tempo é mau. Nem o «assucar» o fez ser doce...

O mesmo Dia, o orgão do mesmo patife que é bruto e mau, referia-se num dos seus ultimos numeros, á tomada de Quionga, desdenhando cinicamente do feito dos nossos heroicos soldados, preguntando se tinha havido combates, se houve resistencia... e pedindo um inquerito aos acontecimentos. A Liberdade que já o conheço de gíngera, e que não lhe apara o jogo... respondeu-lhe da seguinte maneira que franquese franca merece os nossos aplausos.

«Na occasião em que todos se devem regosijar com a recuperação de Quionga, ha quem peça inqueritos sobre o caso, lançando suspeitas, desvalorizando o facto, deprimindo o espirito publico...»
Salvo o devido respeito, tal attitude parece-nos ser mais propria de alemães do que de portugueses.

E' claro que quem gostou do nosso desastre de Naulila, para ser coerente, tem de escarnecer da victoria de Quionga.

Os socialistas portugueses tomaram uma attitude que longe de merecer os aplausos de ninguém, caiu desastradamente no ridiculo do publico.

Aqui no Porto recusaram-se a nomear um delegado á Junta Patriótica do Norte e até no congresso que se realizou aí em Coimbra deliberaram não aceitar nenhuma pasta de ministro, caso lhes fosse oferecida. Tal attitude não nobilita; deprime! não engrandeca, rebaixa!

Na França e na Alemanha, onde o socialismo tinha uma força espantosa, os deputados socialistas correram para as trincheiras a defender a Patria ameaçada e não nos consta que eles combatam para

derribar fronteiras... mas sim para as alargar o mais possível. O grande Gorki, desde o início da guerra que tem combatido como um simples soldado. Compreendem o perigo e talvez a estas horas estejam convencidos de que as suas ideias — áliaz grandes e sublimes, — não passam duma utopia que o vento da realidade prosta por terra na mais cruel das desilusões.

Os socialistas portugueses com a sua atitude fazem-se mais papistas... que o papa e em vez de crearem simpatias caem na censura de todos.

Bruto Camacho, o homem das condições e das plataformas, usa dum processo tão pouco digno, que só merece o aplauso da cambada monárquica ou dalgum alemão que para aí tenha ficado. Max Nordau dizia que «quanto mais conhecia os homens mais gostava do seu cão». Eu, quanto mais leio os seus artigos mais me encanta o ladrar dum cachorro do meu visinho, que, tendo ante o sr. Camacho, a superioridade de não saber escrever, tem porem a vantagem de ser mais limpo e mais leal...

ERNESTO D'ALMEIDA.

Zacarias Guerreiro

A passar as férias de Pascoa junto de sua Ex.^{ma} familia, partiu ha dias para Tavira este nosso querido companheiro, director da *Revolta*. Desejando umas férias muito felizes, a redacção deste jornal faz votos pelo seu breve regresso.

Factos e comentarios

Intrujões!

Os periodicos catolicos afirm de solenizar a chamada Semana Santa, fartam-se de chamar ao lendario personagem do cristianismo *Salvador do Mundo*.

E uma pessoa põe-se a olhar o mundo e vê logo que o homem não tinha pernas para o salvar, que não salvou coisa nenhuma.

Intrujões!

Ninguem acredita!

Pelas 13 horas, de quinta feira *santa*, encontravam-se hermeticamente fechados o Telegrafo e a Caixa Economica.

A apostar que ninguem acredita! Como é em beneficio da *União Sagrada*, não ha como cantar:

O Senhor dos navegantes
Livrai-nos da situação
Quartel General em Abrantes...

A vida portuguesa cheira a capitulação que é um pavor.

Só por uma arrojada prosopopeia se pode chamar a tudo isto uma obra de transigencia. Qual transigencia?

Ninguem acredita!

5 Folhetim de A REVOLTA

OS BARBAROS

POR

Roque Martins

A gente arauta da tua
tua *Revolta*.

O autor

— Vamos lá, rapaz! — O João seguiu-o. Abriam-se as portas das lojas e tinham os ferrolhos destaipando as vitrines. As coberturas de ferro das ovelhas rolavam distantes, num fragor de matraca; e pelos portais entre-abertos, havia marcanços mal humorados de sono e frio, calçados de grossos sapatos de couro branco, as mãos enclavinadas mal segurando as vassouras com que varriam as soleiras.

O cocheiro estacou, rosnando, esbraceando, em frente da mercearia do sr. Vilaça. Estava ainda fechada e ele sem poder esperar. Mas que ficasse o João á espera que ele viria depois falar ao patrão. Não podia ali estar com o gado destaipado. Então o João pousou a saca no pial da porta e açapou-se nela. Olhou as casas altas, rasgadas de vidraças granisadas de neve, baças, riscadas, e começou a apertar-se-lhe o coração deante daquelle pesadelo de casaria brutal que o esmagava. Zumbia-lhe nos ouvidos o ferrolhar dos tapiaes. Depois, as frentes latejantes, numa abstracção, admirou as

Abusos

« Por circular do sr. Ministro do Interior foi ordenado que os administradores dos concelhos officiasssem aos parocos, permitindo a visita pascal ».

Liberals de Coimbra: a *Revolta* chama-vos ao cumprimento do vosso dever! Ou reagimos contra o assalto escandaloso que está minando pouco e pouco o precioso padrão da Liberdade de Consciencia, implantado á custa do sangue popular, ou este desgraçado governo, imposto por necessidades de momento, realisar, dentro em pouco, a obra mais completa de abdicacão. A *União Sagrada* é o veu duma derrocada e o cabresto que amordaça a opinião publica, ameaçada tambem por uma *censura previa* que pode, dum momento para o outro, ser transformada em instrumento de assalto. O sr. Ministro do Interior terá a absoluta certeza de que não ofenderá a consciencia de ninguém, permititi do tal fantochada?

O Senhor dos Navegantes
Livrai-nos da situação...

“Provincia”

Entrou no 5.º ano da sua publicação este brilhante bi-semanario, órgão do partido evolucionista local, facto por que muito o cumprimentamos, desejando-lhe uma longa vida e prosperidades.

A Lei de Separação

Passou no dia 20 o quinto aniversario da Lei de Separação. A *Revolta* solidarisa-se com todos os livres-pensadores para solenizar o aparecimento do maior diploma da Republica, que com tanta honestidade como decisão estirpou de Portugal esse incesto politico dum Estado catolico, dignificando simultaneamente a Igreja e o Estado.

Os catolicos gritam, excomungam essa Lei.

Convinha lhes o roubo e o crime. A religião cristã nunca foi mais pura que nos primeiros seculos da sua existencia, quando se conservava ainda na sua fase espontanea e popular. E nesse tempo, ou seja até ao seculo V, a religião era completamente independente do Estado, de modo algum um instrumento de dominio politico, uma gaza de cofres publicos, um ganha pão. Jesus, se existiu e pudesse existir, abençoaria o autor duma Lei, que, seguindo os exemplos do profeta expulsou do templo os vendilhões.

Dr. Artur Leitão

Esteve alguns dias nesta cidade este illustre parlamentar do partido democratico, realisando na passada sexta feira a sua annunciada conferencia, que, como era de esperar constituiu mais um successo da sua brilhante carreira politica, sendo muito victoriado pela assembleia que se fez representar em grande numero.

taboetas vidradas, de grandes letras esquisitas, ás cores, num colorido de vitral. Começou de sorrir áquela promiscuidade de tons lampejantes filtrando nas vidraças das taboetas e era para ele um aspecto novo, de magnificencias de ouro e luz que se lembrava já de ter visto quando lá lazeira ouvia os contos de fadas.

Dentro, raspavam ferrolhos destrancando e na meia abertura da porta rasgada ne escuro, assomou o senhor Vilaça remangado, umas chinelas de ourela nas chancas enfiadas em grossas meias de lã. Envergou os olhos, mediu o rapaz e sem bocejo, rouquejando, pareceu recordar-se: — Tu és de Manteigas? Já sei. Entra, vem cá. — Rasgou o envelope da carta que o João lhe entregou. Apertou os olhos no frontal e leu. Mandou-o pousar a saca e logo ali o começou ensinando como todas as manhãs, áquela hora, se abria a loja. Levou-o dentro ao vão das portas e vitrines. Ensinou-lhe a tirar as laminas que prendiam os grampos, depois ir fora, arrancar-os, tirar o varal e desengatar os tapiaes dos ganchos dos aros. Tudo por vezes, metodicamente. E no fim, o marcano sobraçando os tapiaes, curvado, a gemer, seguiu o patrão ao devão escuro duma escada onde á noite os iria buscar, fazendo o serviço desfeito... interminavelmente.

Sob uma tenda onde os últimos tições ardiam, Sarah, sentada na areia, olhava a tragedia daquela alegria lénea. Abafava-a um posadelo na sua serenidade mística.

A' garrócha

Descoberta

Um catolico danado criticando azedamente a *Lei de Separação* larga esta descoberta:

«os actos de culto ficam sujeitos a vexatoria fiscalisação; desrespeita-se a sacratissima vontade dos mortos.»

Pensavamos que a vontade era condão dos vivos! Esta não lembra aos diabos!

Já é finura!

Repete a Nação:

«a Hostia Santa, corpo alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo.»

E uma pessoa lembrar-se de que a hostia é uma rodela de farinha trigo levedada! Já é finura. «Ensinas-me isso?»

Toma, Zé!

Dos *Ecos do Minho*, diario catolico, referindo-se á anistia e ao sr. dr. Antonio José d'Almeida:

«Fica... protelando a crise porque de crises complexas é feito, e, entretanto, o homem que acaba de cair ao mar, fluctua como um cadaver, amarrado á defecção e a esteréis transigencias que nem partidariamente o beneficiam! Triste!»

Toma, Zé! E' p'ra péras.

Pacificação

Do Dia:

«Pelo decreto que ontem transcrevemos do *Diario do Governo* é autorizada a repatriacão dos padres Antonio Leite Maciel, Julio Barros, Domingos Pereira e Julio Candido Cesar, nossos valentes e dedicadissimos correligionarios etc. etc...»

Pela pinta dos santos varões anistiados, e pelos transportes de recontecimento do órgão monarchico, vê-se que tudo isto vai num simo para a pacificação. Triste abdicacão!

E' dos livros!

Diz a Nação referindo-se a Jesus:

«Nas suas palavras e nas suas accões existe aquella harmonia que não é dada num simples filho de Adão.»

Nós não queremos saber se os filhos se dividem em simples e compostos. Não estamos agora de pachorra para essas investigações antropologicas. O que nos faz certos macaquinhos na bola é o seguinte: ignoravamos que Adão pudesse ter um filho!... e estavamos em dizer que poderíamos ilucidar facilmente o sr. João Franco Monteiro dizendo-lhe que o homem era também filho da Eva!... Isto é que é dos livros, a não ser que o pai Adão, para ajudar a Eva a dar á luz tanta creatura, fingisse de mãe.

Os fogos no rio, espelhando na agua linguas ignivomas, faziam um aspecto feerico. Sob a noite envolvente, elastica, adamscada, o areal parecia illimitado num infinito de steppe deserta, rasa, onde uma caravana nomade despertasse os ecos com os seus bailados e rasgasse o escuro com fogos de sabbat.

Cortavam a noite os gritos saudosistas das canções e o berro alacroe duma alegria barbara.

Os choupos ramalhavam, mugiam, num rumor o sacrificio dalguma missa pagã entre os seus quincónios de floresta druidica.

Sobre um poste, alem, no areal, á beira d'agua, um balão flumbrado de vermelho cõa uma luz morticia, num rasto, polvilhando areia e a perder-se, esmaecida, á superficie d'agua onde lampejam laminas de prata as ondulações da corrente.

Pelas choupanas os homens esvasiavam o vinho das borrachas. Ia um orfeon sabbatino pelo areal alem, numa vozearia colorida de tons, onde todas as bocas sopravam o fogo da sua carne. Era uma gente embriagada, os homens de vinho e as mulheres de ritmo.

Os perfis nervosos das moças cirandavam ao ritmo das violas e pelo escuro, sob os salgueiros, escutava-se o estalar electrico de beijos, suspiros de amor, a prece duma rca orando á eternidade o desejo da vida. E pupilas negras esgazavam um brilho sibillino buscando na noite sombras de antepassados.

Roncava, as violas zangulizavam canções de amor e de sangue e não havia, no areal, gente nova que não esconjurasse em redopios de dança os ritmos anti-

E' de fugir

Numa localsinha muito á parte, a dar-se ares de contemplado e, ao mesmo tempo, de triunfo, diz a *Ordem* de dia 20:

“Feriados nas repartições”

«Nos ministerios ha tolerancia de ponto hoje e amanhã, sendo hoje das duas horas da tarde em diante.»

Seria certo? Então o Estado paga para que se pape a missa ou para que se trabalhe? Não percebemos patavina! Se a *Ordem* não mente é de uma pessoa fugir.

Perfeição de anjos

Da patusca Liberdade:

«Emquanto o monoteismo primitivo se altera, deforma e corrompe nas multiformes religiões pagas, estranho amalgama de nobres aspirações, de erros monstruosos e de aberrações sanguinarias...»

E uma pessoa lembrar-se de que houve Adrianos VI, Constantinos, Borgias, Torquemadas, Loyolas & C.º Sucessores!

E' uma perfeição de anjos, não é verdade? uma estabilidade celeste!

Que amor?

Da Liberdade:

A sua doutrina, misteriosa e fecunda é confiada ao magisterio infalivel da sociedade universal dos homens unidos entre si e com Deus pelo Amor.

Mas que amor? O amor da Madre Paula? da Lucrecia Borgia? do bispo de Beja? o amor que vitimou a infeliz Sarah de Matos? Digam: que amor?

Pela Misericordia

Para o exercicio de facultativo da Misericordia, foi nomeado ha dias o nosso particular amigo ex.º sr. Miguel Marcelino Ferreira de Moura abalisado medico nesta localidade.

Gralhas

No artigo de fundo inserto no passado numero é firmado pelo deputado Carvalho Araújo, nosso principal colaborador, sairam imensas gralhas, pelo que nos apressamos a rectificar as de maior importancia:

Onde se lê:

«As influencias palacianas desapareceram, «mas» o poder pessoal dum rei não existe etc.»

Deve ler-se:

«As influencias palacianas desapareceram, o poder pessoal dum rei não existe etc.»

Saiu tambem *aburda por absurda, alcapão por alcapão.*

Onde se lê:

«A nação inteira aplaudiu calorosamente um gesto tão cheio de nobre grandesa e «parte» de um tal exemplo...»

Deve ler-se:

«A nação inteira aplaudiu calorosamente um gesto tão cheio de nobre grandesa e «forte» de um tal exemplo...»

gos. Era um esforço de raça num rejuvenescimento barbaro.

Homens embriagados mordiam a areia, de boro. Só ás moças o cansaço lhes acendia mais os olhos, lhes picava mais a carne.

Sarah p'ra li estava como se fosse a sibila da caravana lendo nos signos a predestinação da sua tribo. Imovil, olhava os tigres ardentes e naquela desarmonia de can-can, naquele esconjuro sabbatino em que os corpos cirandavam, loucos, esmagando a areia, esbracejando, ela, numa inconsciencia, na vaga percepção dalgum principio archi-humano, encontrava a pouco e pouco a sua harmonia. Era uma caricia de prece do seu sangue antigo. Não se conhecia, não tinha a nitida percepção de si, porque nela havia agora mais vidas, havia o seu espirito perfeto formado da beleza da divina origem.

Tomava-a um principio creador que a abstraía que a envolvia num abandono como se o seu corpo atono fosse possuido pela sua forma perfeita, dispersa e dissolvente.

Os fogos esmaeciam com o cerrar nititante de pupilas cendradas e esgazavam brilhos rapidos, electricos, como o brilho dos pirilampas ao cerrar dos electros. Pelas correntes d'agua jactitavam nuances melados lividendo as cristas ondulantes. E no ambito sufocado de escuro, como uma crypta rochosa onde uma estirpe nomade perpetuasse a sua raça, as cacophonias subiam no som do grito primitivo, quebravam em intensidades varias, cidentes como gotas do sangue vivo, hesitantes, até que numa copula, num desejo de amorfismo, todos

Poeira da Vida

SAUDAÇÃO Á PRIMAVERA :

Depois dum longo interregno invernososo de dias chuvosos e tristes, borrifados de agua e vergastados de granizo por fortes aguaceiros de diluvio pimitivo, e batidos por desencontrados ventos silvantes de furacão em marcha, em que chuva, granizo e vento — trindade arripadora de tenebrosas e desalentadas evocações de desgraça — durante meses se acasalaram numa melopeia chorosa de inverno vendavaloso e temporal, appareceram de novo nas istancias risonhas do bom tempo os lindos dias de sol de translucido paisajista a victoriarem a alacridade doirada da nova época primaveril que agora estoira de alegria pelo azul-ferrete do ceu sem mancha de nuvem a empanar-lhe a sua limpidez.

Ressegue a primavera. A terra alegre-se o benéfico e fecundo calor do sol. Tudo tem um aspecto inteiramente novo, fresco, viril, remoçado de frescos tenros a verdejarem na sua cõr campeste, e colorido de flores vicosas a ganharem formas de escultura na singelêsa da sua modelação sem cuidados de artista. Pelo campo, no amanhado carinhoso das leiras e terras de semeado, vai toda uma enorme gritaria luxuriante de seivas que despertam para a vida intensa da creação no feliz animado da puberdade gestiva. As arvores erijiam mais os seus curvos troncos carcomidos e enrugados, cheios de masélas da sua vida de abandono fruste de descampado, agitam-se das folhas e flores que dos seus galhos seivosos aforam num remexer frenetico de vitalidade que dá cocegas de entusiasmo pelo seu animado rejuvenescimento a quem delas se abeira numa contemplação mística de alma em turibulos de santidade.

As suas copas largas de chapéu de chuva aldeão começam a penduricahar-se de toda a ramaria fulhosa em bravuras de fecundação, e tão prodigioso é o seu aspecto de mocidade irrequieta pelas alegrias da terra em que vingadoramente ficam as raizes, que ao oihá-las do recondito do intimo temos que reífrar os impetos de novilho sanguineo em leziria de abastança que em nós acorda num galgar de forças desentrevadas, para não cometer-mos o desaire irrisorio de por elas subir á procura da novidade dos ninhos que lá em cima pipilam numa voz terra de sair de cascas. Uma alegria doída de saturnal pagam enche de vicejanje frescura toda a face da terra. O seu humus lateja de vida, palpita de energias em procreação, desentra-se em ricas floras de toda a especie. Pan rejuvenesce ao contacto das novas forças que se espreguçam em acordares resolutos de vida, canbriolando o seu impudor de velho satiro pela espejoira cromatisada dos prados.

As flores abrem-se numa gracilidade de labios inquietos, avidos, sofrergos, esluantes de sangue e roburisados de prazer, no momento divino de se tocarem pelo beijo ambicionado. Erguem-se na nervura do seu caule com o entono de uma velha deusa na arrogancia da sua posição de corte.

os sons se fundiam num zunido unico, monordio como um badalar de tortura. Era a noite a fazer a harmonia da agua e do fogo, do grito barbaro e do espirito da Beleza.

Deviam viver no corpo de Sarah todos os desejos da sua raça decadente, ignorando-lhe o sangue, dando á sua otica a nitidez das alucinacões visuais, gossando-lhe a carne num arripio de dispersão. Os salgueiros aromatizavam a noite, banhavam-na desse perfume salvoso, agreste, o perfume da creação.

Turvadamente na sensualidade da sua videncia, olhava os fogarais lampejantes por entre as frestas da cabana e foi então que o caixeiro, quebrando o seu encantamento de sibila, tresmalhado da massa dos funambulos da noite esconjurando os ritmos, entrou, bebado, numa loucura de enternecimento místico onde ressaltava ainda a franca simplicidade panteista do pastor antigo, a adorar a Invulneravel.

Bebedo de vinho, de desejo e de ritmo, parecia um centauro que a Vida enviasse á iniciada, á virgem possuidora dos segredos volutuosos, da sensualidade consciente, para que o seu ventre gestasse o germen do mundo da sua Beleza. Tomou-lhe as mãos, immobilizou-a no hypnotismo do seu desejo e era Sarah, os olhos cravados nos dele, que dizia as palavras magicas do sacrificio.

Ele ouvia-a estasiado pelo ritmo da sua voz, insensível á beleza humana, á expressão de sangue nesse mesmo ritmo em que ella ofrecia a mulher illumada para com elle desencantar as formas do passado.

Continua.

SECÇÃO LITERÁRIA

A uma Mulher!...

(Do livro *Osiris* em preparação)

Nas cavernas de Eólo, os Ventos da Rajada,
Num bivaque seguido a uma correria,
Troçavam entre si, em vozes de revoadas,
As gratas impressões da belica razia!

— « Desflorei o botão da Rosa ensanguentada! »
Diz um Vento a silvar na cavernosa orgia;
— « E eu dei-te no chão, em lubrica chapada,
« As Driades da selva! » um outro lhe dizia!

— « Eu tive no meu pulso as cômas das Ramadas! »
— « E eu quebrei um Bosque, inteiro, a espadeirada! »
— « Pois eu... rolando a Vaga em arenosas praias... »

— « Pelintras! » — lhes diz um, que sopra duma fresta,
« Enquanto vós, sem Arte, utavais na floresta,
« Só eu gosei o Amor! — Ergui finbrias de saias!... »

CELESTINO DA CUNHA.

Levantam-se mais nas suas hastas de crescimento, num impulso bravo e campesino de desejo a fecundar a postumidade do ser.

O sol banquetea-se na quermesse enorme e rutilante da vida, brindando em apoteóticas alocações de luz a todas as divindades dionisíacas que pelo mitológico olimpo da primavera levantam seus jubilosos saúdares á nova idade da natura que agora desperta em toda a plenitude da sua moça alegria.

Aleluia! Aleluia! A pascoa entra de florir mais cedo do que marcam as terrenas mitologias.

Pela grande catedral do céu, a toda a imensidade sem fim do azul que a vista alcança té as nebulosidades esfumadas do ocaso, passam aves chilreando as suas ostiais bodas de ouro do primeiro dia do seu noivado com a natureza inteira. A terra-mater, ardente de desejos sadicos a animar-lhe as entranhas quentes de volúpia, irrompeu num soberbo festim de noiva luxuriosa em delírios de prazer, ritualizando alegrias e felicidades no deboche calcinante do sol em ardensias satíricas de festas pagãs.

E' a primavera que ressurge, colorindo e perfumando a face da terra, clareando e sorrindo a cupula do céu, chamando ao seu inspirador convívio todos os que cantá-la possam na espirital tela da sua alma afeita a todas as harmonias da natureza.

Sede bemvinda! Sede bemvinda! Oh magica pintora das olaías! Oh divina e enimitavel colorista das petalas floridas! Beijai a terra com a verdura seivosa da tua mocidade em botão para que todos nós possamos rejuvenescer ao calor do teu seio, cõmungar a hostia sagrada da tua pèrenal mocidade, palpitar da vida que anima as entranhas vultuosas da terra na força bemaventurada da procreação, estremecer da vigorosa radiosidade com que o sol vos cobre num amplexo forte, de macho sensual, no desvirado e alucinante momento em que vos fecunda as entranhas.

Sede bemvinda! Sede bemvinda! que a terra-mater vos espera para os sponsalícios da sua luxuriante fecundação a boquiabrir-se em desejos de vida forte pela alegria de crear.

JOÃO D'ASSUMPCÃO

Abastecimento de agua

Inutilisou-se, no principio desta semana, uma peça importante da maquina que abastece de agua a cidade de Coimbra. Por este motivo a distribuição de agua pela canalisação só poderá continuar a fazer-se daqui a alguns dias. Para remediar tamanha necessidade, foram utilizados no abastecimento da cidade, os carros militares de fornecimento de agua em campanha. Informam-nos de que se não tem feito sentir profundamente a escassez desse liquido, visto haver intestinos e epidermes que com ele rompem de ha muito as relações diplomaticas.

CRUZ VERMELHA

Da Sociedade da Cruz Vermelha, delegação de Coimbra, recebemos as seguintes communicações:

A Delegação da Cruz Vermelha conserva a sua bandeira a meia haste em sinal de sentimento por a morte do infeliz alistado Joaquim Morais, pertencente á Delegação local de Montemor-o-Velho, e soldado do 2.º grupo da companhia de saude, que foi gravemente ferido quando prestava os seus serviços, guarnecendo uma maca da Cruz Vermelha.

A corporação fez-se representar no funeral, oferecendo uma corõa em sinal de homenagem ao seu desditoso camarada.

Reuniu no passado domingo, 16, pelas 13 horas, na Avenida Sá da Bandeira a Assembleia Geral da Delegação Distrital da Sociedade da Cruz Vermelha.

Antes de entrar na ordem do dia foram apresentadas pelo sr. José Melo dos Santos as seguintes propostas:

Comandante da 5.ª Divisão Militar, o sr. Fernando Tamagnini de Abreu e Silva para presidente honorario; a ex.ª senhora D. Amélia de Figueiredo e o sr. Antonio Augusto Garcia, socios vitalícios.

A Direcção eleita para o trienio de 1916 a 1918 inclusivé, ficou assim constituída:

Presidente, Guilherme Teles de Menezes; secretarios, dr. José Cabral e José Pinto Idães Junior; tesoureiro, José Maria Mendes de Abreu; vogais, dr. Silvio Pellico Lopes Ferreira Neto, dr. Fausto Donato, Horacio Batista de Carvalho, dr. Custodio Peça e major Pedreira.

Conselho Fiscal: dr. Luis Rosete, presidente; vogais, dr. Francisco Pedro e dr. Carlos Balbino Dias; substitutos, Joaquim Lopes Gandarez, Joaquim Francisco dos Santos, Raul Augusto Simões de Campos, Adolfo Pinto de Sousa, Justiniano Fonseca, Francisco Maria da Fonseca, Francisco Maria dos Santos Galhardo, Antonio Mendes d'Abreu e Alberto Pais Mamede.

Constituiu-se uma grande comissão de senhoras e cavalheiros que se propõe organizar uma kermesse no Jardim Botânico nos primeiros dias de maio.

Consta-nos que o producto revertérá em favor da compra de material indispensavel a um posto de socorros que a Delegação da Cruz Vermelha vai montar numa das principais ruas da Baixa.

Os trabalhos da Comissão já vão

muito adiantados tendo recebido muitos donativos.

Iniciativas desta natureza devem ser auxiliadas por toda a gente, pois que representam muito altruismo e abnegação.

Conferencia patriótica

A convite da Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 10, realisa na proxima segunda-feira, 24 do corrente, pelas 20 horas e meia, uma conferencia patriótica na sala da Associação dos Artistas, o illustre official do exercito, professor do Colegio Militar, Sr. Augusto Casimiro.

Por Vila Real

Vila Real, 19.

Ontem, por meio de placards, e depois pelos jornais chegados no comboio das 14 horas, soube-se a emocionante noticia de que um pavoroso incendio lavrava no Arsenal de Marinha, faltando pormenores. Seria mais... uma fita ignal á do incendio do Deposito dos Fardamentos ou mais uma proeza dos vândalos de alem-Reno? Era a pergunta corrente de talassas e republicanos.

— Na proxima feira do S.º Antonio, em junho, realiza-se nesta cidade o Congresso Transmontano, havendo uma exposiçao arqueologica e de tudo o que ha de mais tipico e de interesse no distrito, havendo para isso comissões organizadas em todos os concelhos. Espera-se que o Congresso se revista duma grande imponencia.

— Esteve detido na Esquadra, tendo prestado fiança, um tal José Joaquim Bica, conhecido por o Vasouras, de Com-êdo, que foi regedor da freguezia de Adoufe, por lhe imputarem responsabilidades no assassinato dnm rapaz de Paredes (Francisco do Cimo do Logar). O assassino, de nome Victorino Martinho, que cometeu o crime junto ao logar de Gravelos, evadiu-se, tendo-lhe facilitado a fuga o tal Bico ou Vasouras. O falecido deixou profunda saudade por ser bom rapaz e por isso gosava de muitas simpatias.

— Tem-se sentido muito a falta de milho no distrito, tendo vindo de Baião, para os 5 concelhos do sul, uns 500 000 litros, pertencendo ao de Vila Real 30.000. No mercado de terça-feira o pouco que appareceu vendeu-se a 495 centavos os 20 litros. A autoridade competente está providenciando diligentemente.

— O jornalista O Povo do Norte, anda desmorteado e sempre arrotando calunias e vilanias. Parece atacado de raiva!

San Freitoso ou Santo Cabeço (que é o mesmo) nos defenda as tibias com os seus poderes anti-hidrofobos!

— O tempo continua esplendido, tendo a Primavera espalhado as suas graças por toda a parte: um céu diafano, os caminhos floridos, um sol intenso, acariciador, as brizas mais amenas e balsamicas... embora não haja fabricas a assinalar o Progresso, e a agricultura continue rutiñeira como nos seculos idos e o Povo espaiñeira, ao sol, encostado ás paredes e com as tripas a escutarém se os dentes mastigam.

— Deram entrada na cadeia civil seis individuos, da povoação de Ferreiros, envolvidos numa desordem com os de Borbela, em agosto do ano preterito, de que resultou a morte duma mulher, andanço ainda dois a monte e um ausente no Brazil.

J. C.

Um combate nas ruas de Coimbra

De que resulta a morte dum homem e muitos ferimentos

Na noite de domingo passado ocorreram nesta cidade acontecimentos de muita gravidade, cujas consequências poderiam tomar proporções de veras lamentaveis, visto a desordem ferir-se entre a policia e os militares.

A questão teve a sua origem na

prisão de dois militares, ao Terreiro da Erva, prisão efectuada por policia, que não estão na boa graça de ninguém e muito menos na dos militares que por eles nutrem uma animosidade tradicional. Nós não duvidamos de que a policia se excedesse nos seus processos de cortesia.

Temos assistido a algumas prisões que nos teem revelado a mais provocadora insolencia e brutalidade.

A tradicional brutalidade da policia acrescida do timbre da basofia de parte a parte, originaram a triste scena que se desenrolou no domingo.

Soldados e populares foram junto da 2.ª esquadra em grande manifestação de protesto contra a policia.

A policia respondeu á pranchada. Ha uma detonação em qualquer dos lados. A policia faz uso dos revólveres, começando a disparar um fogo vivo em direcção á Praça « 8 de Maio ». A multidão respondeu á pedrada. A guarda da cadeia de Santa Cruz, formada na rua Olimpio Nicolau Rui Fernandes, fez descargas de pontarias baixas sobre a policia.

A multidão foge em todas as direcções tomada de pânico. O tiroteio é violento. A guarda republicana não poudé intervir, o que é lamentavel, pois estava para fora da cidade. O 1.º sargento José Martins, da Guarda Republicana, com risco da propria vida, intimou a guarda da cadeia a cessar o fogo, facto que evitou muitas victimas.

Compareceu a Cruz Vermelha. Ha muitos feridos de pouca importancia. Faleceu o soldado n.º 180 da Companhia de Saude, Joaquim Morais, natural de Montemor-o-Velho.

Os edificios da Esquadra e Correio apresentam muitos sinais de projecteis. O comandante da Guarda Republicana assumiu a chefia da policia, sendo as guardas e a policia substituidas por forças da Guarda Republicana, e por outras forças que chegaram de Lisboa e Porto.

ANUNCIOS

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de productos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentírico. Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras. Instrumentos cirurgicos, etc.

IMPORTADORA TELEPHONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensaveis ao uso domestico.

Rua Ferreira Borges, 52 COIMBRA

Relojoaria Comercial

DE Adolfo Pinto de Sousa Praça do Comercio, 60 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE Tabacaria — Papelaria — Loterias — Perfumarias CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais — Ilustrações Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas colleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minerio-Medicinaes Aguas ao copo

Depósito da Cevada do Cairo Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17 Telefone n.º 559

Encadernador

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço.

Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade; em LISBOA, Tabacaria Monaco; no PORTO, Tabacaria Rodrigues (Passeio das Cardosas.)

Muraline

Tintas inglesas a água. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo teem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a água. Appropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as obras, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITARIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 — Rua Ferreira Borges — 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros
Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.
EXECUÇÃO RAPIDA

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149
Coimbra

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do paiz

Perfumarias nacionais e estrangeiras

ESCRUPULOSO ACEIO

Desinfeção rigorosa de todos os utensílios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinaria comodidade

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no paiz como no estrangeiro não pôde encontrar-se uma casa congénere, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, aceio e conforto. * * * * *

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA.

Pianos Gaveau * * *
Bicicletas B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Instrumentos musicos, e seus accessorios, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

— Economia — Garantia —
— Seriedade —

Correspondente da Companhia de Seguros
Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? * * *

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 * Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECEMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
GUARDA — Rua Alves Roçadas
COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19
CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
SOURE — Rua do Relógio
LOUZÃ — Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * *

* Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luyas, gravatas, piugas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... \$85
Estrangeiro..... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso..... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

A LUZITANA

JORQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria.
Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
Responsabilidade efectiva
pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUZITANA

As mais completas officinas de marceneiro, polidor, entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro

MAGNÍFICO SORTIDO

de moveis de ferro e madeira, estofos colchoaria, oleados, tapetes, brise-bises, jutas, panos de mesa, etc.

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

Ano 4.º

DIRECTOR — Zacharias da Fonseca Guerreiro
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 29 de Abril de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
EDITOR E ADMINISTRADOR — SILVA RAPOSO

N.º 75

O CLERICALISMO

— O clericalismo: eis o inimigo! — bradava ha quarenta anos esse soberbo espirito de patriota e democrata que foi Leon Gambeta. Sim! Como então, como hoje, o monstro não cessa de perseguir a Consciencia Humana. Ha mil e tantos anos que formou o primeiro salto apoiando as patas vermelhas no trono dourado de Constantino, — extrema culminancia a que pode erguer-se á custa das primeiras hipocrisias, em que depois se mostrou mestre supremo, mas que é tambem a verdadeira rocha Tarpeia para o começo da sua pavorosa queda, moral — e até hoje nunca a sua dextra descarnada deixou de agitar a torpe gargalheira de ferro do *crê ou morres!* num momento inspirado por intimos sanguinarismos tigrinos.

Emquanto viveu no puro idealismo do ceu, pairando muito acima dos interesses terrenos levado na nuvem de oiro e rosa da perfeição cristã, integralmente realisaada nos primeiros seculos por um comunismo modelar e abençoado, ele consubstanciava a esperança sagrada que era o refugio dos alanceados e o escudo impene-travel dos que se defendiam das misérias da vida, vislumbrando, para lá dos duros positivismos da terra, a doce abstracção mística da Serenidade radiosa e absoluta. Mas o oiro e a carne foram mais fortes do que a tradição do Mestre... O ceu jase-se tornando, afinal, uma concessão demasiado vaga, e os prazeres do mundo primavam por uma realidade capituosa que punha chamas no sangue e fazia esquecer das agruras do existente, levando o pensamento esbrazeado em feridas espirais de sonho...

Se a vida humana era o espelho do inferno, certo era tambem que nela incidia fortemente o reflexo das seduções empiricas. E de tanto se impregnar dos primeiros gosos, o clero reconheceu breve que isto cá por baixo não era tanto para desprezar como lhe diziam os velhos textos. E levando á conta das inevitaveis fragilidades humanas a primeira dentada no fruto proibido, achou o caso interessante e jamais deixou de morder o pomo que se lhe oferecia bizzarro, opulento, inextinguível de novos encantos... Muitos resistiram; a mór parte, porem, continuou saboreando o manjar esquisito e confiando, quando ás horas negras e mortas a consciencia se iluminava com o seu olho febril e desmesuradamente aberto, na piedade de Deus... que é infinita!

Desenrolou-se então esse pandemio misto de grotesco e horrivel, á frente do qual os proprios papas se lançaram, ululando todos como num sabath dantesco e em massa cerrada á procura do supremo poder por sobre a terra, que lhes desse a integral satisfação dos seus desejos violentados pelo acordar brusco da nova Besta Apocalitica. E tiveram esse poder supremo, tiveram esses gosos, formando por toda essa longa e tenebrosa Idade Media e ainda nos primeiros tempos modernos a scena barbara, negro-vermelha, que só o genio de Doré poderia reproduzir

com sugestiva arte, — que comporta, entre mil episodios de lama, um Adriano ascoroso, um Leão afogando-se em oiro vilissimo, um Torquemada prototipo da ferocidade, um Loiola creador da maior infamia!

Rapsodia do Sol Nado

Afonso Duarte

Acabámos de folhear o ultimo livro do brilhante poeta Afonso Duarte, a **Rapsodia do Sol Nado**. Lemos, de fingida, alguns magnificos versos que nos impressionaram belamente. Estamos em frente dum artista de felego e dum mestre de reputação consagrada. Temos o jornal a sair. Vamos ler; isto é: vamos saborear.

Do que sentirmos, falaremos detalhadamente em nosso proximo numero.

Vendidos!

Enquanto mãos criminosas cortavam as amarras dum navio alemão surto no Tejo, e enquanto outras lançavam o fogo á Escola Naval, na mira de reduzir a um montão de cinzas o Arsenal de Marinha, outras mãos, egualmente criminosas, se não as mesmas, ou obedecendo a um plano previamente estudado, espalhavam manifestos pelos quartéis, exortando os soldados a desertar e colavam nas paredes cartazes com estes dizeres simplesmente infames: — Abaixo a guerra!

Dentro de Portugal alguém manejava um punhal para cravar no coração da Patria.

Não ha duvida de que a alma de todos estes atentados são os alemães que a nossa benevolencia deixou passear por todo o Portugal. Mas devemos-nos convencer de que esses alemães não manobram isoladamente.

Taem cúmplices, taem agentes; e esses cúmplices e essas agentes são portugueses degenerados, judas traidores, que pelo dinheiro vendem tudo, desde a consciencia á honra, desde a honra ao patriotismo. Estou convencido desta dolorosissima verdade.

Ainda ha dias um português daqueles portugueses que durante mais dum ano ou dois acamparam em terras de Espanha e na mesma Espanha se armaram e prepararam para invadir Portugal, se prestou ao papel miserando de coadjuvar a fuga dum alemão que estava na idade militar, um inimigo da Patria que amanhã iria empunhar uma espingarda para nos combater, para nos matar! Quando do incendio na Escola Naval, cujas culpas toda a gente imputou aos nossos inimigos, o *Dia*, o orgão do maior patife de Portugal, trazia uma local em gróssor normando, onde afirmava que o incendio tinha sido casual, devido a uma fusão de fios electricos! Com que fim, com que proposito se dizia semelhante monstruosidade? Porque é que se consente que passem nas nossas fronteiras milhares e milhares de jornais nossos inimigos como é o jornal espanhol o *A. B. C.*, lançando constantemente a sua baba germanófila, e constantemente a caluniar Portugal e a enxovalhar a Republica?

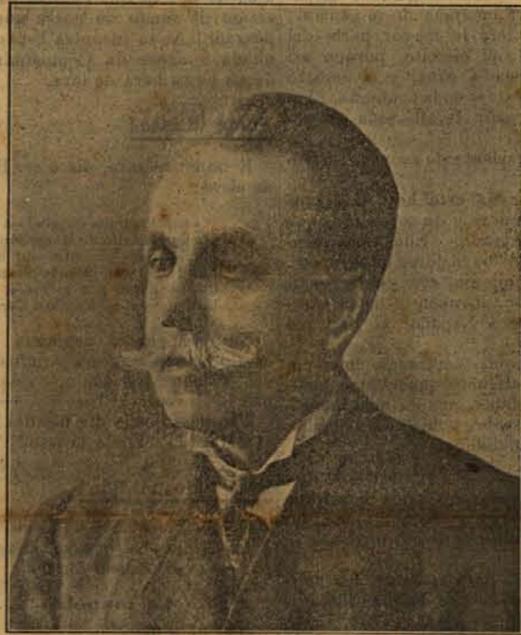
Porque tudo isto? Porque é que esses miseraveis se sentem com forças de praticar semelhantes crimes?

Dr. Magalhães Lima

Acaba de ser revelado, pela quarta vez, grão-mestre da maçonaria portuguesa, o venerando democrata Dr. Magalhães Lima, a quem A Revolta presta hoje a mais profunda e sentida homenagem. Magalhães Lima, o espirito mais scintilante e mais extraordinario

duma intelligencia e dum caracter.

Os grandes homens são como os perfumes: derramam-se e delicias; e aparecem de seculo a seculo, porque só o que é raro é bom. Em Magalhães Lima não ha somente o politico, o sabio, o artista, o re-



do ultimo meio seculo de vida portuguesa, está incumbido, tambem, duma digressão pelo estrangeiro, em missão especial da maçonaria.

Estes dois factos dizem tudo, quer pelo que signifiquem em si, quer por que nos recordem a vida inteira do profeta.

E' daqueles eleitos de quem pode dizer-se: a sua vida é a sua obra. E é uma obra monumental, uma síntese de tudo o que é grande, abrangendo todos os aspectos da vida, resumindo todas as aspirações, abraçando a humanidade inteira, obra dum coração,

Porque em Portugal, certa gente não se compenstra de que estamos em guerra com a Alemanha, que impoente para nós cravar as suas garras venenosas, procura, por todas as fórmulas e por todos os meios apunhalhar-nos pelas costas! Estes crimes dão-se e repstem-se, porque em Portugal ainda se não uzou da severidade que tais atentados requerem! O tal português que tentou dar fuga ao alemão foi chamado ao Governo Civil e depois... de prestar as declarações do estilo policial, foi mandado em paz! O alemão deu a palavra d'onra (!!!) que se apresentaria no dia seguinte e foi posto em liberdade! Isto só em Portugal, n'esta terra de trovadores e sentimentalistas é que se podia dar! Ha dias vi um mapa humoristico da guerra, onde Portugal estava representado por um fadista de chapen de abas largas e calças á boca de sino, dedilhando muito socegradamente a sua inseparavel guitarra. Autentico e espirituoso!... E assim vai correndo tudo na melhor das harmo-

nias, enquanto o nosso inimigo manobra na sombra para nos estrangular! E' necessario que termine esta benevolencia que, a continuar, se torna num crime.

E' necessario que se tapem os canos de esgoto de certa imprensa que guiada simplesmente pelo seu odio, pela sua ambição, está fazendo uma campanha anti-patriotica. E' preciso usar de toda a violencia, de todo o rigór, da maxima severidade para com alguns portugueses degenerados que por aí vejetam, e que são mais repugnantes, mais perigosos do que os proprios alemães. A esses traidores, a esses vendidos, é necessario dizer-lhes como morreu Miguel de Vasconcelos. E' preciso dizer-lhes que se entre os portugueses traidores houve algumas vezes, todos eles morreram como cães!

E' preciso, tambem, que o governo evite essas campanhas, esses manejos e esses atentados, que constantemente perturbam a nossa segurança.

E' preciso que o governo em vez

de se preocupar com amnistias e com perdões a quem nada merece trate de decretar a pena de morte para os cobardes e traidores. Porque os ha infelizmente. Porque existem, desgraçadamente. E para que o pus da sua alma não possa contaminar as almas dos patriotas, é necessario cortar o mal pela raiz. Todo o rigór das leis existentes é pouco para castigar esses criminosos de lesa-Patria.

A Patria precisa de se defender! Portugal é só para portugueses; e essa escumalha que por aí rasteja ignobilmente, servindo os nossos inimigos, precisa de desaparecer. Urge debelar o mal o mais rapidamente possivel! E' preciso exterminar para sempre essa malta de portugueses degenerados que venderam a honra, que venderam a consciencia, que cambiaram miseravelmente o seu patriotismo por meia dúzia de marcos alemães.

ERNESTO D'ALMEIDA

NOTAS LIGEIRAS

O coração bate! Ha clarins a gritar cânticos de guerra, bandeiras desfraldadas por multidões, prantos de saudade, estímulos de coragem e de fé, um povo inteiro que se abraça e beija.

O coração bate! Um estremecimento vigoroso sacode o amago da Patria. O velho leão do mar dormitava ha um seculo; o incendio lavrava em torno, fechando o paucó e pouco num circulo de ameaça e morte. Despertou enfim; e, cheio de serenidade, confiado no seu futuro, ele cresce para o perigo como nas idades heroicas da sua raça, sonhando triunfos como um cavaleiro andante e aventuras longinquas como um navegante do mar das trevas.

O coração bate! Todos os portugueses avançam de mãos dadas para o sacrificio. Esta guerra é como um parto: é dor e alegria. Portugal sofre porque é extremamente pobre e porque uma guerra é sempre dolorosa; mas, a compensar esse duplo sofrimento, terá como recompensa a satisfação do dever cumprido, e o inegalavel regozijo da Republica consolidada e da independencia assegurada por longo tempo, comprovados os seus titulos de gloria e fama perante o mundo que por si continuará nutrido o respeito devido a quem saba conduzir-se com desassombro e dignidade, honrando a descendencia e dignificando a palavra. A recompensa vale bem o sacrificio. Conservar é uma grande conquista.

DINO.

ROQUE MARTINS

No cumprimento do seu dever, dever sagrado que se chama a defesa da Patria, abalou de Coimbra, este dedicado e primoroso literato, que, nas colunas da *Revolta*, tem dado provas exuberantes do seu talento. Em Roque Martins tinha a *Revolta* um colaborador de peso e um amigo dedicado. Sabiamos-lo.

E' com profunda dômoção que o estreitamos no nosso abraço de saudade: — até á volta, amigo! e que o teu coração de artista regresso coberto de gloria e cheio de emoção, para nos descreveres, no teu estilo de prata, os feitos da raça que assombrou o mundo, e a quem agora compete a revalidação dos seus titulos de valentia, para a consolidação da Republica e para a redenção da Patria.

Roque Martins enviará para a *Revolta* as suas impressões de viagem e do campo de batalha.

Da raia beirôa

Camaradas:

« Que sim, que poderíeis contar com as minhas impressões para a Revolta » — dizia-vos eu, há dias, por horas mortas da madrugada, na gare de Coimbra, onde um requinte de gentileza vos levou para um comovido adeus. Era um compromisso solene.

Da minha aldeia vos escrevo, desta tebaida ignorada em que tantas vezes vos tenho falado e onde eu gosto sempre de isolar-me, na ventura ou na desgraça. Seduz-me a vida do campo com a sua pureza e simplicidade primitiva. Gosto de aspirar, em longos haustos, a aragem tónica das serras, meditar à vontade em calmos retiros onde ninguém me importune e passar horas esquecidas a remirar-me nos cristais purísimos das águas ru-morejantes.

O próprio espirito do homem se avigora na solidão, segundo eu oreio, vivendo mais de si. Há na vida urbana um extraordinário poder enervante, esse parazarismo peculiar dos grandes centros onde os outros fazem parte integrante do nosso viver. Não é a cidade, por via de regra, ambiente propício ao germinar de espiritos robustos, como o do poeta que, na pujança da idade, escrevia envaidecido:

« Je suis rustique et fier et j'ai l'âme grossière ».

Eis porque eu adoro a pez selvagem da minha aldeia transcendana, eternamente virgem do progresso, que religiosamente se mantém a distância, para que nem ao de leve os roncões dos automóveis, o silvar das locomotivas ou os tonitroantes pregões dos cateleiros venham perturbar-lhe a tranquilidade angusta.

Em face disto, podeis já surpreender o assunto das crónicas que porventura haja de enviar-vos.

Falar-vos hei da gente simples, na sua própria e expressiva linguagem, do oiro das suas tradições e usanças, daquele como que superior instinto que leva muitas almas rudes à penetração dos mais altos problemas.

Deixemos, porém, a digressão...

No próprio dia em que regressava de Coimbra, ao descer o estribo da carruagem, na estação da Freinada, vi-me cumprimentado por um velhote a quem eu, pensando num frequente equívoco de pessoas, friamente estendi a mão.

Dando conta da minha hesitação, o homem pergunta, familiarmente: — «...?; Puz não me coneces yá?...»

Estas curtas palavras castelhanas, traduzindo um tratamento confiante, aviventaram, na minha memória, uma vaga reminiscência:

— Sim, conheço... ¿Vossemecé é de Nausfrias?...»

— « Si, hombre, soy el tío Tomás... Era muy amigo de tu abuelito (que Dios perdona!), iba mucho por su casa... Entonces, eras tu un zagalito, muy pequeño

y muy listo. ¡No admira... no admira!...»

— Pois folgo muito em vê-lo tío Tomás Calderon. ¿ como está valente ainda, forte, corado, nenhuma cãs!... Apósto que já se abeira dos sessenta anos? »

— « Ca, hombre! un poco más viejecillo: setenta e uno... »

— Eia, tío Tomás! pois com um arco-boço assim, nessa idade, é de a gente fazer votos por que, pelo menos, venha a chegar aos três trintários... »

— « Mil gracias, joven; pero eso poco me importa. Viniera ahora mismo la muerte e yó la abrazaria tranquilamente: he vivido muchísimo, he conocido mucha gente y corrido mucho mundo. Aprovechadvos vosotros, que todavia estais mozos... »

— Sim, sim... tem razão. Mas agora vai dizer-me uma coisa: que se pensa em Espanha, ou melhor em Nausfrias, a respeito da guerra? a Espanha sempre entrará? »

— « No! A España no hay que tocarle, porque allí viene a parar too Cristo: curas, frayles, jesuitas, monarquistas, alemanes... todo el género de criminales. España es un refugio de too Cristo... »

— E por isso... »

— « Si: esos tios tienen muchos millones y están pagando a Alemania por sustentar la guerra. España seguirá manteniendo-se neutral; así lo quiere la mayor parte del pueblo y del ejército, porque así les conviene á ellos; y si nuestro país ingresara en la contienda, tendría que salir de allí toda esa canalla... »

— Plenamente de acôrdo, tío Tomás.

— « España está hoy en manos de los jesuitas y de todos esos que te he nombrado. Ellos tienen mucho dinero, los mejores buques, etc. Allí se acojieron, como en un refugio, y por tal razón te decia parecerme que á España, no hay que tocarle! »

E eis aqui, camaradas, como um velho analfabeto, em quatro palavras cândidas, nos dá uma magnífica lição sobre a historia espanhola da actualidade.

Queria falar-vos ainda da attitude do sacristão dos Forcalhos, em face do conflito europeu, mas esta já vai longa.

Apenas, para rematar, um naco da conversa, que ha dias lhe surpreendi com o pároco:

— « A modos que a guerra inda não quer acabar; andam por í os cristãos assustados... Era escanjurá-la, sr. vigairo! como no tempo do sr. cura João Barrocos fizeram á lagarta. Mal nasciam os renovos, era logo aquela praga em riba deles: mas depois que o sr. cura a escanjurou, com anga benta, foi como a graça de Deus. Ao cabo de poucos dias, inté já dava gloria passear-se um homem pela folha e vér a graça divina em todas as ervas. Também a guerra — insistia o sacristão — eu acho que era mistér escanjurá-la assim... »

Saudades do vosso

CARLOS MARTINZ

6 Folhetim de A REVOLTA

OS BARBAROS

POR

Roque Martins

A gente aranta da Justina Revolta.

O autor

No silencio da leziria, margeando o rio, murmuravam os sons barbaros do areal. Espalhavam-se, perdiam-se num sussurro tragico, numa nuvem murmurante. A beira d'agua os alcruzados duma nora mergulhavam, circundando, entornando nas calciras a agua que corria ovie-las fora, numa frescura seivosa, acordando o aroma sensual da terra. Num ritmo cançado, genuflectindo as patas no terreno arenoso da arribana, o boi puxava numa necessidade de movimento, de esforço, estimulado pelo gemer da almanjarra e pelo guizalhar das soalhas dos pandeiros nos bailados do rio.

Pela abertura da cabana ajevada de salgueiros, Sarah via a tela teorica da agua de brilhos argenteos, foscos, como uma superficie de llama fluida, onde se erguiam em sombra as imagens dos choupas, de grimpas mergulhadas e immoveis.

A noite impregnada de morte, como um cemiterio em festa ardendo na combustão dos corpos apodrecidos, entorpecía-a,

dando aos seus movimentos a rigidez da pedra e a virilidade da dor. O seu corpo tombado na areia, flexível, cingido ao luto do seu vestido, tinha vagas scintillações do fogo agora adormecido na lenha fumegante. Cingiu o arco-boço duro do seu amante, olhou-o misteriosamente nas pupilas alucinadas; pareceu trazer-lhe ao rosto toda a sua alma simples de mortal, escura, amorfa, gelada como uma cratera extinta onde o seu desejo julgava irromper o fogo da vida. Todo o seu desejo de posse gelou numa angustia subita. Cerrou as palpebras, empolgou o busto como que envolvida num sonho doloroso. Parecia morta ou immobilizada numa dor. Foi então que as mãos profanas do caixeiro lhe apertaram os seios turpidos e dobrando-a pelos hombros, cobriu-lhe os olhos com um beijo profundo de volupia, amargo, monstruoso. Sarah esgaseou as pupilas turvadas num terror. A sua inercia vibrou, sacudindo-lhe o corpo numa amargura funda. Sentiu nos olhos turvos o beijo imundo, cioso daqueles labios animalescos e todo o fogo do seu corpo lhe subiu á bóca severa, rigida, numa golfada ignea de nojo, acre de sangue.

Nas suas pupilas agudadas adamasavam-se o negrume da noite e o fulgir da chama. A noite sem um sopro, um arpejo, filtrava sons mortuos pelo ar irrisado de fogo e de reflexos d'agua, numa harmonia musical, num ritmo tecendo a forma dalguma ideia fluida, grandiosa, perfeita.

Os alcruzados da nora babavam gotas d'agua, trementes, sonoras como cristais, como lagrimas gemendo os ritmos da almanjarra e dos eixos da roda. Caiam

desfeitas, boquiabrindo em encicillas a dilatarem-se, a morrerem num abraço á agua sinfonica. Todas as gotas caídas espalhavam pelas encicillas o seu ritmo e a fita d'agua adormecida, picada de som, era um extenso hino misterioso encantando a noite.

Sarah escutava os sons numa agudissima lucidez acustica, como se naquella melodia liquida visse as formas perfeitas do seu desejo, a gnoma visível do seu principio archi-humano.

A' garrócha

A rolinha

Da circular do sr. Bispo d'Angra destacamos este elevado conceito sociologico:

« Quebrando este laço que prende a terra ao céu, as sociedades dissolvem-se ».

Isto é profundo, profundissimo! O laço da circular do Bispo é aquele da

Rolinha andou andou
Caiu no laço logo lá ficou.

Poderemos tomar estes pontos a serio?

Fia-te na virgem!

Dirigindo-se ao clero diz o sr. Bispo d'Angra:

« Baseando-se nas belas disposições religiosas dos fiéis e que mais se avivam em horas de incerteza, incuta-lhes a maior confiança na Providencia, que não nos desampará ».

Sim! Fia-te na virgem e não corras, pobre Zé! e saberás o trambulhão que levas. Chamamos a atenção dos nossos leitores para o artigo de fundo do nosso numero passado. Ai se encontra bem desenhada a acção da Companhia de Jesus nesta hora de luta.

Finde lá isso!

E no entretanto, diz o sr. Bispo ao clero:

« continuamos dirigindo a Deus por intermedio de Maria Santissima as mais ardentes supplicas a fim de por sua infinita misericordia se digno por termo á cruel luta que vai assolando a Europa ».

Não ha duvida nenhuma! por este processo a guerra termina breve. Também é o que nos vale. Se não fosse isso...

Pão nosso cada dia nos dai hoje, avé-Maria... Finde lá isso!

Está tudo perdido!

O correspondente do Porto para a *Revolta* abre as suas considerações por esta confidencia terrível:

« Não ha maneira!... »

Não ha o quê? Está tudo perdido se não ha daquilo!

O que não é exacto

Lemos no editorial de *A Provincia* inserto no n.º 415 de domingo passado que:

« Só a delegação da Figueira da Foz procurou ligação official com o serviço de saúde divisionario, vindo cumprimentar o chefe desse serviço e oferecer-lhe a sua cooperação ».

Só não é, decerto, o livro de imortal poeta Antonio Nobre, nem tão pouco a primeira sílaba da palavra *sóco*... Só é uma exclusão.

desfeitas, boquiabrindo em encicillas a dilatarem-se, a morrerem num abraço á agua sinfonica. Todas as gotas caídas espalhavam pelas encicillas o seu ritmo e a fita d'agua adormecida, picada de som, era um extenso hino misterioso encantando a noite.

Sarah escutava os sons numa agudissima lucidez acustica, como se naquella melodia liquida visse as formas perfeitas do seu desejo, a gnoma visível do seu principio archi-humano.

Nos tições, ao canto da cabana, a chama quasi a extinguir-se, mordeu mais viva, ignisou a cinza, estalou numa mordedura a lenha fumegante, resinosa, e abriu em leque, subiu em espiral, esfarpou-se, silvou, escondeu-se num abraço cingindo a lenha e tornou a subir, rubra, faulhante, num ritmo louco, destruidor.

O caixeiro saiu, sentindo na sua carne selvagem o travo dum pesadelo, dum pecado. Então, num silencio, macerada de ritmo, os olhos cerrados, sentindo pela diafanidade das palpebras de marmore o desmaio da chama, numa aurora triste, as mãos em concha, pândas de Vida, sensuais, como que segurando a forma da sua ideia, assentes sobre as frentes, como se quizesse fechar no cerebro essa forma fluida, Sarah entregou o seu corpo virgem á forma ideal da sua evocação mística. Foi como que uma posse cosmica em que as coisas perfeitas recebessem pelo seu sangue o selo da eternidade, a virtude da Beleza inacessível ao tempo.

Ora não é exacto; e não é exacto porque a delegação da Cruz Vermelha em Coimbra, sciente e consciente da sua missão, e zelosa do seu patriotismo, apresentou-se no dia 26 do mês passado ao Ex.º Sr. General da 5.ª Divisão e ao Ex.º Comandante do 2.º grupo das Companhias de Saude, pondo os seus serviços á disposição de Suas Ex.ªs. Esta é que é a verdade que esperamos ver restabelecida no proximo numero de *A Provincia*.

Armas do Cristão

E' na *Ordem* que sai este terrível anuncio: Armas do Cristão!... Fomos por todos os especialistas de espingardas em Coimbra perguntar que genero d'armas religiosas conheciam. Só ha umas: as de S. Francisco. Arreda!

FOLHETIM DE "A REVOLTA,"

A SAMARITANA

POR Roque Martins

A saír no proximo numero

Conferencia patriótica

Como annunciámos em nosso passado numero realison-se pelas 20 e meia horas de segunda feira a conferencia patriótica na Associação dos Artistas, usando da palavra o illustre official do Exercito e distincto professor da Escola de Guerra, sr. Augusto Casimiro. A conferencia foi presidida pelo Sr. Dr. Eduardo Vieira, servindo de secretarios os srs. major Brito e padre Paulo Alves. O conferente produziu um esplendido discurso, caloroso de patriotismo e verdade, sendo vivamente aplaudido pela assembleia que era numerosa. A patriótica iniciativa da Sociedade de Instrução Militar Preparatoria n.º 10 foi coroada do melhor exito e é digna de todo o applauso.

Alberto Miguel Alves

Inicia hoje a sua colaboração na *Revolta* este nosso estimado amigo de Vila Rial de Traz-os-Montes, intemerato combatente da Republica.

Agradeço muito a sua amavel visita, *A Revolta* apresenta-lhe muitos cumprimentos, sentindo-se regojada por ver nas suas colunas o combatente entusiasta do estinto e formidável *Noticias de Vila Rial*, que tombou de pé, na defeza acerrima dos principios, intransigente com todas as conveniencias e arranjos de principio de vida. Os principios republicanos defendem-se sempre, sempre! mesmo quando certos parvenus, velhos monarchicos e videlirinhos, despejem sobre nós os seus potes de coices. A ideia é inscvel!

Não é este o melhor meio de triunfar no campo dos factos, concordamos. As consciencias inflexiveis, a honra e o caracter nunca enriqueceram ninguém. E', porém, preciso, distinguir, na vida, o ideal do intestino.

Firme! sempre firme! que as cicatrises dignificam, e não é sem golpes que se facem as almas e definem personalidades.

Portuguesa e mãe

Meu querido filho!

Tu sabes bem o quanto eu te amo! Sabes que és o meu unico enlêyo e que só por ti vivo. Vais partir!... Vais partir para essas terras longinhas onde a morte, a negra morte campeia infrene e atemoradora. Oh! meu filho, meu adorado filho: que a sorte te proteja e breve te volva aos braços de tua velha mãe! Vais partir! Parece que se me esgotaram as lagrimas de tanto chorar. Resta-me uma dôr sêca, uma dôr infinda que encontrou dentro da alma a sua irmã gemea — A Resignação!...

Vou-te contar uma cousa mas guarda muito segredo. Ao fim, não

julgues que a tua mãe se não importa de ti, meu bom filho. Acredita antes que cada vez te quer mais. Ontem, teu tio veio cá, seriam dez e meia da noite.

Estava uma noite linda!

Encontrava-se na nossa velha varanda que deita para o ribeiro, onde a lua branca se espelhava em reflexos de prata... As contos do rosario corriam-me pelas mãos, erguendo eu préces a Deus para que te proteja e te tenha na sua santa guarda... Vinha muito contente e satisfeito e eu julguei que me vinha trazer alguma boa nova. Perguntolhe o que o levou a visitar-me àquella hora.

— Uma boa noticia para lhe dar!... O Manuel escreveu?

— Recobi ha pouco carta dele e diz-me que está dia-a-dia á espera da ordem da partida!...

— Pois bem! Ele não partirá!...

— O que?... então o meu rico Mannel já não vai?!... Oh! que grande felicidade! Mas, diga-me: então já não vai ninguém para a guerra?...

— Não sei, se vai ou se não. O que eu sei é que o Manuel não irá. Quem as arma que as desarme. Ele não tem culpa que em Portugal haja tratantes que queiram mandar esses desgraçados para esse terrível matadouro onde ninguém escapa. Que nos importa a nós a Inglaterra, a França ou a Belgica!... que nos incomoda que a Alemanha vença ou não? Escreva já ao Manuel e diga-lhe que venha cá imediatamente. O resto fica por minha conta.

— Mas ele não pode sair um momento só do quartel, disse-lhe eu.

— Qual não pode, nem qual carapuça!... que fuja, que eu respondo por tudo.

— Que fuja? interroguei eu, muito espantada.

— Sim: que fuja, que eu me encarrego de o levar para Hespanha, onde estará bem a salvo. Vá: ande: escreva-lhe já e o seu Manuel não irá para a guerra.

Foi esta a alegria que ele me trouxe!...

Tu sabes o que lhe respondi, eu, que quando me lembrava que tinhas de partir me desfazia em lagrimas? Disse-lhe com toda a força dos meus fracos pulmões, « Isso, nunca! Meu filho fugir, desertar, manchar-se para toda a sua vida, tornar-se indigno de pisar a terra onde nasceu? isso, nunca! repeti ainda.

Não! Meu filho não fugirá. E olhe que se eu soubesse que o meu Manuel era capaz de cometer semelhante acção eu era capaz de o ir denunciar!... Não, o meu Manuel não foge!

Antes queria morrer, do que ver o meu filho tornado um traidor. O avô morreu a lutar contra o usurpador francês e o pai foi tres vezes á Africa para defender a Patria.

Eu bem sei que ele é o meu unico amparo, que é a minha vida, que é a luz do meu olhar! Mas antes quero ve-lo morto com os seus lindos olhos cerrados para sempre do que ele se torne um cobarde fugindo ao cumprimento do mais sagrado Dever! E depois, quantas mães como eu tem lá os seus filhos!

E todas as mães, amam os filhos. O nosso desejo, a nossa ambição era que eles não fossem. Mas, fugir?!... Eu bem sei que ele é meu filho.

Mas não quero que ele fique sendo um indigno, quero que ele possa levantar bem alto a sua cara, sem temer as censuras de ninguém. Antes quero que ele vá!...

Teu tio olhou-me espantado e só me disse á despedida:

— Está bem. Não sabia que havia mães que queriam ver partir os filhos para a guerra!

Saiu, e ainda cá não voltou. Vi-o passar ha pouco ao pé do adro da igreja, mas nem para cá olhou.

— Tu não mostres esta carta a ninguém, não venha ele a sofrer algum mal.

— E tu perdoa-me, sim?

— Tu bem sabes como eu te amo, bem sabes o quanto te quero. E não era isto o que tu me dizias sempre durante os serões, quando se falava da guerra? não me dissesse, mais de mil vezes, que antes querias morrer do que fugir?... É depois, eu bem sabia, que eras incapaz de cometer tal acção. Conheço o teu génio e sei que nunca fugirias.

Já agora que valem as lagrimas, meu filho?! Se elas te salvarem,

SECÇÃO LITERÁRIA

CARME DA SAUDADE

Vejo-a a Distancia, no azul da tarde,
Esparsa em névoa e em som e em côr,
Pondo no Longe vozes d'alarde,
— Saudades niveas dum louco amor!

Veste a harmonia das cores d'aurora
E em ritmos d'ouro, suspira e canta...
— Harpa dolente... cantando, chora
A voz dourada da sua garganta.

Mulher que vejo na bruma
Da Distancia! ó Claridade
Diluida em ondas d'espuma!
— E's a Manhã da Saudade!

Vejo-a nos brilhos flavos do Poente
Sorrindo em maguas de luz e d'ouro,
De tranças soltas, divinamente,
Solto o cabelo divino e loiro...

Vejo-A na espuma das ondas cêrulas
Sorrindo a magua dos seus martirios:
— Se canta, as Maguas estilam pérolas
E a voz d'espuma volve-se em lirios!

Mulher que vejo nas Ondas
Da Distancia... ó Claridade!
Sol d'Ocaso! não te escondas
Nas neblinas da Saudade!

Cernache, 2-4-916.

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

se elas te podessem servir de cou-raça para as balas... Mas tu dizes-me que elas te magoam e desanimam!... E pedes-me sempre para não chorar! Vá! pronto! O teu tio foi que me veio dar coragem. Já não chorarei mais. Pedirei todas as noites ao altíssimo que proteja o meu Manuel e que mo restitua para me emparar.

Vai, meu filho. Tem confiança e lembra-te que a tua velha mãe, pede muito por ti! Tem coragem. Mostra que és digno daqueles grandes homens de quem muitas vezes me falavas sentado na lareira, durante as frias noites de inverno. Essas histórias, tenho-as todas na memoria.

Elas incutem-me Fé, e dão-me Esperança.

Porque eu tenho Fé no Destino e Esperança em que hades voltar para beijar-me. E acredita que te faço a vontade. Pedias-me sempre para ser primeiro portuguesa e depois tua mãe. Pois bom. Eu vejo que tens em primeiro lugar de servir a tua Patria e depois, se voltares, de ajudares a tua velha mãe que te envia mil beijos de despedida.

Adeus!

Tua mãe

Maria.

FOLHETIM DE "A REVOLTA,"

A SAMARITANA

ROQUE MARTINS

A sair no proximo numero

Pela Universidade

Corre por aí, com certa insistencia, que as aulas da Universidade fecham no proximo dia 15, havendo exames... *sumarios* logo a seguir. Ignoramos completamente o fundamento desta noticia.

Seja, porem, qual for a sua origem; ou seja uma fantasia ou um preludio de realidade, a *Revolta*, interpretando, certamente o modo de pensar de grande numero de estudantes, layra o seu protesto consciente:

1.º — Por não haver um motivo poderoso para motivar o encerramento das aulas;

2.º — Essa decisao viria colher-nos de surpresa, quando ainda contavamos com algumas semanas de estudo, e os tais exames *sumarios* descambariam na mais genuina bambochata.

E' certo que a mobilisação arrebatará muitos alunos á Universidade. Isso não é, porem, o suficiente. As aulas podem continuar funcionando, quer diminuindo o *quorum* para as aulas praticas, quer terminando com o regimen das faltas, estabelecendo cursos retintamente livres.

Alguns estudantinhos esfregam as mãos ante a peregrina ideia dos tais exames... *sumarios*, uma coisa assim a cheirar a perdão de acto!

Protestamos! Admitiriamos o encerramento de aulas só numa hipotese: se os professores se votassem pelo pais fóra numa tarefa de propaganda patriótica, e se os alunos, a *una voce* se constituíssem num Batalhão Voluntario e exigissem ao governo um bom instructor que os preparasse para alguma coisa de util á sua terra. Só assim! De resto... protestamos!...

A FOME NÃO TEM LEI

Quando a liberdade dos povos é arrastada na onda infame e miseravel duns canalhas sem escrupulos nem sentimentos humanos, resta uma só coisa: — a reacção. Com ela tem-se feito maravilhas surpreendentes, tornando um pouco mais feliz a humanidade.

Reagir significa lutar, trabalhar para qualquer fim, inutilisar uma obra nefasta, creando outra, cheia de beleza. Os mártires das grandes ideias jámais pensavam nos revezes da vida.

Para um ideal triunfar é preciso o sacrificio de muitos. As revoluções não se fazem somente com as armas. Estas são o ultimo preparativo duma batalha. Pela imprensa, no livro e nos comicios, fazemos as grandes revoluções que dão vida, liberdade e alegria.

Das revoluções nasce a luz, o progresso e a civilisação. O povo não obedece; manda e ordena. Estamos assistindo diariamente a um espectáculo vergonhoso que avilta: os politicos, pensando na melhor forma de se guindarem, só olham para

as suas conveniencias pessoais, esquecendo-se da vida miseravel do povo trabalhador. Temos tido governos sem nenhuma energia digna de menção, pensando só em grandes colheitas de votos, como se fossem eles a unica salvação da nacionalidade. Exportaram-se, clandestinamente, para fora do pais, muitos generos de primeira necessidade, sem que o governo olhasse para nada. Hoje, que a fome alastra terrivelmente por aí fóra, é que começaram mexendo-se, ordenando o arrolamento dos cereais! E' tarde. Os açambarcadores enriquecem pasmosamente em pouco tempo, negando-se a vender os generos por preços razoaveis; e o governo olha para eles como um sonhador em noites de verão! Basta o oferecimento de alguns votos e o rotulo de presumidos correligionarios, para poderem á vontade estolar o pacifico povo! Ouro, muito ouro! é o que esses miseraveis querem. Nós conheciamos uma pobre mulher que morreu de fome, na maior miseria! Repare-se bem: foi de fome! A morte dessa desgraçada, nas circunstancias em que se deu, revoltou todo o nosso ser e preguntámos então como é que, havendo tanta riqueza nas mãos dos torpes exploradores, se podia consentir, sem um protesto, a exploração ignobil dos traficantes da sociedade.

Portugal, país pequeno, com gente temeraria e audaciosa, vai muito breve bater-se contra o despotismo e contra a tirania, nos campos da França. Mas antes disso, parece que temos certamente de dizer ao povo:

Vila Rial

ALBERTO MIGUEL ALVES

FOLHETIM DE "A REVOLTA,"

A SAMARITANA

ROQUE MARTINS

A sair no proximo numero

GRALHAS

Secção infalivel! Na *Carta do Porto*, firmada pelo nosso distinto colaborador, Ernesto d'Almeida, saíram coisas espantosas, disparates que o autor nunca fantasiou, e que são devidos, apenas, aos extraordinarios caprichos da revisao.

Onde se lê:

«que tendo ante o Senhor Camacho a superioridade»...

deve ler-se:

«que tendo ante o Senhor Camacho a inferioridade».

Agora, uma outra passagem de maior importancia, pois parece um verdadeiro jogo de disparates!

Onde se lê:

«Mas... afinal safu do porto da Galicia... de Paris!»

deve ler-se:

«Mas... afinal safu do posto da Galicia de Paris!»

Cooperativa de Pão

"A Conimbricense"

Recebemos o bem elaborado relatório desta importante cooperativa, contendo os documentos e balanço referentes á gerencia de 1915.

Do que se vê das suas conclusões, firmadas pela direcção, o lucro liquido é 1.335.813,4 assim dividido: 20% para fundo de reserva, em conformidade com os estatutos; 5% ao capital das acções em 7.964.800; 2% em bonus de consumo em 32.557.657; e sendo o restante levado á conta especial de obras urgentes e forn.

A conta de lucros, este ano, foi inferior á do ano passado, na importancia de 142.623,2, depressão motivada pelo aumento de preço nas farinhas, na diminuição de venda e na carestia da vida.

O seu movimento associativo é muito importante: existiam em 31 de Dezembro de 1914: 1053 socios; entraram durante o ano: 75; socios que por terem falecido deixaram de figurar na lista dos socios, mas que ainda não receberam o capital: 24; saíram durante o ano: 16; socios que figuravam na lista dos socios como fóra do gozo dos seus direitos por não terem pago as suas quotas; 18; total: 1117.

Pelo seu facultativo são tambem patentes no publico as condições de rigoroso acção e higiene daquele estabelecimento. A' solicitação direcção da Cooperativa Conimbricense a *Revolta* agradece a subida gentilissima, cumprimentando-a pelo seu trabalho e desejando muitas prosperidades a uma das maiores empresas de Coimbra, que seria de maior alcance social se todo o povo soubesse compreender o seu significado.

ANUNCIOS

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentrifico.

Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.

Instrumentos cirurgicos, etc.

IMPORTADORA

TELEFONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensaveis ao uso domestico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

AUGUSTO BAPTISTA e JORQUIM DE CAMPOS

ADVOGADOS

Rua da Sofia, 15-1.º

Relojoaria Comercial

DE Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE

Tabacaria — Papoaria — Lotarias — Perfumarias CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais — Ilustrações

Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional

Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinais

Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo

Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

Encadernador

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço.

Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade; em LISBOA, Tabacaria Monaco; no PORTO, Tabacaria Rodrigues (Passeio das Cardosas.)

Muraline

Tintas inglesas a água. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a água. Appropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 — Rua Ferreira Borges — 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros
Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.
EXECUÇÃO RAPIDA

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149
Coimbra

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do paiz

Perfumarias nacionais e estrangeiras

ESCRUPULOSO ACEIO

Desinfeção rigorosa de todos os utensílios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinária comodidade

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no paiz como no estrangeiro não póde encontrar-se uma casa congénere, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, aceio e conforto. * * * * *

Casa I. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA.

Pianos Gaveau * * *
Bicicletes B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Instrumentos musicos, e seus accessorios, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

— Economia — Garantia —
— Seriedade —

Correspondente da Companhia de Seguros
Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? * * *

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 * Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
GUARDA — Rua Alves Roçadas
COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19
CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
SOURE — Rua do Relógio
LOUZÃ — Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * *

* Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, piugas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas * * *

COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33
Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... \$35
Estrangeiro..... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso..... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

A LUSITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria.
Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
Responsabilidade efectiva pelo perfeito acabamento de qualquer mobília.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUSITANA

As mais completas officinas de marceneiro, polidor, entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro

MAGNÍFICO SORTIDO

de moveis de ferro e madeira, estofos colchoaria, oleados, tapetes, brise-bises, jutas, panos de mesa, etc.

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a II — COIMBRA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

Director — Zacharias da Fonseca Guerreiro
Redacção e Administração
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 6 de Maio de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TYP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
EDITOR E ADMINISTRADOR — SILVA RAPOSO

Nova expedição

Seguem, mares em fóra, caminho das nossas possessões ultramarinas, soldados de Portugal.

Sobre as alterosas vagas ondulantes, donde se eleva o rumor soturno e imenso, aos céos silenciosos que fecham os horizontes, vão blauouçar-se as embarcações condutoras desses soldados, nos mastros altos e esguios a Bandeira Verde Rubra flabelando, a dizer para as estrelas que ficam o adeus da saudade e da esperança.

Nos olhos dos soldados para as estrelas também erguidos, ha reflexos misteriosos. São lagrimas que deslizam e a luz transforma, aljofre de sentimentos para o rosario das orações nas horas de descanso das peijas, que vão ferir-se pela Patria querida e gloriosa.

Sem os temores do tenebroso da rota a seguir, a marcha é firme e ligeira.

Não ha desfalecimentos na marinagem, sob o anuevar das superstições que evocam fantasmas, e ao marulho das ondas quebrando-se ao largo, saltando cordilheiras e descendo abismos, junta-se a toada dos hinos nacionais, subindo, a bordo, da alma portuguesa.

Não é a toada dos hinos das conquistadas dos velhos tempos, em que o estuivo sublime do heroismo se contaminava das secreções criminosas, da Ambição e da Luxuria, mas dos livros da Liberdade, da Justiça e do Patriotismo, — trilogia que as Edades e os Sacrificios tem sagrado para o culto dos Povos.

Sobre esta trilogia caiu a ameaça sinistra dum monstro poderoso, fortemente armado para a destruição, na sua alma infame renascendo a sede das Conquistas dos velhos tempos, sobre a renegação proterva de ideais realidados num avanço espiritual da Humanidade.

E assolou a Belgica; tenta assolar a França; ergue um clamor maldito de exterminio sobre a Inglaterra; abre fossos de sangue em roda de muralhas de cadaveres; grita a ancia de aniquillar a Civilização Latina, — essa, donde saiu todo o florir do Sentimento, que vem da Helade cantando, travez das Eras, o poema imortal da Graça e da Beleza.

E afronta a Patria de Camões, já manchando de sangue o solo arroteado ao longe para a prolongação da seara bendita onde floresça a Alma Lusa!

Que fazer, senão opor-lhe uma barreira de heroismos, a Civilização Latina, a Alma Lusa erguendo-se em sua frente, indomaveis, invenciveis, atirando aos olhos do monstro com punhados de luz e ao seu peito maldito com granis de balas!...

Caminho das nossas possessões ultramarinas, mares em fóra, vão seguir soldados portugueses.

Vão em defeza da Patria ameaçada pela proterya ambição do homem

que se fez monstro, e que a historia colocará sobre uma serra enorme, sinistramente lugubre, fastastica em seu aspecto dantesco, festa de milhões de cadaveres, donde, abrindo sulcos pelos seus flancos horrorosos, escorrem negros fios de sangue! E de toda a terra será visto, e de toda a terra subirão para ele todas as maldições.

Partem, e vê-os partir a sua Patria dorida... dorida, sim, mas dessa dor que faz o apartamento de seres amados, dor de mães extremosas vendo os filhos seguir, — quer seja para os campos de batalha, quer seja para a realização de sonhos que o amor tece de flores e de estrelas.

Bem se importam elas, as santas de coração de ouro e arminho, que o amor e a gloria engrinaldem as frentes de seus filhos desde que lhes são arrancados dos braços! Como se não fossem mais lindas as grinaldas tecidas com seus sorrisos e seus beijos?

Mas não os impedem de partir. As suas lagrimas de santas não dizem protesto, dizem apenas saudade, — perolas de orvalho refrescando-lhes o escaldar do coração. Que partam, sim, uma vez que outro amor os chama, — o amor da Patria, ameaçada de ser prostituida por monstros, cuspinhada e enlameada de sangue envenenado.

Que partam e partam cantando o hino dos combates a favor de ideais sublimes; a impedir o avanço da legião assoladora, resguardando a vida do assalto dos sicarios da Ambição.

E eles partem. Olhos erguidos á Bandeira Verde Rubra, levam na alma heroica toda a chama da esperança, esperança que os ha-de cobrir de flores no seu regresso depois de terem sido aureolados pela Gloria, a Republica e a Patria...

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO.

Carvalho Araujo e Vaz Passos

Entre a variada colaboração que abrilhantará o proximo numero de A Revolta, publicaremos um vigoroso e vibrante artigo do illustre Deputado Carvalho d'Araujo, 1.º tenente da armada, entitulado *Contra os Traidores* e uma esplendida poesia do grande poeta e jornalista do Porto, Vaz Passos.

Livros novos

Guia de Coimbra — por Eugénio de Castro — 0850.

Pão Alheio — por Luis d'Almeida Braga — 0870.

Falta de espaço

A falta de espaço força-nos a transferir para o proximo numero as criticas aos livros dos grandes poetas Afonso Duarte e Eugénio de Castro e do prosador Luis Braga d'Almeida.

SEM MALICIA...

Um busto

A escola abriu a sua exposição annual.

O Luis sem talento artistico, tambem concorrera com os seus marmores.

Dentre to-la aquela arte destaca-se um exemplar, um busto de mulher magistralmente cinzelado. Era a humanisação do marmore. Era um bloco tosco, onde o génio do artista fulgia na essencia divina das formas. Finos lábios, levemente entreabertos mal deixando ver nuna feira de perolas uns dentes tão lindos, pareciam cantar! Os olhos brilhavam nuna expressão de vida que é a alma! O colo desaparecia como que nuna arfar de amor ardente! Os cabelos caíam-lhe tão fartos da cabeça que a gente adivinhava-os a descerem pelas ancas!

Dir-se-hia que andavam beijos a voar em torno daquela tão linda cabeça!

Impossivel seria que nuaquele busto não entrasse alguma coisa da alma do artista — o seu muito amor por essa formosa mulher que só tinha um senão. Atirava para o canto do olho a remela toda.

ALCINDO

José Augustus de Castro

Este grande amigo d'A Revolta, jornalista de pulso e um dos primeiros poetas portugueses, honra mais uma vez as colunas do nosso jornalinho com a delicada prosa que hoje inserimos em editorial, e que é um hino dum grande coração a uma Patria marchando para o sacrificio imposto á sua redenção.

Antonio Ferreira Monteiro

Honra hoje as colunas de A Revolta com o inspirado soneto *Cidade Adormecida*, o quartanista de direito, Antonio Ferreira Monteiro, um dos poetas mais distintos da geração de Coimbra.

Agradecendo ao primoroso e jovem artista a amabilidade com que acceden ao nosso pedido, esperamos vê-lo novamente abrilhantando o nosso jornalinho que muito desejamos constitua um inegalavel prazer para os nossos estimados leitores.

Capitão Manuel BARRIGAS

Esteve de passagem nesta cidade este nosso querido amigo, illustre capitão-medico no regimento de infantaria n.º 13, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Por Vila Rial

Sobre acontecimentos tristissimos que se estão passando em Vila Rial, publicaremos breve uma serie de artigos firmados por Joaquim do Prado.

Venham! Tudo quanto for Justiça e Republica é aceite nas colunas d'A Revolta.

A mim! Vá!

Censores: — o vosso critério de rectidão e justiça? A vossa lealdade? Evoco, nesta hora, as magnas virtudes do vosso pensamento, as veneráveis qualidades de cidadãos que vos impozeram ao sufragio do governo republicano, para o exercicio da delicada missão de fiscalisardes este vulcão da tribuna popular que se chama o jornalismo. Não discuto a censura prévia. Confesso que magoa, mas reconheço que é necessaria. Ha escriptores sem escrúpulos; ha quem seja imprevidente, na mais inofensiva das intenções; ha traidores. Para a lei como para o filosofo todos são bons e todos são maus. A censura é pois uma medida preventiva, uma necessidade nacional. Tem o seu direito de existencia radicado na consciencia colectiva. Não é tirania, não é violação de pensamento. Ditou-a o perigo eminente, o instinto de conservação duma nacionalidade em estado de guerra.

Ajoelho. Não vos considero os gendarmes da ideia! Palpita no vosso peito um coração de patriotas inflamados; borbulha na vossa carne um sangue de portugueses. E isto que eu creio. Não suspeito de vós. Curvo-me reverente, disciplinado e grave como um velho romano ante o senado! Encarnais a Patria! Sois a esfiga do Direito! No andar desta hora, vós surgis transfigurados a meus olhos como sacerdotes num templo.

Fazei da vossa missão um apostolado. No dia em que exorbitardes (o que eu não creio!) tudo será perdido. O pensamento é muito exigente: quando se lhe bate é preciso dizer porque; se é justo, conforma-se; mas se é iniquo, atentai bem que não ha ferros, nem baionetas, nem prisões que detenham o seu impeto. Seria o fim de tudo. E mal do povo, tambem, que assistisse imbecil e pacifico ao arrazar e saígar da maior conquista humana! Sedé justos e ponderados! que no pensamento ha mais perigo que na pólvora das batalhas! Não vos adulei. A mim! Ha fogo no meu peito! E' um desafio! Vá!...

Sou um tribuno da plebe! Defendo o povo! Atiro-vos com o incendio invisível e tremendo que alastra e eaccha em torno da consciencia popular! Não é ilustrado o povo. Porquê? — E' escravo. Mas o povo tem coração, sente! e á mingua de illustração, tem o insticto, esse facto deslumbrante do raciocinio; tem a experiencia que dá o sofrimento dum presidio de quatro mil anos!

A mim! Vá!... Do vosso lado está o poder oficial duma autoridade constituída; da minha penha sai a tempestade divina e indomavel que se chama a voz do povo.

Do vosso lado ha a incerteza; viveis da confiança publica; podeis ser justos ou injustos, bons ou maus patriotas. Escreveis em branco.

Quem não fala, dorme, pensa, vigia ou ronba... Quem não fala pode fazer tudo menos uma coisa: não fala. Do meu lado ha uma caneta e um tinteiro de pataco. Não intimida ninguém; nem é mata onde haja lobo. Dois traços azues e pronto: se o lobo aparece faz-se cordeiro. Tanto pior! Não comprometerei a nossa preparação militar.

A Patria? A Republica? Eis a minha adoração. Quero apenas um ministro na arena: o da Guerra! Não sou carneiro de nenhum reba-

nhão politico, de nenhum! Tive e tenho ainda hoje a convicção de que a politica não é a divisão dos homens em rebanhos, seguindo, pacificamente, disciplinadamente, servientes e humildes, o arbitrio dum pastor ou a tirania mascarada de qualquer direcção. Quero a liberdade selvagem de esmagar as viboras e adorar as rosas; não admitto o que é injusto e revoltante e ter a cabeça livre para gritar o meu protesto. A chicana desappareceu; do charco infecto da politica cagem erguem-se um Astro: chama-se Patria!

Sr. Ministro da Guerra: — sou um anónimo. Suponha v. ex.ª um espectro da fome e da angustia, no meio dum incendio, mãos enverguntadas, cabelos em mechãs, hirtos, uns farrapos sobre o corpo, uns pés descalços, feridos das ingremes caminhadas pela vida.

Sr. Ministro: sou o povo! A mim! Vá! O povo é Deus! A mão en-sanguentada escreve a giz preto sobre uma lousa branca: «Decreteste uma injustiça, revoltante! Decretaste a privilegio! Te ordenaste que os soldados estudantes, pelo facto de serem estudantes, ficariam isentos da guerra».

Sorris?...

Trampa! Abomino a excepção! Porque é que um filho do povo, desherdado, ha-de marchar, e um rico, um privilegiado da sorte, que pode matricular-se num curso não ha-de seguir tambem? Porquê?

Quem tem mais dever de defender a Patria? Quem? Em que é útil á sua terra a récula de bachareis que de ano a ano infestam o nosso país, numa verdadeira montaria ao emprego publico, envenenando toda a vida social com os falsos sistemas de que lhe abarrotaram o papo de *ganhos de Strasburgo*? Apeteço perguntar se ha algum grande senhor de muitos votos e governo com filhos a estudar! Aqui á porta da tipografia, passo um do 35 a sorrir, doído de contentamento, dizendo que já não ia, que ia mandar desinfecção á farda!

Henry George, disse, num dos seus vibrantes manifestos, que num povo onde lhe não dessem a liberdade de colher avelãs, ele esperaria uma ocasião de guerra para partir a sua espingarda de encontro a uma pedra, gritando aos proprietarios e aos ricos: **defendei-a vós!!!**

E' injusto! E' a bitricio! E' um acto de creanças que nos faz desconfiar do governo e tremer pela sorte da nossa terra!

Naufragio de trampa! Lembra-se a gente que os estudantes deveriam constituir a legião da vanguarda!...

FERNANDO D'ARAÚJO

NOVIDADE LITERARIA

Ramada Curtó — TEATRO

— A Sombra, peça em tres actos

Segundas Nupcias, peça em quatro actos. — Um volume brochado, 660.

Poeira da Vida

UMA PAGINA DE MEMORIAS

(fragmento)

A Roque Martins
: Elegia :
da minha
: saudade :

A noite escorria de um luar espiritual que nos punha de boas relações com todo aquele epilético formigalhar da natureza em crias de seiva geradora.

Fartos de calçada, desesperados de genio e de nervos com toda a chulice dos seus passeantes de portas de havana e mesas de café, resolvemos sair para fora das tripas da principal rua de esgoto da Baixa, a pastorear as almas em fontes puras de nobre emoção. A nossa voluntaria promiscuidade com toda aquela gente de grandes virtudes de boa moral e severa conduta, e de pouco caracter de independência e altivez como cerebros pensantes, inervava-nos numa indisposição sem reservas de tolerancia. A cidade mostrava os seus pergaminhos de bom tom em ceremonias de regateira de praça em dias de fatura. Perfumes de incertas essencias de mioca adquiridas em leilão de retrozarias baratas, irrespiravam o ar numa asfixia de quarto calafetado. Foi então que nós resolvemos sair do estrebrax nervoso, isterico, dodivanas daquele meio de tropa fandanga em crises de estupidez a naufragar no ridiculo da troça e no caricato da gargalhada zombeteira. Encaminhamos para a borda do rio ao sabor do passeio.

A conversa tinha de todo expirado num tom morrente de frases soltas, desconexas, atiradas á toa pelos abertos do gorgomilo, desprendidas em absoluto do interesse de rajada espiritual que primitivamente as aquecera ao calor de labareda chamejante dos nossos nervos celeres de entusiastica vibratilidade. Um instante ficamos mudos, sem saber que ideias articular para pasto saboroso de nova conversa, olhando o estrelado rutilante do ceu. A noite estava linda, clareada de um ideal luar imponderado de abobada mistica em rebrilhamentos faiscantes de luzes a ganharem brilhos vivazes de vida, espiritualizada em transcendencias de sonhos de alma em viagem de admiração pelos mundos candentes do irreal. Um embevecimento de extase nos tomou por completo. A noite engolfou-nos de todo no seu seio misterioso de solidão. Estávamos sós. Em nossa volta tudo era silencio. Uma esparsa melancolia de musica religiosa a abaixar de tom no abafado das notas, vinda de não sei que paragens de alem-davago, sensibilizou-nos a um estado poetico de raça em miragens de sonhos emotivos, que por momentos, numa absorção de sentidos, nos julgamos satélites de algum novo mundo a ressurgir pelos baixos da terra.

Paramos a olhar todo aquele remexer vivo do firmamento animado de uma palpação prodigiosa do coração de Deus alanceado de um contentamento altivo de perfeição a exteriorizar-se na face luminosa das estrelas. Os nervos estalavam de

tensos na comoção de um grande sonho de beleza.

Perto, o rio corria manso, num socego de menino embalado. Debruçamo-nos por sobre o parapeito das grades a ver as suas aguas. Maravilha suprema! Todo ele era um enorme espelho do ceu em palpações de vida. Tudo o que brilhava pelo alto, tremeluzia, serpenteava na ondeada corrente das aguas. O seu dorso era todo uma joalheria de luzes a desesperarem cubicas a novas luzes. Por toda a sua face havia escorrencias de astros a brilhar. Todos os fulgores das estrelas, as incandescencias dos astros, os brilhos das luzes em focos de infinito, se refletiam e se espelhavam naquela enorme cauda luzente de agua em ardensias de reflexos. A agua era toda uma esteira de maravilhas de scena prodigiosa em evocações de fantasia. Ela propria parecia entreter-se na descoberta de rutilancias, tirando efeitos de todos os brilhos, arrancando jorros de luzes a todas as estrelas, forjando na labareda dos astros o mais incandescente brilho que melhor pudesse aquilatar o filão supremo do seu requintado gosto. Em todo o seu seio roborescente de escamas á brilhar, relampejavam rebrilhamentos inéditos, únicos, de pequeninas luzes que o Kodak instantaneo da retina jamais poderá fixar e reter. Dava-nos a impressão de uma estensa placa de cristal e prata joierada de espelhos a arderem na viveza dos seus reflexos como as estrelas faiscam no apogeo glorioso do seu brilho. O mitologico rio Lethe não seria mais belo, nem mais maravilhoso quando perdia de esquecimento todos os olhares que mergulhavam em suas aguas de encanto. Por momentos quizeramos ser um daqueles primitivos e romanticos homens de léme das gondolas dos canais de Veneza, e deslizarmos rio abaixo, numa barca de bicos retorcidos como um caixão mortuario de menino, com a alma em velas pandas ao fulgor da inspiração do infinito, a acostarmos á praia de maravilha onde o sonho nos levasse numa estesia de sentidos adormecidos pela visão do largo.

A voz misteriosa da agua em corrente desvirgava numa copula de recolhimento o silencio espiritual da noite adormecida no pantano clareado do luar, dizendo ás notivagas estrelas os intimos segredos dos seus repstros desvarios, e os desejos insatisfeitos de vida larga a expraiar-se por sobre a terra, da sua nascente de catarata niagariana em quedas de assombro a espumar anceios de ser ondas e vaga, redemoinho e turbilhão no mar sem fim de limites. Sobre o parapeito gradeado do rio, olhando a agua num embevecimento de extase, naquela noite de um luar translucido de opala, nós eramos como que duas encantadoras esfinges a contemplar em visões de transcendencia o espaço do infinito alarmado de silencio pelo tranquilo socego da noite.

João D'Assumpção

Silvestre Falcão Ramalho Ortigão

Encontra-se em Coimbra, onde vem completar o seu curso de Direito, este nosso querido amigo, a quem endereçamos affectuosos cumprimentos.

Folhetim de A REVOLTA

A SAMARITANA

ROQUE MARTINS

Sentado num dos silhares poidos da fonte de Jacob, Cristo, os cabelos empoados dos caminhos de Samaria, lívido de cansasso e fome, as sandalias gastas, sujo o albornoz de lã, esperava os discipulos idos á cidade a comprar mantimento.

No seu rosto, ensombrado da tristeza sensual das terras do Oriente, espectrava-se a agonia da sua fé. Dias havia que, na sua alma torturada, a luz da sua doutrina esmaecia numa penumbra heretica onde uma iris nova despontava um brilho esteseico, deslumbrante, a presentir uma ressurreição numa eternidade mais viva.

A sua carne morta começava de colher as forças creadoras, desconhecidas, que o seu espirito não tocara, engolfado no seu delirio

??

Ao reventar a guerra, quando ella era por assim dizer apenas do dominio das chancelarias e ainda se não tinha trocado o primeiro tiro, já um sem numero de previsões corriam na imprensa de todos os países, marcando-lhe a duração, não faltando quem lhe assinalasse um termo com data certa e quasi iamoz dizer — hora certa também. Pejaram-se as colunas dos jornais com dados estatísticos de toda a natureza, já financeiros, já economicos, já demograficos, ou atulharam-nos de profecias, tudo resultando grosso disparate, senão ainda peor, se tomarmos tudo o que se escreveu á conta de grossa embarriladela. Trocaram-se os primeiros tiros e logo outros e outros e um sem numero deles estarão ainda por se trocarem no intuito de bem provar que o homem é uma fera dilatada, e as profecias vão rareando, já porque a duração da guerra lhes tem ido assinalando um termo de intrugico, registando-os no livro de obito das grandes cronhas, já porque é preciso ser-se possuido duma grande dose de desvergonha para mais aventar, e eu creio que nisto como em tudo mais, ha um ponto de saturação que nunca se ultrapassa. Dando de barato que mais pode acrescentar-se ao impudor da mentira que tanto se tem revelado, urge então criminally como convem e assim passaremos a chamá-la por D. Parvoice. Vem isto a proposito da interrogação que encima estás linhas, e que pode traduzir-se: quando termina a guerra? Não o sabemos, ninguém o sabe! Esta numerosa companhia na ignorancia consola-nos. As interrogações, porém, afloram por aí aos labios de certa gente, mas esta com um intento canalha e criminoso a mais não ser.

Para onde vamos? Poucos teem respondido com convicção e nobreza á essas palavras cujo intuito ou significado occulto não é preciso desvendar, e eu não farei por temor ás tesouras da censura. Dentre os poucos que com clareza teem respondido á essa interrogação, figura A Revolta que invariavelmente tem dito e dirá sempre: Para onde vamos? Para os campos da Honra conquistar um Presente de gloria que para nossos filhos possa amanhã ser um Passado de heroismo.

Lisboa, 3-5-1916.

C. C.

Simeão Victoria

Deste nosso amigo, distincto official do Exercito, inspirado poeta que já honrou A Revolta com a sua brilhante colaboração, recebemos um pequenino folheto, contendo duas lindas poesias recitadas pelo auctor no juramento de bandeiras das tropas do 2.º grupo d'Administração Militar, em 16 de Abril de 1916. Essas duas poesias entitulam-se: *Aleluia Samial* e *Lux Mea*, e são perfumadas de patriotismo. Os nossos agradecimentos e parabens.

No campo raso caíam as tintas dissolventes da hora sexta. Voltando um outeiro, por entre filas alinhadas de ciprestes, ia uma cavavana de mercaadores, de tabardos de pele de carneiro, cantando atraz das mulas carregadas de mercadorias doiro, de linhos da Galacia, de tapetes negros d'Assyria bordados a lotus sangrentos, de sêda, de grã, de cinamomo e de incensões.

Para lá duma albarrada de pedra solta, florida de cactos, na herdade de Jacob, raspavam duas mós de pedra, ronceiras, que um escravo junjado a almanjarrá cirandava, moendo o trigo aromatico.

Erguia-se pra lá das copas cinzentas de dois cedros gigantes a luz feérica de plenilunio.

Debruçado, o peito caído sobre o rebordo do poço, o filho de David gravou a sua imagem na agua glauca, numa evocação de sangue, num esconjuro de vida, na angustia de qualquer coisa ausente pronta a revelar-se, mas ainda occulta.

Ele, que havia tido a penetração da esfinge traduzindo os misterios hieraticos, vivendo o futuro no pas-

1.º sargento José Augusto Cardoso

Em cumprimento do seu dever, o dever sacratissimo da defesa da nossa querida Patria, partiu ha dias de Coimbra este nosso estimado amigo e intemerato republicano, dignissimo 1.º sargento de infantaria 23. Não nos foi possivel darmos-lhe o abraço de despedida, mas elle sabe o apreço em que sempre tivemos a sua amizade e que não é sem viva saudade que escrevemos estas linhas, desejando-lhe muitas felicidades e muita gloria nos campos de batalha.

Por Vila Real

Vila Real, 28.

As festas pascaes decorreram amadurissimas, contribuindo para isso o tempo, que, desde o passado domingo, tem estado magnifico.

Houve o costumado jantar oferecido pelo Hospital aos presos da cadeia, onde compareceram, dando grande impenencia ao acto, graves cavalheiros, entre os quais vimos os ex.ºs sr. dr. Albertino Costa, Alberto Gomes Moreira e outros mais.

Durante o dia notou-se grande movimento nos passeios e jardins, e á noite ayultada concorrência aos cinemas.

Tivemos o prazer da visita do brioso alferes sr. Cesar Gomes que na quarta feira passada partiu para Maíra bem como saíram alguns sargentos e cabos que vão encorporar-se na expedição que parte para Moçambique. Boa viagem e triunfante regresso.

Vindo de Felgueiras, onde foi a goso de ferias, regressou no dia 25 do passante o meritissimo juiz de Direito da Comarca, sr. dr. Albano Magalhães.

A escola de recrutas do regimento de infantaria 13, pelas 7 horas, partiu para a poyocação de Alviães, onde pernoutei e no dia seguinte, após um combate simulado regressou ao quartel.

Da Famalicão, onde foi passar as ferias, regressou o ex.º sr. dr. Nuno Simões, Governador Civil do Districto.

Na segunda feira tivemos o prazer de abraçar o distincto academico, setimanista do Liceu Central do Porto, sr. Custodio Ferreira. Veio a esta cidade em companhia de seu irmão Arnaldo Ferreira, aluno do 5.º ano do Liceu Camilo Castello Branco, partindo, depois, para o Porto.

Desde segunda feira tem dado curiosos espetaculos a «troupe» *Les Jarques*, dirigida por Mr. Jor Cam. Retira-se na sexta, de manhã, tendo despertado muita hilariedade e atenção a excentricidade dos seus musicos que executaram beias cançonetas e danças curiosas, distinguindo-se a pequenita *Ane* que deveria ter apenas uns seis anos.

No dia 24 chegou a esta cidade, onde frequenta a Escola Normal, o distincto terceiroanista, sr. Manoel J. Gonçalves Grilo, conhecido polemista, que em defeza dos alunos da

Escola, refutou com firmeza e gravidade, na «Evolução», umas boeiradas insinuantes, espelidas pelo manhoso *Povo do Norte*.

Encontra-se melhor dos seus incomodos o distincto medico dr. José Leite dos Santos, a quem desejamos completo restabelecimento.

Acaba de instalar-se no Hospital desta cidade uma fabrica de gelo, sendo este um grande melhoramento que se tornava de absoluta necessidade.

Apresentou-se voluntariamente ás autoridades competentes, no Tribunal Judicial, o sr. Henrique Pereira Batista, envolvido numa desordem entre os de Ferreiros e Borela.

JOAQUIM DO PRADO

A' garrócha

Pedimos perdão

O bravo republicano e conceituado jornalista d'O Mundo, José do Vale, dizia, ha dias, num dos seus artigos:

«preparando-se para cravar as unhas adunças no pescoço da Liberdade!...»

Se pescoço se dissesse em frances, digam-nos!

Em que sitio é que se cravavam as unhas? A Liberdade também terá calcandeiros?

Pedimos perdão, mas não podemos resistir!... Ah! Ah! Ah!

Axioma errado

«Recordar é chorar»: diz ali o sr. Luis d'Almeida Braga no *Pão Alheio*; «recordar é viver»: diz a filosofia das nações.

Dois coisas iguais a uma terceira são iguais entre si: dizem os livros; logo: viver é igual a chorar.

Mas eu encontrei um dia um homem chamado *Risadas!*... Era um *feduto*.

Está-se mesmo a ver o que levou João de Deus a proclamar o axioma que diz: «a vida é ai que mal soa»?

Ha um erro tipografico neste axioma: em lugar de *soa*, o auctor escreveu *suas* para significar escorrencia, lagrimas, pranto, suor!!

A vida está cara...

Uma confidencia; e não lhes leve nada pelo aviso: tenham cautela com as aguas do rio; filtrem e fervam e deixem em repouso durante alguns minutos. Fizeram-me muito mal ao ventre!

Uma coisa horrivel!

Ontem, na musica, fui assaltado meia duzia de vezes pelo terrivel incomodo e meia duzia de vezes fugi para o Monumento mais longe da cidade, onde um coxo nos esportula jois centavos por cada visita!...

Propuz-lhe para me fazer redução no preço. Qual? Argumenta o homem: «que preço? Não se sabe!...»

Voceemecé justa as estampilhas?

E, que nunca... escrevi tanto na minha vida!... A vida está muito cara!...

cabeça do profeta cinzelava uma sombra. «Vogava o espirito de Deus sobre as aguas».

Não rumorajava os ritmos da sua harmonia liquida, daquela harmonia perlada de gotas como bocetas de som ou como linhas enoveladas que mostram ao partir os delineamentos perfeitos da forma.

Não se sentia o quebrar da gama liquida, gorgolejando, jactitando mil-partida em gotas como notas de sinfonia, pandas de som, infladas de ritmo, retinindo ao esmagarem-se, orquestrais, metalicas, compo do as linguagens sibilinas.

A agua estava morta. O plenilunio subia, ao alto, penetrando vaporisações espectrais, desmaiadas, de claridades mortas.

As sombras desfazião-se na planicie razea. Calavam-se os rumores. Ao longe brilhavam as lanugens brancas das crias que os pastores recolhiam das pastagens.

Cristo, interrogando o espirito mudo das aguas, tremia no silencio da hora.

Continua

SEÇÃO LITERÁRIA

Na "Cidade Adormecida,"

Sobre o quadro « Santa Genoveva velando a Cidade Adormecida ».

Junto á Fonte da Alma me esqueci
A ver a minha Imagem reflectida;
E, embecendo nela esperança e vida,
Sem querer ao pé da Fonte adormeci.

Sonhei; e a sonhar eu percorri
Ao luar a « Cidade Adormecida »;
Fantasma de luar, longe da vida,
Em misticismo branco amanheci.

Meu etereo perfil todo se enleva
Como a « visão de Santa Genoveva »
De Puvís de Chavannes que encarnei...

Sou silencio em ritmos piedosos;
Eternizado em cores vaporosos
Em simfonia alada me evolei...

ANTONIO FERREIRA MONTEIRO

DANÇA DO OIRO

(Parodia á Dança do Vento)

O oiro é bom bailador,
baila de noite e de dia,
baila baila e rodopia,
e tudo baila em redor!

E diç ás taças, liltando:
— Bailai comigo, bailai!
E a taça, á boca, levando,
o doce vinho virando,
já verga ao beijo e cai,
folgam as tripas cantando,
começa a gente remando,
— e lá vai!...

O oiro é bom bailador,
se a bolsa não vai vazia,
baila a filha, a mãe e a tia,
e tudo baila em redor!

E diç ás lindas amadas:
— Bailai comigo, bailai!
E elas sentem-se agarradas,
bailam doidas, desgrenhadas,
e a gente bufando cai,
Mas pagando e não bufano,
um homem bufa pagando,
— e lá vai!...

O oiro é bom bailador,
se a roleta rodopia,
bailam pontos á porfia,
e tudo baila em redor!

E diç ás gentes do fado:
— Bailai comigo, bailai!
A mocidade é um bailado!
Guitarras! cantai, chorai...
que nesta quadra de enganar,
a gastar dinheiro ao pai,
ao fim duns bons doze anos
forma-se a gente...
— e lá vai!...

Coimbra, 1 de Maio de 1916.

C. CUNHA.

Alfonso Baptista

Já regressou de ferias este nosso querido amigo e companheiro de luta.

GRALHAS

E' sabido! Faltaria-mos mesmo a um dos mais sagrados deveres, se...
Desta vez tambem lá vinham algumas, uma delas n'um Typo de palmo e meio que epigrafava o artigo de

fundo: saiu clericalismo! As outras vinham a enfeitar a poesia do nosso estimado e primoroso colaborador Campos de Figueiredo, que tinha caradas de razão para descompor-nos. O terceiro verso da quinta quadra saiu:

— Se canta, as Maguas estalam pérolas — e deve ser:

— Se canta, as Maguas estalam pérolas.

E no terceiro verso da ultima quadra saiu nãa por nãa.

Até parece que ha falta de original!...

A' Ultima Hora

Soubemos á ultima hora que o sr. Ministro da guerra telegrafou para o Quartel general anulando a disposição que escandalosamente se propunha beneficiar os estudantes, dando margem a uma tremenda arbitrariedade.

Mordido por cão danado

Por ter sido mordido por um cão danado, seguiu na passada semana para Lisboa, afim de ser internado no Instituto Pasteur, o sr. Domingos da Silva, conceituado artista em Santa Clara.

Cruz Vermelha

* Recebemos a seguinte circular a que damos publicidade:

Ex.º Senhor

Apesar dos nossos esforços insistentes e continuos, e de alguns socorros e auxilios que temos obtido, lutámos com enormes embaraços, pois carecemos ainda até do mais indispensavel.

Não poderemos realizar o nosso fim, se não existirem postos, pensos, aparelhos e as mil coisas que exige a complexa e maravilhosa missão da CRUZ VERMELHA.

E' inadivavel, portanto, o seguinte problema: — Possuir a Delegação de Coimbra todo o material para o transporte de feridos, para enfermagem, pensos, etc., etc.

A nobilissima Cidade de Coimbra, que sempre acompanha todas as desgraças e auxilia generosamente as mais belas iniciativas, de certo ficará ao nosso lado na realização deste ideal emocionante, dramático e sagrado.

Pedimos que concorram para uma Quermesse nos primeiros dias de Maio proximo (Jardim Botânico). Seguro será o exito, porque inextinguivel e comovedora é a vossa Caridade; apaixonada e vehemente a nossa dedicação pela Cruz Vermelha de Coimbra.

Com toda a consideração, somos

De V. Ex.º

Att.ºs, Veneradores e Obrigados

A Comissão,

D. Berta dos Santos e Silva
D. Josefina de Brito
D. Isenia da Silva Ferreira
D. Elvira Pereira Santos
D. Maria do Ceu d'Almeida Pereira da Silva
D. Manuela Correia da Cunha
D. Ana Correia da Cunha
D. Aurora da Silva Ferreira
General Fernando Tamagnini Abreu e Silva
Guilherme Teles de Menezes
Dr. Silvio Péllico d'Oliveira Neto
Dr. Custodio Pessa
João Francisco dos Santos
Antonio Cabral
Alcides Ferreira
Eugenio Eliseu
José Santos

A comissão acha-se bastante satisfeita pelo bom acolhimento que tem obtido, pois já tem em seu poder muitas prendas de valor, e trabalhos confeccionados por muitas senhoras de Coimbra e de fora da cidade. Esperam fazer a kermesse brevemente, esperando levar com bom efeito a favor da Delegação da Cruz Vermelha de Coimbra.

Hoje damos uma pequena nota mas brevemente continuamos:

Major Pedreira, 1 estojo para toilette em prata; D. Maria José Ferreira, 1 estojo com escovas em prata; Paz e Filho, 1 estojo com artistica colher em prata; Martins Ribeiro, 1 estojo com 3 pentes em prata; D. Maria Aguas Ferreira, 1 estojo com 1 colher em prata e 2 chavenas; D. Augusta Laidley Guedes, 1 saleiro em prata e cristal; Mannel J. Vilaça, 1 estojo com pen

te em prata; Dr. Joaquim M. Mexia e esposa, 1 estojo com escovas em prata; D. Juvita Pedreira, 1 caneta em prata; D. Alice M. da Carvalho, 1 estojo com escova de prata; D. Francisca Tudela Fino, 1 cesto em fio metalico; D. Carolina Simões Dias, 1 artistico vaso, confeccionado por sua ex.º; D. Ana Albergaria Abrantes e filho, 1 biscoiteira em cristal; D. Maria Casanovas e familia, 1 bandeja de porcelana; D. Alice Girão, 1 quadro pintado por sua ex.º; D. Bibiana Fonseca, 1 cesto em rafia; D. Maria Gloria d'Almeida, sachet bordado; Elisio Neves, 1 racket; D. Corina Monteiro, 1 quadro pintado; D. Ana C. da Cunha, 1 quadro fotominiatura; A. Amado & C.º, 1 étagé em nogueira; D. Isabel Garrilho, 1 centro de mesa; D. Isménia Ferreira, 1 almofada confeccionada por sua ex.º; D. Palmira M. Sá, 2 vasos em porcelana; Joaquim Sal, 1 biscoiteira em cristal; Marques Meco, 1 caneca em cristal; Nunes Vicente, 1 caneca em cristal.

Continua.

ANUNCIOS

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentifrico.
Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.

Instrumentos cirurgicos, etc.

A IMPORTADORA TELEPHONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.º

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munhões de caça e hem assim uma infinidade de artigos indispensaveis ao uso domestico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

AUGUSTO BAPTISTA e

JOAQUIM DE CAMPOS

ADVOGADOS

Rua da Sofia, 15-1.º

Relojoaria Comercial

Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60
COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE

Tabacaria -- Papelaria -- Loterias -- Perfumarias
CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais -- Ilustrações
Revistas nacionais
e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional
Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Mineral-Medicinais

Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo
Carimbos -- Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

Encadernador

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar.
Garante-se sempre serviço.

Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade; em LISBOA, Tabacaria Monaco; no PORTO, Tabacaria Rodrigues (Passeio das Cardosas.)

Muraline

Tintas inglesas a água. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a água. Apropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 — Rua Ferreira Borges — 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Tipografia Literária

— Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA —

Esta tipografia que
possue os mais mo-
dernos maquinismos,
movidos a vapor, está
pronta a executar to-
dos os trabalhos grá-
ficos, primando pela
perfeita impressão em
gravura e a cores

Trabalhos tipográficos
em todos os géneros

Impressão de revistas,
jornais, lições, cartões de
visita, envelopes, recibos,
facturas, diplomas, papel
timbrado, etc.

EXECUÇÃO RAPIDA

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149

Coimbra

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do paiz

Perfumarias nacionais
e estrangeiras

ESCRUPULOSO ACEIO

Desinfectação rigorosa de todos
os utensílios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinaria comodidade

Empregados devidamente habilita-
dos, podendo dizer-se afoitamente que
tanto no paiz como no estrangeiro não
póde encontrar-se uma casa congénere,
que ofereça ao publico maior garantia
de limpeza, seriedade, aceio e con-
forto. * * * * *

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA.

Pianos Gaveau
Bicicletas B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Instrumentos musicos,
e seus accessorios, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

— Economia — Garantia —
— Seriedade —

Correspondente da Companhia
de Seguros
Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? ○ ○ ○

Vá comprar ao único estabelecimento de mercador
que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 — Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12

GUARDA — Rua Alves Roçadas

COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19

CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44

FIGUEIRA DA FOZ — Praça da Republica, 8

SOURE — Rua do Relogio

LOUZÃ — Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita

Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * *

* Guimaraes & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangei-
ras, luvas, gravatas, piugas e ou-
tros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões
e consignações

Correspondente de Companhias
de Navegação

Vende passagens em todas as classes
para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... #35

Estrangeiro..... #70

Pagamento adiantado

Numero avulso..... #02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangei-
ros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas
Agrícolas, Normais e Primarias.

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria.
Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
Responsabilidade efectiva
pelo perfeito acabamento de qualquer mobília.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUZITANA

As mais completas officinas de marceneiro, polidor,
entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro

MAGNÍFICO SORTIDO

de moveis de ferro e madeira, estofos
colchoaria, oleados, tapetes, brise-
-bises, jutas, panos de mesa, etc.

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros,
Estores bordados

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. do Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

ANO 4.^o DIRECTOR — Zacharias da Fonseca Guerreiro
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 13 de Maio de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis N.º 77
EDITOR E ADMINISTRADOR — SILVA RAPOSO

CONTRA OS TRAIDORES

Já aqui soltámos o grito de alarme contra as traiçoeiras manobras de certos portugueses, cuja única missão é criar dificuldades à República, nesta hora grave em que todas as vontades e energias deviam congregar-se para a produção de um esforço, que garantisse o futuro da nacionalidade e fosse a redenção da nossa patria. De dia para dia, o aspecto da pustula hedionda se apresenta mais perigoso e ameaçador, aconselhando a immediata applicação do ferro em brasa, como unico meio de obstar a que se comunique a todo o organismo essa ignobil e repugnante podridão.

Da reptiliana propaganda pelo segredinho e pelo boato, veneno distilado, gôta a gôta, nas almas timidas de camponeses ingenuos ou de simples operários, incapazes de reagir e manobrar um bom chicote, depressa passaram ao atentado violento, ao crime monstruoso, á pratica das maiores infamias e das mais baixas torpezas. O ouro alemão continua a sua obra miseravel, corrompendo consciencias, armando sicarios, semeando a discórdia e a confusão, agindo de todas as formas, por todos os processos e em todos os campos. Maus portugueses, de almas latratrias e pódres sentimentos, escoria de uma raça e suprema vergonha do genero humano, não hesitam em servir o inimigo, cynicamente embolsando os trinta dinheiros da traicao.

Os incendios do Deposito de Fardamentos e da Escola Naval, a tentativa de cortar as amarras a um dos requisitados navios alemães, grêves operarias sob os mais inconcebíveis pretextos, a agitação de conhecidos elementos da desordem e anarquia, são outros tantos eloquentes avisos, preannunciando acontecimentos de maior gravidade, contra os quais devem precaver-se cuidadosamente todos aqueles sobre quem pesa a responsabilidade tremenda de timonar a barcaça governamental, no momento critico que atravessamos.

Os factos são os factos e não se iludam aqueles que julgam Portugal um paiz unico entre todos os paizes civilizados do mundo, em que tudo se resolve com grandes doses de clemencia, com muitas e repetidas anistias e apenas com algumas cadeias, onde, para comer, nem preciso se torna trabalhar. O povo portuguez não é uma excepção entre todos os povos latinos, não possui uma mais avançada civilização, nem tem o monopólio dos grandes sentimentos e das grandes aspirações. Supôr o contrario, é caminhar para muita desillusão e para profundos desenganos.

Se a hora chegar em que se reconheça a absoluta necessidade de applicar á purulenta chaga o cauterio salvador, de boa pratica seria ter já a conveniente preparação, para que um tardio tratamento não inutilise todos os esforços, demonstrando apenas a ineptia dos que assistem ao doente. Remediar não é facil, mas prevenir é muito mais difficil. E a mis-

são de quem governa consiste em prevenir todas as hipoteses, tudo preparando para fazer face aos mais graves acontecimentos.

O governo ha-de ter necessidade de excepcionaes medidas repressivas e não deve esperar a explosão dos factos, para só nesse momento, que é o momento de agir, convocar o parlamento e pedir os meios para debelar um mal, que talvez tenha alastrado tanto, que difficil se torne dar-lhe pronto remedio. Os signaes precursôres, que tingem o horizonte, são de molde a fazer adoptar todas as precauções. Não recue o governo ante as phrases sonoras e os grandes gestos de sentimentalistas e lunaticos, cheios de boas intenções, mas vãos de senso practico, nem ante as ameaças e os clamorosos protestos de conhecidos e reconhecidos tartufos. N'uns fala apenas o amor pelos grandes principios, inventados para os anjos que não para os homens; n'outros é o justificado receio de experimentar o rigor das novas leis.

Se em Portugal se ignora qual a forma de reduzir ao minimo a acção nefasta dos traidores e os exemplos funestos da cobardia, não é difficil encontrar quem sobre o assunto possa dar as mais completas e convincentes explicações.

O general Gallieni, antigo governador militar de Paris, conseguiu que esta cidade pudesse ficar completamente ás escuras, contra o ataque dos Zepelins, sem que pessoa alguma tivesse a receiar qualquer atentado dos numerosos e temiveis apaches. O general Joffre e os seus illustres colaboradores conseguiram, em pouco tempo, transformar o hesitante exercito de Charleroi, no grande, admiravel e invencivel exercito de Verdun, barreira viva contra a qual se estão quebrando todas as furiosas arremetidas da onda teutonica. Não sabemos se aqueles illustres militares realisaram taes milagres, amnistiando «tout le monde», distribuindo mãos cheias de clemencia e perdão, mandando mesmo encerrar algumas cadeias das que existiam. Se assim foi, não será muito difficil seguir-lhes o exemplo e aproveitar da sua lição. Mas urge proceder sem delongas, sem sentimentalismos piégas e com a serena coragem e o reflectido vigôr, indispensaveis a quem tem de governar um paiz em guerra.

Carnalho Anaujo

A REVOLTA reúne no local e horas do costume.

Dr. João Avolino Pereira da Rocha

Vimos na passada segunda-feira nesta cidade, este nosso presado amigo, abalariado facultativo e director da agencia do Banco de Portugal em Vila Real. Os nossos cumprimentos.

RAPSODIA DO SOL NADO

POR
Afonso Duarte

Entre a chusma dos poetas que não cessam de choramingar por ahi as suas versejocas dum sentimentalismo piegas e caguinças, apparece-nos Afonso Duarte, um verdadeiro Poeta de talento, cujas qualidades já de ha muito se affirmam na sua obra dum valor irrefutavel. O seu nome não ficou ignorado na obscuridade da época, porque a sua Arte reverberou em fulgurações de Vida, a despertar emoções adormecidas.

Cabe-nos agora falar da última obra do Poeta, a *Rapsodia do Sol Nado*. A heliolatria do autor do *Cancioneiro das Pedras* e da *Tragédia do Sol Posto* é bem a manifestação da sua religiosidade pantheista. D'Anunzio encontrou o lamiré da sua Arte nas maravilhas da agua e do fogo; Afonso Duarte bebeu o fogo da sua Beleza nas scintillações do Sol, o seu Deus. «O claro sol amigo dos heróis», no dizer de Antero. Abre a *Rapsodia do Sol Nado* com a inspirada poesia *Inscrição seguida do Salmo ao Sol*, que é bem a oração fervorosa e sentida do Poeta, o culto ao magestoso Savitri, ao:

«Deus creador das arvores e frutos». Teixeira de Paschoais cantou estes versos duma sublimidade transcendente:

Eu tenho a luz do Sol filtrada em mim!
Vou agora cantar! e canta o Sol!

Afonso Duarte, na admiravel poesia *Em Louvor do Sol*, não aleventa menos alto o vôo do seu pensamento nestes dois versos duma grandeza triumphal:

*Cantemos sol, bebamos sol, eu rogo:
Que as grandes almas são irmãs do fogo!*

Na encantadora poesia, *Dialogo com a minha Terra*, adivinha-se que o Poeta quis mergulhar a sua alma no sombrio esquecimento da vida que quasi sempre um homem superior olha das alturas do seu orgulho como uma miseria ignobil, suportando-a entre rizadas de sarcasmo e tentou procurar a tranquillidade do seu espirito no convívio da simplicidade rustica da sua encantada Ogygia, mas tortura-o ao mesmo tempo a preocupação daquilo que se passa no Vale amargurado da existencia. E assim ele pergunta:

«Ilha de Eretria, ó Guernsey dorida,
Onde me exilo a este sol do inverno,
Que irá no meu Paiz? que irá na Vida?»

No «Soneto do Natal» duma emotividade plastica, carinhosa de Amor familiar ha revelações dum pessoalismo unico, pedaços de si mesmo, vibrações emotivas do seu Amor e da sua Arte. No «Ritual de Amor» destaca as duas poesias admiraveis duma simplicidade que só o Amor pode crear, que são «A Carta a um Amor», e «A Carta de Amor».

Entre outras composições de grande valor ha sonetos onde o Poeta conseguiu modelar a sua Ideia numa forma impecavel de Beleza e Perfeição. Fecha a obra com a poesia *Parque de Santa Cruz* onde transparece a fecundidade imaginativa dum grande Artista nos rebulhos fulgurantes da sua visão plastica. Se a Poesia é, como afirma João Penha, a revelação harmoniosa do pensamento humano, Afonso Duarte, consegue, na emotividade da sua Arte, despertar em nós o sentimento que só a mesma Arte nos pode despertar.

Coimbra 5-5-1916.

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

TRAIDORES

Nada de illusões, nem de sofismas!... Escusa ninguem dizer que isto está tudo unido e que adoptamos a divisa: — «um por todos e todos por um». Que isto se afirma para fogo de vistas ou para fazer um bocado de retorica, admitte-se. Agora, que nós aceitemos isto como uma verdade, é incompreensivel.

Precisamos de saber com quem se conta para a sacrosanta defesa da Patria. Necessario se torna conhecer quem está disposto a cumprir o seu Dever! E' dura a verdade. Mas ha em Portugal um bando de facinoras, uma malta de criminosos, que são capazes de tudo mesmo de traír a Patria, de traír esta terra que lhe serviu de berço, este torrão angusto, conquistado, mereço do sacrificio heroico dos nossos antepassados e mantido até hoje pelo esforço sublime dos nossos avós. Ha, sim! Ha um bando negro que anda manejando na sombra, lançando o terror, espalhando a desordem, semeando em toda a parte a confusão.

Ha um bando de facinoras, malta de criminosos que occultamente anda dificultando a nossa marcha no caminho do Dever! Foram expulsos os alemães e os austriacos do nosso territorio, mas ficou em Portugal um Cunha e Costa, um vigarista politico, que, no *Dia*, órgão do maior patife de Portugal, tem protestado contra a expulsão dos nossos odiosos inimigos! E apresenta em sua defesa recumbantes argumentos juridicos, cita leis, menciona artigos, aponta direitos em defesa dos meritos de duas nações que tudo tem desprezado, tudo tem calçado, tudo tem vexado! Foram expulsos os alemães e os austriacos... Mas eles deixaram cá os seus cúmplices, os seus agentes, o seu dinheiro... e os seus advogados!

Como isto revolta! Como isto repugna! Se essas duas nações tivessem usado de lealdade; se tivessem alguma vez respeitado direitos e tratados; se tivessem, ao menos, consideração pelos principios de humanidade!... Mas elas tem praticado todos os crimes, tem cometido as maiores infamias, tem feito os mais repugnantes atropellos contra tudo e contra todos! E ha portugueses que em sua defesa apresentam uma lei, uma lei que para eles tem menos valor que o aço duma baioneta! Ha ainda portugueses que as defendem, apontando clausulas dum tratado, que, para eles, não passa dum «farrapo de papel».

Como é doloroso saber que ha portugueses que se prestam ao papel ignobil, ao papel mil vezes miseravel de trabalharem por conta dos nossos inimigos, inimigos que nos tem ofendido impiedosamente, inimigos que, se pudessem, nos esmagariam para sempre! E, todavia, ha portugueses que as servem, ha portugueses que se vendem ao seu ouro, para as auxiliar na sua execranda missão de banditismo. Como isto é doloroso, como contrange, como revolta a alma dum patriota! Ah!... mas como isto já também coragem, como incute animo e vontade de lutar contra essa corja maldita que tem lançado a morte pelo universo inteiro, que tem tingido de sangue toda a terra, que tem espalhado por toda a parte o terror, a carnificina, a dôr e a miseria! Ha traidores em Portugal? Ha! infelizmente.

Mas fazendo frente a esses trai-

dores, ha muito patriota disposto a lutar, a vencer ou morrer nos campos da batalha, onde seja preciso desagrar a hora da nossa bandeira ofendida, e lavar a nodosa do nosso brio maculados.

Ha traidores? Sempre os houve! Em toda a parte os ha! Necessario se torna afastar-los do convívio social! Preciso é separar-los daqueles que querem cumprir o seu dever.

Urge tratar esses traidores como merecem! Para esses traidores miserandos, não deve ir só o nosso desprezo e o esgarro da nossa repulsa! Deve cair também sobre a sua cabeça infame o peso implacavel do nosso correctivo e o impiedoso castigo da sua traicao e da sua apostasia!

Portugueses! Portugueses honrados e dignos: — Para esse bando miseravel, para esse bando de facinoras, não deve haver a mais tenue sombra de piedade, o mais leve vislumbre de clemencia! O seu crime não merece perdão! exige o correctivo impiedoso e cruel, tão cruel e impiedoso como repugnante e infame é o seu procedimento e o seu crime! Nada de desanimos! Coragem e serenidade! Sejam para esses bandidos as nossas primeiras balas! Provemos que a alma portuguesa, tantas vezes erguida ao sol rutilante da gloria, aspira ainda a adquirir o seu fulgor e o seu brilho antigo, ofuscados pelos descalabros e pelos crimes duma monarquia que nos ia lançando na perdicao e no abismo. Mostremos que Portugal quer viver! E no *querer viver* já demonstra uma virtude. E no *trabalhar para viver* se evidencia uma gloria.

Sentimo-nos com forças! Temos vontade de readquirir o perdido. Antes de mais nada, antes que a nossa gloriosa bandeira verde-rubra se vá enfileirar ao lado da snblime bandeira tricolor da grande e incomparavel França, precisamos, necessitamos de garantir a segurança da Republica que é a garantia da integridade da Patria! Porque é preciso que se saiba que os nossos adversarios do... interior, sempre cobardes e desleais, não deposeram as armas! Eles são inimigos ferrenhos da nossa intervenção na guerra, porque sabem que a Republica sairá da formidavel contenda, cheia de gloria, honrada, respeitada e garantida para sempre a sua segurança que é a condição indispensavel para a independencia do nosso Portugal! Eles não querem a guerra!

Na sombra fazem a sua campanha, essa campanha miseravel da cobardia! Na escuridão eles vão minando o terreno para prepararem os seus sinistros planos. Alerta, pois!

Lembremo-nos de que essa malta se regosijou com o nosso desastre de Naulila! Eles levaram a sua desfaçatez a dizerem-no, com o mais revoltante cinismo, nos seus pasquins!

Lembremo-nos também que ainda ha pouco tempo encolheram os hombros ao terem a noticia da recuperação de Quionga e que se riem desdenhosamente quando se lhes fala no nosso Exercito. Alerta, pois! contra os inimigos... que não foram expulsos! Deitemos a vista, ao mesmo tempo, para o negro jesuitismo que tem por habito bater as suas azas sinistras, nestas occasões de dôr e de luto. Alerta contra todos! Contra os alemães, contra o jesuitismo e contra alguns

portugueses degenerados e vendidos que atraíam a sua Patria.

E façamos saber ao mundo que preferimos que esta terra seja antes um pasto de corvos mas jamais uma caserna do Kaiser!

ERNESTO D'ALMEIDA.

14 de Maio

Passa amanhã o aniversário do simpático e nobre movimento que, impedido, por unanime decisão dum povo indignado, a miseravel tropelia dum efemero episodio da Republica, revocou as instituições ao logar da sua honestidade propria, e ao livre e regular funcionamento da sua actividade politica.

Sabe-se o que foi a Ditadura do auctor dum folheto pornografico que por ahi circulou clandestinamente. O facto é recente. Sabe-se que ela pretendeu ser a guarda avançada da restauração monarchico-jesuitica; que tentou, por todos os meios, impedir a nossa colaboração ao lado dos aliados; que foi um governo de parvos e desvairados, tão insolentes como perversos e ignorantes.

Foi uma agonia; pretendeu ser o fim da Republica e da nacionalidade. Não o ponde. Era um sapo na pele dum tigre; o povo arrancou a pele e o animalculo ejaculou a bojarada do general Quichote.

A existencia da Ditadura a dentro da Republica foi um grande mal, um mal irremediavel, não porque pudesse arruinar as instituições republicanas, mas pelo facto das suas consequências remotas.

Com uma ditadura de tais ditadores é tão certa uma revolução como uma farsa duma pederneira batida pelo fuzil. E nós sabemos como as revoluções perturbam desgraçadamente o condicionamento politico das instituições, evitando todo o trabalho de solida construção e prestigiando aventureiros sem consciencia para avaliarem a nobreza da isenção, e creando-se desta sorte uma burocracia revolucionaria civil, com profissão gravada em cartões de visita e invadindo os ministerios exigindo a paga dos seus serviços como mercenários de infima categoria. Das revoluções nasce o tortulho muito perigoso da heroidade ambiciosa e pedante. Façamos a revolução na ideia. É a unica revolução fecunda. Pelo facto, exige todas as precauções, atendendo aos seus funestos resultados. Quando a Revolução pelo facto passa ao estado cronico, começa a dissolução das nações. O 5 d'Outubro foi a incubação dum seculo de abominações. É um abcesso que obedece ás leis da Historia, como as marés a quem a natureza manda subir e descer na sua hora precisa.

O 14 de Maio veio agravar uma chaga que começava de cicatrizar. Os ditadores sabiam antecipadamente que iam produzir uma Revolução! E não é de revoluções que a Republica precisa! É de paz, de trabalho fecundo, de construção, de saneamento, não aparecendo aventureiros sem escrúpulos e nulidades

2 Folhetim de A REVOLTA

A SAMARITANA

ROQUE MARTINS

Por entre o branquejar das sementearas, em direcção á fonte caminhava um vulto ritmico de mulher, hieratico, rígido, os braços nus erguidos em duas linhas perfeitas: o esquerdo sob a nuca, curvado em angulo, a segurar a aza quadrada duma anfora de barro amarelo, o direito subindo como uma coluna de alabastro, assentando a mão no bojo pintado de flores.

Os pés roseos mostravam o mate da sua carne entre as correias das sandalias. Caía-lhe dos hombros estreitos sobre o corpo, uma simples camisa de algodão lavrada de cores vivas. Nos pulsos erguidos sangravam talismans de coral.

A fonte de Jacob vinha a samaritana encher a sua anfora.

A agua sonambula num encanto

chapadas disfrutando posições que exigem competencia e honestidade, transformando a multidão num verdadeiro órgão de poder público.

O 14 de Maio é um dos tais males que um escritor serio saudava e lamentava, exalta e vitupera ao mesmo tempo.

Houve muita sinceridade, muita grandesa, muita nobreza nesse movimento. Repoz as instituições no seu verdadeiro logar. Isto basta para o impor á consideração. Mas quantos males daí resultam?

DINO.

Dr. Magalhães Lima

No rapido de Madrid seguiu, quarta feira passada, em cumprimento da sua missão evangelisadora, com destino ao Meio-Dia da França, o venerando democrata Magalhães Lima. A sua propaganda em favor de Portugal iniciou-se ha em Montpellier, realizando conferencias em Toulouse, Bordeus, Nice e Paris, seguindo para Milão, Roma e Londres. O grande português teve uma despedida muito afectuosa. A Revolta taz votos por uma viagem feliz.

Da raia beirôa

UMA SANTA!

Não há muito tempo ainda que eu comecei a ter noticia dos fumos de santidade que a tia Custódia trazia espalhados.

Vai quase num ano que, por uma tardinha de sol, á minha porta arribou uma pequena caravana espanhola, formada da dois gericos, três mulheres e duas crianças. De passagem, cortésmente me saudaram, com umas graciosas buenas tardes, inquirindo depois:

«¿Hará, usted, el favor de decirnos adonde vive, aqui, la santa?»

Após alguns momentos de hesitação, sempre tive de confessar ás mulherzinhas da estranja que, por certo, viriam enganadas: os Forcalhos tinham, ali na igreja, umas santinhas velhas que forçosamente deviam ter sido muito milagreiras nos seus belos tempos; mas, pelo de agora, ninguém trazia já na memória qualquer acto da sua virtude tautatúrgica...

Que não — atalhou logo uma, como que ferida na sua creença, enquanto as outras sorriam do meu gracejo: era tã certo haver nos Forcalhos uma santa, como haver um Deus no céu — a tia Custódia...

A revelação deste nome, não pude ter-me que não sorrisse. Podia lá ser!... Uma santa, á tia Custódia, que na sua terra era apenas conhecida como a banalissima fêmia com quem havia casado o tio José Inácio!...

O que é certo é que a minha interlocutora ali estava a contar maravilhas das suas virtudes divinas: de há anos que vinha padecendo, atrozmente, de um mal ruim; a modos que uma cobra lhe andava no estômago, a esmordaçá-la; consultára todos os médicos das re-

mento de Cristo iria despertar, quebrando os sons profeticos. As gótas aurais iriam engeitar aquela massa d'agua adormecida, diluindo-se em falas, em sons harmonicos, dizendo a Vida oculta ao profeta da Galileia.

Macerada de aromas, a carne da Samaritana irradiava uma nuvem estésica que envolvia Cristo, e ele sentiu então na sua alma que a gnoma se ia descerrar. Sentiu o perfume a ungi-lo e mais gravou na agua misteriosa o seu olhar de fogo. Então, surgindo, junto á sua imagem, debroçou-se o busto da mulher, esguio, flexivel, onde o nacar da sua carne tinha uma palidez mais fôsea, diluida em volúpia. Com a cabeça de Cristo, a sua cabeça envolta na moldura da sombra dos seus cabelos ferozes, faziam um retabulo místico de nupcias divinas falando nos seus olhos a eternidade viva.

A Samaritana, olhando a imagem do profeta na agua morta, ficou envolta no hipnotismo dos seus olhos e sentiu por ele o fremito da volúpia; á sede humana naquela agua tentadora.

dondezas, chegára mesmo a ir ter com um especialista madrileno, mas sem que lograsse o menor alívio para os seus males.

Algun anjo levaria até ela a fama da Santa. Certo é que a havia curado, unicamente com as suas rezas e as suas ervas simples.

Em testemunho de verdade, ali estava agora, cheia de saude e vida, e vinha agradecer-lhe, deixar-lhe uns presentes, porque ela tudo fazia pelo amor de Deus...

Informáram-me ainda de que também aquelas duas eriancitas vinham á Santa: um robusto morgadote dos seus oito anos e uma Manolita um pouco mais velhita, de olhos azulinhos e fulvas tranças.

De há uma temporada que andavam como que acobardados, cheios de fastio, não comendo nem brincando, a despeito de todas as malmalices da familia inquieta. «Só Ela lhes poderia valer!...

Abismado de tanta ingenuidade, indiquei-lhes finalmente, a distância, o casebre humilde da curandeira, do qual se abeiraram com devoção, ficando eu a pensar se não haveria, da parte dos garotos, uma dessas bréjeiras conspiratas, em que sam fecundados, e que tanto costumam fazer as nossas delicias e os nossos pecados.

Pouco tempo volvido, já a caravana estava de regresso. Os gericos, de alforjes vassios, caminhavam agora mais apressados, como que nostálgicos das pátrias devêsas, enquanto as donas, cheias de contentamento, iam abençoando a terra portuguesa onde a fé criava santas milagreiras, para saude dos enfermos e glória de Deus.

Côlera ia espalhar-se, por toda a provincia salmantina, a noticia dum novo prodigio: o desenfrascamento das duas crianças que voltavam alegres para Fuenteguinado e que, na própria casa da benta, começaram de comer, a tripa-fôrta, com a respectiva tijela de couves, uma dúzia de sardinhas e grandes nacos de queijo com pão centeio!

...E aí está como eu comecei a ter noticia dos odores de santidade que a tia Custódia, a vulgarissima companheira do José Inácio, trazia esparramados, lá por fóra... porque ninguém é profeta na sua terra.

CARLOS MARTINZ

A REVOLTA reúne no local e horas do costume.

Dr. Torres García

Encontra-se em Coimbra, onde se demorará alguns dias, este nosso preso amigo e velho republicano.

A Revolta patenteia-lhe as mais calorosas saudações.

Dr. José Frederico Serra

Visitou-nos na passada quinta-feira, deixando afectuosos cumprimentos aos redactores d'A Revolta, este nosso querido amigo e devotado republicano.

Os nossos agradecimentos.

O galilen olhou a visão do seu desejo e junto a si o seu halito perfumado queimava-lhe a carne já desperta.

Os desejos estrangulados da sua raça que a sua doutrina morta tinha amordaçado, ignisaram-lhe o sangue numa nuvem de purpura onde os aspectos ardiam numa resurreição de formas. Turvou se-lhe a percepção naquela violencia barbara onde toda uma ascendencia queria reviver. Cerrou os olhos para se desprender da agua onde incoerencias manchavam a tela fluida e para absorver na alma dilatada o perfume intenso da criação.

Foi neste momento que a agua se abriu em enciclias sedosas pelo balde que a Samaritana mergulhara. O eixo do poço ferrolhava ao enrolar a corda e ua subida vagarosa, lenta, caíam as gótas tremelentes, tumidas de som, esmagando-se na tela da agua clareada de plenilunio, como lagrimas metálicas vibrando choros ou como falas de nascentes caindo, retinindo, numa superficie de marmore desmaiado. Quebrou-se o encanto. A agua

A' garrócha

Que belésa!

Diz o sr. Luiz d'Almeida Braga, auctor do Pão Alheio: a sabedoria mora visinha do sono. De modo que, quando ali o Zé Pinguinhas começar a cabecear de sono, ha absoluta, a infosismavel certeza de que ali jaz um homem de sciencia, naturalmente a calcular a paralaxe da lua!...

Se os lentes de direito perfilhassem tão judiciosa teoria! Que belésa! — um homem punha-se a roncar que era mesmo uma admiração do universo, e nem os sete dorminhócos da Grecia nos levariam as lampas!... Que belésa!

Dos tais?

Lá no banquete dos almiscarados apurceram também, Francisco Daum e Lorena (Pombal) e Pedro José Folque, soldados de Chaves!...

De donde? O' da guarda! Vallaham-me! que meto um dedo na venta e suicido-me! O' da guarda! Foi! foi!... daqueles que partaram a tigris?... dos tais!... São umas feras!!!

Salta o burro

Em deliquios spasmodicos de Santa Tereza, diz ali n'O Dia que sai á noite, o localista do Dia-a-Dia:

«Maio! Mez de Maria e das rosas em que o sol tem um brilho mais criador e a flor um perfume mais activo! Mez da Virgem!...

Maria está no seu mez; a Virgem está no seu mez; isto é o q. e está n'O Dia! E não será mez de mais nada? Tom mau mez a Virgem! E digo-lhes, que se ela não trouxer castanhas piladas no bolso, está bem arranjada! A quem não traz castanhas salta o burro! — dizem pelos meus sitios.

Carlos Martins

Vindo de Forcalhos, onde esteve em goso de ferias, junto de sua Ex.^{ma} familia, regressou na passada segunda-feira a esta cidade, este nosso presado companheiro de luta republicana, distinto aluno das faculdades de Direito e Letras.

Conferencia patriótica

Realisou-se, no passado domingo, a annunciada conferencia sobre a guerra, pelo illustre professor da Faculdade de Letras, sr. dr. Alves dos Santos. A assistencia era numerosa. O orador foi eloquentissimo, produzindo uma esplendida lição de historia e antropologia, demonstrando que o povo alemão é o mais feroz e egoista do mundo culto.

S. Ex.^{ta} foi calorosamente aplaudido. Presidiu á conferencia o illustre republicano sr. dr. Eduardo Vieira, secretario pelos srs. dr. José Cardoso e José Maria Mendes d'Abreu.

depois de lhe mostrar visões, dizia-lhe o ritmo do seu sangue vivo.

A Samaritana depois de encher a anfora, disse então Jesus: — Dá-me de beber.

E elle juntando as mãos, depois de purificadas, numa concha nacurada onde a vida estava escrita nas linhas sibilinas das palmas, mergulhou-as na anfora e deu-as aos labios do profeta, sécos de febre, sangrentos, sorvendo as gótas escaudantes.

Sentiu a sua carne arder como se absorvesse fogo. Tinha bebido toda a secura dum desejo. E disse então:

— Todo aquele que beber desta agua tornará a ter sede. Eu tenho para te dar a agua viva. Sou uma fonte d'agua que salta para a vida eterna. Na anfora marmorea do teu corpo, mulher, eu quero moldar a minha agua viva, aquela que tu acordaste com a tua presença. Tenho sede de formas, á minha imagem. Deixa que nos teus labios eu sopra a minha fé.

A mulher de Samaria, naquela evocação em que o seu sangue re-

João de Barros Coelho Mourão

Realisou nos ultimos dias da semana passada o seu primeiro acto de sciencias economicas e politicas, este nosso estimado amigo, quintanista de Direito, obtendo a alta classificação de bom, facto por que muito o felicitamos, assim como a toda a sua Ex.^{ma} familia.

Publicações recebidas

Guia de Coimbra

Pão Alheio

Não somos daqueles que apenas gostam de receber... e dizer: muito obrigado.

Noutra parte fazemos o reclamo ás obras. Essas obras são: Guia de Coimbra, por Eugenio de Castro; Pão Alheio, por Luiz d'Almeida Braga.

Lemos. Incontestavelmente que não podemos deixar de reconhecer mais uma vez o talento e erudição do grande e illustre poeta portugues, sr. Eugenio de Castro. É um mestre. Sobre isto é que não ha nem pode haver divergencia de qualquer natureza. O que nos impressionou desagradavelmente foi o facto da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra consentir que nessa obra se dirigissem umas piaditas de pouco espirito e birra feminal á Republica, facto que muito pouco honra o artista, pondo na sua obra uma nota de faciosismo, improprio dos grandes cerebros. O ataque, valha a verdade, despido de qualquer argumentação de peso, é mais uma esquisitice de artista, uma garotice de poeta!...

Não faz tremor nenhum a não ser o D. Quixote de La Mancha... E o sr. Eugenio de Castro não é decerto um inimigo perigoso. Não exerce s. ex.^{ta} um cargo publico? Não vá a charrua deante dos bois! Noutros tempos era doutra maneira. É um bom livro. Está muito bem escripto. Revela erudição. A garotice do talassa até chega a fazer rir e até é possível, a julgar pela clemencia da Republica, que o poeta Eugenio de Castro armasse aqelle estratégia para reclame á obra!...

Recebemos também o Pão Alheio, de Luiz de Almeida Braga. É um livro de impressões de viagem por Antuerpia, Flandres, Damme, Bruges, Gand, etc. Não lhe poderemos chamar um livro de impressões de viagem. O auctor nada nos descobre do que viu. Ele conta-nos mais as evocações despertadas pelo que viu. Descriptivo simples. Imagens bem talhadas: poucas mas boas. Quando o autor começa de filosofar diz muita banalidade e muito paradoxo, e muita palha de encher. Um pouco pretencioso. Nenhuma cautela com a cacafonia. Tem uma frase plagiada que leio pela millesima vez na minha vida e que já transcrevi com as devidas aspás: «É a proximidade da morte que faz nascer o amor da vida». Isto é conhecido por toda a gente. O autor escurava muito bem deste descuido, porque é artista.

A terça parte do livro devia ter

fluiu sob a carne lactea como lampejos de fornalha, escutava a voz da sua raça barbara nas falas do juden.

Os seus olhos negros, sedosos de volúpia, lampejavam duas sombras. A sua camisa de algodão multicór, roçou a asperza do albornoz de lá que cobria Cristo.

Cresciam as sombras dos ciprestes á medida que o plenilunio descia. Ao fundo erguia-se enorme, densa, a sombra do outeiro.

Então, a Samaritana abandonada ás mãos do profeta, escutou as palavras da sua fé:

— Nas terras de Canaan andaram os homens nas pastagens des seus rebanhos, junto ás tendas de peles de carneiro, negros do sol da Syria, as lanças erguidas lampejando ao sol, as pernas nuas sob o saial curto. As suas mulheres pisavam o grão de centeio donde faziam os bolos das refeições. E, horas tardias, sobre aquele monte, adorou a tua raça o Deus do reino de Israel que as dez tribus formaram.

Continua.

SECÇÃO LITERÁRIA

PARA A VIDA

*Enerva-me o silêncio dos sepulcros,
E no entanto é propícia a solidão
A' recolhida seisma e aos sonhos pulcros.*

*No silêncio fecunda-se a emoção
E desliza mais límpida e mais forte
A profunda caudal da inspiração.*

*Mas a paz sereníssima da morte
O quer que seja tem que espectraliza
Em dór os próprios vegetais, de sorte*

*Que tudo se penumbra e se indecisa,
E apenas a tristeza do que foi
Severo ou doce o nosso olhar divisa.*

*Prefiro o claro esforço que constroo
E, a fulgência do Sol, antes a quero.
Amo o fogo que a morte não destroo...*

*Entrego à Vida o coração sincero,
Como o sonho maior e o melhor verso,
E da luta febril não desespero*

*Porque todo me enleio do Universo
No ritmo ardente e no mistério fundo,
— Com a alma plena do clarão mais terso.*

*E amando assim o ansio mais profundo,
Sinto-me só na paz do cemitério...
Prefiro à trégua o batalhar do Mundo,*

Onde a alma inquieta ganhe o seu império.

(Inédito: do Cancioneiro da Primavera.)

VAZ PASSOS

O que ha de mais lindo

*Sorrisos de criança!... Oh! o indizível
Encanto do sorriso da inocência!
No jaspé, da alma humana a eflorescência
Moldai, estatuários! se é possível...*

*O' artistas da rima e da cadência!
Vede se interpretaís, na inteligível
Vulgar linguagem, dêsse intraduzível
Poemetozinho em mímica a eloquência...*

*Na pureza e fragrância lembra os lírios,
Em fulgor um diamante, a estrela Sírius,
O inimitável jeito gracioso*

*Duma boca infantil, quando sorria
(Que, sem cantar, tem toda a melodia
Do rouxinol gorgando mavioso...)*

LUIS VALOURA

ficado na gaveta. Devia ser mais neutro em materia de catolicismo e beatismo. Não somos intolerantes. Aborrece-nos uma religiosidade pedante e forçada. Está fora da moda. E' caduco. Indispõe. A morte é herege. A *Renascença*, como o pretende afirmar o autor e outros o teem afirmado não foi grande pela religião mas apesar dela A *Ladainha da Neve*, é uma pagina bem inspirada! destacamos também *Pierrot triste*, *Malines* e a *Quermesse*.

FERNANDO D'ARAUJO

A MOIRA DA FONTE

POR

Campos de Figueiredo

O proximo numero d'A *Revolta* publicará a *Moira da Fonte*, uma interessante poesia-rimance, firmada pelo nosso distinto colaborador, o soberbo poeta Campos de Figueiredo, cujos trabalhos já são conhecidos dos nossos estimados leitores.

A' ultima hora

Morre em Vila Rial o distinto médico, Dr. José Leite dos Santos.

A' ultima hora, quando o nosso jornal começava a entrar na maquina, recebemos do nosso correspondente em Vila Rial a dolorosa noticia da morte do mais distinto médico da provincia, o nosso desditoso amigo Dr. José Leite dos Santos.

Novo ainda, pois contava apenas 41 anos de idade, ele impozera-se á consideração de todo o povo de Vila Rial, pelas suas primorosas qualidades de caracter e profundos conhecimentos da sciencia médica. A sua morte deve ter sido muito chorada por todos os vilarienses que por si nutriam uma profunda veneração. A seu pai, o sr. Bernardo Leite dos Santos, a seu irmão, o illustre facultativo Dr. Augusto Leite dos Santos, a Sua Ex.^{ma} Esposa e a toda a familia enlutada, envia A *Revolta* a sentida expressão do seu pesame pela morte do nosso querido e desditoso amigo.

DR. CARGOS DE MESQUITA

Mais um lente que morre: Dr. Carlos de Mesquita, mestre consciencioso e illustre da Faculdade de Letras da nossa Universidade.

Sucumbiu pelas 10 horas de terça-feira, a uma fatal doença que de longe lhe vinha contaminando o organismo. Foi um grande trabalhador, cheio de erudição e intelligencia, modesto, servido por uma consciencia pura, por um grande espirito de justiça. E' das mortes que se sentem. Deixa no magisterio universitario uma brecha difficil de preencher. O Dr. Carlos de Mesquita era um homem invulgar. O autor destas linhas conheceu-o de perto: teve-o como professor de inglez durante dois anos. O aluno que estudasse tinha a sua protecção e a sua amizade. Eram escusados *empinhos*, esse miseravel diploma que os professores da Universidade exigem a todos os examinandos. Quando os outros professores queriam reprovar os alunos classificados na sua aula, o saudoso mestre tomava tal calor, indignava-se a tal ponto que um dia chegou a pegar numa cadeira, para castigar todos os seus colegas no Liceu de Vizeu!

O seu lapis nunca escreveu uma nota de mau comportamento a um aluno nem a campainha da sua aula se fez ouvir chamando a intervenção dos continuos.

Um dia estavamos nós numa aula de inglez. Os rapazes das outras classes, cá fora, nos corredores, faziam uma algazarra tremenda, impedindo, por completo, o funcionamento dos trabalhos.

O Dr. Carlos de Mesquita levanta-se, abre a porta e diz aos rapazes: — «olhem que eu não chamo o continuo!... Corro-os a pontapé!» Foi um milagre. Era respeitado como um pai. Duas bancadas da nossa aula estavam um dia muito indisciplinadas.

— Meus senhores: — (diz o dr. Carlos de Mesquita com a sua voz mansarrosa e intencional) eu não lhes ponho notas de mau comportamento, nem os ponho fora da aula! Não! Pego nesta vara (acompanhando o gesto com a palavra) e corro-os a todos! que não lhes tenho medo algum». Fizemos-lhe um dia uma parede. Escusado será dizer que no dia seguinte foi tudo á aula sem estudar a lição anterior, pois o Dr. Carlos de Mesquita, mareava lição num dia e chamava ao outro. Nesse dia, porém, varjou de sistema! Já tinha estendido uns 23! Estava pela minha porta. Eu também não sabia patavina. Levantei-me.

— Dá-me licença, sr. Dr.?

— Pois não...

Comeci de votar umas palavras sobre os acontecimentos, e annunciando-lhe que também não sabia nada, que estava nas condições de todo o curso, que fizesse favor de marcar a má nota mesmo sem experimentar a minha sciencia.

Começou-se a rir de mim! Diz ele:

— O' sr., ó sr.: — *deixe-se lá de oratorias!* Mas este homem dizia as coisas duma tal maneira, que eu senti-me achatado de ridiculo.

Eu e todos os meus colegas fomos no fim da aula falar com o mestre.

— Abraçava-nos a todos! — que tivéssemos juizo, não reccassemos coisa alguma!... Grande coração!

Ele conhecia profundamente a lingua inglesa, em todos os seus misterios. A literatura inglesa era-lhe familiar. Deixou um trabalho de folego sobre o *Romantismo Inglez*. Era muito citado pelos literatos e investigadores estrangeiros. A nossa saudade — querido mestre!

A REVOLTA reúne no local e horas do costume.

Caetano Sampaio

Já regressou de férias este nosso particular amigo, estimado companheiro de luta, quintanista da faculdade de medicina, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

CRUZ VERMELHA

Continuamos a publicar a lista de prendas oferecidas por varias damas e cavalheiros para a *Quermesse* a realizar brevemente nesta cidade:

D. Elisa Bandeira, 1 alfineira em cristal; D. Gertrudes, 1 cesto em cristal; Anonimo, 1 caneca em cristal; Hotel Avenida, 1 prato lonça das Caldas; D. Maria Ceu P. da Silva, 2 chavenas; Antonio C. Nunes, 1 tinteiro em metal; Antonio Correia e esposa, 1

bandeja porcelana; Alberto Silva, 1 chavena; D. Aurora Ferreira, 1 bilheteira cristofe e cristal; Manuel A. Leal, 1 garrafa para quarto; D. Graziela P. da Silva, 4 solitarios; D. Noemia Pedreira, 1 cesto em rafia confeccionado por sua ex.^a; Alberto G. Cunha, 1 caixa de charão; Manuel A. Silva, 1 caixa de lenços; Antonio F. Brito, 1 cesto com diferentes objectos; Inacio Chaves, 1 manteigueira e 1 bibelot; Leão d'Onro, 2 gravatas; Cipriano Leão, 1 bilheteira em metal; Manuel J. Vilaça, 3 bonecas; Joaquim Macedo, 1 par de sapatos creança; Anonimo, 1 cofre em seda; Arnaldo Moura, 1 caixa de sabonetes; João Mendes, 3 caixas de pó d'arroz; Rodrigues da Silva, 1 caixa com 3 sabonetes; Cardoso & C.^a, 1 estojo para toilette; João Rodrigues Paixão, 1 gesso; Dantas Guimarães, 1 frasco de perfume; Anonimo, 1 par de solitarios; Paes Mamede, 6 frascos de perfume e 12 sabonetes; Mamede, 1 caixa de talco; Joaquim Gandarez, 1 boina e 3 pares de meias; Anonimo, 1 fervedor para leite; Manuel Simões, 1 lata de cacau; Manuel Monteiro, 1 moinho para café; Latoaria Madeira, 1 gazometro; Frederico Fernandes, 1 termometro; Anonimo, 1 estojo para escritorio; França Amado, Moura Marques, Armenio Amado e Antonio Monteiro, diferentes publicações; Anonimo, 19 garrafas de vi ho, 7 frascos de tinta e 1 lata de azeitonas; Reis & Simões, 1 par de jarras; V. Ferreira, 4 latas de cacau; Armazens do Chiado, 6 gravatas, 2 compoteiras, 4 saleiras, 12 cinzeiros e 18 sabonetes; Joaquim Olavo, 1 fruteira.

Tambem a comissão recebeu doativos dos Ex.^{mas} Srs.:

Dr. Daniel de Matos, D. Miguel d'Alarcão, Dr. Herculano de Carvalho, Joaquim Batista, Companhia de Carruagens, Joaquim Respeita, Antonio de Castro, D. Prudencia Pais, Barros Faria, D. Maria Jesus Amaral, Miguel Barata.

Pela Universidade

Por proposta do sr. Dr. Alberto dos Reis, director interino da Faculdade de Direito, foi nomeado, por aclamação do conselho universitario, director efectivo da mesma faculdade, o illustre professor, sr. Dr. Machado Vilela, que, por tal facto, deixou a direcção da Biblioteca juridica, logar para que foi eleito, tambem por aclamação, o insigne professor, dr. Casiro da Mata.

ANUNCIOS

AUGUSTO BAPTISTA e JOAQUIM DE CAMPOS
ADVOGADOS
Rua da Sofia, 15-1.

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentrítico.
Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.
Instrumentos cirurgicos, etc.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE
Tabacaria — Papolaria — Lotarias — Perfumarias
CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais — Ilustrações
Revistas nacionais
e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional

Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinaes

Aguas ao copo
Depósito da Cevada do Cairo
Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA
Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17
Telefone n.º 559

Encadernador

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar.
Garante-se sempre serviço.
Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade; em LISBOA, Tabacaria Monaco; no PORTO, Tabacaria Rodrigues (Passeio das Cardosas.)

Muraline

Tintas inglesas a água. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo teem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a água. Apropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA
ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 — Rua Ferreira Borges — 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 - COIMBRA

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros
Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.
EXECUÇÃO RAPIDA

Relojoaria Comercial
DE
Adolfo Pinto de Sousa
Praça do Comércio, 60
COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

IMPORTADORA

Cipriano Leão & Comp.

Importação directa
De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.
Rua Ferreira Borges, 52
COIMBRA

Casa L. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 - COIMBRA.

Pianos Gaveau
Bicicletas B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Instrumentos musicos, e seus accessorios, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

Economia - Garantia - Seriedade
Correspondente da Companhia de Seguros Comercio e Industria

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia?

Vá comprar ao único estabelecimento de mercador que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 - Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges - COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA - Rua Ferreira Borges, 12
GUARDA - Rua Alves Roçadas
COVILHÃ - Praça 5 d'outubro, 17 a 19
CASTELO BRANCO - Rua Pina, 32

LEIRIA - Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
FIGUEIRA DA FOZ - Praça da República, 8
SOURE - Rua do Relógio
LOUZÃ - Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA

* Guimarães & Lobo *

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, piugas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas

COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre... \$35
Estrangeiro... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações do que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 - Arco d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agrícolas, Normais e Primárias.

A LUZITANA

JORQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho - Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria.
Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
Responsabilidade efectiva
pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUZITANA

As mais completas officinas de marceneiro, polidor, enfiador, torneiro, estofador e colchoeiro

MAGNÍFICO SORTIDO

de moveis de ferro e madeira, estofos colchoaria, oleados, tapetes, brise-bisés, jutas, panos de mesa, etc.

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quobra Costas, 2 - R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 - COIMBRA

A traição dos monarquicos

As gravissimas acusações que aos dirigentes monarquicos vem fazendo o jornal de Homem Cristo, apresentando-os como partidarios da Alemanha e, portanto, traidores á patria, não surpreenderam nem alteraram o conceito em que pelos republicanos eram tidos os sinistros autores da conspirata de Mafra. O testemunho de Homem Cristo é insuspeito, pois se trata de um monarquico e de um intransigente inimigo do regimen democratico, mas coisa alguma acrescentou ao muito que todos sabiamos sobre as criminosas manobras dos aventureiros, que ontem não hesitaram em invadir a terra portugueza, depois de preparados em terra estrangeira, como hoje não recuariam ante a torpeza de auxiliar soldados alemães, contra portuguezes desembainhando espadas fraticidas.

Nunca esperamos outra attitude da parte daqueles que á imprensa estrangeira pagaram artigos em que a sua patria era profundamente ridicularizada e que, servindo-se de influencias pessoais junto de monarquicos de outros paises, procuraram criar á Republica as maiores dificuldades de ordem internacional. Jamais alimentamos illusões sobre o procedimento daqueles que não se fartaram de mendigar uma intervenção estrangeira, que impuzesse ao povo portuguez o reizete beato que tinha sido enxotado para fóra de Portugal. Os actos de ontem faziam prevêr a attitude de hoje. Só ingenuos ou lunaticos podiam supôr que, ante a Patria em perigo, os traidores se metamorfoseariam em patriotas e em heroes.

Para esses monarquicos existe apenas o odio á Republica, que os privou do luxo e da ostentação em que podiam viver, com o precioso auxilio dos dinheiros da nação. A este odio sacrificam tudo; o proprio grande sentimento da patria é envenenado pelo verde dos seus rancões e dos seus despeitos. A sua missão não consiste em lutar pela gloria da terra em que nasceram: arrogam-se apenas a missão funeraria de enterrar a Republica, mesmo que a patria deva baixar ao mesmo tumulo.

A sua attitude no actual momento é pois tudo quanto ha de mais logico. Para eles nada significaram os attentados do Kuangar e Naulila, o sacrificio de tantos soldados portuguezes, a bárbara chacina de tantos officiaes! Os que ainda ha poucos dias morreram nas margens do Rovuma sob o fogo das metralhadoras alemãs, os que amanhã hão-de morder o pó nos grandes campos de batalha, todos esses heroes e martyres não merecerão dos monarquicos senão palavras de desprezo e gestos de maldição. Pois não estão eles convencidos de que o triunfo da Alemanha ha-de trazer como immediata consequencia a perda da Republica e a restauração de uma realza, que satisfaza as suas ambições, os seus caprichos, afimente a sua vaidade e encha o seu estomago?

Que importa que esse triunfo nos arrebathe as colonias, nos imponha uma humilhante tutela, nos faça vassallos do Kaiser? O que é preciso é ter um rei, que distribua titulos de nobreza, logares rendosos, que ofereça esplendidas festas e mantenha uma corte faustosa. Tudo o mais são ninharias, insignificancias, utopias de lunaticos e sonhadores.

A participação de Portugal no conflito europeu ao lado da aliada Inglaterra pode marcar uma nova era de progresso e valorisar a nossa situação internacional, valorizando ao mesmo tempo a Republica? Tanto basta para os monarquicos lutarem pela gloria da Alemanha, tratando de criar as maiores dificuldades á Republica, no sentido de que ela não consiga levar os seus soldados, ali, onde se pode conquistar a gloria e afirmar o direito á vida. Tudo quanto para ali venha á supuração, significando resistencia á missão que nos cumpre executar, tem uma mesmá e unica origem. Não é obra do dinheiro alemão, é producto da traição de certos portuguezes. Procurem-se os autores da nefasta propaganda, que tem sido feita contra a guerra, e só se encontrarão ou monarquicos ou então alguns pobres diabos, sem responsabilidades e sem cotação.

Agora, especulam jesuiticamente com a fé religiosa do povo, suggestionando centenas de desgraçados, a quem fazem ver no firmamento os mais extraordinarios e cabalisticos sinais. E não é a reprodução do milagre de Ourique, preconizando a victoria das armas portuguezas, e dando alento aos guerreiros de Afonso Henriques, é antes uma nova forma de incutir o terror da guerra nas almas simples, fomentando a cobardia e a traição. Em toda esta comedia figuram sempre os mesmos actores e comparsas. Aparece sempre o dedo do gigante e tão ás claras que para o descobrir não eram precisas as tremendas acusações do sr. Homem Cristo. Sabemos com quem lidamos. A felonía dos biltres não nos surpreende nem nos amedronta. Terão a justa recompensa da sua traição.

Carnalho Araújo

RIDENDO...

O Cinico Forja! sobe ao Olimpo! voa!
E arma em forjador dos raios de Vulcano
E deixa de fazer artistas á posoa,
Desiste de forjar um Poeta do Caetano!

Vai ao Etna, Forja! transforma-te em gigante,
Em Ciclope dum olho, e, para a Terra, solta

O fogo da tua ira, um raio coruscante
Que venha fulminar os novos d'A Revolta!

Leva contigo o Cahos! manda o Autor ao Demo
E guinda-te ás Alturas, voa d'aeroplano,
E vai apresentar-te ao Jupiter Supremo!

Foge da Terra, fuge, ó Cinico profano,
Senão, tal como Ulisses fez a Polifemo,
Eicas d'olho vazado e aberto p'lo Caetano!

Coimbra, 6-6-916

CAMPOS DE FIGUEIREDO

EM VOLTA DUMA ENTREVISTA

O aprumo dum fidalgo

Respeito os mortos. Confrange-me a simples ideia da mais leve perturbação irritante á roda da fria imobilidade dum túmulo. Deixemos descansar quem descansa. Arrancar ás doçuras do berço os membros lassos duma criança doente, que ali dormisse um sono reparador — seria não ter coração. Mas o acto daquelle que se permitisse enxovilhar a memoria de quem dorme o sono da materia, na mudez perpétua duma tumba, deixaria de ser um crime para ser uma desumanidade e um sacrilegio. E o meu aparelho ha dias nas cinzas de um morto, meu irmão pela crença!... Poenitel me... O sr. José Manuel deve estar agora satisfeito com o seu papel de mystificador. E' ele, e só ele, o culpado do sacrilegio. Querendo demonstrar a existencia duma elite intelectual católico-monarquica na Academia de hoje, e como os elementos lhe faltassem, não hesitou em ir buscá-los á geração que passou, onde eu tive que remontar á cata de documentos. A confusão de dois homónimos, sejam ou não do nosso tempo, é cousa bem natural e que não deslustra ninguém. O que eu acho desvergonha é o facto do sr. José Manuel pretender impingir gato por lebre, falseando as coisas. Andava o *Jornal de Coimbra* inquirindo sobre a *Academia de hoje*. Falei eu, bem claramente, da sua decadencia, negando a existencia de qualquer elite, a destacar na esfera do pensamento. Mas acudiu logo o sr. Noronha, puxado pelo *Debate*, em desagravo das figuras especiosas, de três ou quatro orates do C. A. D. C., fóco jesuitico do elogio mútuo, de cujo labor mental ninguém fala cá fóra, porque não existe, mas cuja acção deletoria toda a gente conhece — que mais não seja, — por essa escola de delação que se chamam as *congregações marianas*.

Mas vejamos: o dr. Amorim e o dr. Salazar, sendo professores da Universidade, deixaram de ser estudantes há muito tempo; o padre Manuel Cerejeira e o padre Elias de Aguiar estavam já formados quando nós frequentávamos ainda as classes liceais; Alberto Papança, ninguém pôde ignorar que o seu tempo passou quando por cá andava também aquele impagável sr. António de Sardinha, com a sua *saude liquida a escorrer*. Isto é, o sr. José Manuel, imbuido talvez das doutrinas *catolicas* de mestre Pereira em lugar de dizer *ontem vem*, afirma que os de *ontem sem hoje*, mistificando assim ignobilmente os provincianos leitores da sua carta e os verdadeiros intuídos do inquerito do *Jornal de Coimbra*, a quem só a geração actual interessava.

Ora bolas, sr. José!... Ah! sim, mas escapa ainda o Luis Braga, cuja *vera effigie* me foi apontada, há dias, na *Ideia Nacional*, ridiculo xiquete travestido de conueirista, fazendo parte dessa malta de gatos pingados que na historia portugueza deixaram escrita uma pagina de cobardia e vergonha, — porque nunca republicanos traíram a patria armando-se, no estrangeiro, para invadi-la. E' tambem do estrangeiro que o sr. Braga encomenda o seu livro, num pretenciosismo estúpido, como se nos horizontes limitados e maravilhosamente belos da nossa historia e da nossa paisagem, da nossa tradição e das nossas legendas, não houvesse ainda muito ouro a trabalhar. Mas esse *Pão alheio*, a avaliar pelo que alguns criticos disseram — porque o vagar não nos sobra para

tais leituras — deixa ainda de ser portuguez pelo ridiculo beatismo espanhol do seu autor e pelo descarado plagiato de frases como esta: «E' a proximidade da morte que faz nascer o amor da vida». Falamos nisto, porque o sr. Braga não ousou desmentir.

Ora, pois, sr. José: fica assim apurado, muito logicamente, que o pretendo intelectualismo católico-monarquico da academia de hoje se consubstancia na grande e unica personalidade de Luis Braga, assombro do presente século! Tam grande éle é, que a patria portugueza já não tem *pão* que o satisfaça, e, por isso, vai trocá-lo lá fóra — o ingrato! — por *pão alheio*, esse *pão* do estrangeiro que por aí anda a esparramar, o travesso do rapaz...

Um *marchal* desse estófo, nem como soldado raso o admitiriamos nas nossas fileiras, porque acima de tudo prezamo-nos de bem portuguezes, descendentes orgulhosos da raça heroica que, «não possuindo mais que um canto de terra para nascer, chegou a ter o mundo inteiro para morrer.»

Desde o começo da semana que haviamos escrito essas linhas. Hoje, sexta-feira, chegou-nos á mão o *Jornal de Coimbra* onde o mesmo sr. José Manuel — *vulgo, o Piolho Canónico* — num agarrotado aprumo de bolleiro, se compraz em dirigir-nos umas pedradas. O presumido fidalgoote podia manter-se, como eu me mantive, no campo sereno das ideias, sem descer á boçalidade do insulto, passando gratuitos diplomas de má criação.

Se, no que vou alegar, surgirem algumas palavras mais duras, ninguém venha depois dizer que fui eu quem desviei a questão. Na primeira parte deste artigo ficou demonstrado que o sr. José Manuel é um mystificador. Vejamos agora como éle é tambem um parvo, um imbecil, um falsário e um patife.

O *Dom José dos guardanapos* — como pitorescamente é designado entre criados de restaurante — vem agora levantar poeira a roda de um lapso, por mim cometido no último numero da *Revolta*, e que no mesmo dia, quase na mesma hora, honrosamente corrigi num jornal desta cidade, porque a ninguém fica mal um erro emendado, quando haja boa-fé. Parvo ou patife? — escolha o leitor. Foram sempre assim os processos jesuiticos.

Acusa-me o guardanapal *Dom José* de faltar á verdade, «metendo a politica onde ela não tinha entrada». Foi o sr. José Manuel quem primeiro meteu a politica: e meteu-a com os nomes de Luis Braga e Alberto Monsaraz, assanhados monarquistas; meteu-a com os demais nomes citados; meteu-a falando como «soldado» do C. A. D. C., onde descaradamente se faz politica, e politica monarchica. Desminta-me, se é capaz, sr. José! Aponte-me um unico estudante, conhecido como republicano, em tal agremiação! Negue que ali se não trata de eleições e se não faz propaganda contra a Republica! Vá, sr. fidalgoote: responda abertamente a estas francas e rudes palavras de um aldeão da serra, que vai fazê-lo emudecer, e que está disposto a dar volta, com a ponta do cajado, a toda essa mihocada de ideias que lhe anda a bailar no sótão.

Um outro ponto. Relativamente ao dr. Gonçalves Cerejeira, bacha-

rel em Teologia, a quem eu, durante o espaço de uma hora, atribui o volume *Cinzas* do Dr. Gonçalves Cerejeira, bacharel em Direito, seu primo é homónimo, é falso que eu o cumprimente *respeitosamente*, como insinúa o sr. José.

Temo-nos tratado por *tu*, affectuosamente, porque nunca fugi á boa camaradagem escolar com adversários, enquanto se mostrem dignos. Tenho-o por um rapaz inteligente; mas, daí até querer impô-lo como um «intelectual, um espirito superior» vai muita distancia. Como é que o sr. José Manuel conseguiu demonstrar ao publico a sua adulatoria afirmação? Pelas classificações escolares? Toda a gente sabe o que isso é, e tem sido, na Universidade de Coimbra, onde Antero do Quintal, Eça de Queiroz, Camilo e Afonso Costa foram miseravelmente reprovados. Por qualquer volume publicado? Ninguém conhece...

Ah! mas talvez o sr. José Manuel se fundamente nas *sermões* loílicas do C. A. D. C.?... Mas isso não são coisas do dominio publico, e o sr. José a enaltece-las, bem vê, sempre é uma pessoa suspeita... E' como se eu, armando tambem orates, tropasse de quando em vez a uma cadeira, em pleno *home*, a arengar coisas mirabolantes, perante as estupefacções duma *entourada* familiar e louvaminheira, onde, a par da familia rustica, entrasse a servente, o paquete dos recados, o vizinho sapateiro e outras gentes assim de usual affeição.

Eu juro-lhe, pelas minhas fitas de bacharelado, que, nesse circulo estreito de admiradores, seria tido por *intelectual e espirito superior*; muito e labora para o grande publico não passasse de um banalissimo Carlos Martins.

Finalmente — vamos analisar um último ponto do venenoso e patáqueiro aranzel. Inspiráram-me sempre nojo os vis processos de certos escrevinhadores que, não tendo firmeza bastante para manterem-se á altura, numa discussão aleventada, procuram irritar o contendor, em attitude de cães rafeiros, abocanhando-lhe a vida particular e a reputação. O santo e nobre e beatificado varão que nos ocupa pertence a esse numero. Fala da minha vida de Seminário... Tenha cautela o reacionario fidalgoote em voltar a provocar-me nesse particular, porque, se o fizer, arrisca-se a cansar muitas apoquentações em certa gente da sua grá, que talvez desconheça.

Timbrei sempre em honrar os meus compromissos onde quer que me encontrasse. Quere saber o que foi a minha vida de Seminário?

Que lho diga a sua gente, em face dos registos que por lá andam. Lá encontrará um curso inteiro, um longo rosario de oito anos, ininterruptamente corado de *distinções*.

Entre as centenas de rapazes meus contemporaneos, não recrutará o sr. José *meia duzia* cujo comportamento fosse mais exemplar. E' assim que se amalucham vitorias e linguas de falsarios.

Jamais gostei de falar de mim. Se hoje o faço é porque entendo dever fazê-lo. O leitor perdõe.

Diz o fidalgoote que «sou um ex-seminarista que passou o seu tempo de internato a escrever correspondencias para o *Mundo* e a teimar com os prefeitos que não havia de ler o *Manual de Civilidade*». O sr. José Manuel faz-me aqui insinuções, afirmações gratuitas, mentindo, como o mais ignobil dos lacaios.

Sentir-me hia honrado, hoje, com as tais correspondencias para o *Mundo*: mas não; nem uma só enviei. Está ou não provado que o sr. José Manuel é parvo, imbecil e patife?

Deixe, embora, de ser fidalgo,

mas espero que o sr. José Manuel tenha o desassombro de provar, ou retratar, as suas afirmações.

Tem ali a coleção do *Mundo*, na Biblioteca. Repito: ou prova o que afirmou, ou se retrata, ou será tido como um caluniador e um desqualificado, — indigno, portanto, de que en volte a ocupar-me da sua pessoa.

M. CARLOS MARTINZ

Carlos Moreira de Sousa Baptista

Para Lisboa, afim de frequentar a Escola Normal Superior, partiu, no principio desta semana, uma das victimas do capricho dos mestres de Coimbra, o nosso presado amigo e valioso companheiro de luta, Carlos Moreira de Sousa Baptista, a quem desejamos muitas felicidades.

CARTA DE LISBOA

Está na ordem do dia o melindroso problema da Revisão Constitucional, que, para os profissionais da politiquice, se resume em ser ou não ser adaptada aquela perigosissima disposição, que ao Presidente da Republica pode outorgar a faculdade de dissolver o parlamento. Tem a lei fundamental da Republica muitas deficiencias e varias imperfeições, já apontadas e discutidas pelos altos luminares da ciencia politica e da jurisprudencia, mas só aquelle aspecto do problema aguçou o apetite de certos politicos, ávidos do mando, levando-os a instar pela revisão e a impel-la, quasi com ameaças, aos que entendem que, neste momento, se devia cuidar muito mais do futuro da Patria e do engrandecimento da Republica, do que do futuro e do engrandecimento de agrupamentos politicos, por mais nobres e legitimas que fossem as suas aspirações. E' tal o entusiasmo dos revisionistas, andam tão nervosos e agitados, mostram-se tão cheios de esperanças, tão animados e sorridentes, que eu quasi chago a supôr que, no problema da dissolução, está a salvação da patria, que só ele deve preocupar a nação portugueza e que tudo o mais, a guerra, os combates na Africa Oriental, a preparação para a luta nos campos da Europa, as ameaças da Alemanha, o proximo sacrificio de milhares de portuguezes, não passa de uma invenção grosseira para iludir os simples, de uma ingenua cantata para adormecer crenças.

Custa realmente a crer que a politica indigena aproveite esta occasião, em que Portugal luta pela vida, precisando agarrar-se com unhas e dentes para resistir ao turbilhão em que se debatem todas as pequenas nacionalidades, para agitar questões em que apenas se vislumbra a ambição do mando e onde poderá residir o germen de fundas divergencias, contribuindo para a dispersão de esforços e para uma mais profunda desunião da familia portugueza. E não falta quem profetise grossa discórdia nos arraiais republicanos e quem se prepare para aproveitar dessa lamentavel situação!

Os inimigos da Republica, de braço dado com os amigos da Alemanha, esperam apenas o momento oportuno para realizar os seus tenebrosos planos de aniquilamento e deshonra. Eles trabalham sem cessar, não lhes faltando dinheiro e sobejando-lhes torpeza, abjecção e velhacaria. As pugnas entre os republicanos e o renovamento de antigas lutas estereis e mesquinhas serão o sinal precursor dos mais traiçoeiros ataques dessa frandulagem, que só visa á satisfação dos seus odios ao regimen e á explosão dos seus baixos despeitos e dos seus pequeninos rancores. E é para evitar este extravasamento de lódo, que nada poupará na sua furia de tudo snjar, que a «União Sagrada» deve manter-se através de todos os contratempos e de todos os sacrificios, como unica forma de se poder lutar, com probabilidades de exito, contra todos os inimigos que ameaçam a Patria e a Republica. O problema da Revisão Constitucional pode trazer o veneno, que adormeca as boas intenções e os bons propósitos dos que desejam e querem a união dos republicanos? Compete aos politicos evitar o

desastre, ou transferindo para mais tarde e melhor oportunidade a discussão e votação do delicado problema, ou rebuscando uma fórmula que a todos satisfaça, sem que presente uma ameaça e um perigo para uns, uma deprimente transigencia ou um absurdo privilegio para outros. Dizem os alviçareiros que neste sentido se estão realisando varios trabalhos e que as sessões do Congresso, que reunirá em agosto, vão decorrer serenamente, sem violencias nem diatribes e antes com aquella grandeza e elevação, que tanto podem contribuir para nobilitar a instituição parlamentar, restituindo-lhe o seu passado prestigio e a sua antiga reputação. Se assim for, tanto melhor para todos. Poderá dessa forma passar despercebido aos olhares curiosos de todo o mundo o facto extranho de, num país em guerra e em guerra desigual com uma poderosissima potencia, a politica perder tempo com questões, que talvez interessem á vida dos partidos, mas que nada significam nem representam perante a magna questão de que depende a propria livre existencia da nação portugueza. Que pretendem, com effeito, os pequenos agrupamentos politicos, que até hoje, ainda se não deram ao trabalho de organizar as suas forças, de fazer a propaganda dos seus principios e dos seus programas de governo, de conquistar as maiorias pelos processos legais, compatíveis com um verdadeiro regimen republicano? Simplesmente esta coisa monstruosa: substituir os processos democraticos de conquistar o poder, por uma facil, simples e banal usurpação; deixar a propaganda de principios e de programas junto dos cidadãos e preferir a intriga e as habilidades em torno do Chefe de Estado; colocar de lado a soberana vontade da nação e erguer um trono á despotica vontade de um homem. Pode succeder que a vontade do país num determinado momento seja diferente da vontade manifestada perante as urnas? Mas onde está o aparelho registador e indicador desse voto e porque se ha-de dissolver o parlamento sem essa preciosa indicação?

Mais logico seria que primeiramente se fizesse a consulta e, segundo os resultados, se adoptasse o conveniente procedimento. Mas isto não convem, porque o que se deseja é, apenas e muito simplesmente, trepar ás cadeiras do poder contra a opinião das maiorias e a despeito dessa opinião. Uma vez no poder tudo se resume em regressar aos corruptos tempos da monarchia, copiando os seus processos e forjando uma situação parecida com aquela que provocou o movimento revolucionario de 14 de maio, em que no Ministério do Interior, á sombra duma ignobil e ridicula lei eleitoral, se tallavam deputados, como se fossem bonecos de sabugo, tendo-se unicamente em vista o aniquilamento do partido mais forte da Republica e que á Republica tem dado o melhor do seu esforço, da sua energia, da sua grande e patriótica dedicação. Tal é o caso, na sua completa nudez, e tal é o habilidoso plano, imaginado por alguns irrequietos e ambiciosos elementos de varios partidos politicos. Esperemos que o bom senso triunfe, evitando-se dar ao mundo o tristissimo espectáculo de uma profunda discórdia na familia republicana, que os monarchicos germanofflos aguardam com verdadeira ansiedade, prontos a queimar o seu melhor fogo de artificio e a aproveitar do erro e da confusão. O perigo apresenta-se bem ás claras, de forma a ser visto pelos proprios cegos e, porque assim é, cumpre aos homens da Republica achar a solução, que a todos satisfaça e á Republica não cause dificuldades.

SIMPLICIO

Carvalho Araujo

Ao brilhante semanario da Guarda, o *Combate*, dirigido pelo grande jornalista e poeta, José Augusto de Castro, agradecemos, do fundo da nossa alma, as lisonjeiras referencias com que distinguio o nosso principal colaborador, Carvalho Araujo, a proposito do artigo aqui publicado sob o titulo: «**Manobras Clericais.**»

MONTADO EM ABRAÃO

Após o meticoloso trabalho de dissecação literaria a que submetemos o imbecil e asnático monturo de carochos poeticos, allarados á viola desafinada e canalha dum chimpanzé borracho, amador de musica, eis-nos novamente repenicando na safra do *reclame*, mais espicados pelo rebate de indignação da nossa probidade literaria do que por determinantes originarias do *vigarismo snob* e impudico com que o sr. São-Paio acaba de enfeitar o seu já desacreditado renome.

Não somos desumanos nem cobardes. Condoe-nos profundamente a situação de angustia e ruina intellectual do S. Caetano, provocada pela liberalidade piumona dum pretense bonzo da arte nacional. Remorde no intimo da nossa consciencia o vorno-nos forçados a sacudir de novo os fedores miasmaticos do gato moribundo, naufragado em quelho, em que a microbiana bicharia soe desorrar-se das humilhações e derrotas seculares, e impotencia mascarada de valentia é a cobardia de desassombro. Não somos deshumanos nem cobardes. A insolencia e o arroto azeitado de postas de bacalhau e alho do *degenerado auctor de volumes vergonhosos que um pai de familia não pode guardar na sua estante*, constringem-nos, todavia, a repisar o assunto. O prefacio do *Cahos*, mais que o proprio livro, nos despertou a critica justiceira. Era um prefacio imoral. E' ainda a imbecilidade da tréplica do sr. São-Paio, na *Lucta*, que nos impele a nova investida. Tanto pior para o auctor do *Cahos*. Do debate resultará, como consequencia inevitavel, o *reclame*. E' isto um axioma na psicologia comercial. Se o unico amigo julga, porem, ser o coeficiente da distribuição que ha-de impôr o sr. Caetano ao passo do universo, eis mais um sintoma do arrombamento da sua mentalidade de escandalo e do seu bandidismo literario. O livro vender-se-ha! O povo gosta de arregarhar as mandibulas, gosta de rir! O sr. São-Paio fará a reputação do seu bôbo adoptivo, mas terá occasião de notar que, se o bôbo insistir, sem desfalecimento, no desvaire de pirueta cambaia e mazomba, acabará por esmurrar as ventas de encontro aos punhos fechados da plateia bocejante que não dará mais um ceutil por semsaborias maladas, excrecencias moncosas de unhas feiteiras que outrora tanta maravilha acordaram, nas ilhargas e nos sovacos de compleições coceguentas.

Eu ignoro ainda se a vitima do sr. São-Paio tem um amigo, uma pessoa de familia que se condoa da sua triste e afflitiva situação e o venha desafrontar em publico, passando uma sustancia pelas beijas do instigador falsario, tirando do mercado esse aleijão fantastico, que o infeliz joven ha-de carrear aos ombros, como um espectro de vergonhas, durante uma existencia inteira.

O sr. São-Paio ficou tão amolachado pela nccsa critica, que, á mingua duma argumentação judiciousa, duma demonstração honesta, arma em moço de alfandega, escolinhando como um burro no tronco, desbocado em grosserias pelintras e acenos comatosos de *mestre onipotente e dogmatico* que diz *sim* porque *não*, tal como se a milagreira e olimpica radiação do seu talento balôfo pudesse converter uma galinha choca num Antero do Quental! E desorientado pela fueirada que gentes de *Liliput* lhe espetaram no alto da pinha, ei-lo pretendendo rir! E ri! Agora pretende cobardemente pôr-nos o cabresto da idade pelo muito bem que se quere e em homenagem á fílarmonica das *trinta velhas desdentadas e carecas*. Que indignidade de processos! Chama-nos *creanças*! E' velho habito de insultar, que nem a propria mãe lhe escapou nas *Palavras cinicas*! Ri ainda! E' um riso de rolha entrancada nos dentes, fedendo a carie e a salivas pestosas de bilis encharcada. E olha lá a gente para os dentes e dá vontade de o mandar para um convento ou para um asilo de velhos. Pobre macrobio! E permites, pai Abrahão, permites que te façamos uma regada pelo cachaço abaixo?

Nós... a cavalo! Moço ainda, Filipe da Macedonia domou o *bucefalo*. Fora da arte de cavalgar é Jesus, tão novo ainda, entre os doutores! Deixa-nos mijar-te no cachaço, pai Abrahão! Verás que é uma regada de quem possui uma bexiga desenvolvida, uma bexiga de *home*! Não sabes, piramidal São Paio, que o homem é um animal politico, segundo opinião dum tipo mais burro que o Caetano e que viveu na Grecia sob o nome de Aristoteles?! E manda-nos estudar o incomparavel Forjaz! E a gente olha para ele e chega a concluir que certo estudo a certa *decrepitude* atrai as mãos para o solo. E dá vontade de ser selvagem, ignorante como um peixe! Goethe já dizia que era escusado estudar em livros para produzir-se uma obra de arte; *bastaria erguer o coração e sentir as ideias do seculo*. Talento e finura só Ele São-Paio e só Ele Caetano! E com uma pena nas unhas? O' harpas de David: tende lá mão! Emperrounos quatro P. P. P., o Forjaz, parecendo até que deixou a lingua a papejar e os seus miolos foram

«Obrar em pedreiros.»

O bonzo disse!
— Amen!!

E pensa a Academia de Coimbra em fazer o funeral do *bandido literario*! Não apoiado! Não lhe deixamos enterrar a cabeça, pelo menos, rapazes! para observarmos uma coisa que se adivinha através as palavras cinicas e para vermos tambem se lá dentro existe a ninhada dalguma ratazana. Mas, ó Forjaz! ó Pai Abrahão: se não estás a obrar em pedreiros, dize-me: —

«Eu nada sei, ignoro toda a cousa. E até contesto aquilo que estou vendo.»

«Vive em mim algum Génio... O super-homem sou, etc.»

«Eu duvido de tudo em que presisto... Que palpitam no cahos onde emerso?»

«Hontem... Vem procurar-me Alguem no meu retiro.»

«A noute quando attingo esse imperfeito, Num arfar que dilacera o peito, Pergunto porque choro por tão pouco.»

«Olhava-te á janela, em impostura, E fingias sofrer, sempre sózinha... E na illusão fremente, com doçura, Balbucava baixinho: é minha, é minha! Nunca attingi o teu procedimento. Eu sei que tu és orente e é raro o dia Que te não vejo orar: — divertimento!... És virgem e quizeras ser Maria...»

«Respirando, entro a turba que esvoaça Concepções grandiosas e hesitantes, Dirigi-me a sciencia doutra Rayza, Sou filho do saber, — novas possante!...»

«Morrer junto ás teorias prenhes de erros.»

«Quando sofrer boceja-me baixinho Meigas caricias desse teu carinho, Aliviando a minha triste sina.»

«Debilíta-me a expressão do teu affecto, Mas quando abalas, sinto-me inquieto E fico a repetir: «Adeus menina!...»

«Chorando conhecer o que conhece Guarda silencio entre elas silenciosas...»

«Divagando por montes e por vales, Lá vão sempre palpando-lhe a estrutura...»

«Palidas côres obravam em pedreiros.»

«Fui espaço dum poço muito aberto.»

«E quem sabe-se foi alguma ilha?»

«Sinto ancias de Abel ao ver Caim...»

dize! se digno ao menos uma vez na tua vida: isto pode ser dum grande poeta? dum poeta comparavel a Antero?

«Sinto ancias de Abel ao ver Caim...»

Se até os cães sabem quem matou Abel, Forjaz...

«Fui espaço dum poço muito aberto.»

O Forjaz! Você endoideceu ou recebeu algum cesto de nesperas e rosca de Valongo dos parentes do poetaastro, para o lançar á vida! E então quando o poeta, num vôo de peregrina imbecilidade, nos pergunta:

Fui alguma ilha?

O Forjaz! você inutiliza o moço! você cava a sua ruina! O que nos fez matar um cibo foi o São Paio dispensar duas colunas de prosa para responder a rapazes! E' objecto! E termina como o sapo de bu-

cho a estoirar pela boca fora e olhos inchados: E juizinho, hein!

O' médo que le temos! Ai nques!

Fugi rapaziada! que lá vem o pai Abrahão que diz que *sim* e que não que faz de Caetano um gigante e de Antero um anjo! Fugi! Fugi, rapazes, gentes de *Liliput*!

O' sr. São-Paio: dá-nos duas nesperas das que le mandou a familia do bardo!

Dr. Candido Guerreiro

No proximo numero de *A Revolta* iniciará a sua colaboração com o esplendido soneto «*Deus, ecce Deus*», este grande e fecundo poeta algarvio, o delicioso cantor das «*Rosas desfolhadas*», «*Avé-Maria*», «*Petalas*» e dos «*Sonetos*».

Como é sabido, o sr. dr. Candido Guerreiro é um dos grandes poetas portuguezes, com uma reputação firmada em inensos trabalhos de follego, prescindindo, consequentemente, da nossa apresentação e dos nossos encomios, o que fazemos apenas no intuito de chamar a atenção dos nossos leitores para o proximo numero. Ao grande poeta e illustre amigo *A Revolta* agradece, penhoradissima, a amabilidade com que nos distingue.

Dr. Francisco Martins d'Almeida

Este nosso estimado companheiro de luta acaba de concluir brilhantemente a sua formatura em medicina, tirando a elevada classificação de 18 valores em cada uma das doze cadeiras em que foi examinado. Ao nosso estimado amigo e querido companheiro envia *A Revolta* um fraternal abraço de parabens, desejando-lhe um verdadeiro triumpho na vida pratica.

Misterios na Republica!!

UM CRIME DE JESUITAS?!

Minha Senhora:

Recebi a impressionante carta que acaba de dirigir-me. A tragedia nada tem de inverosimil. Tudo é possivel no seio desta Republica de tolerancia e abdicção. Desde já pode V. Ex.ª contar com todo o meu esforço e boa vontade. Para emprendermos uma campanha que certamente irá alarmar o país inteiro, necessario de mais alguns elementos. Não a comprometerei.

Esforçar-me-hei por libertá-la das garras preveras dos monstros que mais prejuizos teem causado á humanidade.

Nada receie! A educação de V. Ex.ª, caso depois seja abandonada por quem sabe, será completada a expensas de «*A Revolta*». Pode fornecer-me mais elementos? E' condição indispensavel a identidade completa, filiação e naturalidade. V. Ex.ª que teve a liberdade de ler «*A Revolta*» e dirigir-me as suas noticias, não obstante a vigilancia que a esmaga, decerto poderá esclarecer um pouco mais o assunto, condição indispensavel para o nosso empreendimento. Espero carta no correio do Porto de terça-feira. Com toda a consideração e respeito assino-me

De V. Ex.ª

Fernando d'Araujo

SENHORA

Educada, para dama de companhia, governanta, ou preceptora de crianças. Sabe francez e dá as melhores referencias. Carta a este jornal até ao dia 15, letras C. R.

SECÇÃO LITERÁRIA

SALMO À PÁTRIA

A Fernando de Araújo

Pátria minha formosa, como ainda
Outra não houve: em graças, és a
maior!
Mais que a Helade e a Itália, doce e
linda!
Meu bem e meu amor!

O' Pátria da aventura, que a sonora
Palavra do teu nome — Portugal! —
Espalhaste no mundo, mar em fora!
Meu guia e meu fanal!

O' gloriosa Pátria, mãe de heróis
Fulgindo em tua história quais num
céu
De safiras e luar diamantes-sóis!
Mais alto orgulho meu!

Pátria da verde Sintra e Herminio
alente;
Do Tejo e Douro, mais Mondego e
Liz;
E do Atlântico, mais do Sol-poente!
O' Eden meu feliz!

O' Pátria da tristeza amaviosa:
— Saudade de Camões e Bernardim,
Sorrindo ao mesmo tempo que chorosa
O' encanto para mim!

A ti minha ternura comovida,
Meus cantos, meu suor, ó Pátria mãe!
A ti tudo o que sou! A minha vida,
Aceita-a tu também!

Vila-Rial

LUIS VALOURA.

Mocidade funesta

Ao Amadeu dos Santos e Silva
grande amigo
e
grande coração.

Fui vê-lo á morgue no dia seguinte
ao da sua tragédia.

A noite entrava já pela camara
escura das horas muribundas, em
que todas as coisas, mesmo á curta
longura de passos, nos amedrontam
á vista de sombras esqueléticas
gesticulando incoerencias pelas ne-
bulosas do escuro, quando me vie-
ram trazer, casualmente, num ines-
perado encontro, a má noticia do
seu infortunado e tresvairado suicidio.

Estava abancado a uma das mes-
as do Lusitamo, gosando o silencio
do seu abandono apenumbado numa
meia luz de mistério. O café estava
só, manistado de socego, fora de
toda a espevitante nervosidade
do seu bulício quotidiano. Os cria-
dos, num tresmalhe de carneiros
fatigados, pachorrentos, inertes,
casmurros de sono, dorminhoca-
vam pelos cantos a canseira do
seu dia, mal-dizendo o retardar sem
fim da hora regulamentar da saída
imposta pelo horario policial. A
um canto, acocorado no preguen-
amento que o sustentava, abrindo
bicho como um corno maldito por
entre as estantes de garrafarias lic-
orosas e absintinas, um relógio es-
tafava a corda da semana com uma
lentidão moribunda de quem mar-
cha prematuramente para a morte.
Compassadamente, nummatraquear
leve de pancadas sem arrancos de
força, pendulando o automatismo
da sua corda represa, o macambú-
cio engole-tempo, trambolhava ho-
ras na monotonia lenta do seu tic-
tac vagaroso, registando em roufe-
nhas cadencias de musica de realejo
andante todos os quartos de hora
que o tempo devorava na sua guela
formidável, titânica, de comilão in-
satisfeito.

De quando em longe, aquartelan-
do a louca em lugar de ordem e se-
gurança, facil a todo o inventario e
a todo o deitar de mão, um barulho
de porcelanas chocadas, case-
liando forte em voz de falsete,
abalroava de pânico a solidão
amodorrada do seu ambiente frio
de ruidos a petrificado de rumbros.

Uma desolação de morte inalegrável
campeava toda a vivêz da sua
atmosfera trespassada de um mu-
tismo de sarcófago desabitado. Por
momentos o silencio tinha spasmos
de serena, mistica biatidade orando
as preces do seu recolhimento, pela
quietação dos seus labios de som-
bra. Pelo ar havia quimeras de
vida em transporte pelo irreal, asás
de sonhos esvoaçando felicidades
na ilusão do seu palpitir, levôdas
de aspirações abrindo em desejos
ardentes de grandes nababianas,
e glorias estrondosas de imortal-
dades, dispersas, espalhadas, des-
unidas, como pedaços de nuvens
em farrapos, corridas em ceus acó-
tados de ventanias.

Ao longo das paredes, num mu-
tismo de retratação perpetua, cor-
riam os espelhos, em alinhamentos
severos de estetica banal, ajustada
de premeditação ao embelezamento
da casa. Sentinelas vigilantes do
movimento, alheadas na sua ab-
stração espelhante, passavam o tem-
po recolhendo em si o aspecto grave
e frio das coisas que pousavam á
sua frente. Os candieiros numa
pacatez sovina de poupança, di-
ziam as prolongadas boas noites
de tresnotados sonolentos, cabe-
ceando a anemia desmaiante da
sua luz no apaga-acende do seu
cansaço claudicante e flatulento
de forças estranguladas, seguras
no apertar das torneiras da canalisa-
ção. Sentia-me bem naquele am-
bito de claridades veladas, escure-
cendo gradualmente numa miopia
de quebra-luz focado de sombra,
coado de reflexos de velários sem
brilhos de galerias.

Tinha acabado de ceiar e pachor-
rentamente palitava os dentes em
gestos moles de devaneadora des-
preocupação de espirito.

Continua.

JOÃO D'ASSUMPTÃO

Casamento

Realizou-se no mês passado, na
cidade do Funchal, o casamento ci-
vil da Ex.^{ma} Sr.^a D. Amelia Basilia
da Costa, simpática filha do sr.
Luiz Guilherme da Costa, proprie-
tario naquela cidade, com o nosso es-
timado companheiro de luta, deno-
dado republicano e livre pensador,
Antonio José da Conceição Gomes,
filho do meritissimo Juiz de Direito,
sr. Dr. Antonio Augusto da Con-
ceição Gomes.

Ao nosso simpático amigo e a sua
Ex.^{ma} esposa deseja *A Revolta* um
futuro muito risonho.

Interesse mutuo

Segundo o tradicional affecto que
sempre mereceu aos jesuitas a eman-
cipação humana, distingue-nos o
honradissimo diario portense a *Li-
berdade*, numero de domingo, com
um dos seus mimos, que tanto enalte-
ce a sua virtude e religiosidade.
Seja para maior gloria de Deus, que-
rido irmão! Diz a filosofia popular:
— cada um dá o que tem. O sol dá o
calor, a luz e a vida; o burro, dá
coices; e o jesuita, o seu affecto.

Nós... damos aquilo que temos;
não somos a mais obrigados. Pre-
tendem aniquilar-nos num auto de
fé por sermos *sapateiros*! E' ques-
tão de pouco amor á arte e de ne-
nhuma consideração pela vida alheia.
Não nos aniquilem! E' de mutuo
interesse. Onde encontraria, depois,
a *Liberdade* quem ferrasse os burros
da grei?!

Por Vila Real

31-5-1916

Encontra-se na sua casa de Gra-
velos o sr. Manoel Gomes da Bar-
ros, retirando-se brevemente para
Amarante, onde occupa um lugar de
destaque entre os primeiros comer-
ciantes daquela vila. Agradecendo
muito a sua visita, desejamos-lhe
boa viagem.

— No dia 31 também tivemos o pra-
zer de ver nesta cidade o ardoroso
republicano e importante capitalis-
ta, o escolhido amigo sr. José Ro-
drigues Fernandes Pereira. Penho-
radissimos pela sua affectuosa vi-
sita.

— O nosso amigo Antonio Botelho,
empresario do Teatro Circo desta
cidade, já fechou o contrato com a

Companhia do Teatro Ginasio de
Lisboa, de que é director o conhe-
cido actor Mendonça de Carvalho,
para vir dar quatro recitas por ocasi-
ão da Feira de Santo Antonio. —
Sabão á cerna as peças — *Senhor
roubado* — *Em boa hora o diga* — *O
manequim* e *O pai do Regimento*. —
Já ha grande numero de assinat-
uras. Felicitamos o arrojado empre-
sario que se esmerá em trazer a
esta terra o que ha de bom no ge-
nero da Talma.

— Tem havido algumas dissiden-
cias entre o professorado da Esco-
la Normal. Dizem-nos que um pro-
fessor despeitado por não fazer par-
te do juri dos exames, pediu a sua
demissão.

— Também nos dizem que naque-
la casa de ensino, uma professora,
ha dias, dirigiu palavras improprias
dela a uma das suas alunas, sendo

por isso muito censurada. A in-
competencia da professora, na apre-
ciação das provas de labores, foi
a causa do incidente.

— Passou no dia vinte e sete o
aniversario natalicio do nosso ami-
go Antonio Vieira Claro, capitalis-
ta desta cidade e editor do jornal
A Democracia.

— Partiram hoje para Lisboa, os
srs. Governador Civil e Comissario
de Policia.

JOAQUIM DO PRADO

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta,
na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias
Crespo e Tomás Trindade;
em LISBOA, Tabacaria Monaco;
em PORTO, Tabacaria Rodrigues
Passeio das Cardosas.)

ANUNCIOS

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papellaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros

Bilhetes de visita

Revistas e jornais nacionais e estrangeiros

Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... \$85
Estrangeiro..... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso..... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

A certeza da vitória resulta não só do desejo de triun-
far dos Aliados, mas também de cálculos reais. Tendo a
Alemanha mobilizado mais de 10% da sua população,
só a Rússia, com os seus cento e setenta milhões de ha-
bitantes, poderia opôr-lhe de dezasete a vinte milhões de
homens. Que dizer, além disso, das forças francesas, in-
glesas, ou das nações neutras em reserva?

Temos perante nós uma guerra de resistência econó-
mica e financeira. A superioridade dos aliados é, neste
ponto de vista, evidente. A fortuna disponível dos In-
gleses, dos Franceses e dos Russos ultrapassa muito a da
Alemanha e Austria-Hungria. Junta-se a isto as faculda-
des de abastecimento, ilimitadas para os Aliados, e que
serão cada vez mais restritas para os seus inimigos. Sem
falar de outras eventualidades que prometem produzir-se
em favor dos Aliados, o resultado definitivo desta cruzada
deverá ser, consequentemente: o aniquilamento decisivo
do militarismo alemão.

Esta guerra, que é, por excelência, uma guerra de
usura, devorará pois sistematicamente as forças inimigas
em homens e em dinheiro, e obrigá-las-há a submete-
rem-se, cedo ou tarde.

A regressão alemã

Uma questão se levanta. Como é que a Alemanha,
numa época de civilização intensa como a nossa, ponde
cair numa recrudescência de barbárie que a projectou
alguns séculos atrás? Já tive ensejo de mostrar algures (1)
que a doutrina dum progresso fatal, tão querida de Her-
bert Spencer e seus discipulos, é completamente errônea.
O progresso constitue a resultante dos nossos esforços.
Forma, além disso, uma combinação da evolução pro-
gressiva e regressiva, em detrimento desta última. Sempre

(1) Progrès et Bonheur, 2 vols. (Bibl. de Phil. Contemp.)

GIVILISADOS CONTRA ALEMÃIS

CAPITULO I

A Europa antes da guerra

Um conflito inevitável

Desde algumas décadas que a Europa andava sobre
um vulcão. A paz armada era-lhe funesta e o seu porvir
antolhava-se ameaçador. A Alemanha, qual abutre gigan-
tesco, perturbava o repouso de grandes e pequenos. Es-
perava-se, dum dia para outro, uma guerra terrível, que
abalaria os alicerces do mundo. O pesadão duma catás-
trofe geral andava sobre todos. Os pequenos Estados
seguiam o exemplo dos grandes: a Bélgica, a Holanda,
a Suíça, a Suécia, a Dinamarca e a Noruega entrega-
vam-se a armamentos que lhes paralizavam a vida e com-
prometiam a prosperidade. E no entanto, fóra da Alema-
nia, a humanidade aspirava a uma moral internacional
superior, a uma fraternidade de povos e raças, a uma
espécie de *Estado Mundial* que, deixando, sim, intactas
as pátrias, deveria contudo aproximá-las num espirito de
mútuo respeito, de liberdade e de justiça. Entretanto, os
homens caminhavam para esse desiderato como que sem
convicção, quasi contrafeitos. Receava-se o lógro duma
miragem. Pareciam hipócritas os hinos da paz que por
toda a parte se entoavam e os próprios pacifistas acaba-

Relojoaria Comercial

DE
Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60
COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

IMPORTADORA

TELEFONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE

Tabacaria — Papelaria — Loterias — Perfumarias

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais — Ilustrações
Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional

Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinais

Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo

Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

**AUGUSTO BAPTISTA e
JOAQUIM DE CAMPOS**

ADVOGADOS

Rua da Sofia, 15-1.º

Encadernador

Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço.

Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

FARMACIA DO CASTELO

Deposito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentrificio.
Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.
Instrumentos cirurgicos, etc.

Abilio Lagoas COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões

e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

ALFAIATARIA *
Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, piugas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Muraline

Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite

Tinta branca a agua. Apropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele

Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITÁRIA

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS

ANTONIO FERREIRA PEREIRA

141 — Rua Ferreira Borges — 145

COIMBRA

Telefone n.º 250

Machinas SINGER para coser

Escritório Central — Rua Ferreira Borges -- COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12

GUARDA — Rua Alves Roçadas

COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19

CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44

FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8

SOURE — Rua do Relógio

LOUZÃ — Rua do Comércio

vam por reconhecerem-se risíveis. Um demónio, postado atraz deles, parecia sentir um prazer malicioso parodiando-lhes as palavras e os gestos.

A Europa cristã caminhava para um paganismo inquietante, para o culto da força bruta, que tudo espelzinha, mesmo as primordiais conquistas da civilização. As palavras de moral e de religião, que os governantes alardeavam, tinham o quer que fosse de factício e irreal: caíam no vácuo. A Europa descristianizava-se. Soberanos e nações, tudo era arrastado na mesma corrente! O materialismo de baixo quilate, que transformou e degradou a Alemanha, ameaçava o mundo. Os interesses e os processos dum negocio duvidoso — vil mercantilismo — impostos por Berlim, presidiam ás relações de país para país. Deixára de servir-se a Cristo, para cada qual se servir a si próprio.

Na Alemanha, tanto a religião como a filosofia, e a própria sciencia, haviam-se gangrenado ao contacto das emanacões nauseabundas que vinham da voracidade dos apetites sem fé nem leis.

Uma guerra devia resultar daí. Sem para isso concorrer, o mundo expunha-se a tornar-se alemão, quer dizer monstruoso, á falta de humanidade e de moral. Recuado uma dezena de séculos, tornar-se-ia tanto mais bárbaro quanto fosse certo encontrar-se sob o regime duma selvageria com aparências duma sciencia e duma civilização requintadas. Mas, como nas antigas lendas germánicas, foi o genio do mal que atacou o anjo do bem. Este, conjugando as suas forças, acaba por abater o Satan e obrigá-lo a ajoelhar perante o Senhor.

Esta luta entre a barbárie e a civilização, entre um passado cheio de crueldades, de injustiças e trevas, e o porvir que sorri á humanidade em marcha, ha-de levar fatalmente ao triunfo da última. As centenas de milhares de vitimas caídas no campo de batalha e os milhões de familias arruinadas pelas tempestades economicas e financeiras que desde anos se veem desencadeando sobre a Europa, váo servir, igualmente, para a edificação de um mundo melhor. O sangue francês, tão abundantemente derramado durante este ano terrível, é disso a melhor

garantia. A França, atravez a sua história, desempenhou sempre o nobre papel de defensora da justiça entre os povos. E eis porque o seu pensamento e as suas aspiracões fóram sempre considerados patrimonio comúm da humanidade.

As preocupacões altruistas, que fizeram nascer esta guerra e que não cessam de alimentar e fortificar o heroismo dos exércitos aliados, parecem-se extraordinariamente com as da noite de 4 de agosto, que contribuíram para cimentar a união nacional francesa. O mesmo patriotismo que linha alcançado as vitórias de Valmy e de Jemmapes, acaba de ressuscitar, mais dum século decorrido.

Apenas os tempos mudáram. Os gritos instintivos das massas, pouco amadurecidas então para a compreensão da liberdade, tornáram-se agora aspiracões racionadas de soldados engrandecidos pelas experiências da vida pública. Como aos seus chefes, a mesma esperança os anima. Lutando pela França ameaçada pelos bárbaros, eles compreendem toda a grandeza da sua missão sagrada que consiste em salvar, ao mesmo tempo que a pátria, a humanidade mortalmente ferida e gravemente ameaçada.

Os maiores perdoáram á França a invasão estrangeira. Não conseguiram salvar a Europa. Também não conseguiram salvar a própria França dum declive moral e nacional. Mas os seus filhos de hoje nada tem a recear de qualquer tirania. Tendo passado por meio século de liberdade, mais eficazmente ajudáram a implantá-la atravez o mundo. Ver-se-hám, assim, obrigados a fazer desaparecer, em primeiro lugar e para todo o sempre, esse ninho de pilhagem e de selvageria que se chama a Prussia. Os interesses materiais e morais dos aliados, assim como os de todos os neutros, estão nisto superiormente de acórdio.

No momento de escrevermos estas linhas, a guerra está longe de acabar. Com serenidade encaramos, pois, as suas consequencias, como um lavrador que fala da sua colheita, no momento de ver os campos ameaçados por uma terrível tempestade.

TIPOGRAFIA LITERÁRIA

R. Cândido dos Reis, 17, 19 e 21 — COIMBRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS

Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc.

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.

ANO 4.^o DIRECTORES
ZACHARIAS DA FONSECA GUERREIRO
FERNANDO D'ARCAJO
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Govas, 15

COIMBRA — 17 de Junho de 1916

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis N.º 82
EDITOR E ADMINISTRADOR — Silva Raposo

A questão dos capelães militares

A requentada questão dos capelães militares, que a legislação republicana cabalmente resolve, de nada valendo a capciosa argumentação e a retorcida hermenéutica dos pescadores de águas turvas, continua a ser discutida e envenenada por todos os grandes inimigos do regimen republicano. É clara a lei e não admite duas diversas interpretações? Pois sabe-se por cima da propria lei ou modifique-se convenientemente, de sorte que os políticos católicos possam entoar os seus cantos de victoria e tirar partido do seu poderio, rindo talvez da ingenuidade daqueles que, durante tantos e tantos anos, pagaram a vida, empenhando-se numa lucta desigual contra uma seita, que é a negação do Progresso e a condenação da Liberdade.

A tolerancia da Republica e a sua infinita generosidade para com adversarios, que não desarmam, não os satisfaz. Exigem a sua vergonhosa abdicção e o seu desprestígio, rasgando as unicas leis em que vive e palpita o verdadeiro espirito republicano. O que menos os preocupa é a falta de socorros religiosos aos que tombarem nos campos de batalha. Pois, por ventura, alguém se opoz já a que no exercito sejam incorporados padres católicos ou padres de qualquer outra religião, que aos crentes possam prestar os seus serviços?

Pelo contrario. O chamamento ás fileiras fez-se sem abrir excepções para qualquer classe. Mas isto não lhes agrada, isto não os contenta, porque a piedade que manifestam pelos que morrerem longe da patria sem assistencia religiosa, é uma piedade hypocrita; é um falso sentimento a disfarçar um proposito politico. Os padres lá seguirão com os soldados e não apenas padres católicos, mas padres de todas as religiões; mas se esta resolução do problema satisfaz aos verdadeiros crentes, ela contraria os que da creença se servem, como instrumento de engrandecimento politico. As suas manobras visam a um unico objectivo; um só pensamento os domina e os orienta na sua campanha: aniquilar a Republica ou transformá-la numa Republica clerical e fradesca. Que as leis basilares do nosso regimen sejam menos presadas e sofisticadamente interpretadas, fazendo o Estado a nomeação dos capelães militares ou pondo em vigor a antiga legislação sobre o assunto, que nem assim cessarão as exigencias e as ameaças de certos católicos, ainda hoje orientadas pelo celebre Padre Gonzaga Cabral, que do estrangeiro continua assoprando a guerra contra o liberalismo republicano. Seguir-se-iam outras exigencias, alterando novas disposições legais, levando a novas abdicções de principios e a mais miseráveis transigencias, cavando melhor o terreno para uma Republica de beatos e tartufos, de padres e freiras, ou, no caso extremo, para um regresso ao regimen monarchico, que tão docil foi sempre e tão obediente aos conselhos da santissima religião. A este respeito só tem ilu-

sões alguns republicanos portugueses, que, na sua ilimitada boa fé, chegaram a dar credito — se é que já deixaram de dar — aos arrufos e ás zangas dos monarchicos e católicos e aos protestos de lealdade destes ultimos e ás suas promessas de leal colaboração, perante a grande crise em que se está debatendo a nacionalidade portuguesa.

Monarchicos e católicos não podem zangar-se a sério. São velhos e fieis aliados. Não podem viver uns sem os outros. Simulam zangar-se, para melhor iludir a ingenua candura dos republicanos. É uma comedia ensaiada em qualquer sacristia, na presença de velhos abades e conspícuos realistas, e que os grandes actores da Companhia são chamados a desempenhar. Felizmente para a Republica, as mascaras caem depressa e logo surgem o facies sinistro do jesuita e do clerical e o conhecido carão do monarchete e conspirador. Se os actores tivessem mais habilidade e se por mais tempo ocultassem os seus verdadeiros sentimentos, mais dias estariam reservados á democracia portuguesa, cujos defensores dormem profundamente, julgando-se bem seguros, só porque algumas leis de defesa foram promulgadas, quando ainda a febre dos votos não tinha começado a sua perniciosa obra, atraindo para o campo republicano todos os velhos e intransigentes inimigos das ideias democraticas.

Esta simples questão dos capelães militares ha-de trazer-nos a apreciavel vantagem de abrir os olhos a muitos republicanos, que julgaram possível a híbrida aliança da Igreja com a Republica e que piamente acreditaram nos arrufos de católicos e monarchicos. Era o canto da seireia atraindo os incautos. Sorriam para agradar, para convencer, para iludir. Acariciavam, para amanhã cravarem a garra adunca. O auxilio dos monarchicos?! O auxilio dos clericais, seus eternos aliados?! Para uns a patria era a gamela em que saciavam a sua voracidade, para outros a patria é a sua Igreja, que é universal. Uns e outros são incompatíveis com a Republica e não podem viver para Ela; vivem contra Ela. Não-de aproveitar todos os momentos e todos os pretextos para a combater e para a derrubar. No Congresso Católico de Malines de 1863, Montalembert pronunciou um grande discurso, destinado a integrar o catolicismo no movimento liberal. Cardeais e bispos, só por isso, abandonaram o congresso, respondendo o papa Pio IX ás utopias de Montalembert com o «Silabus» e com a enciclica «Quanta Cura», que foram a afirmação eloquente de que a Igreja é absolutamente incompatível com o espirito liberal da moderna civilização. De então para cá as coisas não mudaram. As tentativas, que foram feitas para que a Igreja transigisse com a Liberdade, não produziram resultados apreciáveis. A Liberdade apavora-a, causa-lhe arrepios de medo. E ha ainda republicanos que

acreditam numa Igreja, vivendo na democracia e na Liberdade!?

O futuro os fará mudar de parecer. Que não seja tarde de mais, é o nosso desejo e a nossa aspiração. E por agora contentemo-nos em não ver esfrangalhadas as leis da Republica, que não permitem o reaparecimento dos antigos e inúteis capelães militares.

Camello Araújo

Eugénio Sales

Para Lisboa seguiu na passada sexta-feira, afim de ser operado pelo illustre medico-cirurgico, Dr. Francisco Gentil, este nosso querido amigo, illustre jornalista, director do presado colega local *O Debate*.

A *Revolta* faz os votos mais ardentes pela felicidade da operação, desejando o mais pronto restabelecimento da sua saude.

Camilo e Eça

(Dois pontos histórico-biográficos)

No meu artigo do procedente n.º de *A Revolta*, falando de grandes espiritos reprovados pela Universidade de Coimbra, incluí na lista os nomes de Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz. Quanto a Camilo, fui levado pela tradição, que, ora nolo tem pintado de repouso as costas, no 1.º ano de Direito, ora como desistente, nesse mesmo acto, e cheio de indignação em frente das patacadas que os examinadores entraram de perguntar-lhe. Contase que o genial romancista, tomado de pasmo, afastára bruscamente a sua cadeira de examinando e, voltando-se para o júri, arriou-se: «A sim! então ele é isto que por cá ensinam?!... Passem muito bem!...» — saindo depois pela porta fóra.

Pelo que respeito a Eça de Queiroz, de um R. me andava na memória uma vaga reminiscência, originada em qualquer volume do sr. dr. Teófilo Braga. Reconsiderando agora, vejo que, efectivamente, no vol. II das *Modernas Ideias da Literatura Portuguesa* (pág. 313), o sábio professor afirma: «A literatura foi para ele um consolo, e talvez que em si mesmo a julgasse uma reabilitação do R. que um Bernardo do Albuquerque lhe deitára no acto do quinto anno». Tais foram os motivos da minha afirmação.

Uma carta, porém, há dias recebida, do sr. dr. Júlio Dias da Costa, distinto advogado em Lisboa e que sabemos ser uma pessoa muito culta e um entusiástico admirador de Camilo, deu aso a que, por um mais completo estudo do problema, chegássemos a uma conclusão diferente.

Bem haja o sr. dr. Dias da Costa, pelos seus louváveis intuitos e pelo agradável ensejo que nos proporcionou.

Tanto a memória, como a vida e obra do grande e incomparável Mestre, vinham sendo lançadas a um não menos grande esquecimento. As gerações vindouras teriam mais tarde a deplorar a mesma escassez de noticias que nós hoje lamentamos a respeito de Gil Vicente, Camões e Bernardim. Felizmente, de há uns anos a esta parte, muito se tem feito — embora muito mais haja ainda a fazer-se — sendo dignos dos mais rasgadas encómios os benemerentes trabalhos de Pe-

dro de Azevedo, Alberto Pimentel, Paulo Osório, António Cabral, etc.

Em face desses trabalhos, parece demonstrar-se que Camilo nunca frequentou a Universidade. Veio para Coimbra, em 1845, estudar preparatórios. Voltou, no ano lectivo seguinte, aqui se conservando, apenas, até maio — mês em que as aulas foram encerradas por causa da revolução da Maria da Fonte. E só em 1875 tornamos a encontrá-lo em Coimbra, para iniciar a educação literária dos filhos — Jorge e Nuno.

Segundo afirma o sr. Alberto Pimentel, na sua obra — *O Romance do Romancista* —, opinião reforçada pelo sr. Paulo Osório no volume — *Camilo — a sua vida — o seu génio — a sua obra* — o nome do genial escritor não aparece nos registos universitários de 1839 a 1861.

Surge, porém, uma dificuldade. Em carta datada de 28 de agosto de 1846, escrita de Vila Rial, existente na Bibl. da Ajuda e dirigida talvez a Alexandre Herculano, aparece a seguinte passagem: «Um licito desejo de fazer algum vulto nas letras, se bem que incompatível com as minhas circunstâncias, me excitou a frequentar o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Enceteci-o; e, depois que colhi victoriosas palmas das fadigas do meu primeiro anno» etc.

Como conciliar estes dados tam contraditórios? No entender do sr. Paulo Osório, Camilo deturparia a verdade, nesta carta, «romantizando a sua própria vida...»

Após a leitura do documento, nada nos repugna aceitar tal conclusão, tanto mais que o desgraçado romancista tinha em mira alcançar trabalho — «seis vintens para o pão de cada dia». Noutros grandes vultos se encontram também, por vezes, destas pequeninas quebras.

Em suma: parece que Camilo não chegou a frequentar a Universidade.

Voltando-nos agora para o primoroso artista do *Primo Basílio* e da *Cidade e as Serras*, também o sr. Dr. Teófilo Braga afirmou, numa conferencia de 3 de março de 1901, que «houve quem lançasse o seu R. no anno da formatura, em Eça de Queiroz, em Anselmo de Andrade, em Antero do Quental!» Ignoramos os fundamentos desta asserção do sábio professor.

Certo é que o sr. dr. Antonio Cabral no seu recente volume — *Eça de Queiroz* — prova, em face dos documentos, que o nosso escritor fóra aprovado *nemine discrepante*, isto é, sem R algum.

Quanto a Antero do Quental, que o sr. Cabral parece *supor* não ter sido reprovado, posso afirmar, com toda a segurança, que teve o seu R. ou R. R. no 4.º anno de Direito, segundo consta de documentos existentes no Arquivo da Universidade e que a falta de tempo me impede agora de conferir.

M. CARLOS MARTINS.

Dr. Luís Viégas

Em virtude de incompatibilidades originárias dos propositos insolitos e intoleráveis do talassissimo Dr. Alvaro de Matos, acaba o illustre facultativo Dr. Luís Viégas de pedir a exoneração de administrador dos Hospitais de Coimbra.

Sabido que o sr. Dr. Luís Viégas é um dos medicos mais illustres do nosso país, a sua falta é daquelas que se fazem sentir profundamente.

Parece inorivel que na Republica se permitam perseguições deste genero. Isto vai num sino. E' abdicção em toda a linha.

CARTA DE LISBOA

A despeito das traiçoeiras manobras e da noíva propaganda de certos miseráveis, que por aí fazem gala impudica dos seus desígnios e das suas criminosas aspirações, todas as fases da nossa preparação militar vão seguindo uma magnífica ordem e com o mais admirável entusiasmo. E' animador o espectáculo e força é reconhecer o mérito e a capacidade dos que governam, concorrendo ao mesmo tempo para nobilitar e engrandecer todo o exercito português, que jamais deixou de cumprir com apuro e gallardia todos os seus deveres para com a Patria e que nunca deixará de responder á confiança, que a nação inteira nele deposita.

Falei ha poucas horas com um distinto official, que regressava de uma visita a Tancos, e mal lhes posso traduzir a profunda impressão de agrado, que no meu espirito deixou vincada a sua palavra ardente e cheia de fé. A satisfação, a alegria, o entusiasmo com que esse soldado me falou do que tinha visto e que nunca julgara possível em Portugal! Desde o mais graduado official até ao simples corneteiro, todos procuram manter um porte irrepreensível, trabalhando desde a madrugada, procurando instruir-se sobre todos os processos de guerra moderna, adaptando-se á vida ardua de campanha, aproveitando utilmente todos os momentos, cada um procura produzir mais e melhor, os chefes captando a amizade e a dedicação dos soldados, estes dedicando-se aos que não degnam através das dificuldades e dos perigos de amanhã. Todo aquele amontoado de homens se está, pouco a pouco, transformando numa verdadeira familia, unida pelo mais intenso patriotismo, que é a base de toda a disciplina consciente e voluntária. Não se trabalha apenas para se cumprir de depressa uma obrigação, que aborrece, ou para alijar uma carga que molesta; lida-se com o reflectido conhecimento das responsabilidades e com verdadeiro amor, inspirado pela justiça de uma causa. O que move aqueles milhares de homens não é o medo dos castigos ou a força da obediência; ha ali o fogo sagrado do patriotismo, dilatando os peitos juvenis e fazendo pulsar corações moços. Os trabalhos mais rudes e as proprias privações não fazem soltar um queixume, não provocam um máu gesto. Tudo está ligado pelo mesmo sentimento das responsabilidades e pela mesma aspiração de gloria. Aquelas almas aguardam com impaciencia o momento da pelega e da victoria. Comprehendida a nobre missão, que um país inteiro lhes confiou, tratam de a executar com gallardia e brilhantismo. Parece que o espirito combativo da raça, depois de uma anolentadora paz de tantos anos, renasce mais vivo e mais intenso, pronto a dar novas provas de valor e de audácia. O que aí se está preparando não é aquele exercito de espartilhados, burocratas de monoculo cravado no olho e berrante penacho, proprio para as vistosas paradas dos dias de gala, sem armas, sem munições e sem soldados!

E' o verdadeiro exercito de uma democracia, apto para todos os sacrificios e disposto a todos os heroísmos, não se movendo para uma odiosa guerra de conquista, mas não hesitando em marchar contra aqueles que pretenderam manchar a honra da Patria e ainda pretendem impo-lhe um jugo abominavel e infamante. Aqueles que por esse país alem continuam carpindo os horrores da guerra, chorando lagrimas de erodido pela sorte dos soldados portugueses, inoculando

nos fracos corações o virus de todas as miserias e cobardias, podem mudar de disco e escolher outros processos de ataque á Republica. Os que estão usando, já cheiram a coisa pôdre e só conseguem iludir quem na ilusão goste de viver. Hoje, uma só aspiração vive em todos os corações, um unico sentimento faz vibrar todas as almas: desafrontar a honra nacional e escrever novas paginas de epopeia na historia de Portugal. A impressão de quem tem visitado os nossos acampamentos militares é de que todo o exercito aguarda com impaciencia a hora de se bater, renovando as façanhas dos que batalharam em Austerlitz e na grande campanha da Russia, ao lado dos mais aguerri-dos soldados do mundo, e dos que até para além dos Pirineus acompanharam as tropas do futuro vencedor de Waterloo. E' assim que os soldados de Portugal respondem aos miseráveis, que por todas as formas tem tentado desvia-los do caminho do dever, cavando a ruina vergonhosa de toda uma Patria. E' a mais eloquente e a mais formidável das respostas! Os traidores morder-se-hão de raiva, redobrarão de esforço, forjarão novas infamias, inventarão novas torpezas, mas o dia chegará em que não de sofrer a justa punição dos seus monstruosos crimes.

Tudo isto veio a proposito do que ouvi ao illustre oficial a que me referi no principio desta carta e que me deixou cheto de alegria e de esperanca. Aos leitores de *A Revolta* não será, certamente, indifferente esta boa e agradável noticia sobre a marcha da nossa preparaçao militar, que é o melhor desmentido que pode dar-se ás atoardas de certa frandulagem de cavaleiros da triste figura. Ao mesmo tempo ficam agora compreendendo a razão porque o actual Ministro do Interior fez tão grande e extraordinario sacrificio em deixar o comando do seu regimento, que talvez tenha de marchar para os campos de batalha, para ficar, exercendo um pacato cargo civil, onde só ha a temer os gazes asfixiantes da politiquice indigena. Deve ser realmente um martirio não colaborar nos trabalhos militares, que se estão realizando, e não participar das glorias, que esperam o exercito português? Mas a Patria não se serve apenas nos campos de batalha; tambem se pode servir nas salas do Ministerio do Interior, dando cargas de baioneta sobre os politicos faciosos, bombardeando os baluartes de certas partidos, batendo os regedores inimigos e aprisionando algumas duzias de votos para as futuras eleições! Não é bem a luta em Verdum, mas tambem tem os seus perigos e não são poucos. Sua Ex.^a sofre com o ver-se afastado do seu querido regimento, mas, creia S. Ex.^a nas palavras de um admirador; a Patria ha-de agradecer-lhe o sacrificio, não acreditando mais naqueles caluniadores, que para afalarem de umas certas ameaças proferidas no Porto em tempos do Pimenta de Castro, contra o chefe do Partido Republicano Português. Se tudo é mentira!?

SIMPLICIO

Transcrições

Ao nosso brilhante colega da Figueira da Foz, *A Voz da Justiça*, agradecemos a transcriçao do pequeno artigo publicado num dos ultimos numeros de *A Revolta*, sob o titulo *Insistindo*, referente ás manobras clericais que se vão acentuando de ha um tempo a esta parte com uma audacia bastante notavel.

José Augusto de Castro

E' com o maior entusiasmo que nos associamos ás manifestações de aplauso e solidariedade com que toda a imprensa liberal e as associações de livre pensamento acabam de distinguir o grande jornalista e poeta, José Augusto de Castro, pela sua vigorosa e decidida campanha, travada contra os elementos clericais da Guarda, qua, seguindo uma estrategia miseravel e intencionalmente criminosa, pretende aproveitar-se duma hora de angustia e crise profunda, para a reconquista dum poder de que foram

despojados pelo seu desprestigio moral, pela sua indignidade, pelo farrapo de labareda e sangue da sua historia, poder que não mais poderá regressar ao que foi sob pena de subverter a Patria, lançando-a numa revolução impropria do momento.

Fatos e comentarios

Amor de raiz

Um jornal clerical de Coimbra que faz o favor de ser nosso amigo sem darmos conta disso, houve por bem falar lisonjeiramente de nós num dos seus ultimos numeros. Isto começa a affligir-nos notavelmente. Sabemos que temos importancia, que somos pessoas de talento, homens dignos, mas gostamos, acima de tudo, que nos deixem viver na nossa modestia, executando o nosso trabalho honrado, sem despertar as invejas de ninguém. O tal jornalinho jura que nos ama? *Eu seja assim cequinho!* Tambem lhe votamos muito amor, um amor de raiz, daquela que só tem fim na sepultura!...

Os nossos olhos até se estão a rebolear de satisfação! Ora olhe!

Auto de fé

Diz o *Combate*, nosso prezado colega da Guarda:

«Um tal *Sardinha*, integralista e que faz versos a santa Isabel, foi ao Porto afim de realizar uma conferencia. Esta foi proibida pela autoridade, porque a tempo se reconheceu que tal conferencia estava no caso das escorrências de valetas sem a devida limpeza. A prohibição, porém, teve lugar depois do confiante começar, começando por fazer a apologia da Inquisição!»

Nós sabemos que havia aí uns maduros, a padecer da bóia e a quererem uma *monarquia de direito divino* que, em vez de instrução e educação civica, espalhasse pelo povo a tauromaquia — touros e touradas — para renovamento do espirito cavalheiresco da raça. Agora, quanto á Inquisição, isso é novidade...

De um auto-de-fé precisavam eles á moleira, para ver se tomavam juizo!...

Dr. Luís Filipe

No proximo numero colaborará com um esplendido desenho este grande caricaturista, antigo colaborador de *A Revolta* que, na sua passagem por Coimbra, conquistou um triumpho nas paginas da arte.

A Revolta, sentindo-se orgulhosa por tão valioso concurso, agradece penhoradissima ao requintado artista cujo valor não precisa de apreço. pois são bem conhecidas de todo o paiz os belos traços das suas caricaturas tão flagrantes de realidade e fino espirito. Felicitando-o e abraçando-o fazemos votos para que o seu primoroso lapis continue a honrar as paginas do nosso jornal.

Guardem segredo!

Queriamos dizer um grande, um enorme segredo aos nossos leitores. Mas, só o dizemos sob condição! Vá, cheguem cá o timpano mais escorreito:

— E' que o dr. Fezes e Tal, lente da Faculdade de Direito, perguntou ha dias, ao curso de 1.^o ano:

— *Concordam com a mobilisação que se está fazendo?!*...

Já publicámos no nosso jornal a fotografia de Fezes, vestido de anjo, numa procissão que entrou em Chaves sob a direcção do egregio patriarca Paiva Conceiro. Guardem segredo! que o governo da Republica é capaz de meter-nos na cadeia por traição á Patria!!

Na "Revolta"

Recebemos a agradável visita do *Jornal d'Angola*, brilhante semanario republicano de que é director o nosso muito querido amigo Dr. Antonio Gonçalves Videira. Transcreve as poesias ha tempo publicadas na *Revolta*, *Proclamação e Invocação Lusitana* dos nossos colaboradores Campos de Figueiredo e Antonio Alves Martins.

Estabelecendo a permuta, desejamos ao novo colega longa vida.

Para o ultimo crime...

Uma longa experiencia de seis anos tem demonstrado sobejamente a opiniao republicana que a atitude do governo em face das repetidas afrontas e dos incessantes atentados dos elementos clericais e monarchicos contra as instituições, tem sido completamente destituída daquela severidade, daquela decisão magestosa que por um só exemplo assegura os titulos de autoridade e respeito, dando a todos a convicção da defesa e integridade inherentes a uma instituição que vive pela sua superioridade, e como superioridade sabe aplicar a justiça aos perturbadores da ordem publica, sem necessidade de obter pela clemencia e pelo perdão a disciplina que a todos é imposta pelo direito e pela educação.

Em nenhum direito do mundo existe o principio exquisito de galardoar o facto ilicito, a transgressão, o atentado premeditado e continuo contra os interesses da colectividade, contra a independencia da Patria.

Perdoar uma só vez é humano; é uma ilegalidade que prestigia a propria força da lei, quando desse perdão não possam advir prejuizos de maior importancia, e quando esse crime é uma transgressão insignificante ou um acto inconsciente de alucinação momentanea.

Perdoar o mesmo crime mais de uma vez, ou significar receio ou cumplicidade, e daí nada mais poderá resultar que o incitamento ao crime e a pronta dissolução da autoridade, a indisciplina geral, não sendo mais possivel restaurar o império da ordem senão por um acto de vigor extremo e duma firmeza decidida, pois não ha vertigem mais indomavel nem mais perigosa que a vertigem do abuso nascida da impunidade assegurada ou prevista.

Ha no atentado politico dois aspectos completamente distintos, naturalmente originarios dos seus fins: ou esse atentado visa a restauração do progresso ou a reinstauração da tirania e do retrocesso; o primeiro tem a sua absoção na Historia e o segundo a tem a sua condenação.

A atitude dos clericais e monarchicos é mil vezes criminosa: é uma reincidencia; é um atentado contra a liberdade dos cidadãos; é um atentado contra a ordem publica; é um crime em tempo de guerra. Além de tudo isto, os monarchicos portugueses, que não tem por si senão uma duzia de agitadores profissionais e o irrequieto elemento clerical, jamais conseguirão ultrapassar a importancia duma sedição, mantida com dificuldade, para manterem a apparencia duma força que realmente não possuem.

Os inimigos da Republica, pelo motivo da impossibilidade de imprimir aos seus movimentos sediciosos um caracter geral, jamais poderão usufruir a garantia da irresponsabilidade. Não ha revoluções sem a simpatia publica, sem o facil consentimento da nacionalidade. Ainda mesmo que nesta hora imperasse em Portugal a monarchia de D. João III ou D. Manuel II, nas mesmas condições internacionais em que se encontra a Republica, qualquer levantamento interno, fosse qual fosse o seu fim, seria um crime de lesa Patria.

A coragem dos monarchicos, cidadãos, não deriva da sua força, mas simplesmente da fraqueza da Republica que não tem sabido defender-se.

Ontem como hoje, visto que o conceito da soberania feudal já não existe, a Republica não é de quem a governa nem de nenhum individuo, posto que isso varias vezes se tenha posto em pratica, por fraca compreensão dos homens. A Republica é de nós todos, é de todos os que amam a liberdade e a ordem.

A Republica, só pelo simples facto da sua natureza politica representa já uma conciliação com a Patria, indo-a agasalhar numa hora em que ela resvalava na ultima laia dos Braganças; agora, porém, esses laços de intimidade vão-se fundindo mais e mais, estreitando-se nas aras do sacrificio extremo, os canhões troando por cima da bandeira nova a ladainha comovedora do baptismo, solenidade de pol-

vora ardente e baionetas á carga! e amanhã, Republica e Patria, amalgamadas as suas tradições, terão uma só Historia, uma só aspiração e uma só alma.

E' isto que dos aos monarchicos e clericais. Eles pretendem impedir, por todos os meios, a consolidação da Republica, e dispõem-se ao ultimo dos seus crimes.

Seja pois o ultimo dos crimes, cidadãos! Preparemo-nos convenientemente para um acto de força. Não confiemos dos governos da Republica que até hoje nenhuma prova nos deram de que sabem defender as instituições. A Republica perdoará indefinidamente. Façamos por uma vez justiça popular. Aqui e além sigamos todos a mesma ordem de guerra!

Busquemo-los á cadeia onde eles existem, dentro do proprio lar, que os bandidos não tem direitos de liberdade, e as feras não gosam da inviolabilidade de domicilio.

A praça publica é um grande tribunal e o melhor juiz é o povo.

Faça-se pois justiça, cidadãos! A propria Republica, pelo seu procedimento, delega em nós o mandato judicial. Só assim conseguiremos o amor e a veneração das gerações futuras e não haverá um unico país que não aplauda a nossa atitude.

Para o ultimo crime a ultima pena.

F. d'A.

Luís de Camões

Passou no dia 10, o aniversario da morte do nosso grande epico, uma das figuras mais altas da historia literaria de todos os povos. Por si só, vale uma literatura inteira, no dizer do alemão Schlegel. *Os Lusitadas* — expressão quase divina da Epopeia moderna — constituem um monumento sem rival na historia humana.

Nem a Inglaterra, nem a Espanha com o seu *Don Quixote*, nem a França com a sua *Chanson de Roland*, nem a Alemanha com as suas velhas *cantilenas* — nada têm que se lhe compare.

Não bastava que Portugal iluminasse as eras, conquistando meio mundo para a civilização com os seus Descobrimentos e Conquistas, com as suas temeridades maritimas: era preciso revelar toda a consciencia desse esforço gigante, mostrá-lo como uma resultante do *ethos* luso, e deixá-lo maravilhosamente cantado aos vindouros em estrófes de maravilha.

Nisso se resume o grande papel de Camões, que foi um pária da sorte como a maior parte dos génios:

«Mudando andei costume, terra, estado, Por vér se mudava a sorte dura; Á vida puz na mão dum leve lenho, Mas, segundo o que o céu me tem mostrado, Já sei que deste meu buscar ventura Achado tenho já que a não tenho.»

Momento supremo

A hora está prestes a soar. O clarim vai tocar a reunir.

Os regimentos preparam-se para a luta escabrosa e titanica, para derubarem o poderio alemão, e levantarem a causa santa e sagrada dos aliados, que é a Justiça e o Direito.

Tancos, não é já um campo entrincheirado; é um vasto recinto, aonde se alojam neste momento dezenas de milhares d'homens, que se preparam, para a defesa da Patria e da civilização cumtum.

Esses nobres e audaciosos soldados, descendentes da mais bela raça do mundo acatam com o maximo cuidado todas as instruções que lhes são dadas pelos seus superiores.

Esses gloriosos soldados não temem a morte porque a morte é muitas vezes o resurgimento duma vida nova e não o aniquilamento dum corpo.

Eles irão mostrar ao mundo que o valor da raça portuguesa ainda não se extinguiu por completo, como affirmam certos sicarios, para quem a Patria é um simples covil aonde se albergam.

Todos nós, sabemos, perfeitamente que esse Rei do Odio, esse misero fantasma dalem Rheno, nos insultou, lançando-nos em pleno rosto, a afronta de «vassalos» e pretos do ocidente.

Mas essa afronta, que acolhemos com o maximo desdém, vai ser lavada do nosso peito, pela justa desforra, que os nossos heroicos soldados vão tirar.

Não somos cobardes, porque vamos procurar o vil insultador á sua propria caverna.

A nossa entrada na guerra ao lado dos aliados, só nos pode honrar e purificar os nossos corações.

Odeiamos profundamente a Alemanha; e por conseguinte, o unico caminho de a seguir, é o que se está preparando, embora nos custe muitos sacrificios.

Uma maldição eterna cairá, sobre a Alemanha.

Uma maldição sem limites, cairá sobre esse povo, que ha dezetas de anos preparava o assalto traiçoeiro, aquilo que os nossos antepassados á custa de milhares de sacrificios nos legaram.

Soldados: ide, que a Patria vos abençoará eternamente.

Ide juntar-vos ás hostes sagradas dos aliados, que elas vos acolherão com carinho e amor fraternal.

Ide juntar-vos a esses bravos, que alem Pirenius, combatem pelo mesmo ideal e pela mesma fé.

Ide, que a morte é sempre bella e gloriosa, quando se morre no ultimo reducto em defesa da Patria.

RAUL BRAGA, 2.^o

COMISSÃO DE CENSURA PREVENTIVA Á IMPRENSA

AVISO

Esta Comissao faz constar que, de acordo com as empresas jornalisticas desta cidade, alterou as horas primitivamente fixadas para as suas reuniões, passando desde amanhã a reunir nos dias e ás horas abaixo designadas:

- Segunda-feira, ás 15 horas e 30 minutos.
- Terça-feira, ás 15 horas e 30 minutos.
- Quarta-feira, ás 11 horas.
- Quinta-feira, ás 16 horas.
- Sexta-feira, ás 11 horas e 15 horas e 30 minutos.
- Sabado, 11 horas e 16 horas.

Coimbra, 12 de junho de 1916.

Pela Comissao

João d'Almeida.

Tenente coronel

Mocidade funesta

Ao Anadeu dos Santos e Silva grande amigo grande coração.

II

Esperava já o arranjo do chocolate para acalmar o repasto da ceia, quando eu soube pela boca contristada e pesarosa de um nosso velho amigo comum que entrava, amigo inseparavel de todos os instantes, do cometimento desvaído, alucinatório em estremo, deste tresloucado rapaz em plena primavera da vida a florir em ideais sonios de amor pelas veredas risonhas e perfumadas da sua existencia sem cuidados e ralações.

Vinha do Avenida de assistir a uma das ultimas recitas da companhia italiana interpretadora de toda a suna obra teatral de *D'Annunzio*. Batorando deliciosamente, um cigarro abano de marca predilecta, a queimar-se em pequeninas nuvens incoorporaes de fumo cinzento-escuro, revia mentalmente, numa visão de otica apurada, os gestos tragicos de dor em convulsão, espectralizando mascarar e atitudes numa ipnoção de genial loucura iper-sentida, de todos os pontifios-comediantes que trajediarão a peça com a emoção e os nervos da sua arte reveladora e suggestionante de beleza e verdade. Olhando as espirais voluptuosas do cigarro, vaporosas, leves, ténues, com ancois de aza batendo o infinito e fremitos de vida vibrando na sombridade tra-

SECÇÃO LITERÁRIA

DEUS, ECCE DEUS!

Quando as estrelas lucilantes mordem
E ensanguentam a sombra do infinito,
E passa a dor humana sem um grito
Com medo de que os tumulos acordem,

Ergo lá cima os olhos, e medito...
... O misterio do ser, a luz, a ordem...
— Que me importa que os astros me recordem
Que é bem pequeno o mundo aonde habito?

O Sonho, espiralando, abrange tudo,
E a esfinge eterna, Deus, ignoto e mudo,
Vem revelar-se e a sua face brilha!

E canta! e enche de ritmos o universo!
Meu amor, Deus concentra-se num berço:
Ouve-o... Chama por ti a nossa filha...

CANDIDO GUERREIRO.

gica da dor cadaverisante, ora so-
renas e visionarias, parando alto,
quasi num fio, ora inquietas e des-
esperadas em iras ciclopicas de ner-
vos vagalhando entre cachões de
genio, eu construa, se bem que
muito ao de leve, muitas das atitu-
des nervosas, estericas de loucura
humana, que certa genial e grande
actriz, conseguiu esculpir nos in-
gmas do seu corpo de fogo artistico,
beijado pelo sopro divino da incar-
nação de grandes almas, de propo-
sito molhado para em scena nos
revelar os maiores desesperos e as
maiores torturas que a dor ainda
não originou crear nos palcos tra-
gicos da vida.

Apesar da crise que vamos a tra-
vessando, Vila Rial movimenta-se
consideravelmente para a feira do
Santo Antonio que começa no pro-
ximo dia 13 e é, sem duvida, a mais
importante da provincia transmon-
tana.
Além da Companhia do Ginásio,
que vem completa, levando peças
de reputação — O Senhor Roubado,
O Pai do Regimento, O Manequim e
Em boa hora o diga — haverá ma-
gnificas touradas empesadas pelo
sr. Julio Vitorino de Souza.
— Na segunda-feira passada, 5,
apareceu uma criança recém-nascida,
no Largo do Hospital, no pateo da
antiga «Escola Barreira». O sr.
Comissario da Policia, tomou as
devidas providencias mandando en-
trega-la a uma ama, afim de a so-
correr até que foi averiguado que a

Por Vila Real

7-8-1916

Apesar da crise que vamos a tra-
vessando, Vila Rial movimenta-se
consideravelmente para a feira do
Santo Antonio que começa no pro-
ximo dia 13 e é, sem duvida, a mais
importante da provincia transmon-
tana.
Além da Companhia do Ginásio,
que vem completa, levando peças
de reputação — O Senhor Roubado,
O Pai do Regimento, O Manequim e
Em boa hora o diga — haverá ma-
gnificas touradas empesadas pelo
sr. Julio Vitorino de Souza.
— Na segunda-feira passada, 5,
apareceu uma criança recém-nascida,
no Largo do Hospital, no pateo da
antiga «Escola Barreira». O sr.
Comissario da Policia, tomou as
devidas providencias mandando en-
trega-la a uma ama, afim de a so-
correr até que foi averiguado que a

criança pertencia a uma mulher da
povoação de S. Mamede cujo ma-
rido está para o Brazil.

— Mais uma desordem se travou
na povoação de Gravelos entre uns
sujeitos d'ali e um carroiro, ficando
este ferido ligeiramente.
Causou aqui grande alarme a
noticia pois dizia-se terem sido os
Picas.

JOAQUIM DO PRADO

Sociedade de Defesa e Propaganda

Recebemos o primeiro numero do
boletim trimestral, que, por inicia-
tiva desta prestimosa Sociedade e
proseguindo na esteira da Coimbra
Pitoresca, se propõe activar uma
propaganda intensa em prol dos in-
teresses regionais.

O primeiro numero constitue uma
estrela notavelmente feliz: insere
versos do sr. Manuel da Silva Gaio,
mimoso secretario da Universidade
e prosa do sr. Mendes dos Remedios,
lente da mesma, parecendo
impossivel como se esqueceram de
não mimosear o publico com um
trecho de Eugenio de Castro, di-
zendo duas piadas inofensivas con-
tra a Republica. Aproveitam-se
umas fotografuras já muito desgás-
tas, o papel, que é bom, e uns ver-
sos de Camões e mais um ou outro
pensamento da epoca seiscentista.
Muito obrigado.

NOVIDADES LITERARIAS

Revista quinzenal futurista

Em breve apparecerá á luz da pu-
blicidade esta inigualavel revista,
de cuja direcção se encontram en-
carregados os maiores cultivadores
do futurismo.

Esperando de todos a mais con-
digna das recepções, desde já agra-
decem (e isto sem favor) o acolhi-
mento que com certeza tal obra irá
ter.

A Empresa.

SENHORA

Educada, para dama de compa-
nhia, governanta, ou preceptora de
crianças. Sabe francês e dá as me-
lhores referencias. Carta a este jor-
nal até ao dia 15, letras O. R.

A REVOLTA, reu-
ne á mesma hora.

A REVOLTA

Vende-se em COIMBRA, na alta,
na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade;
em LISBOA, Tabacaria Monaco;
no PORTO, Tabacaria Rodrigues
Passeio das Cardosas.)

ANUNCIOS

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA
Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escriptorio

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre... \$85
Estrangeiro... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se recobrar um exemplar.

8

JEAN FINOT

CIVILISADOS CONTRA ALEMÃIS

5

timos de bom grado que, sob a influencia de outras
causas ambientais, a Alemanha mudará de alma e de as-
pirações. Quando se chegar ao ponto de eliminar os
motivos da sua regressão social, retornará o contacto
com a humanidade. Modificada a sua alma, morigerados
os seus costumes, quebrada a sua insociabilidade pelos
castigos que não podem deixar de ser-lhe infligidos, a
Alemanha poderá reocupar o seu lugar entre as nações
verdadeiramente civilisadas.

CAPITULO II

A França pacifica

1789 e 1914

O ano de 1914 desempenhará nos annos da história
um papel mais glorioso que «1789». A grande Revolu-
ção tendia a fazer triunfar os direitos do individuo; a
guerra actual tende sobretudo à emancipação e à igual-
dade politica dos povos.

Trata-se da coroação do secular esforço da França.
A obra grandiosa da Revolução, desviada por algum
tempo do seu curso normal, devia, mais cedo ou mais
tarde, conduzir à união dos povos civilizados contra a
nação que, sob um aspecto illusório, occultava os mais
ruins instintos.

Entre a moral pública e internacional, caracteristica
dos povos hoje sublevados contra a hegemonia prussiana,
e o nivel moral da Alemanha, medeia, pelo menos, um
espaço de quatro ou cinco séculos. Dirigida como uma
ameaça perpétua contra os esforços do progresso, a Ale-
manha paralizava todos os impulsos, tornando impossivel
um futuro melhor.

para a frente, com paragens ou léves recuos, tal é a mar-
cha das coisas humanas. Preguntáram-me se a minha
doutrina optimista se não encontrava comprometida pelo
pretensio abalo que acaba de infligir-lhe a selvageria ale-
mã.

Bem pelo contrario, esta queda aparente da civilisa-
ção não faz mais do que confirmar a nossa teoria do pro-
gresso. Para que avancemos, torna-se necessario que
façamos esforços e combatamos os entraves que se nos
deparem no caminho.

Se a humanidade pudesse seguir tranquilamente a
senda do progresso, e se esta senda não fosse obstruida
por erupções ou impulsos de barbárie, de há muito tempo
teriamos atingido o paraíso. O optimismo é só real e
viável com a condição de pregar a necessidade dos es-
forços e a utilidade da energia.

Progredimos e não cessamos de progredir. Mas um
homem, ou um povo só num meio apropriado se desen-
volvem, sendo necessario resguardar este ambiente de
todos e contra todos. Os progressos sociais e internacio-
nais tem uma existência real. Realizam-se, no decurso
da história, sob a forma duma curva ascensional. O pro-
gresso, e, por consequente, o bem estar que lhe serve de
expressão, podem ser retardados e paralizados. Podem
mesmo ficar comprometidos durante séculos, se em seu
favor não houver uma reacção pronta e eficaz.

O levantamento em massa dos povos civilizados con-
tra a barbárie alemã é um facto reconfortante e animador.
O solidário compromisso que os Aliados tomáram — de
não desarmarem até ao momento em que a civilização e
a moral internacional se encontrem fóra de todo o perigo
— mostra o progresso realizado na consciência mundial.

A humanidade caminha, mercê dos homens melhores,
para uma moralidade superior que, por si só, constitue o
indice do verdadeiro progresso. O aumento da riqueza
e do conforto perde toda a significação quando postos
em confronto com os nossos bens morais. Os menores
progressos da Justiça, da Liberdade e da Bondade valem
mais que milhares de invenções tendentes a viajar mais
rapidamente ou a comer mais abundantemente. A Fel-

Continua.

JOÃO D'ASSUMPÇÃO

Relojoaria Comercial
DE
Adolfo Pinto de Sousa
Praça do Comércio, 60
COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

IMPORTADORA
TELEPHONE N.º 350
Cipriano Leão & Comp.

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.

Rua Ferreira Borges, 52
COIMBRA

FRANCA & ARMENIO
Livreiros-editores
Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4
COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

Tomás Trindade
COM ESTABELECIMENTO DE
Tabacaria — Papelaria — Loterias — Parfumarías

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais — Ilustrações
Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional
Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS
Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinaes
Aguas ao copo
Depósito da Cevada do Cairo
Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA
Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17
Telefone n.º 559

**AUGUSTO BAPTISTA e
Joaquim de Campos**
ADVOGADOS
Rua da Sofia, 15-1.º

Encadernador
Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço.
Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

FARMACIA DO CASTELO
Deposito de productos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.
Creme dentriico.
Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.
Instrumentos cirurgicos, etc.

Abilio Lagoas COIMBRA
32, Praça do Comercio, 33
Escritorio de comissões e consignações
Correspondente de Companhias de Navegação
Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

ALFAIATARIA
Guimarães & Lobo
54, Rua Ferreira Eorges, 56
COIMBRA
Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, pingas e outros artigos para homem.
Modicidade de preços

Muraline
Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite
Tinta branca a agua. Apropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele
Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITARIA
ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS
ANTONIO FERREIRA PEREIRA
141 — Rua Ferreira Borges — 145
COIMBRA
Telefone n.º 250

Machinas SINGER para coser
Escritório Central — Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
GUARDA — Rua Alves Roçadas
COVILHÃ — Praça 5 de Outubro, 17 a 19
CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
SOURE — Rua do Relógio
LOUZÃ — Rua do Comércio

6

JEAN FINOT

cidade, na nobre acepção do vocábulo, provém exclusivamente do nosso dominio moral.

O estudo dos numerosos aspectos da vida alemã acaba de denunciar-nos a sua essencia profundamente viciada. A guerra fez emergir os seus abcessos quase incuráveis.

Uma vez conhecido o meio, os seus productos não podiam deixar de ser tais como os que estamos observando.

Há duas civilisações: uma, harmónica, abraça o conjunto da nossa vida e faz progredir a nossa sensibilidade e a nossa moralidade ao mesmo tempo que se multiplicam os progressos scientificos e economicos. E' a civilização, na verdadeira acepção da palavra.

A outra limita-se a utilizar as conquistas da sciencia, deixando *inculta* a vida afectiva e ideal. No dominio moral, recua-se quando se não avança. A divinização da força bruta, da riqueza e do sucesso, junta a uma megalomania própria de quem vive encerrado num horizonte restrito, conduzem à falência da sociabilidade e de todas as suas virtudes. Ao idealismo europeu, opõe a Alemanha o seu materialismo, expresso numa necessidade de dominio brutal e sem escrúpulos. A força que devia servir esse dominio tornava-se cada vez mais grosseira e bárbara. A podridão moral contaminou todas as classes sociais fazendo vitimas entre os cérebros, aparentemente, melhor organizados. Os primeiros sintomas manifestaram-se antes de Sadova, aumentando singularmente após 1870. Embragada pelo sucesso, colocada sob a influencia de um demónio como Bismarck, do jugo prussiano e de um louco-criminoso como o Kaiser, em violenta opposição com o resto do mundo, a Alemanha continuava a sua marcha precipitada para o abismo final. A geração dos Mohl, dos Bluntschli, dos Ihering, de todos esses mestres que, desde Leibnitz e Kant, pregavam o culto do direito, devia desaparecer sem deixar continuadores. Da antiga civilização apenas sobrevivem as mesmas palavras, cujo sentido desnaturalado se assemelha tanto ao antigo ideal como uma máscara ao Parthénon.

A falta de liberdades externas conduziu à desaparição das liberdades de dentro. Os alemães, moralmente, tor-

7

CIVILISADOS CONTRA ALEMÃIS

naram-se homúnculos. Utilizam as vantagens da sciencia como automatós, encontrando-se privados de tudo o que faz a bondade dos nossos corações e das nossas almas. Os próprios sábios deixaram de ser homens; na nobre significação da palavra. Dai, os seus raciocídios e obcecações que desconcertam o mundo, porque são desumanos.

A união alemã tornou-se uma uniformidade de appetes, de fins e meios, e tudo isto nenhuma ilusão nos pôde deixar acerca da regressão colectiva da nação.

Veremos, no decurso desta obra, o gráu de aviltamento em que caiu o povo alemão. Sendo a queda sempre mais rápida que a ascensão, a imoralidade anda muito vizinha da barbárie completa.

A vasta familia mundial encontra-se solidária no ponto de vista ideal, tanto como no ponto de vista económico e financeiro. A moral internacional é tão necessária à vida dos povos como a moral privada ao funcionamento normal das familias e dos individuos.

A Europa tem um dever e um interesse primordial, em velar pela conduta dos seus membros. E' preciso tornar *inofensivo* quem quer que ouse insurgir-se contra a lialdade internacional, da mesma forma que a sociedade se desembaraça de um malfeitor perigoso para a vida e bem estar dos concidadãos.

As nações reunidas na Haia proclamaram a necessidade de certos principios tendentes a assegurar a paz e felicidade do mundo.

A Alemanha impediu a realização desta nova ordem de coisas.

A sua desaparição, como força prejudicial, torna-se pois inevitável. Esta guerra, que tantos sacrificios custará aos melhores de entre os homens, deverá conduzir, logicamente, à supressão da anarquia internacional. Eis uma condição essencial para o triunfo da paz e da justiça, tão ardentemente desejado por todos.

A humanidade, porém, que não se deixa dominar pela ideia falaz de raças, tão querida dos povos germânicos, não porá em prática a politica de exterminio preconizada pelos sábios e politicos de além-Rheno. Admi-

TIPOGRAFIA LITERÁRIA
R. Cândido dos Reis, 17, 19 e 21 — COIMBRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS

Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc.

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.

DEFININDO ATITUDES

A posição de Portugal perante o sangrento conflito europeu foi sempre norteada por uma lealdade absoluta e pela mais perfeita e rigorosa correcção. Não se esperou que a balança da guerra pendesse para uma ou outra banda e que o mavortico deus sorrisse a um ou outro dos contendores, para enfileirar ao lado do mais forte, ajudando á ingloria tarefa de vibrar o golpe de misericórdia no adversario moribundo. Não se adoptaram as dúbias atitudes dos que, tudo querendo ganhar nada arriscando, se estalfam, em acrobaticas habilidades diplomaticas, aguardando o momento de se pronunciarem. Não se seguiu o degradante exemplo dos que procuram agradar a Deus e ao diabo, com a alma cheia de perfidia, encobrindo os seus verdadeiros sentimentos com a espessa mascara da hipocrisia, que só arrancarão no momento em que já não tenham a recear o perigo de uma severa punição. Sentimos sempre uma instinctiva repugnancia por tais processos, que nos faziam lembrar a missão dos *puntilleros*, que na arena de combate acabam os touros e os cavalos agonisantes.

Desde a primeira hora o governo da Republica, correspondendo ao sentimento unanime da nação, definiu a sua attitude em termos claros e precisos, não deixando que a mais leve sombra de duvida ficasse existindo sobre qualquer futuro procedimento e não consentindo que aos nossos actos pudessem dar-se diversas interpretações ou atribuir-se significados diferentes. Portugal estava ao lado dos aliados, pronto a todos os sacrificios, disposto a todas as eventualidades, desejando partilhar das glorias e dos proveitos da victoria, mas não recuando tambem ante as terribes consequências de uma derrota, que não sendo provavel, não era contudo impossivel. E esta nobilissima resolução adaptava-se, quando os exercitos francezes recuavam ante a avalanche teutonica, que já tinha esmagado a resistencia da Belgica e quando o exercito inglés era ainda constituído, unicamente, pelas dez minguadas divisões do heroico general French.

Estes são os factos, na sua grande e inequívoca eloquencia. A nação portuguesa não hesitou em pronunciar-se, num momento em que o futuro era um tragico ponto de interrogação. Cumprindo fielmente a letra dos tratados, obedecendo ao grande sentimento que o impelia para junto dos combatentes da mais justa e santa das causas, pondo em ultimo plano os seus interesses, o povo português saía de uma neutralidade comodista e interesseira e, sem receios nem hesitações, oferecia aos aliados o seu concurso, certo de que esse grande gesto lhe poderia custar a perda de todos os seus dominios coloniais e talvez a perda da sua propria independencia. Este concurso não tinha limites, era sem condições, jámais qualquer restricção foi apresentada, ou foi discutida a exigencia de

qualquer sacrificio. Os aliados precisaram do nosso material de guerra, quiseram utilizar-se dos nossos portos, exigiram a nossa colaboração militar em terras d'Africa, apelaram para os nossos recursos industriais e agricolas, acharam conveniente a requisicção dos navios alemães? Tudo lhes foi concedido sem que se esboçasse uma má vontade, sem que se apresentassem quaisquer dificuldades, sem que se manifestasse o receio das consequências ou o temor das responsabilidades. Maiores fossem as exigencias e mais dolorosos os sacrificios, que nem por isso o desanimo invadiria corações portugueses ou o arrependimento viria ensombrar a satisficção de todo um país, que se orgulha de ter cumprido todas as suas obrigações e tem a consciencia serena e tranquilla por jámais se ter desviado do caminho da honra, da dignidade e do dever. Se mais não fizemos já, não tem sido nossa a culpa. O grande esforço militar que estamos realizando, podia ter-se efectivado ha muitos meses, se assim o tivessem querido as poderosas nações, a cujo lado procuramos caminhar, desde os primeiros relampagos anunciadores da tempestade. Se o sangue portugues não corre já nos campos de batalha da Europa, não tem sido pelo facto de portugueses se recusarem a abrir as suas veias e a oferecer as suas vidas. E' preciso que isto se diga, para que ninguém possa imaginar que, tomando posição da banda dos aliados, fizemos restricções ao nosso esforço ou marcamos limites ao nosso sacrificio. A' inexcusavel lealdade e ao inegalavel desassombro, com que proclamamos a nossa attitude, tem correspondido a lealdade e o desassombro, com que nos temos mantido atravez destes longos meses de duvidas e incertezas. Não puzemos em leilão os trunfos do nosso jogo, nem esperámos uma cartada feliz para os elerecer ao mais afortunado jogador. Fomos leais e francos, como gentis cavaleiros de outras eras.

Nas palavras que ai ficam tem a altiva e poderosa Inglaterra a explicação cabal da surpresa, que em Portugal tem causado alguns factos e acontecimentos. Ao desprendimento com que tudo demos e ao cavalheirismo com que temos procedido, quizeramos correspondesse uma igual attitude ou, pelo menos, uma attitude que se não prestasse a dúbias interpretações. Leais e generosos até ao exagero, qualquer beliscadura na epiderme nos faz doer o coração. Ainda não sentimos um ligeiro arrepio de arrependimento, mas, por vezes, apavora-nos o receio da ingraticidão. Faremos todos os esforços para reprimir esse temivel espectro, mas ele resiste, lucha, procura vencer e, com um ar escarninho de triumpho, surge a cada passo, envolto em nebulosidades fumarentas. E' assim que o temos visto, o fantasma sinistro, na resistencia passiva á nossa intervenção militar nos campos da Europa, no procedimento das autoridades inglesas da Damaralandia para com o fo-

ragido regulo Cuanhama, na campanha Cadbury contra o cacau de S. Tomé, na falta de especiais privilegios aos produtos portugueses, no propositado apartamento de Portugal do pacto de Londres, em tantos outros factos, que talvez nada signifiquem, mas que se apresentam sob um aspecto, que não é de molde a inspirar confiança e a robustecer esperanças.

E' provavel que nada disto acontecesse se a nossa diplomacia tivesse seguido nas aguas da diplomacia de outros países, que da guerra fizeram um balcão de negocio e um jogo de interesses. Mas nós temos sido tão leais e tão generosos, que só esperamos dos outros lealdade e cavalheirismo.

Qualquer attitude menos clara magoa a nossa sensibilidade e deixa um sulco profundo no nosso sentimento. Julgamos-nos merecedores de todas as atenções e custar-nos-hia muito reconhecer que temos perdido o nosso tempo e que tratar questões internacionais com nobresa e lealdade é qualquer coisa como... dar perolas a suinos.

Corralho Araújo

O FIDALGOTE ARREPENDIDO

Só no último número do *Jornal de Coimbra* voltou a dar sinal de si a nossa pobre vitima.

Coitadinho do sr. José!... Ao vê-lo assim tão humilde, chegámos a pensar que ele estaria arrependido das coisas feias que nos chamára, e lembrando-nos das sagradas páginas, onde se diz — *proprium est miserere semper et parere* — não duvidámos em conceder-lhe o nosso indulgente perdão, como um acto misericordioso tão aconselhado por Cristo, para com os *pauperes spiritus*...

Podia lá ser! o sr. José continuar com aquelas fealdades... — ele, o menino Josézinho, que outrora era a delicia dos companheiros, no Liceu de Santarem, com a sua flébil compleição de animal angelizado!

Há poucos dias ainda que nós o soubemos um arrependido. E' pois natural que ele se encontre hoje repeso, igualmente, dos inofensivos insultos que nos dirigiu.

Tão nosso amigo, o sr. José, e nós cometermos a patifaria de chamar-lhe *piolho canónico*! Não nos crimine, amiguinho: a culpa foi toda de um outro jornal coimbrão, que em tempos lho chamou, e depois... a rapaziada gosta tanto de coisas bizarras, por desgraça sua, que o demónio do nome veio a pegar...

Que nós — verdade, verdadinha — chegámos a achá-lo bem posto, pelos pontos de contacto, salvo seja, que tão ideal entidade apresentaria com a pessoa de vossemecê.

Um *piolho canónico*, tal como a nossa fantasia o concebe, teria qualquer coisa de um bichinho apocalitico, criado nas miasmáticas exalações do dogma, herança ancestral dos velhos sacerdotes e transmitido por via de pergaminhos bolorentos até aos primeiros volumes dalguns santos padres tomistas.

Morfologicamente, seria de uma estrutura circular, em guisa de tonsura animada, de cor vermelha e branca: aquela, produto atávico de sangue inquisitorial, bebido pelos antepassados; a cor branca proviria dos modernos processos de alimação espiritual — «os pingos

PIEDOSO PUDOR

Varias damas e academicos piedosos acabam de constituir em Coimbra a «Liga dos Costumes Cristãos» contra as modas desonestas.

(dos jornais)



— Se eu era capaz de me apresentar diante do Pai do Céu numa figura daquelas!...

(Desenho do Dr. Luiz Filipe)

de cera... O nosso tipo canónico vegetaria exclusivamente na sombra, e teria, tal qual o sr. José, a fobia da luz, da hygiene mental da civilização moderna e do progresso — coisas excomungadas pelo papa na 80.^a proposição do *Silabus*.

Mas, acabou-se... E como o sr. José só gosta de herdar dos antepassados pergaminhos de que se mostra indigno portador, aqui prometemos não voltar a chamar-lhe aquele nome feio.

— Gosta do nome — *Madaleno arrependido*, sr. José?

— Pois bem: não se enfade com-nosco, porque este é que ha-de ficar.

E, posto isto, queira o sr. José, sear, sr. José, porque em estado de je de abalo, para terras da Beira, onde quezazera de maior monta me estão esperando.

M. CARLOS MARTINZ.

CARTA DE LISBOA

Noutros tempos o sol ardente destes meses de verão tinha a grande virtude de atugentar da capital os politicos, forçando-os a buscar as mais amenas temperaturas das praias e as frescas sombras das matas e bosques. E enquanto por lá andavam, concertando o fígado e os rins, marcando quadrilhas nos casinos ou apontando uns tostões ao valete de oiros, Lisboa soçegava, dormia pacatamente, e os alviqueiros não suavam a profetizar a queda do ministerio e a inventar futuros ministros e governadores civis. A vida politica, tão agitada nos meses de inverno, entrava num

período de socego, só quebrado por uma ou outra arremetida de algum jovem e exaltado jornalista de verão. Ao contrario das óstras, os politicos só eram para temer nos mezes que tem r...

Pois como a Republica até esse habito mudou, infelizmente para todos. Sempre eram tres ou quatro mezes em que as mesas do Martinho descansavam dos murros furibundos dos perpetuos aspirantes a deputados, em que os srs. taquígrafos do parlamento deixavam de registrar os tropos inflamados dos representantes da Lourinhã e Paio Pires e em que os reporters podiam circular livremente, sem temer as instancias dos caciques para lá nas gazetas dizarem das suas conferências com os directores gerais e secretarios de ministros. Agora a politica tem tambem a sua epoca de verão e torna-se até mais brava com o sol e as moscas, que sendo muitas, aos milhões, nem assim impedem a livre saída de muita asneira.

O verão, que agora principia, promete grandes surpresas. Os partidos agitam-se, fervendo a intriga e ouvindo-se a uns e outros as mais amargas queixas e as ameaças mais extraordinarias. Dentro dos proprios agrupamentos partidarios não existe a necessaria harmonia, havendo grande numero de descontentes, que não occultam as causas do seu desgosto e dos seus dissentimentos. E' uma confusão, cujas consequências não é facil prever, mas que pode desde já lamentar-se, porque o momento que o país atravessa é de tal gravidade, que bem merecia, da parte dos politicos, o sacrificio das suas ambições e o esquecimento dos seus agravos. Esta attitude dos politicos obriga a duvi-

dar do seu patriotismo. Pois que!? Em todos os países se conseguiu realizar a União Sagrada, só em Portugal continuam as mesmas discordias, os mesmos odios, as mesmas intransigências e os mesmos processos de combate! E eu não exagero. A União Sagrada, que para aí apregoam, não vai além da boa-vontade e do desejo de algumas duzias de republicanos, que assim demonstram possuir a mais alta noção das suas responsabilidades. O resto está peor do que nunca. E' ouvi-los e as ilusões desaparecem. Os monarchicos conspiram sempre. Os unionistas impõem a dissolução para usurpar o governo, querem essa dissolução em termos os mais absurdos e os mais perigosos e não recuam em chamar o país a uma revolução, se os outros partidos lhe não fizerem a vontade. Os democraticos queixam-se amargamente da politica faciosa, que estão fazendo alguns ministros evolucionistas, que procedem como se apenas vissem do apoio dos seus, considerando na opposição todos os outros. Os evolucionistas estão unidos aos unionistas no que respeita a dissolução e unidos aos democraticos no que se refere a participar do poder, ocupando todas as pastas em que é possível fazer politiquice. Entre tanto nos seus jornais vão insinuando que são os unicos que procedem com lealdade e que tem comprehendido a alta significação da Sagrada União. Que o digam aqueles democraticos que do Ministerio da Justiça tem solicitado a nomeação de qualquer simples escrivão de paz e que o diga tambem aquela celebre distribuição da verba para reparações e construções escolares, feita pelo actual Ministro da Instrução, que só para o seu districto reservou quasi metade do dinheiro que ao país todo era destinado. Mas é de boa e rudimentar politicasinha o ir fazendo o mal e a caramunha e aqui está a razão porque em certas gazetas do evolucionismo já appareceram queixas, que os jornais dos outros partidos ainda não formularam. E' esta a Sagrada Discórdia que para aí lavra com intensidade e que mais se tem accentuado, desde que ao leme da avariada nau tem faltado o braço robusto do Dr. Afonso Costa. Talvez que, com o regresso do eminente politico, a tempestade acalme e não ceder a imposições ou a conselhos, não faltando quem preveja grandes acontecimentos no proximo Congresso do Partido Republicano Português. E, no meio de toda esta barafunda, o Ministro do Interior lá vai navegando, sem difficuldades, ouvido atento aos avisos do chefe do seu partido e quasi esquecido daqueles tempos que passou no Porto, ai por alturas da ditadura Pimenta de Castro. Vejam como o grande homem resolveu a questão da nossa hora?! Mandou adeantar os religiosos e imediatamente concedeu licença ás empresas teatraes para marcarem os seus espectaculos para mais tarde uma hora. Era realmente difficil encontrar entre velhos republicanos um ministro tão feitoso e tão intelligente. Foi um achado. Pena é que tanta falta faça ao seu regimento. E por hoje mais nada.

SIMPPLICIO

Magalhães Lima

Enquanto o grande apostolo da democracia, sacrificando heroicamente, com a dignidade dum filosofo e a fé dum evangelizador, a sua saúde e a sua fortuna, em prol da Patria, erguendo, pelo estrangeiro o nome de Portugal; enquanto os mais conceituados jornalistas e os mais respeitadros pensadores de todo o mundo erguem a sua voz para o saudar, num cantico unisono de justiça ás suas inigualaveis virtudes de cidadão e propagandista do bem, nós estamos assistindo a uma desvairada campanha de enxovalho e colera, pretendendo conspurcar-lhe a obra imortal, como se o Sol pudesse ser atingido pelo veneno dos sapos.

Essa miseravel campanha é afinal o melhor sintoma do seu valor, e não obstará a que o grande cidadão continue sendo profeta na sua terra pois não são os patifes que decidem do triunfo, mas o proprio merito que se ergue ao alto para os esmagar.

Sublime França!

Quando esta guerra sangrenta veio despertar a Humanidade inteira quando as primeiras legiões do Kaiser se lançavam furiosamente como um vulcão destruidor sobre a inofensiva e indefeza Belgica, a França, embalada pelas theorias dos seus socialistas exaltados estava na posição de descanso... A politica interna como uma labareda de fogo envolvia esse povo em lutas estereis e perniciosas, parecendo dividi-lo para sempre o antagonismo das suas crenças politicas e da sua fé religiosa.

Quando mesmo os soldados germanicos maculavam com as suas pisadas esse solo sublime que tem sido o berço de tanto sábio e de tanto heroi, houve alguém que dentro da França queria manter a desordem confiado em que os seus camaradas dalem-Rheno obrassem do mesmo modo, como solenemente tinham afirmado em tantos congressos socialistas. Puro engano! O socialismo germanico nunca passou duma mistificação; foi sempre um engodo, foi o canto da sereia a fazer adormecer o povo francês cioso de ser sempre o primeiro na vanguarda das grandes ideias e dos mais sublimes idiais... E os socialistas francezes trabalhavam herculeamente querendo organizar dentro da força uma poderosa corrente socialista mais poderosa e mais forte do que a do socialismo alemão capaz de impedir o fogo que se avizinhava, a tempestade que ameaçava estalar com toda a violencia e com todos os seus horrores.

E o socialismo alemão ia mistificando o socialismo francês, desenvolvendo-se sem terror dos capitalistas... aumentando o numero dos seus deputados sem preocupação do partido militar que sabia bem que esses milhões de socialistas seriam amanhã outros tantos soldados e que os seus chefes seriam os primeiros a levar o grito de guerra a todas as choupanas, pois no coração e na indole ha muito que esta guerra estava radicada na Alemanha inteira. E' que o socialismo alemão não baniu do seu dicionario as palavras Patria, Fronteira e Armas.

O Socialismo Francês, mais sincero, mais ingenuo, mais puro, mais ilusionista, acreditando piamente na força aparente do socialismo alemão, trabalhava inconscientemente criminosamente para a desmilitarização da França, opondo uma resistencia tenaz ao projecto dos tres anos de serviço militar e todo e qualquer aumento nos orçamentos da guerra e da marinha, julgando prestar um grande auxilio á causa da Humanidade, quando estavam somente servindo a ambição teutonica, cavando a sepultura da sua propria Patria.

A guerra, que como um vulcão adormecido nos veio encher de horror no seu sinistro despertar, encontrou, pois, a França numa situação difficil, critica, sem possuir bem declaradamente aquelle sentimento moral que engrandece os povos, essa unidade de ideias numa causa maxima como esta que se debate e que é a condição indispensavel para o seu caminhar na senda do progresso, vencendo todos as escolhos e passando sobre todos os abismos. A França faltava-lhe essa unidade, esse sentimento, porquanto as lutas politicas levadas ao rubro das paixões sectaristas — dividiam-na, desmoralisavam-na, enfraqueciam-na, corrompendo-lhe a alma, roendo-lhe o melhor da sua existencia. A Alemanha desafia a França. E os socialistas francezes no primeiro momento ainda vacilaram no cumprimento dos seus deveres. Quando as tropas do Kaiser assolavam a terra santa da França, um regimento francês, onde predominava o elemento socialista e sindicalista, recusou bater-se, lançando fóra as suas armas e fugindo sem oppôr resistencia ao inimigo.

Cobardia? Talvez! Ha porem neste gesto a loucura do amor ás suas ideias, o amor á coerencia! Crime? Sim!

Ha, todavia, mais inconsciencia, mais sinceridade do que crime.

Eles esperavam que os socialistas alemães tambem se recusariam a lutar contra a França. E se assim o fizessem, se socialistas alemães e

francezes se levantassem na sua maxima força impedindo a guerra, eu acredito sinceramente que a Humanidade não teria de assistir a este spectaculo horrendo, onde correm rios de sangue e se levantam muralhas de cadaveres, onde tanta vida humana tem sido ceifada, tanta vida precisa ao trabalho e á terra, tanta força perdida inutilmente numa luta fratricida, tanta esperança afogada em sangue de tantos innocentes, tanta vida roubada á terra, ao lar, á familia.

Se os socialistas alemães se tivessem imposto aos desejos bellicosos da sua corte imperial, se eles como tantas vezes affirmaram nos seus congressos e nos seus comicios se recusassem a lutar contra a França, certamente a Europa não seria hoje o palco sinistro onde se desenrolam tantas e tão abominaveis cenas de ferocidade e destruição; nem nós seriamos os espectadores desta tragedia humana que tem por prologo um crime, por enredo uma ambição e por epilogo a Morte, o Luto e a Dor!

Mas, que se viu, que sucedeu? O povo alemão corre sem trepidar para a luta, e ninguém, absolutamente ninguém ousa pronunciar a palavra — Paz —, palavra que para esse povo selvagem e feroz seria uma afronta. Selvagem e feroz, sim! E tanto mais selvagem quanto é certo que o povo alemão é daqueles que possui um grau superior no seu desenvolvimento moral, material e scientifico! E tanto mais feroz quanto é certo que ele caminha paralelamente áqueles que representam a vanguarda da civilização!

Estas qualidades são agravantes, não são atenuantes. Logo que as primeiras labaredas deste formidavel incendio começaram a envolver a grande Belgica, o socialismo alemão desapareceu, confunde-se no incio da soldadesca, envergando a mesma farda, manejando a mesma espingarda.

E' que o socialismo alemão, como já disse, não passava duma mistificação. Era uma ratoeira... armada ao povo francês. Ele caiu na cultura da França. Mas, oh! sublime povo!

Quando reconhecem o seu erro, quando viu a sua ilusão cair ante o estrondo da fusilaria inimiga, não trepidam, não vacilam mais, e como que adquirindo forças e energias nos erros do passado, eil-o que se bate como um leão, eil-o transformado num heroi indomavel, batendo-se intrépidamente, estoicamente, pela sua redenção, pela prosperidade da sua terra angusta, pela independencia dos pequenos povos, em suma, pela Libertação Humana! Na França não ha republicanos nem monarchicos, bonapartistas ou orleanistas. Não ha tambem catholicos nem protestantes. Na França ha simplesmente francezes, imãos batendo-se por um só ideal, animados da mesma fé, arrastados nas suas epicas e lendarias cargas de baioneta, por um só sentimento — a Patria! A França revive! A França floresce! O sangue de seus filhos é a semente do seu engrandecimento.

A Marselheza é a voz da Patria animando seus filhos para a luta. A França demonstrou a sua vitalidade nas batalhas do Marne. Nas muralhas de Verdun mostra a sua alma heroica, sublime, invencivel, capaz de todos os heroismos e de todos os sacrificios, alma incomparavel dum povo que ao Mundo tem dado as melhores lições de civismo e os mais admiraveis exemplos de sacrificio e de heroicidade!

ERNESTO D'ALMEIDA.

GRALHA

No artigo do nosso colaborador Carvalho Araujo, intitulado «A questão dos capelães militares» deixou a revisão passar um «pagando a vida», que era no original «jogando a vida». Porque o sentido da frase foi alterado, aqui se faz a necessaria retificação.

Fatos e comentarios

Entrevistas...

Anda agora com essa mania o *Jornal de Coimbra*. Teve a palavra no último n.º, o integralista Garcia Pulido, homenzinho que ninguém pôde tomar a sério, volúvel como a folha do ólmo e que, depois de haver sido sucessivamente nacionalista, republicano, almeidista e não sabemos se anarquista, há pouco tempo nos appareceu em Coimbra, de um para outro dia, com uma fatiota nova e umas ideias postizas no caco.

O sr. Pulido não defende a Inquisição, como ha pouco a quiz defender, numa frustrada conferencia, o mariolão confrade da *cidade liquida a escorrer*. Não a defende, mas diz imbecilidades como esta: «o primeiro motivo para ser-se monarchico é ser-se português.»

Cebolório, sr. Pulido, cebolório!... De forma que, um inglés, um belga, um montenegrino, etc., jamais podem ser monarchicos... De forma que, quando o sr. Pulido fazia a apologia da Republica, não era português...

O que o sr. Pulido devia dizer é que, por via de regra, para ser-se monarchico é preciso deixar-se de ser português, defender a Inquisição e fazer o jogo da Alemanha, atraíndo a Patria.

Assim, batia certo.

O Direito Romano e o Integralismo

«O integralismo sempre existiu, desde que a nação existe» — diz ainda o raio do sr. Pulido, ou antes, o sr. Pulido do Raio.

Esta é de primeira ordem!... D. Afonso Henriques, deixa portanto, de ser o *Conquistador* para ser o *Integralista*. Que os historiadores tomem nota... Isto, é claro, é do integralismo português; porque, se voltarmos os misericordiosos olhos para o conjunto da humanidade, teremos de apresentar Adão como o primeiro doutrinarista integral.

Se o integralismo nacional sempre existiu, desde que a nação existe, — o integralismo mundial tambem, desde que o mundo existe... — Ou a logica é uma batata?!

E nós, sr. Pulido, tão curtiinhos de vista que pensávamos que todas as sciencias e artes tinham começado por não existir, talqualmente se conta do antigo direito romano em Roma!...

Sam sete!

Sabem o quê?... 7 eram os sabios da Grécia; 7 eram as *partidas* de Afonso o Sábio; 7 sam os dias da semana; 7 especies de criaturas gerou Nosso Senhor; 7 as idades do homem; 7 sam os céus; 7 os climas; 7 planetas; 7 sam as artes; 7 anos de pastor Jacob servia; 7 anos de fome sonhou José do Egito; 7 anos sonhou tambem de farta; 7 vacas viu ele atravessar o Nilo; 7 braços tinha o candieiro da Sinagoga; 7 dons tem o Espirito Santo; 7 sacramentos tem a Igreja; 7 prazeres teve a Virgem; 7 dores teve tambem; 7 maravilhas tinha o mundo; 7 oásis, por vezes, a um osso; 7 folegos tem os gatos; 7 chaves fecham o que nos falta; 7 cabeças tem certos bichos; 7 alfaiates para matar uma aranha; o 7 fazem os rapazes ás raparigas; 7 sam os palmos da nossa sepultura; e... sete sam tambem os *peccados mortais* que o nosso camarada Carlos Martins aponta ao *Piolho Canônico*.

- 1.º é mistificador
- 2.º é parvo
- 3.º é imbecil
- 4.º é falsário
- 5.º é patifa
- 6.º é madaleno
- 7.º é arrependido...

Brincar a tropa

Não inventamos. Reproduzimos singelamente o quadro, despido das nossas impressões individuais, de qualquer comentario.

Toda a gente sabe que se está procedendo ás inspecções dos individuos isentos por inspecções anteriores. Pois bem:

A junta medica, que, por sinal é composta dum só medico, dirige-se aos mancebos, perguntando: — «Gosta de ser militar?»
E o mancebo ou diz sim ou não, autodicidindo da sua sorte.
Acontecerá assim por todo o país, este mimo de brinquedo?...

O ÊXODO

por José Bossa

Eis o titulo de uma monografia, que versa um dos mais interessantes problemas da economia nacional — a emigração.

O seu autor, rapaz muito intelligente e modesto, revela-se nesta obra o trabalhador infatigavel e consciante que desde há muito conheciamos.

Em cento e sessenta páginas de scintillante prosa e português correcto, estuda as condições da nossa emigração, as suas causas, consequências e os remedios prováveis de normalização do êxodo.

O assunto tem sido, muitas vezes e proficentemente tratado pelos nossos economistas mais eminentes, tais como Oliveira Martins, Herculano, Frederico Laranjo, Marnocó e Sousa, e, de entre os vivos, Anselmo de Andrade, Afonso Costa, Basilio Teles, Moreira Teles, etc.

No entanto, José Silvestre (nome porque é mais conhecido em Coimbra o autor) trata com novidade alguns aspectos do problema da emigração e actualiza a noticia dos outros escritores.

Assim é que consegue demonstrar com bons argumentos, contrariamente ao asserto de muitos imbuídos de animo faccioso ou iludidos por apparencias, que o aumento da emigração ácusado pelas estatísticas de 1912 e 1913, de modo algum é atribuivel á mudança de regime politico e á implantação da Republica.

Lutando com escassez de dados, teve o autor muitas vezes de socorrer-se da *estatística conjectural*, chegando a conclusões que se nos afiguram contestáveis.

Assim, na computação da riqueza pública, obteve uma cifra muito baixa, por dois motivos, segundo parece: porque teve de basear o seu calculo nos dados insufficientes de dois anos de estatística da contribuição de registo, e porque, para a determinação dos bens subtraídos ao fisco, aceitou o calculo que *Gini* fez relativamente á Itália. Ora essa avaliação não pode adaptar-se a Portugal, que não tem cadastro territorial geometrico e onde o rendimento colectavel figura nas matrizes, geralmente, por menos de metade do valor effectivo; além de que o português costuma ser emérfito em habilidades para defraudar o Estado.

Para demonstrar que o «desiquilibrio entre os meios de subsistencia e as necessidades» é a causa principal por que se emigra, o autor serviu-se do processo dos orçamentos de familia, que organizou de modo muito engenhoso.

Mas por deficiencia de dados chegou tambem a conclusões tão pessimistas, que a considerarem-se verdadeiras seria este país uma *terra negra* de miséria onde a cada passo se morreria de fome.

E' o ganhão do norte de Portugal é, quasi sempre, tambem, arrendatário de pequenos tractos de terreno, donde, além da renda, colhe hortaliças, legumes e, até, por vezes, cereais para consumo seu e da familia.

Poucos mais são os pontos em que as nossas opiniões discordam.

A impressão que da leitura do *Êxodo* nos ficou é a mais honrosamente possível. O assunto é versado com método e destreza, e o texto é muito documentado com citações dos escritores mais cotados.

José Silvestre é uma das mais lúcidas intelligências da actual geração académica.

Sempre *ensimesmado*, recolhido a dentro da sua modestia, desprezador de vans ostentações, é pouco conhecido, mesmo quasi ignorado do *vulgus* académico, que, á semelhança de todas as multitudes, só costuma consagrar os affectados e espalhafatosos. E', porem, indiscutível o valor dos seus merecimentos.

José Silvestre, que sempre que tem ensejo manifesta a sua fé republicana, é um bom elemento da nossa falange de intellectuais, que sem receio pode-

SECÇÃO LITERÁRIA

Melopeia das Fontes

(FRAGMENTO)

As Fontes são gargantas do Universo
A cantar a Saudade! A voz das Fontes
Evoca uma agonia em cada verso!

Chora nelas a Dor dos horizontes,
A dolorosa angustia dos penedos
E a tortura granítica dos montes!...

Quando brota uma fonte dos rochedos,
As coisas ao redor, tomam o ar
D'algum que escuta íntimos segredos...

Na Elegia das fontes, a cantar,
Ha ritmos da ternura dolorida
Numa Saudade flúida do Mar!...

Fala nelas a voz incompreendida
Das neblinas que o Sol ao Mar bebeu!
E as Fontes são as lágrimas da Vida!...

Nostálgicas de si, choram, como eu,
Saudoso do que fui, a Outra Idade
Em que o meu Ser em luz amanheceu...

A minha Dor é a Fonte da Saudade,
A cantar as lembranças do Remoto,
Numa consagração a Eternidade!

Coimbra, 1916.

CAMPOS DE FIGUEIREDO

mos opor à *soi-disant jeunesse dorée* monárquico-católica.

Com obras e não com estereis discussões é que se há de provar onde está o talento e o valor.

Res non verba.

Um escandalo

Fomos agora mesmo tomar o peso ao nosso cofre e com grande espanto notámos que já não temos dinheiro para pagar o proximo numero!

Estavamos para reclamar a intervenção da judicaria, imaginando que se tratava dum escandaloso abuso de confiança.

Mas, não! O caso não tem essa importancia! e explica-se facilmente: é que ainda não fizemos a cobrança do terceiro trimestre.

Aqui fica pois o aviso ao publico pagante.

Transcrição

Ao nosso valente e estimado confrade da Guarda, *O Português*, agradecemos a transcrição do eco *Mau Sintoma*. Podia mesmo ser transcrito em todo o país, pois estamos certos da generalidade do facto: Parece que os talassas tem um grande poder oculto!

D. Ana de Castro Osorio

Sob o titulo *A Influencia da Mãe na Raça Portuguesa* acaba esta genial propagandista de publicar um pequeno folheto, salientando duma forma irrefutavel o grande papel da mulher portuguesa, através a nossa historia, e a quem, nesta hora de sacrificio, vai caber a enorme e sublime tarefa, que auspiciosamente começa a esboçar-se na intelligente e assombrosa actividade da *Cruzada das Mulheres Portuguesas*. Nesse pequenino folheto duma correção impecavel na forma em que a singularidade caminha a par da logia;

Essa campanha ignominiosa e vil, impropria dum português de lei, teve o seu fim.

Hoje, embora haja algum degennerado que trema e receie a morte gloriosa no campo de batalha, é certo que todos, quasi todos, unsem pelo momento de irem mostrar-se aos germanos e áqueles que lhes estão agregados, salientando o valor e a intrepidez dos portugueses. Temos notado de perto que a alma do povo freme em impetos de revolta quando lhe dizem que Portugal, a indomita Patria de Camões e Vasco da Gama, estava destinada a desaparecer do mapa mundo caso a Alemanha triunfasse dos seus adversarios.

E' belo vel-o possuido da ira tradicional e assistir á sua alegria e ao pesar; quando alguma noticia dá a victoria ou a perda dos aliados.

Fica-nos a impressão bem firme de que esta nossa povo valente e temerario, saberá na ocasião precisa, castigar os cobardes e os traidores, toma-los aos braços e arrojalos para o *de pro fundis*. Mão amiga entrega-nos um manifesto que nossos irmãos da lei mar distribuiram a todos os portugueses residentes no Amazonas. Achemos oportuno transcrever aqui alguns períodos desse manifesto, pela alta significação que teem — « Portugal, terra mil vezes ensopada em sangue de heroes e de mártires, foi atrizado a essa loquaz inmensa, cujas chamas alterosas e horrendas parecem envolver e querer devorar todo o velho mundo. Portugal, o nosso berço adorado, na sua quietude de poesia e mansidão, é chamado inesperadamente á luta que um egoismo ferós incendiou para, barbaramente, mutilar toda uma obra de civilização milenaria. Portugal, o velho leão de Aljubarrota, na sua historia escrita com o sangue rubro de pulsos indomitos, é mais uma vez, abruptamente, arrancado ao sono secular, para bater-se com estrondo e fragor em defesa do seu amor proprio, da sua independencia altiva e da sua liberdade excelsa. Não tememos o monstro que ao longe ronca como dragão infernal: *nossos peitos são baluartes, nossos braços alavancas, nossos dentes roçadores.* »

Padres e conegos assinam o manifesto. Contraste bem singular! Enquanto os nossos irmãos lá fora trabalham afincadamente no levantamento da nossa Patria, aqui, os vendidos, verdadeiros traidores, praticam infamias e abjeções canibalescas. Eles são uma insignificancia desprezível, uma coorte de

celerados e quem o país esquece cobrindo-os com o manto de piedade. Ergamos os nossos olhos para a Patria querida e lembremo-nos de que ela confia inteiramente na nossa energia e no nosso caracter. Marchemos serenamente para as linhas de fogo e cantemos o hino português. Se qualquer bala inimiga nos fizer tombar, que o nosso pensamento seja para a Patria amada e para nossas familias choradas; mas Portugal, coberto de gloria que viva sempre como no tempo em que foi berço de civilização, *« abrinde novos mundos ao mundo »*.

Morrámos pela Patria lutando contra o despotismo e Portugal será o mesmo dos nossos antepassados!

ALBERTO MIGUEL ALVES

Carteira de "A Revolta"

Esteve na passada segunda feira nesta cidade o illustre jornalista Dr. Batista Loureiro, abalizado facultativo em Montemor-o-Velho.

No regresso de Tomar esteve em Coimbra, na passada terça feira, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso estimado amigo, Dr. José Frederico Serra, novel e distincto clinico em Castanheira de Pera.

Afim de tratar de assuntos referentes ao seu concelho vimos na passada terça feira nesta cidade, o nosso presado amigo Antonio Augusto Louro.

Pelas duas horas de hoje retirou para Fozcalvos, o nosso estimado companheiro, Carlos Martinz, que na estação teve uma despedida muito affectuosa e concorrida por grande numero de amigos e admiradores.

ANUNCIOS

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita
Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... \$35
Estrangeiro..... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso..... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

NOTAS BREVES

Lá fora no estrangeiro e cá dentro no país, ha creaturas a soldo dos alemães que veem desde ha muito propagandeando a nossa não intervenção na guerra actual, pretextando mil miserias e incitando o nosso povo á reensa, quando chamado.

sente-se vibrar um coração de patriota. E' reanimador encontrar uma alma preciosa numa hora em que os patifes serventuarios do rei cagarola, os pombos do Vaticano e alguns desvairados politicos manejam o mesmo punhal contra o coração da Patria.

Insisto nesta conversa, porque encerra uma resposta á pergunta que tantas vezes me tem sido feita:

« Porque é que o autor deste volume não publicou um só artigo em favor da aproximação franco-alemã? »

O grande sociólogo russo J. Novicow, a quem devemos uma das mais belas apologias da lingua francesa e do povo que a fala, continuamente me vinha tambem censurando neste particular.

O artigo — *Desarmemos os Alpes* — lançado pela nossa revista, suscitou as mais ardentes polémicas tanto nos países amigos como nos adversários da França. Considerei sempre a triplice Alliança como uma coisa artificial, pelo que respecta á Italia. E o nosso projecto, tendente a desarmar simultaneamente os Alpes, para que a França e a Italia pudessem melhormente utilizar os seus respectivos exercitos, provocou uma enorme agitação, na França como na Italia.

Na sua imprevidencia, e obcecados pela paixão, houve mesmo jornais que não hesitaram em acusar-nos, nesse momento, de traírmos os interesses franceses. Na Italia, porém, reconheceram-nos animado da confiança, altamente proclamada, na amizade e solidariedade das aspirações dos dois povos latinos.

O meu amigo Novicow quis ver nesta proposição uma prova de coragem que, a seus olhos, tomava uma importância singular. E dela se serviu para ligar a questão italiana com a aproximação alemã. Assim os pacifistas de todos os países, animados das mesmas illusões, batiam-se, entre nós, com as mesmas resistências.

Não, decididamente, a Alemanha não contava « dez justos » para que o Senhor, em atenção a eles, pudesse salvar a cidade...

Algum tempo depois, num estudo retumbante sobre o conflito franco-alemão, (*) julguei necessário precisar o nosso ponto de vista. Pacifista convicto, preconizei medidas energicas afim de chegar-se á limitação dos armamentos, embora isso custasse uma guerra da *Triple-Entente* contra a Alemanha e a Austria.

(*) Vid. *Conflit franco-allemand*. (Edição de *La Revue*).

« A força impõe-se ao direito », tal era o simbolo desse império formado pela pirataria dos Hohenzollern, enriquecido á custa dos povos mais fracos ou menos felizes. Fieis aos instintos de rapacidade que caracterizavam os cavaleiros teutóis, os Hohenzollern, esses protagonistas da Prússia moderna, jamais recuaram perante qualquer perversidade, qualquer crime que pudesse servir os seus interesses.

Enquanto a humanidade se esforça por enobrecer e cristianizar os seus actos, os elementos dirigentes da Alemanha arvoram abertamente, e como que nisso fazendo gala, o desprezo de todas as leis divinas e humanas. Aos jubilosos gritos dos povos que caminham para um ideal superior, respondia a Alemanha com as zombarias de uma força bruta, na embriaguez dos seus passageiros sucessos. O mundo civilizado sonhava a fraternidade dos povos e o desarmamento progressivo. Só a Alemanha que tinha todo o interesse em conservar intactos os frutos dos seus crimes seculares, a isso se opunha obstinadamente. Tudo isto tornava a Europa cada vez mais nervosa e inquieta, para mais não estando ainda saciados os appetites alemães.

A par dela, a Austria cadavérica aparentava viver porque obstinadamente se colava á Alemanha. Imitava-a servilmente, e, com o mesmo cinismo, perpetuava os crimes contra povos e nações. Quando, na Haia, *todas as nações civilizadas*, depois de haverem comungado no mesmo ideal de fraternidade e de respeito do direito das gentes, resolveram restringir os armamentos, só a Alemanha, guiada pelo seu Kaiser, que se dizia o imperador da Paz, só ella impediu o triunfo da harmonia divina sobre a terra. As ideias de justiça internacional, graças aos esforços da Alemanha e da Austria, foram infamadas e ridicularizadas. Os que ansiavam por melhores tempos, semelhando entidades arcaicas, viram-se obrigados a abandonar, por muito tempo, a propaganda das doutrinas que lhes eram queridas.

Relojoaria Comercial
 DE
Adolfo Pinto de Sousa
 Praça do Comércio, 60
 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

IMPORTADORA
 TELEPHONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.ª
 Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, aparelhos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.

Rua Ferreira Borges, 52
 COIMBRA

FRANÇA & ARMENIO
 Livreiros-editores
 Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4
 COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

Tomás Trindade
 COM ESTABELECIMENTO DE
 Tabacaria — Papelaria — Loterias — Perfumarias
 CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais — Ilustrações
 Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional
 Para venda das publicações e impressos do Estado

POSTAIS ILUSTRADOS
 Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinais
 Aguas ao copo
 Depósito da Cevada do Cairo
 Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA
 Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17
 Telefone n.º 559

**AUGUSTO BAPTISTA e
 JOAQUIM DE CAMPOS**
 ADVOGADOS
 Rua da Sofia, 15-1.º

Encadernador
 Precisa-se com bastante pratica e que saiba dourar. Garante-se sempre serviço.
 Carta a esta redacção com as iniciais A. M.

FARMACIA DO CASTELO
 Depósito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.
 Creme dentrificio.
 Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.
 Instrumentos cirurgicos, etc.

Abilio Lagoas COIMBRA
 32, Praça do Comercio, 33
 Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

ALFAIATARIA * * *
 * **Guimarães & Lobo**
 54, Rua Ferreira Eorges, 56
 COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, pingas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Muraline
 Tintas inglesas a agua. As mais higienicas e resistentes ás intempéries e as que maior consumo tem em Portugal, para interior e exterior de prédios.

Karsonite
 Tinta branca a agua. Apropriada para encobrir as manchas das paredes e do fumo.

La Bele
 Esmalte finissimo em todas as cores, as mais finas e garantidas para interiores e exteriores dos prédios.

CASA DEPOSITARIA
 ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS E TINTAS
 ANTONIO FERREIRA PEREIRA
 141 — Rua Ferreira Borges — 145
 COIMBRA
 Telefone n.º 250

Machinas SINGER para coser
 Escritório Central — Rua Ferreira Borges — COIMBRA
 ESTABELECIMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
 GUARDA — Rua Alves Roçadas
 COVILHA — Praça 5 d'outubro, 17 a 19
 CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
 FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
 SOURE — Rua do Relógio
 LOUZÃ — Rua do Comércio

10

JEAN FINOT

As ilusões pacifistas

Deste assunto posso falar com pleno conhecimento de causa, na minha qualidade de director duma grande revista onde infatigavelmente venho pregando, há vinte anos, as ideias de justiça internacional. Reunidos em torno de *La Revue*, os pacifistas de renome contribuíam assim para a aproximação e amizade entre os povos. Entre eles, quantos mortos illustres como a baronesa de Suttner, Frederico Passy, W.-T. Stead e tantos outros que nós deixáramos antes de haverem sofrido a humilhação que hoje nos causa o desvanecimento das nossas melhores esperanças! No entanto, alguns chegámos a precaver-nos oportunamente contra as Inconsequências do pacifismo, em face da conduta alemã. E eis porque, vai quase em dez'anos, não tenho cessado de combater os sonhos de desarmamento que escritores de boa-fé pregavam em detrimento da França.

Tive mesmo o prazer e a altivez de, neste ponto de vista, colocar-me em desacôrdo com Frederico Passy, nos seus últimos tempos.

O illustre ancião, uma das glórias mais lidimas da França contemporânea, que me honrava com a sua amizade, não conseguiu dissuadir-me, apesar das dúvidas que confessava inspirar-lhe a minha pretensa deserção do pacifismo. Um grande jornalista de além-Reno, o sr. Teodoro Wolff, concedeu-me a honra de endereçar-me uma carta aberta, no jornal por ele dirigido, o *Berliner Tageblatt*, principal órgão dos liberais alemães. Nela me incitava a trabalhar pela aproximação franco-alemã, da mesma forma como trabalhara, sendo um dos primeiros, pela aproximação franco-inglesa, franco-japonesa ou franco-italiana. Frederico Passy quis ver nisto quase um penhor de successo para os meus sforços futuros. Não occultei mesmo ao eminente amigo a minha alta estima pelo escritor berlinense e pelo seu jornal que tã inces-

11

CIVILISADOS CONTRA ALEMÃIS

santemente havia combatido a deslialdade e os embustes do Kaiser e dos seus áulicos.

« Mas a Alemanha com quem o sr. quer entabolar relações, onde está ela? »

É o meu illustre interlocutor enumerou-me os seus amigos e aderentes.

Havia lá algumas dezenas, homens cheios de boa vontade, mas falhos de prestigio.

Mergulhados no oceano militarista e pangermanista, esses bons apóstolos nenhuma utilidade podiam prestar à França nem à sua pátria. Tomando os seus desejos como a expressão da realidade, tais homens, encarados a sério entre nós, não fariam mais do que enfraquecer a resistência francesa, levando os soldados da justiça e da liberdade a uma abdição irremediável. Frederico Passy, assim como muitos outros pacifistas do *Comité Carnegie* e dos *Prix Nobel*, não alimentavam dúvidas a respeito da existência dessas duas Alemanhas. A que fazia alarde de ideias altruistas e pacíficas, trabalhava apenas para o estrangeiro. A outra, constituída pelo Imperador, pelo seu exército, pelos seus pangermanistas e pelos seus áulicos, deixava que esses sonhadores se agitassem, adornando assim a vigilância e a resistência da Europa. Os próprios socialistas, consciente ou inconscientemente, deitavam luminosa poeira aos olhos dos ingénuos que tomavam por moeda real as suas declamações retóricas. Auscultados de mais perto, viam-se forçados a declarar que a sua resistência ao militarismo alemão não podia deixar de ser um fogo de vistas. No dia em que o governo imperial tivesse podido acusá-los de traição, estariam perdidos aos olhos do povo, profundamente iludido, pelo governo e pela imprensa, quanto às tendências pacíficas da Europa.

Por muito tempo discutimos com o meu querido e venerando mestre, e jamais se me apagará da mente a nobre cólera do illustre nonagenário. Com a lucidez do seu espirito, cedo se elevou à verdade, e, compreendendo quanto perigo havia em continuar impune o jogo alemão, reconciliou-se com a nossa revista e com o seu director.

TIPOGRAFIA LITERÁRIA
 R. Cândido dos Reis, 17, 19 e 21 — COIMBRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS

Impressões de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, diplomas, recibos, facturas, papel timbrado, etc.

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, está apta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores.